



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

MIRELA DE JESUS GERONIMO

**DO DESENVOLVIMENTO DA NOVAS DIREITAS AO BOLSONARISMO:
MÍDIAS TRADICIONAIS- DIGITAIS, FORMAS DE CONTINUIDADE NO PODER**

Cidade Universitária Profº. José Aloísio Campos
São Cristóvão – Sergipe
2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

MIRELA DE JESUS GERONIMO

**DO DESENVOLVIMENTO DA NOVAS DIREITAS AO BOLSONARISMO:
MÍDIAS TRADICIONAIS – DIGITAIS, FORMAS DE CONTINUIDADE NO PODER**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para a defesa no mestrado acadêmico em Sociologia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Sociologia, na linha de pesquisa Instituições, Movimentos sociais e Políticas públicas sob orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio Campos
São Cristóvão – Sergipe
2024.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

G377d Gerônimo, Mirela de Jesus
Do desenvolvimento da novas direitas ao bolsonarismo ; mídias tradicionais-digitais, formas de continuidade no poder / Mirela de Jesus Gerônimo ; orientador Marco Aurelio Dias de Souza. – São Cristóvão, SE, 2024.
183 f.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Sociologia. 2. Comunicação de massa – Aspectos políticos. 3. Comunicação na política. 4. Liberalismo. 5. Conservantismo. 6. Populismo. 7. Autoritarismo. I. Jovem Pan (Estação de rádio : São Paulo, SP). II. Souza, Marco Aurélio Dias de Jesus, orient. III. Título.

CDU 316.774:32

Banca Examinadora:

PPGS/UFS - Examinador Presidente – Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza

PPGS/UFS – Examinadora Interno – Prof. Dr. Pericles Morais de Andrade Junior

Externo à Instituição - Prof. Dr. Ariel Finguerut

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa trajetória, de muito estudo, esforço e dedicação, gostaria de agradecer a todos que me apoiaram e foram fundamentais para a realização de mais um sonho. Por isso, expresso aqui, meus sinceros agradecimentos as pessoas que estiveram comigo nesta conquista, agradeço a Deus, aos meus familiares, em especial aos meus pais Izaías e Joseane por serem meus principais incentivadores, ao meu esposo e fonte de inspiração Alex Oliveira e ao nosso filho Ravi que ainda está no forninho e que tem sido força e garra para não desistir, aos meus irmãos/irmã Daniela, Everton e Denilson, a minha cunhada Danielle Silva, e em memória ao meu sogro Maximiano Gonçalves que sempre esteve comigo e acreditou que tudo isso seria possível, ao meu avô Ariston e minha avó Maria do Carmo pela compreensão e apoio, me incentivando nos momentos mais difíceis. À orientação deste trabalho, expresso meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza. Sua dedicação foi notável, muitas vezes sacrificando seus momentos de descanso para me orientar. Agradeço especialmente por ter acreditado em mim desde os primeiros anos da graduação. Sem sua orientação, apoio, disponibilidade e confiança, nada disso teria sido possível.

Um agradecimento especial a esposa do meu orientador a Dra. Livia Jéssica Almeida e aos meus amigos/amigas Bruna Lima, Felipe Freire, José Wendell, Clédia Fontes, Alliston Felliipe, Danilo Mendonça, Perla França, Maria Clara de Menezes, Raissa Mota, tia Rejiane, Tainara Oliveira, Everton Silva, a palavra que tenho para expressar para vocês é gratidão, vocês sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim, amo vocês.

À banca, Prof. Dr. Péricles Moraes Andrade Júnior e Prof. Dr. Ariel Finguerut não apenas pelo tempo empreendido, mas principalmente, pelas sugestões, simpatia e paciência.

E a Capes por ter financiado essa pesquisa.

Gratidão a todos!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – NEOLIBERALISMO E NOVAS DIREITAS, DO BOLSONARISMO À CRISE DA DEMOCRACIA.	16
1.1 Direitas e algumas de suas reflexões teóricas.....	16
1.2 Origens e definições: Do Neoliberalismo ao desenvolvimento das Novas Direitas	19
1.3 Manifestações a partir de 2013	28
1.4 Direitas nas Mídias	29
1.5 A Hegemonia bolsonarista e uma guerra cultural no Brasil.....	51
1.6 Breve histórico do Governo Bolsonaro e os pós eleições de 2022.....	720
1.7 Fakes News fonte de disseminação e valorização do Bolsonarismo.....	776
1.8 Crise da Democracia e a ascensão do populismo autoritário.	8179
CAPÍTULO II - A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO RADIOJORNALISMO E O CASO DA JOVEM PAN	89
2.1 Comunicação e política	92
2.2 Radiojornalismo no Brasil.....	942
2.3 Rádio na era digital.....	98
2.4 Jovem Pan e o radiojornalismo.....	102
2.5 Jovem Pan na internet e suas influências.....	107
CAPITULO III - COMENTADORES DA JOVEM PAN E O ALINHAMENTO BOLSONARISTA.....	110
3.1 Boletim Coppolla.....	12018
3.2 <i>Mornig Show</i> (Quadro Opinião, entrevistas com Adrilles Jorge)	1364
3.3 Jornal Jovem.....	1497
3.4 Resultado da análise de conteúdo	1586
3.5 O que será da Jovem Pan após as eleições de 2022?.....	16259
Conclusões.....	1674
Referências	168

RESUMO

O presente trabalho almeja mapear o surgimento do Bolsonarismo, o desenvolvimento da nova direita no Brasil e suas estratégias de continuidade no poder, especificamente comentários de bolsonaristas no jornal e suas repercussões sobre a sociedade, uma análise da conjuntura política do ex-presidente, mapeando a trajetória de temas como novas direitas, guerra cultural, crise da democracia e a ascensão do populismo autoritário, apresentando seus principais autores e posicionamentos. Para atingir esse propósito, foi realizada uma análise teórica sobre o surgimento e a disseminação do Bolsonarismo, examinando suas influências na reconfiguração da nova direita brasileira e suas consequências na sociedade. Posteriormente, será conduzida uma análise de conteúdo utilizando o método proposto por Bardin do jornal Jovem Pan, trazendo seus posicionamentos acerca do ex-governo brasileiro (Bolsonarista). Com o auxílio da ferramenta Iramuteq, como forma de contribuição para os resultados da pesquisa. A pesquisa também visa contribuir para um entendimento mais profundo da trajetória e atuações dos comentaristas, investigando seus esforços em lidar com posturas autoritárias da administração Bolsonaro em favor de uma agenda econômica neoliberal. Assim, o objetivo é detectar no jornal incoerências e divergências. Os colunistas/comentaristas, da distinta instituição, mostram confluências, há aqueles que apoiam o governo Bolsonarista e os que não demonstram apoio, e quais serão suas estratégias para continuar se perpetuando no poder.

Palavras chave: liberais conservadores; populismo autoritário; Bolsonarismo; mídia; Jovem Pan;

ABSTRACT

This work aims to map the emergence of Bolsonarism, the development of the new right in Brazil, and its strategies for remaining in power, specifically focusing on comments from Bolsonarists in a newspaper and their repercussions on society. The analysis covers the political context of the former president, tracing the trajectory of themes such as the new right, cultural warfare, the crisis of democracy, and the rise of authoritarian populism, presenting key authors and positions. The methodology includes a theoretical analysis of Bolsonarism and a content analysis of the Jovem Pan newspaper, using Bardin's method. The Iramuteq tool is employed to assist in the results. The research aims to understand the commentators' actions in the face of the authoritarian stances of the Bolsonaro government and their positions regarding the neoliberal economic agenda. The goal is to identify inconsistencies and divergences in the newspaper, highlighting support and opposition to the Bolsonarist government and strategies for its continuity in power.

Keywords: New Right; Crisis of democracy; Bolsonarism; Jovem Pan; Commentators

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo mapear el surgimiento del Bolsonarismo, el desarrollo de la nueva derecha en Brasil y sus estrategias de continuidad en el poder, específicamente los comentarios de los bolsonaristas en el periódico y sus repercusiones en la sociedad. Se realiza un análisis de la situación política del ex presidente, trazando la trayectoria de temas como la nueva derecha, la guerra cultural, la crisis de la democracia y el auge del populismo autoritario, presentando a sus principales autores y posiciones. Para lograr este propósito, se llevó a cabo un análisis teórico sobre el surgimiento y la propagación del Bolsonarismo, examinando sus influencias en la reconfiguración de la nueva derecha brasileña y sus consecuencias en la sociedad. Posteriormente, se realizará un análisis de contenido utilizando el método propuesto por Bardin en el periódico Jovem Pan, presentando sus posturas sobre el gobierno anterior brasileño (Bolsonarista). Con la ayuda de la herramienta Iramuteq como contribución a los resultados de la investigación. La investigación también tiene como objetivo contribuir a una comprensión más profunda de la trayectoria y acciones de los comentaristas, investigando sus esfuerzos para abordar posturas autoritarias de la administración Bolsonaro a favor de una agenda económica neoliberal. Por lo tanto, el objetivo es detectar incoherencias y divergencias en el periódico. Los columnistas/comentaristas de la institución muestran convergencias, algunos apoyan al gobierno Bolsonarista y otros no muestran apoyo, y cuáles serán sus estrategias para contribuir a su continuación en el poder.

Palabras clave: Nueva Derecha; Crisis de la democracia; Bolsonarismo; Jovem Pan, Comentaristas

INTRODUÇÃO

A proposta de pesquisa está relacionada aos estudos desenvolvidos no programa de iniciação científica entre 2019 e 2020. O tema abordado foi "Os think tanks liberais: ideias e atuações na nova direita brasileira". No período de 2020 a 2021, a pesquisa se concentrou na temática "Guerra cultural, perspectivas teóricas e transposição reacionária no Brasil", sob a orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza. Esses projetos contribuíram para a compressão da importância de se estudar a inserção do Bolsonarismo na sociedade, e como sua propagação se deu através de canais de mídias alternativas, mas também, a partir da inserção em meios midiáticos tradicionais que contribuíram para o fortalecimento das ideologias defendidas pelo então presidente. Nesse sentido, essa dissertação intitulada "DO DESENVOLVIMENTO DA NOVAS DIREITAS AO BOLSONARISMO: MÍDIAS TRADICIONAIS- DIGITAIS ¹, FORMAS DE CONTINUIDADE NO PODER busca mapear o surgimento do Bolsonarismo, o desenvolvimento das novas direitas no Brasil e suas estratégias de continuidade no poder, especificamente analisando a atuação de comentaristas bolsonaristas na TV, para esta análise foram selecionados: Alexandre Garcia, Caio Copolla e

¹ A taxonomia entre mídias tradicionais e mídias digitais pode ser definida a partir de processos sociais que moldam a comunicação contemporânea. As mídias tradicionais englobam os meios de comunicação convencionais, como jornais impressos, revistas, rádio e televisão, que historicamente dominaram o cenário midiático. Por outro lado, as mídias digitais referem-se aos meios de comunicação baseados na internet, como sites de notícias, redes sociais, blogs e podcasts, que surgiram com o avanço da tecnologia digital.

Essa distinção é importante para compreender a dinâmica da comunicação na sociedade contemporânea. Por exemplo, a consolidação da internet como um importante veículo de comunicação para a difusão de bens simbólicos na cultura brasileira tem transformado as mídias digitais em um espaço proeminente para a disputa simbólica político-partidária nacional.

Além disso, o surgimento de novos atores políticos tem sido marcado pela atuação intensa nas mídias digitais, onde esses atores encontraram espaço para se organizar e promover suas agendas políticas.

Essa emergência de novos atores políticos também está relacionada ao ativismo na comunicação, onde o jornalismo de opinião e a formação de bolhas digitais e informacionais têm desempenhado um papel significativo. As mídias digitais permitem que diferentes grupos políticos se organizem e promovam narrativas que visam construir e legitimar determinadas ideologias e posições políticas.

No novo cenário político permeado pela emergência de figuras do conservadorismo, o jornalismo tradicional muitas vezes adere a discursos que reivindicam uma ortodoxia conservadora, mantendo-se em sintonia ideológica e partidária com esses atores políticos. Essa sintonia ideológica pode influenciar a produção e a disseminação de informações, reforçando determinadas visões de mundo e contribuindo para a polarização política na sociedade.

Adrilles Jorge, o levantamento de dados ocorreu de 01 de janeiro de 2018 a 31 de outubro de 2022.

A relevância deste trabalho reside na atualidade do tema e na necessidade de um aumento no número de estudos sociológicos que aprofundem a análise sobre os diversos movimentos associados às novas direitas. Esses movimentos constituem a aliança que elegeu e governou ao lado de Bolsonaro nos últimos anos, abarcando setores como conservadores, neoliberais, direita religiosa, reacionários e os militares.

Quando se aborda o desenvolvimento da Nova Direita, deve-se levar em consideração a existência de discordâncias em relação a utilização dos termos Nova Direita e Novas Direitas, alguns autores preferem trabalhar com Nova Direita enquanto outros com Novas Direitas, essa discrepância ocorre porque os pesquisadores perceberam que existe uma pluralidade de movimentos que o constituem, analisando essas questões tenho preferido trabalhar com Novas Direitas.

Em 2013, ocorre a ampliação da visibilidade de movimentos associados as *Novas direitas*, demarcando a ascensão de movimentos como o MBL, os Revoltados Online, entre outros. Esses movimentos se consolidaram, a partir das *jornadas de junho*², ao modularem uma nova estética de manifestações que rejuvenescia a atuação das direitas ao inserirem estratégias de atuação a partir da internet. Assim, condensaram uma forte “memeficação” da atuação política, com uma cultura “Troll” aos moldes da *alt-right* estadunidense e um discurso anticorrupção que identificava o Partido dos Trabalhadores e as esquerdas como principais responsáveis pelos problemas do país.

Os movimentos iniciais deram origem à formação de alianças em diversos setores, desencadeando uma intensa onda de mobilizações nos anos subsequentes, especialmente em resposta a grandes eventos no país, como a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016). Esses eventos foram determinantes para uma competição eleitoral altamente

² As jornadas de junho foram um momento de grande efervescência política no Brasil, marcando o surgimento de uma nova geração de ativistas e movimentos sociais, especialmente ligados às ideias de direita. Eles trouxeram à tona questões importantes sobre participação cívica, engajamento político e o papel das novas tecnologias na mobilização social.

acirrada durante a campanha presidencial de 2014, protagonizada por Dilma Rousseff, do PT, e Aécio Neves, do PSDB.

O clima de polarização política gestado nas disputas eleitorais de 2014, somado a rejeição da derrota por Aécio Neves e seus apoiadores, as mediações das pressões judiciais em torno na classe política pela operação Lava Jato e as tentativas de correções neoliberais do governo recém-eleito para solucionar a crise econômica fez com que o governo perdesse apoio popular e se fortalecessem os movimentos pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que ocorreu em 2016.

O cenário político extremamente desgastado favoreceu a narrativa de *outsider* promovida por Bolsonaro, permitindo a vitória do ex-deputado federal Jair Messias Bolsonaro (então no PSL) sobre o ex-prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad (PT). O ex-capitão do exército venceu a disputa com 55% dos votos, após uma disputa eleitoral fortemente influenciada pelo antipetismo e marcada por episódios como a prisão do então candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e um atentado contra Bolsonaro que o tirou da participação nos principais debates e transferiu sua campanha a uma rede de ativistas digitais. Cabe destacar que embora construísse sua campanha a partir de uma linguagem antipolítica, Bolsonaro era um deputado experiente e pouco produtivo, conhecido a partir de suas declarações polêmicas contra as minorias, em programas de televisão contra a corrupção, influenciando o ódio à esquerda e impulsionando uma onda conservadora, contudo, conseguiu condensar em torno da sua figura as principais correntes ligadas às novas direitas durante as eleições de 2018.

Pensar a influência do Bolsonarismo na sociedade e seu papel hegemônico na reformulação das novas direitas brasileiras, associada ao uso dos meios midiáticos para a disseminação de informações a todo o momento, é profundamente relevante para que se possa compreender a estruturação do bolsonarismo a partir da lógica de Guerra Cultural³, ao qual, se mobiliza através da fragmentação radicalizada de uma parcela da sociedade que passa a se sentir representada por seus discursos e retrata seus desejos. Por esse motivo, estes não conseguem

³ A guerra cultural busca alterar as diretrizes culturais de um país em ascensão, fundamentada numa ideologia marxista-cultural. Este projeto teve origem nos Estados Unidos na década de 1990 e pode ser visto tanto como resultado quanto como impulsionador de ideologias conservadoras. Ele influencia e promove a percepção de uma crise cultural, especialmente em relação a temas culturais, como mencionado por Souza (2014).

distinguir quais informações são verídicas ou falsas e, como resultado, acabam perdendo a capacidade de análise crítica, o que, por sua vez, leva ao aumento do individualismo e à adoção da ideia de meritocracia.

A disseminação das fake news e o surgimento da era da pós-verdade representam desafios significativos para a sociedade atual. As fake news são informações deliberadamente fabricadas para enganar ou distorcer a realidade, muitas vezes com o objetivo de influenciar a opinião pública ou alcançar ganhos políticos. Por sua vez, a pós-verdade refere-se a uma situação em que as crenças pessoais e emocionais têm mais peso na formação da opinião pública do que os fatos objetivos. Nesse contexto, a verdade objetiva muitas vezes cede lugar a narrativas que melhor se alinham às convicções individuais, resultando em desinformação e polarização. Lidar com esses fenômenos requer esforços coordenados entre governos, sociedade civil e plataformas de mídia e tecnologia, visando promover a educação midiática, a verificação de fatos e a transparência informativa para fortalecer a resiliência da sociedade diante da influência e da desinformação.

A mobilização do Bolsonarismo frequentemente resulta na diminuição do senso crítico entre seus seguidores, tornando desafiadora a distinção entre informações verídicas e distorcidas. Esse fenômeno contribui para a construção de uma narrativa que enfatiza a importância da individualidade e promove a ideia de meritocracia, ancorada na aceitação de uma perspectiva específica do mundo. Portanto, compreender essa dinâmica é crucial para analisar como o Bolsonarismo consolida seu apoio e exerce influência nas complexidades da sociedade contemporânea, caracterizada pela polarização. Conforme Brown (2019), a extrema direita se consolidou e ganhou significativa influência nas democracias liberais em escala global, tornando-se hegemônica nos processos decisórios sobre política pública, o que intensificou a aceitação de princípios neoliberais pela população. Para a autora, isso ocorreu, pois, as políticas neoliberais esvaziaram os empregos da classe despossuída economicamente, afetando as áreas rurais e suburbanas, ao mesmo tempo em que, removeram as redes assistenciais estabelecidas pelo Estado de Bem Estar Social no pós-guerra e investiram em um processo de atomização dos indivíduos, que os afastava de organizações políticas e sociais como: partidos políticos, movimentos sindicais, e outros.

Como fruto desse processo, as retóricas neoliberais passaram a, cada vez mais, ressoar em sintonia com valores propagados por algumas lideranças cristãs e por um fortalecimento de uma lógica pró-família nuclear, para o uso do patriotismo e do militarismo, e de mensagens

racistas cifradas com o capitalismo. A crise de 2008 ⁴e o agravamento da destruição das rendas da população pobre e da classe média branca, que foram cruciais para a consolidação do movimento neoliberal, resultaram em uma radicalização ainda maior desse processo.

Essa intensificação possibilitou a ascensão de líderes autocráticos que adotaram e reproduziram essa lógica, ampliando as tendências preexistentes. A chegada dessas lideranças autocráticas, frequentemente caracterizadas por discursos populistas e nacionalistas, contribuiu para a consolidação e perpetuação das ideias neoliberais. Esse cenário foi marcado pela habilidosa exploração dos anseios sociais e econômicos, utilizando o patriotismo, o militarismo e discursos cifrados com conotações racistas como ferramentas para manter e reforçar o poder.

A intrincada conexão entre a retórica neoliberal, valores conservadores e o surgimento de líderes autocráticos destaca a complexidade e a influência multifacetada que esses fatores exercem sobre o panorama político e social contemporâneo. Essa interligação revela a interdependência entre ideologias econômicas, orientações culturais e dinâmicas de liderança que permeiam as sociedades atuais. Compreender profundamente esses elementos é crucial para uma análise abrangente das transformações em curso e para o desenvolvimento de abordagens mais informadas e contextualmente relevantes para lidar com os desafios emergentes. Na esteira dessas lideranças, Bolsonaro em suas colocações e defesas políticas passou a mesclar o ultraliberalismo econômico como racismo, homofobia, militarismo, apologias a tortura e a ditadura e xenofobia, ao mesmo tempo em que, produzia uma imagem que era vista por seus apoiadores como simplicidade, espontaneidade e que representaria a defesa de uma sociedade que vinha sendo corrompida e estaria se distanciando dos valores familiares e religiosos.

Nesse sentido, a radicalização de posicionamentos e inquietações passam a ser constantes nas redes sociais digitais e são expostos nas mídias de forma geral com posicionamentos contra e a favor do mesmo. Dessa forma, a candidatura de Bolsonaro emerge como uma ameaça à consciência democrática, uma vez que defensores da democracia argumentam que suas exposições e declarações impactam diretamente os princípios fundamentais dos direitos democráticos. Essa preocupação decorre da percepção de que certas posições do candidato podem comprometer valores como a tolerância, a pluralidade e o respeito aos direitos individuais, elementos essenciais para a preservação de uma sociedade

⁴ Como fruto desse processo, as retóricas neoliberais passaram a, cada vez mais, ressoar em sintonia com valores propagados por algumas lideranças cristãs e por um fortalecimento de uma lógica pró-família nuclear, para o uso do patriotismo e do militarismo, e de mensagens racistas cifradas com o capitalismo. A crise de 2008 e o agravamento da destruição das rendas da população pobre e da classe média branca, que foram cruciais para a consolidação do movimento neoliberal, resultaram em uma radicalização ainda maior desse processo.

democrática. O temor reside na possibilidade de que políticas e retóricas adotadas sob essa liderança possam minar as bases do sistema democrático, gerando tensões e desafios para a manutenção de uma ordem política que promova a participação cidadã e a salvaguarda das liberdades democráticas.

A democracia no Brasil enfrentou uma crise institucional após as manifestações de 2013, agravada pela ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Esse último defendeu ideologias que menosprezam os direitos conquistados com esforço ao longo do tempo. Na esfera política, houve um aumento notável do discurso de ódio entre os seguidores das ideologias bolsonaristas⁵, que promovem tanto violência simbólica quanto prática. Em alguns casos, essas atitudes foram descritas como exibindo características fascistas.

A partir do que é proposto nessa dissertação, algumas questões são cruciais para orientar e direcionar a pesquisa, como a) onde surgiu o Bolsonarismo e como se deu seu desenvolvimento? b) como mapear os bolsonaristas nas mídias tradicionais- mídias digitais e como eles atuaram durante a presidência de Bolsonaro? Diante disso, podemos inserir a principal hipótese da dissertação: no Brasil, com a eleição de 2018, houve a consolidação de uma aliança entre setores das novas direitas brasileira com neoliberais, correntes conservadoras/reacionárias culturais, militares e a direita religiosa, que alargou a tolerância de ideias antidemocráticas no debate público brasileiro a partir da atuação de comentaristas bolsonaristas nas mídias tradicionais e alternativas.

Essas ações foram seguidas das premissas a seguir apontadas que configuram como os objetivos geral e específicos, quais sejam: Sendo o objetivo geral: Mapear o surgimento do Bolsonarismo e desenvolvimento das novas direitas no Brasil e suas estratégias de continuidade no poder, especificamente a partir da análise de comentários de bolsonaristas nas mídias

⁵ As ideologias bolsonaristas, vinculadas ao governo do presidente Jair Bolsonaro no Brasil, abarcam uma mistura complexa de visões políticas e sociais. Caracterizadas por um conservadorismo marcante, defendem uma abordagem firme em questões de segurança pública e valores tradicionais, ao mesmo tempo em que promovem uma postura anti-establishment, criticando instituições tradicionais e propagando uma imagem de combate à corrupção e criminalidade. No âmbito econômico, propõem medidas liberalizantes, como a redução do Estado e a promoção do livre mercado, enquanto mantêm uma retórica nacionalista e de defesa da soberania nacional, especialmente em questões relacionadas à Amazônia e à política externa. Contudo, essas ideologias têm sido alvo de controvérsias devido a posicionamentos controversos em temas como direitos humanos, meio ambiente e liberdades individuais, provocando debates acalorados e divisões na sociedade brasileira.

tradicionais/digitais a exemplo da Jovem Pan; e o objetivo específico: Acompanhar temas e gramáticas mobilizados pelos comentaristas da emissora, durante o governo e o período eleitoral, com o intuito de entender os conjuntos de ideias e contradições presentes na aliança Bolsonaroista.

Nesse contexto, a presente dissertação é relevante na busca em se fazer uma discussão sobre a repercussão da conjuntura política atual brasileira e suas estratégias de atuação para uma continuidade no poder, o tema proposto é instigante para uma análise, num momento de conturbação política, com a fragmentação da sociedade e a formulação da nova direita brasileira, que se debate em um momento de incertezas e negação de direitos conquistados.

A metodologia foi delineada em fases, inicialmente realizou-se um mapeamento por meio de pesquisa bibliográfica e análises de reportagens sobre a ascensão das novas direitas brasileira, sua influência para o desenvolvimento do Bolsonarismo e suas repercussões acerca da crise da democracia. No segundo momento um aprofundamento das leituras e notícias específicas sobre a atuação do Bolsonarismo, novas direitas e a atuação de comentaristas bolsonaristas na Jovem Pan, mapeando a trajetória de alguns de seus principais nomes. Assim, procedeu-se uma análise de conteúdo de acordo com Bardin (1977) nas mídias tradicionais-televisão em programas da Jovem Pan, sendo eles Opinião, Boletim Coppolla, e jornal Jovem Pan News, para a compreensão de alguns comentaristas que defendem as falas e estratégias do ex-presidente para sua tentativa de continuidade no poder e seu posicionamento sobre a conjuntura política atual conservadora/reacionária que governou o país.

Para isso, foram selecionados episódios centrados em temas que foram objetos de controvérsia durante o governo Bolsonaro, recortados do período de 01 de janeiro de 2018 a 31 de outubro de 2022, ao qual, foram analisadas as seguintes categorias: críticas as mídias tradicionais e sua suposta ligação com a esquerda, defesa da atuação do ex-presidente durante a pandemia, questionamentos sobre as vacinas, defesa do auxílio Brasil como uma política pública bolsonarista, corrupção e a defesa de uma liberdade de expressão irrestrita.

Para isso, foi utilizado o programa *Iramuteq*⁶, com o intuito de produzir a frequência de

⁶ O programa Iramuteq é uma ferramenta de análise de dados qualitativos, especialmente voltada para análise textual. Desenvolvido na França, o Iramuteq é amplamente utilizado em pesquisas acadêmicas e científicas nas áreas de ciências sociais, humanas e linguísticas. Ele oferece recursos avançados para análise de conteúdo textual, como análise de correspondência textual e análise lexical, que permitem aos pesquisadores extrair padrões, identificar temas e compreender relações entre elementos textuais. Sua interface amigável e suas funcionalidades robustas tornam o Iramuteq uma ferramenta poderosa para pesquisadores que buscam explorar e interpretar grandes volumes de dados textuais de maneira eficiente e rigorosa.

palavras de corpus textual que serviu de base para os primeiros resultados analisados. Essa análise trouxe pistas sobre o alinhamento e as gramáticas embutidas nos seus conteúdos divulgados na Jovem Pan.

Adicionalmente, buscou-se entender como eles se posicionaram ao longo dos últimos anos e como percebem a atualidade, analisando de forma crítica o surgimento do Bolsonarismo e sua intensificação no Brasil, assim como suas influências na política brasileira. Esse terceiro momento permitirá identificar possíveis contradições entre as ideias defendidas pelos comentaristas no campo teórico e suas reações diante da prática aplicada pelo conceito de Bolsonarismo e seus discursos.

Nesse sentido, a fim de didaticamente estruturar a espinha dorsal desta pesquisa, dividiu-se o fio teórico, depois desta introdução, em três capítulos, sendo o primeiro, Neoliberalismo e novas direitas, do Bolsonarismo à crise da Democracia, o qual está subdividido em sete subtópicos, sendo eles, “Direitas e algumas de suas reflexões teóricas”, “Origens e definições: do Neoliberalismo ao desenvolvimento das Novas Direitas”, “Manifestações a partir de 2013”, “Direitas nas Mídias”, “A hegemonia bolsonarista e uma guerra cultural no Brasil”, “Breve histórico do Governo Bolsonaro ao pós eleições de 2022”, “Fakes News fonte de disseminação e valorização do Bolsonarismo” e “Crise da Democracia e a ascensão do populismo autoritário”.

O segundo capítulo, A constituição Sócio-Histórica do Radiojornalismo e o caso da Jovem Pan, com três subtópicos, que abordam o “radiojornalismo no Brasil”, “o caso da Jovem Pan e o radiojornalismo”, “Jovem Pan na internet e suas influências” e o terceiro capítulo, Comentaristas dos programas da Jovem Pan e o alinhamento bolsonarista, análise de conteúdo dos programas com quarto subtópicos “Boletim Coppolla”, “Opinião (entrevistas com Adrilles Jorge)”, “Jornal Jovem Pan” (segmentos de Alexandre Garcia), e “O que será da Jovem Pan após as eleições de 2022?”.

CAPÍTULO I – NEOLIBERALISMO E NOVAS DIREITAS, DO BOLSONARISMO À CRISE DA DEMOCRACIA.

Neste primeiro capítulo será apresentado a influência do neoliberalismo sobre as novas direitas no Brasil e sua apropriação na agenda do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, sendo dividido em tópicos que irá contribuir para compreender como se deu o desenvolvimento da nova direita, com o enfoque da contextualização das manifestações de 2013, e suas relações com os avanços da direita e de Bolsonaro.

A análise aprofundada desses eventos permitirá uma compreensão mais clara de como as ideias neoliberais permearam as discussões políticas e moldaram as bases ideológicas da nova direita. Além disso, serão examinadas as relações entre esses fenômenos e a ascensão política do ex-presidente Jair Bolsonaro, explorando de que maneira suas políticas e agenda se alinharam com os princípios do neoliberalismo.

O capítulo busca proporcionar uma visão abrangente do panorama político e ideológico, revelando os vínculos entre o neoliberalismo, as manifestações sociais e a ascensão da nova direita no contexto específico do Brasil.

1.1 Direitas e algumas de suas reflexões teóricas

Esta pesquisa fundamentou-se na perspectiva teórica da compreensão da formulação das "Novas Direitas", examinando como programas de TV disseminam e constroem conhecimento. De acordo com Friderichs (2019), a definição exata de direita é evitada devido à impossibilidade de homogeneizar as ações de indivíduos e instituições. O conceito de Direita é abordado no plural, refletindo sua diversidade de posições, que podem variar de autoritárias a liberais e conservadoras. Além disso, as posturas e atuações desses grupos estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo.

As categorias de direita e esquerda têm origens na Revolução Francesa, desempenhando um papel crucial no novo entendimento político da época, atrelado aos Estados ordenados verticalmente (clero, plebeus e a Nobreza) para a concepção de dois campos que estão em processo de confronto em um espaço horizontal. De acordo com Luna, Kaltwasser (2014); Noel, Therien (2018) no ano de 1789 ocorreu uma assembleia dos Estados Gerais convocada pelo terceiro Estado que contribuiu para o desenvolvimento de dois polos, sendo os partidários do rei que se posicionaram a direita enquanto os promotores da liberdade, igualdade e mudanças radicais vincularam a esquerda. Assim, é perceptível as diferenças entre esquerda-direita, são

termos que ganharam fôlego e apresentam significados diferentes na política do mundo. No entanto, Friderichs (2019) argumenta que essa dualidade, que durante 200 anos orientou indivíduos diante de questões econômicas, sociais e políticas, parece ter perdido seu valor explicativo classificatório no final do século XX, especialmente após a Queda do Muro de Berlim.

Em outra leitura, a abordagem de Alain Noel e Jean-Philippe Therien (2008) oferece uma perspectiva intrigante sobre a origem da distinção esquerda-direita, destacando o papel preponderante do Socialismo Democrático em sua evolução. Ao contrário da concepção mais tradicional que associa esses termos principalmente à Revolução Francesa, Noel e Therien argumentam que o cerne da diferenciação está enraizado em questões sociais e de igualdade, em vez de serem definidos por princípios de democracia, revolução ou autoridade. A ênfase na busca por justiça social e igualdade, características fundamentais do Socialismo Democrático, torna-se, portanto, central na compreensão moderna dessa divisão política.

Essa perspectiva desafia a narrativa histórica convencional, sugerindo que as ideias e movimentos sociais do século XIX, particularmente o Socialismo Democrático, foram mais influentes na configuração da polaridade esquerda-direita do que eventos como a Revolução Francesa. Essa abordagem coloca em foco as diferentes ênfases ideológicas que moldaram as correntes políticas, dando destaque à importância das questões sociais e de igualdade como fatores determinantes na compreensão moderna desses termos políticos.

No livro de 1995, Norberto Bobbio concluiu que os termos políticos "esquerda" e "direita" encontraram sua definição e consolidação ao longo do século XIX, representando, acima de tudo, a noção de igualdade. Segundo sua análise, esses conceitos ganharam significado durante um período caracterizado por mudanças sociais, políticas e econômicas. A ênfase na igualdade, conforme interpretada por Bobbio, emergiu como um fator fundamental na distinção entre as correntes políticas de esquerda e direita, refletindo as preocupações da época em relação à justiça social e à equitativa distribuição de recursos.

O significado moderno de esquerda-direita foi fruto mais do Socialismo Democrático do que da Revolução Francesa, isso ocorreu porque o que define esses conceitos são as questões sociais e questões de igualdade e não democracia, revolução versus a autoridade. Já Norberto Bobbio (1995) concluiu que esquerda e direita eram o produto final do século XIX e representavam a igualdade.

Os termos esquerda e direita são antitéticos, ou seja, dependem um do outro para existir, segundo Friderichs (2019) e Bobbio (1995) são opostos, porém apenas fazem sentido em contraposição com o outro, eles defendem seus interesses específicos e momentâneos, influenciando valores relacionados à direção que a sociedade deve seguir. Alguns valores considerados positivos para a direita incluem o conservadorismo e a reação; e para a esquerda o progresso e a mudança. Outros pontos que diferencia a direita da esquerda são os princípios de igualdade e desigualdade, entendidos de maneira distinta pela direita, que considera a desigualdade como algo natural e que não é correto tentar modificar essa estrutura, já a esquerda compreende a desigualdade como algo que não é natural e que não deve existir. Os autores argumentam que a esquerda tende a ser mais igualitária, priorizando a igualdade social em detrimento da liberdade, enquanto a direita favorece a liberdade política em detrimento da busca por uma igualdade entre as classes. Outra perspectiva sobre direita e esquerda foi apresentada por Steven Lukes (2003), que destaca o princípio da Retificação. Esse princípio busca corrigir injustiças passadas e presentes para prevenir que ocorram no futuro. De acordo com essa visão, as esquerdas identificam-se com a retificação para reduzir e mitigar as injustiças, enquanto as direitas as consideram naturais e intocáveis (FRIDERICHs, 2019, p.27). Em termos latino-americanos, as direitas que surgiram no período pós-ditatorial, especialmente nos anos 1980, são consideradas uma "nova direita". Esse rótulo é justificado pelo termo "novo" e pela adoção do neoliberalismo, abandonando as propostas do liberalismo moderno (pró-estatal). Essas novas direitas caracterizam-se pela defesa da liberdade em detrimento da igualdade, críticas aos investimentos em áreas como educação e saúde, além de uma busca pelo resgate da tradição, muitas vezes associada a correntes conservadoras religiosas.

Para Friderichs (2019), no século XX as direitas passaram a adotar posturas autoritárias, afetando diretamente a democracia representativa, ao apostaram em fórmulas nacionalistas e em saídas ditatoriais. Entretanto com o processo de redemocratização as direitas passaram a defender uma democracia instrumental⁷. Segundo Hinkelammert (1988) a ideia de democracia instrumental era uma herança das ditaduras militares e nasceram para assegurar a manutenção desses governos autoritários. A instrumentalização da democracia tem suas raízes nos princípios do livre mercado, buscando o controle dos meios de comunicação por meio da propriedade privada. Em um sistema de eleições, essa abordagem perpetua o poder das elites e

⁷ Implementação de um pacote de medidas institucionais

oligarquias. Essa lógica se baseia na ideia de "quanto mais mercado, mais liberdade". Quanto mais Estado, menos liberdade" (HINKELAMMERT, 1988, p. 109).

As direitas conquistaram forte adesão nas últimas décadas, porque muitos acabam enxergando em seus discursos falas e frases com as quais se identificam e corroboram com suas ideias e posicionamentos acerca das questões sociais, econômicas, religiosas e políticas, então, segundo Bobbio (1995), as direitas privilegiam a desigualdade em detrimento da igualdade, já a nova direita partiria da mesma lógica, mas inserindo uma defesa do Estado democrático de direito, porém deve-se levar em consideração que esse respeito se mantém até o momento que o Estado não interfira nos seus interesses ou na adoção de políticas neoliberais.

Quanto à nova direita, embora mantenha a lógica de priorização da desigualdade, apresenta uma defesa aparente do Estado democrático de direito. No entanto, essa defesa parece estar condicionada ao alinhamento do Estado com os interesses desses grupos e à não interferência em políticas neoliberais que possam afetar seus objetivos. Essa perspectiva complexa na abordagem da nova direita em relação à democracia e ao Estado sugere que seu respaldo ao Estado de direito pode ser contingente, sujeito a variações conforme suas conveniências políticas e econômicas. Essas nuances desempenham um papel fundamental na compreensão abrangente das dinâmicas políticas contemporâneas.

1.2 Origens e definições: Do Neoliberalismo ao desenvolvimento das Novas Direitas

O termo neoliberalismo ganhou força a partir dos anos 1990 e possui suas bases teóricas oriundas no liberalismo clássico, entretanto, sua origem vem sendo contestada na literatura, possuindo dois marcos históricos.

O primeiro, como defenderam Foucault (2008), Dardot e Laval (2016), pode ser localizado no colóquio Walter Lippman, que ocorreu em Paris dos dias 26 a 30 de agosto de 1938. O encontro foi coordenado pelo filósofo Louis Rougier e abordou temas relacionados à revitalização e reconstrução do Liberalismo. A intenção do colóquio se pautava na tentativa de criação de uma “internacional neoliberal”, e teve como resultados a criação de organizações e *Think Tanks*, ao redor do mundo, para difundir a ideologia neoliberal. Entre os exemplos dessas organizações, destacou-se o Centro Internacional para os Estudos da Renovação do Liberalismo, durante os anos 1939 e 1940, que possuía um viés acadêmico e teve as atividades suspensas quando a segunda guerra mundial eclodiu.

Dardot e Laval (2002) explicam que, na visão de Rougier, a principal distinção entre Liberalismo e Neoliberalismo residia na concepção que ambas as teorias possuíam acerca da vida econômica e social. Para o filósofo, os liberais tinham a tendência de enxergar a ordem estabelecida como uma ordem natural, levando-os a adotar posições conservadoras, com uma inclinação para preservar os privilégios existentes. Em resumo, não intervir significava, para eles, respeitar a natureza.

O segundo marco do surgimento do neoliberalismo, conforme destacado por Anderson (1995) e Harvey (2008), estaria centrado na fundação da Sociedade Mont Pèlerin em 1947, após uma conferência internacional organizada por Hayek. É na Sociedade Mont Pèlerin, que se estabeleceu de fato os principais paradigmas da renovação do liberalismo, visto que, o encontro dessa sociedade discutia que o único jeito de se ter liberdade e evitar regimes autoritários seria através do liberalismo. Ao mesmo tempo em que, preocupavam-se com os resultados da Segunda Guerra, os neoliberais criticavam o Keynesianismo, o comunismo e os governos sociais democratas, que pressupunham intervenção do Estado na economia. Nesse sentido, para Friderichs (2019), a Sociedade Mont Pèlerin garantia a disseminação das ideologias neoliberais, por meio de produções científicas, livros sobre o livre mercado, fundações e criação de *Think Tanks*.

O primeiro encontro da Sociedade Mont Pérlerin foi liderado por Friedrich Hayek, na suíça, e contou com a participação de 36 intelectuais, sendo alguns deles, Michel Polanyi, Walter Lippmann, Walter Eupken, Ludwig Von Mises, Karl Popper e outros, todos possuíam o mesmo objetivo debater o futuro do liberalismo.

Neste encontro da Sociedade Mont Pèlerin, a obra "O Caminho da Servidão" de Hayek, publicada em 1944, e o trabalho de Lippmann intitulado "Uma Investigação sobre os Princípios da Grande Sociedade", lançado em 1937, foram discutidos. "O Caminho da Servidão" de Hayek argumenta contra a intervenção excessiva do Estado na economia, defendendo a liberdade individual e a economia de mercado. Por sua vez, a obra de Lippmann explora os princípios subjacentes à Grande Sociedade, abordando questões sociais e políticas da época. Essas obras influenciaram significativamente o pensamento neoliberal e as discussões na Sociedade Mont Pèlerin, abordando que todos os sistemas políticos tendem a ser autoritários, então só seria possível ter liberdade com o sistema de livre mercado. Como mostrou Anderson (1995), dentro dessa interpretação de mundo, os neoliberais expunham que os inimigos da liberdade eram a doutrina Keynesiana, os sindicatos e as agremiações dos trabalhadores, pois, em sua demanda

por direitos, seriam responsáveis pelo crescimento do Estado e pelo investimento desenfreado em áreas sociais.

É importante destacar também, que em sua composição aparecia a presença de brasileiros, como, Donald Stewart Jr, Francisco Leme, José Olavo de Meira Penna e Ubiratan Borges de Macedo.

A Sociedade Mont Pèlerin, fundada em 1947 por Friedrich Hayek e outros intelectuais proeminentes, desempenhou um papel fundamental na promoção e consolidação do neoliberalismo. Seu propósito era reunir acadêmicos, economistas e políticos com o objetivo comum de difundir os princípios do liberalismo econômico. A sociedade proporcionou uma plataforma para a troca de ideias e a formulação de estratégias, organizando reuniões regulares entre os membros e estabelecendo uma rede de contatos influente. O financiamento por grandes empresas e corporações foi um componente crucial, uma vez que essas organizações viam no neoliberalismo uma abordagem alinhada aos seus interesses econômicos, investindo recursos para promover essa ideologia. O legado duradouro da Sociedade Mont Pèlerin é evidente na disseminação global e na influência contínua do neoliberalismo nas políticas econômicas e no pensamento contemporâneo.

Diversas correntes neoliberais, como a Escola Austríaca de Economia, a Escola de Chicago, a Escola de Virgínia e o Libertarianismo, impulsionaram os desenvolvimentos do pensamento neoliberal. Apesar das divergências e disputas entre essas correntes, seus membros participam ativamente da Sociedade Mont Pèlerin, desempenhando papéis significativos em diferentes áreas da sociedade.

Cabe destacar que outras leituras como a de Denord (2002) e Buren (2013) tentaram conciliar a importância dos dois eventos para o desenvolvimento do neoliberalismo no mundo. Contudo, para além das origens do neoliberalismo, é importante fazer um esforço para compreender como ele se tornou hegemônico a partir da década de 1970.

É importante notar que os preceitos que eram desenvolvidos pelos neoliberais não foram tão facilmente implantados, tendo seu rebatimento a partir da crise de 1970, ao qual criou possibilidades para que eles fossem articulados como um possível meio para sair do estagflação, que se encontrava, representando um projeto político que alçou as grandes taxas de acumulação do capital e restabeleceu a hegemonia dominante do poder de classes na economia.

Friderichs (2019) e Dardot e Laval (2016) sustentaram que o neoliberalismo conferia ao Estado um papel ativo na promoção do livre mercado. Seguindo uma leitura semelhante, Friderichs (2019) é que, ao contrário do *laissez-faire* associado aos liberais clássicos, o neoliberalismo concebe um papel ativo para o Estado na promoção do livre mercado. Enquanto os liberais clássicos defendiam uma abordagem mais passiva do Estado, os neoliberais propõem que o Estado desempenhe uma função proativa na criação de um arcabouço jurídico-legal. Esse aparato legal é visto como essencial pelos neoliberais para garantir um desenho mais eficiente e eficaz do livre mercado, agindo como um facilitador para a implementação bem-sucedida das práticas de mercado. Em outras palavras, os neoliberais advogam por um Estado que não apenas se abstenha de interferir, mas que atue ativamente na configuração institucional que sustenta o funcionamento do livre mercado.

É importante destacar que as primeiras implementações de políticas neoliberais ocorreram sob regimes autoritários, como no caso da ditadura de Pinochet no Chile. Posteriormente, medidas neoliberais foram experimentadas em democracias consolidadas, refletindo-se em reformas realizadas ao longo dos anos 1980 em diversas regiões, incluindo América Latina, Europa e Estados Unidos.

Hernán Ramírez (2013), Miles Kahler (1989), Friderichs (2019) e Peter Evans (1992) apresentam o paradoxo existente entre as ideias neoliberais, e sua relação discursiva como defensores da liberdade e da democracia, e a história da implantação de projetos neoliberais tendo como modelo as ditaduras militares da América Latina, como a do Chile. Com relação ao caso de Chile, Harvey (2008) diz que os neoliberais defendiam uma ideia de liberdade individual e de Estado direto, ao mesmo tempo que grupos neoliberais foram apoiadores de umas das ditaduras mais sanguinárias da América Latina.

As ações que deram origem ao neoliberalismo como ideologia/política na organização gerencial do Estado datam por volta dos anos 1970/1980, período esse que marca o crescimento da crise no sistema capitalista. As mudanças ocasionadas por essa crise originaram um novo meio de pensar o Estado que até aquele momento era visto a partir das ideias Keynesianas. Diante dessa nova forma de configuração e regulamentação da sociedade, o Estado passou a ser reanalisado, dessa vez com um olhar neoliberal.

Segundo Harvey (2008), o Estado Keynesiano começou a assumir novos papéis no qual construiu novo poder institucional, o capital continuou a buscar lucratividade de maneira

segura, resultando em modificações nas funções do trabalho, especialmente no que se refere ao desempenho nos mercados de trabalho e nos processos de produção. A produção era em massa, porém necessitava de investimentos precisos em capital fixo e demandas para gerar lucratividade estável. Nesse contexto, o Estado desempenhava um papel significativo no controle dos ciclos econômicos, implementando uma série de políticas fiscais após o período pós-guerra. As políticas públicas eram orientadas para investimentos estatais em setores cruciais, como transporte e equipamentos, visando garantir o crescimento da produção e do consumo em larga escala. Além disso, os governos buscavam complementar fortemente os salários por meio de gastos em seguridade social, assistência médica, educação, habitação, entre outros.

Os desdobramentos da nova crise no sistema capitalista, nos fins de 1970, impulsionaram uma nova configuração mundial, baseada nos preceitos neoliberais. Se o auge das políticas Keynesiana ocorreram com cenário pós Segunda Guerra Mundial, onde Inglaterra perdeu a hegemonia mundial, rapidamente assumida pelos EUA, A crise de 1978, sobretudo no país da América do Norte, possibilitou que as estratégias neoliberais se tornassem hegemônicas para combater e reverter os seus efeitos. Nessa perspectiva, observa-se uma redução da intervenção estatal nas questões sociais, acompanhada do aumento de iniciativas direcionadas à economia, com o propósito de aprovar medidas que promovam a liberalização do mercado.

Para Hayek (2019), O neoliberalismo é uma extensão do liberalismo, ou seja, não podemos concluir com exatidão que possas existir uma continuidade entre ambos, entretanto, pode haver uma existência contínua de um Estado mínimo, mercado privilegiado e a noção antropológica do indivíduo, sendo que este possui diferenças em sua materialização, assim como em suas ideologias, haja vista, que o sistema neoliberal articula a proeminência de uma sociedade desigual, tendo em vista que para eles, essa seria o único meio de se obter prestígio e poder. Através dos utilitaristas Bentham e Mill⁹, o sistema de desigualdades sociais começou

⁸. As décadas de 70 e 80 foram períodos de significativa reestruturação econômica, ajustes sociais e políticos, em contraposição à rigidez do fordismo. Esse período se caracterizou pela flexibilidade nos processos de trabalho, nos produtos e nos padrões de consumo, acompanhado pelo surgimento de novos setores de produção, mudanças rápidas nos padrões de desenvolvimento desigual e compressão do espaço-tempo. Essas transformações foram impulsionadas, em grande parte, pelas crises enfrentadas pelo sistema, especialmente a crise do petróleo de 1978.

⁹ Jeremy Bentham (filosofo e jurista, sendo o precursor do utilitarismo) e Stuart Mill (filosofo e economista, é discípulo de Bentham, suas obras são abordam o utilitarismo e sobre a liberdade).

a ser observado como algo positivo, pois, a ideia de se obter um bem-estar para uma maioria de povos, justifica a necessidade de sacrificar a felicidade de um grupo de pessoas, ou seja, os meios de desigualdades ocasionadas pelo sistema tornavam-se algo natural para obtenção de riqueza a uma parte da sociedade. Através desses princípios fundamentados na noção de liberdade, a perspectiva neoliberal preconiza que o indivíduo assuma a responsabilidade pelo seu próprio bem-estar e felicidade. Essa abordagem enfatiza a autonomia e a capacidade individual de tomar decisões relacionadas à vida pessoal e ao desenvolvimento profissional. Ao atribuir aos indivíduos a responsabilidade por seu próprio destino, o neoliberalismo propaga a ideia de que a liberdade individual é a chave para alcançar o bem-estar e a realização pessoal. Essa visão, embora guiada por princípios de autonomia, suscita reflexões sobre as implicações sociais e econômicas desse modelo, especialmente em cenários de desigualdade e crises sistêmicas.

Na década de 1970, uma crise significativa de acumulação caracterizada por altas taxas de desemprego e inflação crescente impulsionou o surgimento do neoliberalismo como um projeto político. Conforme destacado por Harvey (2008), o objetivo central desse movimento era restaurar as condições para a acumulação de capital e revitalizar o poder das elites econômicas. O declínio do crescimento econômico nesse período, marcado por taxas de juros reais negativas e retornos financeiros limitados, representou uma ameaça para as classes mais abastadas em diversas partes do mundo. Nos Estados Unidos, a concentração de riqueza, historicamente estável ao longo do século XX, sofreu uma redução significativa na década de 1970 devido ao colapso do valor de ativos como ações, imóveis e poupanças. Diante desse cenário, as classes mais privilegiadas sentiram a necessidade de uma atuação mais determinada para preservar-se da aniquilação política e econômica.

É relevante destacar que a partir da crise de 1929 até a próxima crise no fim da década de 1970, uma das maiores potências, os Estados Unidos, passaram por um período de prosperidade econômica, resultado das políticas keynesianas. A crise de 1929, também conhecida como a Grande Depressão capitalista, foi marcada até a década de 30 por quedas abruptas das taxas de lucros como consequência a diminuição no Produto interno bruto (PIB), desvalorização das bolsas de valores, inflação, as empresas ficando no vermelho e elevação das taxas de desemprego.

Nesse contexto, o presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Delano Roosevelt (1933-1937), empenhou-se em aliviar a pressão dos movimentos de trabalhadores e enfrentar o crescente desemprego como parte de uma estratégia para superar a crise. Para

alcançar esse objetivo, implementou o *New Deal*, como descrito por Montañó e Duriguetto (2011). Esse "novo acordo" consistiu no estabelecimento de uma parceria entre o governo e o Congresso, com o propósito de aprovar leis e criar agências governamentais destinadas a implementar uma série de programas por meio da intervenção estatal. Estes programas abrangeram o controle sobre bancos e a realização de projetos de infraestrutura, como estradas, escolas, hospitais e aeroportos, com o intuito de gerar empregos e impulsionar o consumo. Outras medidas incluíram subsídios e créditos agrícolas, a criação da previdência social com pensões e seguro-desemprego, a fixação do salário mínimo, programas de assistência social do governo para famílias carentes, redução da jornada de trabalho, regulamentação de sindicatos e a aprovação/manutenção de leis trabalhistas.

Para os EUA enfrentarem a crise de 1929 e conseguirem nas décadas seguintes um forte crescimento econômico foi necessária a contribuição desses programas e também de outros fatores, como apontaram Montañó e Duriguetto a implementação do *New Deal*, o abandono do padrão-ouro, a adoção generalizada dos princípios keynesianos e a participação na Segunda Guerra Mundial foram fatores que contribuíram para a superação da crise nos Estados Unidos. Antes de entrar na Segunda Guerra Mundial, a taxa de desemprego nos Estados Unidos era de 15%, e ao final do conflito, essa taxa havia diminuído para 1%.

Segundo Friderichs (2019), o sistema neoliberal em sua pura essência defende o Estado mínimo para a sociedade e o Estado máximo para promoção do livre-mercado, sendo uma de suas características a disseminação de seus ideais, dando destaque para o discurso de que para crescer economicamente torna-se necessário a existência das desigualdades, assim como o impulsionamento da competitividade, sendo este um marco positivo na economia, mesmo que essas ações possam causar consequências drásticas em meio a sociedade, a exemplos da miséria e da falsa liberdade.

Os neoliberais divulgam a ideia de um indivíduo livre que possui controle do seu trabalho, entretanto, não esclarece que esse sistema leva a um processo de individualização e muito menos o fato de que leva a um ideal de empreendedorismo que diz favorecer todas as classes, mas que não corresponde à realidade. Assim, é assustador a forma como os preceitos neoliberais são expostos na sociedade, a forma como o trabalhador é visto e utilizado por essa ideologia a sua força de trabalho sendo explorada constantemente, resultando na perda de sua essência e crenças.

Essa ideologia neoliberal vai se introduzindo em alguns indivíduos que, por sua vez, começam a acreditar na ideia de uma liberdade individual como forma de possuir dignidade humana. Com sua disseminação na sociedade passa a ser presente no cotidiano dos indivíduos e a se tornar um discurso pautado na verdade que a sociedade buscava, elevando a individualidade, competitividade e ideia de meritocracia.

A disseminação do discurso neoliberal ultrapassou as fronteiras das esferas política e econômica, infiltrando-se no cotidiano dos indivíduos e estabelecendo-se como uma narrativa que ecoava com as aspirações e expectativas da sociedade contemporânea. Essa narrativa, fundamentada na promessa de uma verdade objetiva e eficaz, moldou a forma como as pessoas percebiam o mundo ao seu redor. A ênfase na individualidade tornou-se proeminente, encorajando a busca por autonomia e realização pessoal. Simultaneamente, a competitividade emergiu como um valor central, impulsionando a sociedade em direção a padrões mais intensos de eficiência e sucesso. A ideia de meritocracia, enraizada nesse discurso, fortaleceu-se, sugerindo que as recompensas e oportunidades deveriam ser proporcionais ao esforço e mérito individual. Assim, o neoliberalismo não se limitou a influenciar políticas e práticas econômicas, mas também permeou percepções e valores fundamentais na vida cotidiana, contribuindo para a formação de uma mentalidade que valoriza a autonomia, a competição e a incessante busca pelo sucesso individual.

Vinculada à globalização, essa nova forma de regulação exerce impacto sobre os âmbitos político, econômico e social. Friderichs (2019) caracteriza o neoliberalismo como uma nova racionalidade global que transcende as fronteiras do político e do econômico, visando transformar a compreensão tanto individual quanto coletiva da sociedade e das relações interpessoais. Sob a influência de organizações globais como o Banco Mundial e o FMI, o Consenso de Washington delineou um conjunto de medidas de ajuste que os países latino-americanos deveriam adotar para se recuperarem da crise pós-1970. Esse consenso originou-se de um seminário liderado pelo *Institute of International Economics*, com o propósito de discutir reformas econômicas e superar o que Brandão (2017) denominou como a "década perdida". O termo refere-se aos anos 80, marcados por estagnação econômica, aumento da desigualdade social, endividamento e hiperinflação. Durante o seminário, foram elaboradas medidas que todos os países da América Latina deveriam adotar para garantir a continuidade do financiamento por parte de agências e organismos financeiros internacionais. Algumas dessas medidas incluíam a desregulamentação do mercado, reformas monetárias e fiscais, e a redução da intervenção do Estado.

O livro *Direita Volver* (2015), aborda como a atuação das correntes neoliberais na Europa e nos Estados Unidos foi responsável pelo processo de desregulamentação dos mercados e diminuição ou extinção da intervenção do Estado na economia. A atuação dessas correntes influenciou, na década de 1980, uma reorganização da direita brasileira em um cenário político com bases neoliberais. Essa reorganização gerou uma insegurança a respeito do que poderia repercutir na política e economia, consequentemente, essa nova perspectiva neoliberal veio para disputar a hegemonia do processo decisório com grupos de esquerda que participaram do processo de democratização do país.

Ao abordar o neoliberalismo no Brasil, tem que se compreender os governos Fernando Henrique Cardoso e o governo Lula e Dilma, e a transição entre as políticas neoliberais iniciadas durante o governo Collor e instauradas durante o governo FHC e a implantação de modelos neodesenvolvimentistas aplicado durante as administrações Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016), que segue também uma estrutura neoliberal de controle de gastos e responsabilidade fiscal.

No ano de 1989, houve a primeira eleição direta após mais de 30 anos, no qual houve uma disputa acirrada entre Fernando Collor (PRN) e o candidato de esquerda Lula (PT), na qual Collor sai como vencedor. Porém, na década de 1990, a política brasileira passou a apresentar um aprofundamento da burguesia brasileira, no qual ocorrem mudanças na organização e na produção e reestruturação do Estado no capitalismo. Assim, a classe dominante atua ao lado do Estado, favorecendo e dando condições para que universalizem seus interesses específicos como uma verdade de todas as classes, influenciando no social das demais.

O auge dessas manifestações está vinculado as eleições de Fernando Collor de Mello (PRN) e Luiz Inácio da Silva (PT), nesse enfrentamento a vitória de Collor dá início as reformas neoliberais no Brasil, Fernando Collor não conseguiu se manter no poder, sendo afastado pelo impeachment em 1992. Consequentemente em 1994 foi consolidada a hegemonia neoliberal como a vitória de Fernando Henrique Cardoso, representado pela coligação PSDB-PFL. Candidatura que recebeu apoio da antiga direita autoritária e moralista que garantiu a agenda de reformas.

As reformas neoliberais implementadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso eram articuladas a atuação do FMI e chegavam ao país como receitas para o sucesso e “responsabilidade” econômica, relacionando cortes de gastos sociais e privatizações, com

medidas de abertura e desregulamentações econômicas e a obrigatoriedade de pagamento de juros. Os resultados dessas medidas rapidamente se converteram em recessão econômica e desemprego. Com a vitória de Lula na eleição de 2002 e os consequentes governos do PT, embora se construísse uma nova maneira de pensar a questão social com programas como o Fome Zero, Bolsa Família, a expansão das Universidades Públicas, etc., a estrutura econômica neoliberal manteve-se hegemônica, de maneira que, constantemente medidas neoliberais eram aventadas como soluções para a crises, o que demonstrava um tensionamento entre o projeto neodesenvolvimentista que se seguiu durante os governos do PT e a pressões em prol de medidas neoliberais.

Até aqui foi apresentado um panorama das Origens e definições do Neoliberalismo ao desenvolvimento da Nova Direita, em seguida será feito enfoque nas manifestações de 2013, para explicar quem são os responsáveis pelo desenvolvimento da Nova Direita e suas formas de atuação perante a sociedade, será exposto um esboço de como ocorreu o processo de expansão das correntes liberais, conservadoras e militares para a consolidação do bolsonarismo e sua ameaça para democracia.

1.3 Manifestações a partir de 2013

As manifestações de junho de 2013, possibilitaram o aumento da visibilidade das novas direitas no Brasil. Para o seu desenvolvimento as mídias digitais foram fundamentais, no que se refere a distinção do termo Nova Direita, segundo o italiano Norberto Bobbio em suas obras busca apresentar os aspectos e diferenças entre esquerda e direita de formas consistentes que contribuem para a compreensão de conceitos importantes para a sociedade, como igualdade/desigualdade, liberdade e democracia.

Apesar da pesquisa não ter como foco apresentar diferenças de esquerda e direita, é válido destacar que a esquerda busca promover formas de justiça social, a partir da igualdade social, já para direita as políticas públicas igualitárias implantadas representaria perda de liberdade individual, consequentemente afetaria o modo de vida de uma parcela da população, sendo a mais privilegiada, segundo Bobbio esquerda e direita são contrapostas em relação a ideias, interesses e até em relação à valorização do que cada indivíduo deve seguir. Assim, quando se aborda esses programas existem conceitos que são fundamentais para a sua compreensão de uma posição política, como: direita, conservador ou reacionário e para a esquerda progressistas.

O termo “conservador” se refere aos que se posiciona a favor da manutenção da configuração vigente, assim, é aquele que acredita que a sociedade não necessita de mudanças. Ferreira e Botelho (2010) argumentam, desta forma, que o termo conservador pode ser maleável, pois parte de posição ideológica já que quer a manutenção do espectro político, assim, podendo ser de esquerda ou direita, nesse caso os indivíduos de esquerda se tornariam conservadores após o sucesso de sua revolução, porém, historicamente é um termo utilizado pela direita, o conservadorismo surgiu a partir de uma reação ideológica e política dos avanços tecnológicos associados a modernidade e transformações sociais e até culturais, vinculadas as mudanças trazidas pela Revolução Industrial.

Conforme destacado por Ferreira e Botelho (2010), o pensamento conservador surge e evolui no contexto da moderna sociedade de classes, caracterizada por seu dinamismo e por múltiplas e sucessivas transições. Contrariamente a ser um sistema fechado e definitivo, o conservadorismo é concebido como um modo de pensamento em constante desenvolvimento. Ele se estrutura como uma reação ao Iluminismo e às grandes transformações provocadas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial. O conservadorismo valoriza formas de vida e organização social do passado, com raízes particularmente enraizadas na Idade Média.

Reacionários são aqueles que assumem posições políticas de admiração excessiva, como saudosismo, que são tratados como antidemocráticos, porque buscam a consolidação e a volta de políticas ou situações que são ou foram ultrapassadas, como por exemplo, os que clamam pela volta da ditadura militar. Já os progressistas estão vinculados a esquerda, com o objetivo de busca de progresso político e social.

Diante desse panorama, é possível observar a evolução do pensamento político brasileiro, especialmente no que diz respeito às novas direitas. Este é um tema recente permeado por diversas interpretações. Nesse contexto, as mídias desempenham um papel significativo na consolidação dos movimentos das novas direitas. O Brasil experimenta uma onda reacionária que impacta o cotidiano dos indivíduos, e o avanço dessas ideias está intrinsecamente ligado à organização da direita, através da atuação de grupos políticos que se opõem de forma ativa às manifestações da esquerda. Este cenário destaca a relevância do papel das mídias na disseminação e consolidação dessas perspectivas políticas emergentes.

Nessa perspectiva, o termo "novas direitas" não se refere ao surgimento de um grupo totalmente novo, mas sim à transformação da direita tradicional, incorporando uma nova roupagem que mescla o neoliberalismo com a presença de lideranças religiosas conservadoras

(Silva, 2020). A expressão "ser de esquerda" ou "ser de direita" assume significados distintos para cada indivíduo que se identifica com uma dessas ideologias políticas ou suas variantes. Portanto, uma análise dos atores da chamada "Nova Direita brasileira" precisa, inicialmente, examinar a gênese e discutir os conceitos tradicionais para, em seguida, reavaliar adjetivos como "novo" e "velho" atribuídos à dicotomia nos dias atuais.

Os fundamentos das novas direitas têm suas raízes nos preceitos tradicionais, sendo ideologicamente embasados por conceitos apresentados por Codato, Bolognesi e Roeder (2015). Essa nova direita na América Latina mantém elementos da velha direita, com o capitalismo como modelo econômico e preceitos morais tradicionais. Contudo, essa direita ideologicamente renovada reconhece e aceita as vantagens políticas das políticas sociais implementadas pela esquerda na região. Simultaneamente, busca se desvincular da memória dos regimes ditatoriais militares apoiados pelos partidos da velha direita.

O PSDB permaneceu no poder até 2002, até quando Luís Inácio Lula da Silva e o PT entram no poder com um partido com bases trabalhistas. Ao mesmo tempo passa a tomar força um grupo de direita, segundo Chaloub e Perlatto (2015) a nova direita passa a exercer força na imprensa, mercado editorial, nas mídias sociais, e influencia na web. E com as críticas aos programas sociais e escândalos que passaram a ganhar visibilidade na mídia, como por exemplo, o debate em torno das cotas nas universidades, a criação do programa Bolsa Família e, sobretudo, o escândalo do mensalão, que permeavam críticas ao governo e ao partido dos trabalhadores, a esquerda passa a sofrer perseguições e ainda mais oposições.

Apesar dos vários escândalos vinculados ao partido dos trabalhadores e a esquerda, a mesma sofreu com os vários esforços de tentativas de derrubada da grande mídia privada e membros da classe média e alta, mesmo assim, Dilma Rousseff, economista e política brasileira ganhou as eleições de 2014 adquirindo seu segundo mandato, teve seu afastamento em 2016 com impeachment. De acordo com André Singer (2015) Dilma Rousseff conseguiu inimigos por avançar e começar ganhar espaços na sociedade e na política.

A abordagem de Singer (2015) destaca que, enquanto Dilma e Mantega implementavam um programa ousado no âmbito governamental, incluindo a redução de juros, desvalorização da moeda, controle do fluxo de capitais e subsídios ao investimento produtivo, no contexto social e político, o vínculo entre industriais e trabalhadores se desintegrava. Os empresários se unificavam "contra o intervencionismo". Diante do isolamento em relação à burguesia, Dilma cedeu em questões essenciais, como a elevação da taxa de juros, e posteriormente em cortes de

gastos públicos. A partir desse ponto, viu-se obrigada a retroceder passo a passo até alcançar um ponto inferior ao ponto de partida.

A grande mídia possui grande influência, assim, mobiliza as elites e consequentemente a opinião pública, que na realidade representa uma parte da sociedade a classe dominante, que foi responsável pela queda da popularidade do Governo Dilma, com elementos alarmantes como operação Lava-Jato.

Segundo Tonet e Melo (2014), a mídia tradicional passou a assumir o papel de mediadora do conhecimento, e começou se inserir no cotidiano das pessoas, desempenhando uma grande influência na sociedade, transmitindo comportamentos, moda e atitudes. O uso da mídia tradicional apresenta-se como uma modalidade importante de participação política, com o objetivo de disseminar informações e conseguir adeptos de suas falas e crenças.

1.4 Direitas nas Mídias

As novas direitas são um movimento político que se organizou e adquiriu cada vez mais espaços na sociedade, se articula dentro de influências neoliberais e conservadoras, com líderes importantes que acabam conseguindo grande números de adeptos/seguidores, que passa a divulgar suas ideologias na internet, os protestos de 2013 contra a esquerda são bem articulados/organizados, o conservadorismo brasileiro busca manter suas ideologias/valores e aproveita também vários acontecimentos e situações para protestar essencialmente conta a corrupção.

Cruz (2015) descreve que o ruído gerado por essa manifestação é característico. Seja o som das panelas nas varandas gourmet, os slogans entoados em coro, os insultos dirigidos contra personalidades famosas em locais públicos ou lançados aleatoriamente contra cidadãos anônimos que ousam discordar do espetáculo encenado. Alguns, felizmente em número limitado por enquanto, extrapolam das palavras para ações concretas. No entanto, nem todos são igualmente estridentes. Muitos simpatizantes expressam seu descontentamento em voz baixa, participando de desfiles pacíficos pelas avenidas, vestindo as cores da bandeira e, frequentemente, acompanhados por filhos ou netos.

Ainda segundo Cruz (2015), a sociedade passa serem influenciadas por conservadores, e começa a analisar a sociedade de forma fragmentada, assim, passa a interpretar as situações de forma afastada do que é real. A imprensa de modo geral, passa a ser responsável por

caracterizar o Governo de esquerda como responsável por todos os problemas e manifestações vivenciadas na época, então com o foco de atrair os que não estavam vinculados as ideologias tanto de esquerda como de direita, consequentemente, passa a ter destaques os adeptos das ideologias da nova direita no Youtube. Nesse sentido, milhares de manifestantes que foram para as ruas, ressoavam as seguintes palavras,

"Basta de doutrinação marxista. Não queremos mais Paulo Freire". Enquanto as redes sociais eram inundadas por defesas do patrono da educação brasileira, que alcançou reconhecimento internacional, professores universitários se perguntavam sobre a origem de críticas como essa. Se tivessem lido um dos livros mais vendidos recentemente no Brasil, deparariam com o seguinte questionamento: "Vocês conhecem alguém que tenha sido alfabetizado pelo método Paulo Freire? Algumas dessas raras criaturas, se existirem, chegaram a demonstrar competência em qualquer área de atividade técnica, científica, artística ou humanística? Nem precisa responder. Todo mundo já sabe que, pelo critério 'pelos frutos o conhecereis', o célebre Paulo Freire é um ilustre desconhecido." (Adaptado de uma reportagem do Jornal El País, agosto de 2015, sobre Olavo de Carvalho e seu livro: O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota, e as citações de sua obra pelos manifestantes).

Apesar dessas manifestações os indivíduos passam a expor suas opiniões em relação as questões políticas, os avanços tecnológicos contribuem para disseminação de informações a todo momento e esses espaços passam a ser mais ocupados por grupos religiosos, políticos, culturais e vários outros que, em alguns momentos, também se organizam em ataques às minorias e contra a democracia vigente no país, Silveira (2015) relata que em março de 2013, uma mobilização reuniu mais de 450 mil assinaturas demandando a remoção do deputado Marco Feliciano (PSC-SP) da presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. O parlamentar, em 31 de março de 2011, postou em seu perfil no Twitter a polêmica declaração: "africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato". Além disso, é autor de dezenas de postagens extremamente agressivas, incluindo a afirmação: "A podridão dos sentimentos dos homoafetivos leva ao ódio, ao crime, à rejeição". Sua candidatura à presidência da Comissão de Direitos Humanos parecia desafiar a própria essência da comissão.

O governo de Dilma foi constantemente alvo de críticas nas redes sociais e manifestações de rua, muitas vezes organizadas pelo Facebook. Silveira (2015) contradiz a ideia de que a internet promove uma participação avançada e favorável à justiça, liberdade e igualdade, destacando a prevalência do senso comum, muitas vezes permeado por ideias capitalistas e pela doutrina da mercantilização extrema. No entanto, é essencial notar que a rede

também abriu espaço para diversas subculturas, incluindo a dos hackers. O hackerismo, como expressão da contracultura, desempenhou um papel crucial na configuração da rede distribuída, sem controle centralizado, e na criação de amplas possibilidades para a navegação anônima, visando minimizar a vigilância tanto do Estado quanto das corporações.

Essas manifestações desempenham um papel significativo no crescimento das ideologias da nova direita, impulsionando a criação de outdoors, propagandas e imagens que facilitam o desenvolvimento e a comunicação da direita. Silveira (2015) destaca que uma parcela significativa da disputa política nas redes sociais ocorre por meio de memes. A esfera pública, onde se formam diversas opiniões públicas, não pode mais ser compreendida sem a consideração da dinâmica da internet, especialmente das redes sociais online. No Brasil, em 2012, a pesquisa do Comitê Gestor da Internet revelou que 74% dos brasileiros conectados utilizavam redes sociais. Esses dados indicam que o Facebook se destaca como o espaço mais envolvente para os debates políticos.

Então, a partir disso, é perceptível a força que as novas direitas possuem na sociedade e como a mesma conseguiu desconstruir a imagem da esquerda, fazendo com que uma boa parte da sociedade acreditasse em tudo que fosse divulgado nas mídias sociais, como os atos de corrupção, as políticas públicas para privilegiar a classe pobre e que por conta disso os mesmos não querem trabalhar, assim, passam a disseminar informações a todo momento que estão vinculadas ao senso comum, a direita passando assim a manipular o senso comum reforçando as suas ideologias, em 2014 as publicações da direita ganhavam mais força do que as da esquerda, um caráter predatório, Silveira (2015) destaca que, para além de blogueiros ligados à revista *Veja* e humoristas vinculados à direita paulista, ao menos 42 grandes páginas no Facebook integraram a operação da direita. Essas páginas, embora não declarassem apoio explícito à candidatura do PSDB, desempenharam um papel ativo na desconstrução do PT e de suas principais candidaturas. Além disso, esse esforço de guerra contou com a participação de centenas de profissionais de comunicação contratados por agências de publicidade formalmente envolvidas na campanha eleitoral.

No ano de 2014, ocorreu o resultado das eleições presidenciais, tendo Dilma Rousseff como vencedora, inconformados com os resultados das eleições, a direita passa a se movimentar e se reunir em torno da crítica aos escândalos relacionados à lava jato, buscando a derrubada do governo com um processo de impeachment que passou a repercutir pelas redes sociais e foi consolidado pelos outros canais de comunicação. Com isso, a direita no Brasil passou a se propagar nas mídias digitais, com os escândalos vinculados a esquerda e a presidente Dilma, a

nova direita passou a buscar novos espaços e adeptos de suas ideologias, segundo Kaysel (2015) com todos os acontecimentos foram primordiais para o pensamento conservador retornar.

As mídias digitais proporcionam embates e conhecimentos acerca de informações que são expostas a todo momento, informações que influenciam a opinião pública e se expande nos meios de comunicação, atacando diretamente a democracia e passando a tumultuar a ordem na sociedade civil. A tecnologia, uma importante ferramenta que auxilia a sociedade na contribuição de um olhar mais crítico e reflexivo, passou a ser utilizada pela lógica partidária, como forma desinformações e não de conhecimento. Vivemos em um período que as informações são dispostas a todo momento, mas que se não forem verificadas de forma correta podem causar desinformações, nas redes sociais a esquerda possuía pouca representatividade o que contribuiu para que os ícones da direita atuassem de forma representativa nas mídias sociais.

Porém, o avanço das novas direitas se deu a partir de seu desenvolvimento em canais de comunicação, que faz com que a sociedade tenha confiança em seu movimento, transparecendo credibilidade com o trabalho embasado no convencimento do eleitorado, as lideranças políticas são fundamentais, no caso brasileiro pode-se destacar Jair Bolsonaro.

De acordo com Vioto (2021), o Bolsonarismo é construído sobre uma lógica que tem suas raízes no regime ditatorial, sendo Jair Bolsonaro ao longo de sua carreira política um defensor fervoroso da ditadura militar, promovendo a violência e a manipulação da opinião pública. Essa ideologia destaca a importância de crenças e valores disseminados na sociedade como explicação para fenômenos autoritários. Apesar do amplo apoio da sociedade que levou Bolsonaro à presidência, as razões desse apoio são diversas, incluindo o antipetismo, a desconfiança na "política tradicional", o conservadorismo do "Brasil profundo" e a influência das redes sociais. Embora o tempo e pesquisas mais aprofundadas possam oferecer respostas mais sólidas no futuro, no momento atual, é evidente que o governo Bolsonaro, para além de sua retórica, falhou em cumprir praticamente todas as promessas e, especialmente, as expectativas daqueles que depositaram confiança no candidato. Essa realidade permite começar a discernir diferenças significativas entre o atual governo e o regime militar.

O regime ditatorial violava os direitos humanos, censurava produções culturais, controlava a imprensa, e impedia a representação política e sindical, ao mesmo tempo em que, precarizava o trabalho e não combatia a corrupção. Contudo, dentro da lógica reacionária referida ao Bolsonarismo ela estaria associada aos elementos louváveis pelas novas direitas,

como religião, família e disciplina, Solano (2018) destaca que a direita mais radicalizada muitas vezes recorre à retórica da reinterpretação da ditadura para fundamentar seus valores e ética. Nessa perspectiva, busca-se reinterpretar a ditadura como um período em que a vida era mais segura e disciplinada. Essa narrativa ressignifica a ditadura como uma época saudosa em que o cidadão de bem era supostamente protegido pelo Estado, e a ordem prevalecia sobre a confusão

A ressignificação da Ditadura Militar de 1964 passou a ser uma característica marcante do Bolsonarismo, sendo influenciado pelo desejo de retorno ao passado, isso se deve a outros movimentos que ocorrem na contemporaneidade, como mobilização de rua, o uso intensivo das redes sociais e os frequentes debates associados a gênero e raça.

Os debates acerca do termo direita não são atuais, a direita tradicional defende o regime militar, redução da maioria penal, intolerância cultural e religiosa e críticas ao Bolsa Família, além da diminuição da ação do Estado na economia. Um dos grandes representantes dessa ideologia (aqui no Brasil) é o ex-presidente Jair Bolsonaro. Já na nova direita ocorre a defesa do liberalismo econômico, no entanto controlado pelo Estado de forma que garanta a igualdade de oportunidades; defende a democracia e radicalmente os valores da família tradicional. Bolognesi, Codato e Roeder (2015) observou que a velha direita é composta de partidos ligados aos regimes ditatoriais como o PSD¹⁰, PP¹¹, DEM¹² (juntamente com o PSL agora se chama União Brasil) ou PTB¹³, e os partidos satélites que orientam suas coligações eleitorais ou que se incorpora aos primeiros, como, PRTB¹⁴, PSC¹⁵.

Cepeda (2018) salienta que, ao considerarmos que a nova direita assumiu uma postura mais proeminente, é essencial lembrar que mesmo um único "armário" nesse contexto abriga uma variedade de perspectivas, projetos, intenções, valores e concepções políticas diversas. O termo "nova" denota um cenário renovado, com alvos e métodos de atuação distintos, incluindo a proliferação de instrumentos na arena política. Nas últimas décadas, além das disputas tradicionais envolvendo partidos, eleições e estruturas estatais, surgiram novos elementos, como mobilizações de massa, o uso das mídias sociais como ferramentas de comunicação e os mecanismos da guerra híbrida. Em relação às "prateleiras" desse contexto, o reconhecimento

¹⁰ PSD - Partido Social Democrático.

¹¹ PP - Partido Progressista.

¹² DEM – Democratas (juntamente com o PSL agora se chama União Brasil).

¹³ PTB – Partido Trabalhista Brasileiro.

¹⁴ PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro.

¹⁵ PSC – Partido Social Cristão.

da heterogeneidade no campo da nova direita, como é comum em todos os cenários políticos, gerou fissuras e disputas pela identidade, levando à diferenciação entre diversos subgrupos.

Tabela 1- Velha e Nova Direita brasileira

VELHA DIREITA	NOVA DIREITA
DEM (2007)	PEN (2011)
PAN (1998-2006)*	PRB (2005)
PFL (1985-2007)*	PSD (2011)
PGT (1995-2003)*	PSDC (1997)
PHS (1997)	PSL (1994)
PL (1985-2006)*	PST (1996-2003)
PP (2006)	PTdoB (1989)
PPB (1993-2006)*	PTC (1990)
PR (2006)	PTN (1995)
PRN (1989-1990)*	SD (2013)
PRONA (1989-2006)*	NOVO (2015)
PRP (1991)	
PRTB (1994)	
PSC (1985)	
PSD (1987-2003)*	
PSN (1996)	
PTB (1981)	

Fonte: (SILVA, 2020, p.42)

No contexto geral do livro *Direita Volver* (2015) os autores expõe que o principal motivo para a ascensão das novas direitas está vinculado a abertura de espaços para os trabalhadores e diversas lideranças novas, assim aumentam a quantidade de adeptos de suas ideologias¹⁶, porém a queda da velha direita também contribuiu a partir do momento que por não conseguir se articular com os seus políticos nem os seus interesses, acabou perdendo representatividade. Assim, os trabalhadores começam a não se sentirem representados, então buscam os pequenos partidos para adentrarem na política.

As novas direitas, integrantes da atual onda conservadora, compartilham uma ideologia conservadora que se manifesta como uma maré conservadora. A configuração desse novo panorama político é evidenciada pelos perfis dos grupos presentes no parlamento, os quais podem ser categorizados em três conjuntos coesos, cada um com seus próprios interesses, conforme destacado por Faganelo (2015). O primeiro grupo compõe uma bancada empresarial,

¹⁶ Para Bobbio et al. (1998 apud SCHEEFFER, 2014, p. 3), “falar em ideologia é falar dos diferentes sistemas de crenças políticas, conjuntos de ideias e de valores a respeito da ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos”. Assim, as ideologias políticas são “visões de mundo” que influencia os indivíduos ou grupos a se organizarem e escolherem lados para poderem alcançarem seus objetivos.

numericamente expressiva, que advoga pelo liberalismo econômico e por medidas que visam reduzir a intervenção do Estado na economia. Em seguida, há uma bancada formada por religiosos conservadores, principalmente evangélicos, apoiados também por lideranças católicas, que defendem os chamados direitos da família e a moralização dos costumes, opondo-se a políticas relacionadas aos direitos homossexuais, aos direitos reprodutivos e à legalização do aborto. O terceiro grupo concentra-se em questões securitárias, defendendo a redução da maioria penal e a revogação do Estatuto do Desarmamento. Essas distintas agendas refletem a diversidade de enfoques dentro da corrente conservadora que ganhou destaque nos últimos anos.

Estes são comumente conhecidos como Bancada da bala, do boi e da Bíblia. Sendo primeiro composto majoritariamente por ex-policiais, ex-militares, com difusão da repressão, incentivo a violência e discurso de ódio, típicos do ex-presidente Bolsonaro e aliados a indústrias armamentistas.

A bancada da bala dissemina um discurso ideológico de insegurança e desordem pública que são noticiados pelos meios midiáticos que alimentam essas ideologias constantemente e faz receber adeptos dessa visão. Que consequentemente irá elevar a ideia de liberdade da população em detrimento da incapacidade do Estado em ordenar a sociedade, e ao mesmo tempo a diminuição dos ideais democráticos e do Estado, aumenta a necessidade de adotar medidas extremas de repressão para combater a criminalidade e reestabelecer a ordem.

[...] abraçando a defesa da máxima “bandido bom, é bandido morto”; suas páginas nas redes sociais concentram diversas postagens com conteúdos sobre supostos confrontos com civis - chamando-os, geralmente, de “vagabundo” - e a exposição de casos policiais mortos, ou de crimes em geral, seguidas por discursos revanchistas. [...] Passa-se a valorizar abertamente medidas arbitrárias de repressão sobre qualquer indivíduo que cometa um crime, geralmente orientadas para a eliminação física do sujeito sem nenhum tipo de proporcionalidade entre a conduta criminosa e o castigo aplicado. [...] Diante de um Estado corrupto e de uma justiça percebida como uma instituição conivente ou pouco rigorosa com o banditismo – e que, portanto, e parte e causadora do problema da desordem –, o indivíduo deposita suas esperanças naqueles que estão na “linha de frente do conflito (FAGANELLO, 2015, p. 147, 148, 150 e 151).

Outra característica da bancada da bala, é o discurso do securitário-autoritário que Faganello (2015) define como, a distribuição desigual dos direitos sociais, normatização das desigualdades, criando uma divisão entre cidadãos de bem que merecem o direito à vida e outro grupo que naturalmente abre mão desse direito a vida, uma cidadania cindida.

Para Habermas (2003) a dimensão “público” ganha destaque, por ser de grande importância, pois possui vários significados e está relacionada a um público que sempre irá

julgar, porque quanto mais assuntos e situações existirem mais julgamentos serão feitos acerca daquelas situações/realidades, assim esfera pública seria a legitimação do poder público, “a esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas” (HABERMAS, 2003a, p. 92).

Esses juízos interditados são chamados de “públicos” em vista de uma esfera pública que, indubitavelmente, tinha sido considerada uma esfera de poder público, mas que agora se dissociava deste como o fórum para onde se dirigiam as pessoas privadas a fim de obrigar o poder público a se legitimar perante a opinião pública. O publicum se transforma em público, o subjectum em sujeito, o destinatário da autoridade em seu contraente. (HABERMAS, 2003b, p. 40).

Avritzer e Costa (2004) destacam que as esferas públicas passam por reflexões que contribuem para uma compreensão mais aprofundada das teorias tradicionais que moldam o processo democrático e que muitas vezes desconsideram os novos atores sociais. Apesar da metáfora espacial que erroneamente sugere a existência de uma localização específica na topografia social, a esfera pública refere-se, mais apropriadamente, a um contexto difuso de relações em que ocorrem intercâmbios comunicativos gerados em diversos campos da vida social. Esse contexto comunicativo emerge como uma arena privilegiada para observar como as transformações sociais se desdobram, como o poder político se reconfigura e como os novos atores sociais adquirem relevância na política contemporânea.

Losekann (2009) e Avritzer e Costa (2004) salientam a importância de incluir aqueles que tradicionalmente são excluídos da esfera pública, através da consideração de contra públicos subalternos. Em um ambiente de esfera pública permeável e dinâmica, é crucial que os temas, posições e argumentos apresentados pelos novos atores sociais encontrem formas institucionais de penetrar no Estado. Esse processo é fundamental para democratizar o Estado, tornando-o um objeto sujeito ao controle dos cidadãos. Dessa maneira, promove-se uma participação mais inclusiva e efetiva na esfera pública, permitindo que diferentes perspectivas e vozes tenham impacto nas decisões políticas.

Os representantes das novas direitas evidenciam um caráter profundamente conservador, com uma presença marcante de numerosos líderes evangélicos. Apesar de historicamente a luta por uma separação entre Estado e Igreja ter sido uma bandeira desde o final do século XIX, nas últimas décadas, diversas igrejas pentecostais têm ocupado espaços na política. Elas promovem valores morais e bons costumes em defesa da vida e da família, proclamando-se como defensoras de um inimigo invisível e oponentes do anticomunismo.

Nesse contexto, uma parte da população passou a não se sentir representada pelo governo de Lula, contribuindo para o fortalecimento da nova direita. Essa insatisfação foi exacerbada por vários escândalos de corrupção. Como resultado, formaram-se contrapúblicos, conceito definido por Habermas (2018) e articulado por Rocha (2018) para compreender o cenário político brasileiro. Esse fenômeno reflete a emergência de novas vozes e perspectivas que buscam se contrapor ao status quo, promovendo um debate mais amplo sobre as dinâmicas políticas e sociais no país.

Os movimentos das novas direitas ganharam efetividade a partir do primeiro protesto pró-impeachment de Lula. Em 2006, representantes de correntes dessas novas direitas fundaram o Movimento Endireita Brasil, cujos principais líderes eram advogados de direita empenhados na derrubada de Lula por meio do impeachment. Contudo, a tentativa de impeachment não foi bem-sucedida, e o candidato petista conseguiu vencer as eleições de 2006, mesmo diante dos diversos escândalos, como o mensalão, que o cercavam. Esse cenário provocou uma alteração no padrão eleitoral, visto que, anteriormente, empresariado e classe média votaram em conjunto nas eleições de 2002. O fracasso do impeachment de Lula resultou em um recuo dos participantes do Movimento Endireita Brasil, que passaram a utilizar meios midiáticos para disseminar suas ideias. Para garantir anonimato e impor suas opiniões, criaram fóruns, blogs, sites e comunidades no Orkut, onde podiam expressar livremente ideias ultraliberais e até discursos violentos e preconceituosos. Algumas dessas comunidades manifestavam apoio às falas e textos de Olavo de Carvalho, conhecido por suas posições pró-mercado.

Esse realinhamento do padrão eleitoral foi denominado de lulismo, sendo um movimento que realizaria uma separação política entre as classes sociais, os quais acabavam beneficiando as camadas mais pobres da sociedade por meio de políticas de transferências de renda, o que contribuiu para melhorias nos padrões de consumo e subsistência, essencialmente nas regiões Norte e Nordeste sem confrontar as ordens econômicas vigentes do capital, Singer (2012) examina o surgimento do lulismo, associado ao realinhamento político, como um encontro entre a liderança de Lula e uma fração específica da classe, o subproletariado. Esse fenômeno é impulsionado por um programa que busca combater a pobreza, particularmente em áreas social e regionalmente críticas, por meio da ativação do mercado interno e da melhoria do padrão de consumo da parcela mais vulnerável da sociedade, concentrada no Norte e Nordeste do país, sem confrontar diretamente os interesses do capital. Simultaneamente, o realinhamento político também dá origem ao antilulismo, focalizado no PSDB, afastando a classe média de Lula e do PT. Essa dinâmica cria uma tensão social que desafia a hipótese de

uma despolitização da política brasileira pós-ascensão de Lula, evidenciando a persistência das polarizações políticas no cenário nacional.

Assim, ocorreu uma alteração do padrão eleitoral que fez com que a população mais pobre votasse em Lula ou em candidatos apoiados por ele, em contrapartida a classe média e alta começaram a votar sistematicamente na oposição, apesar de existir certo receio em se assumir de direita devido à associação com a ditadura militar. De acordo com Rocha (2018) durante o mandato do PT de 2002, observa-se a presença dessa direita, no entanto com a reeleição do presidente Lula, tem-se o auge do Lulismo que coincide com o auge da direita envergonhada nos anos 2006 e 2010.

Segundo Camila Rocha (2018), a utilização do Orkut foi o principal meio de interação entre os antipetistas ou pessoas que não se sentiam representadas pelo então governo. Nessa comunidade formou-se os contrapúblicos digitais da nova direita brasileira. Sendo que o primeiro passo para a formação do contrapúblico se deu com o blog de Olavo de Carvalho. O Orkut teve seu auge no Brasil em 2005, no entanto, tendo em vista as desigualdades¹⁷ sociais existentes no país, quem começou a compor esses contrapúblicos foram jovens adolescentes de classe alta que dispunham do acesso à internet, das regiões Sul e Sudeste.

Ainda de acordo com a autora, além dos sites e comunidades no Orkut, surgiram editoras que começaram a lançar livros com conteúdo de direita, nesse circuito editorial começaram a se ter a presença de ex-membros dos TTs pró-mercado. Foi a partir de 2006 que os contrapúblicos digitais institucionalizaria suas ideias, criando novas organizações civis, chapas para centros acadêmicos, grupo de estudos, e a circular nos espaços construídos pelo ex-membros das TTs defensoras do livre mercado. Outra organização formada em 2005 foi o Instituto Realidade Nacional que posteriormente viria a ser chamado de Instituto Millenium, fundado por um grupo de acadêmicos, executivos e outros, para difundir o ideário pró-mercado. Contavam com o financiamento de grupos empresariais e veículos de mídia. No entanto, essas

¹⁷A direita neoliberal passou a defender a desigualdade, associando-a à motivação econômica. Conforme Giddens (1996, p. 284), "No todo, a direita aceita melhor a existência de desigualdades do que a esquerda, e está mais propensa a apoiar os poderosos do que os desprovidos de poder". Por um lado, visando a justiça, a "nova esquerda" abandona o objetivo inicial de abolir o capitalismo e, em vez disso, contenta-se em reformá-lo ou "humanizá-lo" por meio de um Estado interventor. Por outro lado, em defesa da liberdade individual, o neoliberalismo torna-se a roupagem da "nova direita", que, acreditando nos benefícios do mercado, preconiza um Estado mínimo (Scheffer, 2018a, p. 7). Essas diferentes abordagens delineiam os contornos ideológicos que influenciam as políticas e as visões econômicas adotadas pelos dois espectros políticos contemporâneos.

novas organizações ainda não representavam os interesses dos grupos dos contrapúblicos que defendiam o capitalismo pró-mercado radicalmente.

Os *think tanks* se dedicam a divulgação/disseminação de ideias para a sociedade com um foco em grupos específicos, alguns deles são responsáveis pela promoção da direita, ou seja, ao disseminar essas ideias conseguem adeptos que acreditam nas divulgações dos TTs, enxergam em seus discursos verdades que estão interligados com seus pensamentos. A cada conquista de adeptos, as direitas brasileiras ganharam força e passam por contínuas transformações, impulsionando o rápido crescimento de suas ideologias na sociedade. Nesse contexto, fica evidente que o desenvolvimento da direita no Brasil foi impulsionado, em grande medida, pela disseminação de tópicos em destaque nas redes sociais, notadamente os chamados "Trending Topics" (TTs). O engajamento e a propagação desses temas nas plataformas digitais desempenham um papel crucial na ampliação do alcance e na evolução constante das ideias da direita no cenário político brasileiro.

O termo "aparelhos privados de hegemonia", conforme abordado por Casimiro (2016), refere-se a instituições, muitas vezes chamadas de *think tanks*, que têm como objetivo prioritário considerar apenas seus próprios interesses. Essas entidades desempenham um papel na construção e difusão de ideias, influenciando a opinião pública e moldando discursos políticos, frequentemente em consonância com os interesses e perspectivas específicos que representam. Essa caracterização destaca o potencial desses *think tanks* em exercer influência na construção da hegemonia, concentrando-se na promoção de determinadas ideologias ou agendas em detrimento de outras., perpassando uma ideia de preocupação com a sociedade, porém se manifestam de acordo com suas ideologias, os TTs recebem doações de pessoas físicas quanto de empresas, essas instituições podem ser classificadas como, *Academic (or universities without students)*¹⁸; *contract researchers*¹⁹; *advocacy tanks*²⁰/ de defesa de interesses; *party think tanks*²¹.

Os *think tanks*, tanto acadêmicos como os de pesquisa por contrato, atuam de maneira semelhante ao buscar pesquisadores renomados como, por exemplo, doutores com prestígio para que as pesquisas sejam expostas e que obtenham bons resultados com as divulgações das

¹⁸ Acadêmicos (ou universidade sem alunos).

¹⁹ Pesquisa de contrato.

²⁰ Centros ideológicos

²¹ *Think Tanks* de partidos políticos.

mesmas, e que gere confiabilidade para os leitores e a sociedade, o que divergi uma da outra são suas formas de financiamento. Friderichs (2019) destaca que os *think tanks* acadêmicos costumam ser financiados por uma combinação de fundações, corporações e indivíduos. Por outro lado, os *think tanks* de pesquisa por contrato, em sua maioria, obtêm financiamento principalmente por meio de contratos estabelecidos com agências governamentais. Essa distinção nas fontes de financiamento ressalta as diferentes dinâmicas de apoio financeiro que esses tipos de *think tanks* experimentam, o que pode influenciar suas agendas, focos de pesquisa e, em última análise, suas contribuições para o debate público e político.

Os *TTs Advocacy Tanks* e os *Party Think Tanks* são similares, no qual os *Advocacy Tanks* possuem pesquisas com diferentes interesses que não necessariamente irá seguir uma lógica acadêmica, já que seus adeptos não se interessam necessariamente em seguir métodos científicos em suas pesquisas. Já os *Party Think Tanks*, que são financiados por partidos políticos e pelas pessoas que defendem suas ideias, devem respeitar as regras estipuladas pelo partido.

Segundo Casimiro (2016) e Friderichs (2019), os *TTs Advocacy* possuem formas de disseminar suas ideologias neoliberais, no qual semeiam várias formas de divulgação de suas pesquisas, adequando a complexidade de acordo com o público que será direcionado a pesquisa e ampliando a exposição em eventos com distintos argumentos para as políticas públicas. Esses *TTs* podem assumir diferentes posições ideológicas de direita até mesmo de esquerda.

Os *think tanks* surgem para atender à necessidade da população de encontrar em algumas instituições interpretações que antes não eram amplamente divulgadas. Enquanto a classe dominante busca minar os direitos conquistados por meio de lutas sociais, também busca neutralizar o papel do ator social. Isso ocorre por meio de aparelhos privados de hegemonia e dos meios midiáticos, transformando as relações sociais e convertendo o trabalhador militante em um voluntário passivo. Para que o trabalhador possa efetivar sua atuação, é crucial neutralizar essas formas de dominação, possibilitando assim uma participação mais consciente e ativa na construção e defesa de seus direitos.

Segundo Casimiro (2016) e Denise Gros (2002) o capitalismo está em constante desenvolvimento, com isso a riqueza fica concentrada nas mãos de poucos, fazendo com que os detentores de poder criem um mundo à parte, um mundo no qual é exposta uma educação de qualidade, polícia privada, saúde, previdência privada e outras questões, enquanto os pobres ou menos favorecidos não tem direito nem as políticas públicas que sofrem uma grande redução

com a força dos *Think Tanks*. Os think tanks neoliberais promovem um discurso centrado na autonomia e independência, iludindo os trabalhadores com a ideia de que têm a possibilidade de fazer escolhas para alcançar uma melhor condição de vida. Esse discurso influencia e legitima a narrativa do empreendedorismo, promovendo a ideia de construir uma empresa e ter horários próprios para o trabalho, criando uma ilusão de liberdade. Essa abordagem busca, assim, moldar a percepção dos trabalhadores, fomentando a crença na capacidade individual de sucesso, enquanto muitas vezes oculta as desigualdades estruturais e os obstáculos sistêmicos que podem impactar significativamente as oportunidades de prosperidade para muitos.

Em contraste às conclusões de Casimiro (2016), a abordagem de Denise Gros (2002) destaca que os institutos liberais no Brasil servem para esclarecer e promover situações que visam a conquista direta de adeptos dessas ideologias neoliberais, para isso, eles usam de suas formas de divulgação para buscar o convencimento dos leitores e ouvintes dos eventos. Junto a isso, o IL iniciou publicações no ano de 1991, com periodicidade mensal, e desde então efetiva suas ideologias incorporando o neoliberalismo como única forma de mudança social, a partir de discursos bem estruturados para justificar e legitimar seus ideais para seus adeptos e filiados.

Nesse cenário, os *think tanks* exercem uma notável influência ao difundirem ideais que conquistam a adesão significativa da sociedade. Um exemplo ilustrativo é a proposta de substituir a educação pública pela privada como solução para o sistema educacional brasileiro. Defendendo a liberdade de escolha dos pais na seleção da escola para seus filhos, esses *think tanks* promovem a ideia de um sistema educacional concorrencial. Casimiro (2016) destaca, por exemplo, a visão do Instituto Liberal, que argumenta que o Estado é ineficaz na administração de recursos, especialmente no contexto educacional. Sob essa perspectiva, propõe-se que o Estado forneça apenas recursos, não assumindo diretamente a prestação dos serviços educacionais. A sugestão inclui o uso de vales educativos, visando garantir qualidade de ensino por meio da competição entre unidades escolares. Essas propostas têm sido disseminadas como alternativas ao modelo mais intervencionista do Estado na oferta direta de serviços educacionais.

A defesa da educação privada é algo que não apenas se restringe às escolas, mas vai além, assim, as universidades públicas também se tornam alvo, pois o IL dá ênfase na defesa de crédito educativo ao recomendar um ensino universitário pago nas universidades públicas e destacam pontos como a redução de professores e funcionários, além da transparência com os gastos nas pesquisas. Pontos que são justificados numa comparação entre universidades brasileira e universidades norte-americanas, em que, segundo a argumentação deles, as

primeiras teriam maior quantidade de gastos financeiros que as segundas. Segundo Casimiro (2016), a exaltação da liberdade é o que chama atenção dos defensores do IL que para os mesmos está diretamente relacionada com a ideia de escolha de melhores empregos, escolas, serviços, e sem contar na alternativa de poder selecionar produtos para o consumo individual em uma perspectiva mais ampla do que seria os direitos sociais e como poder obtê-los.

Para o neoliberalismo a culpa da desigualdade é do Estado, que intervém no livre mercado. Essa ideia da intervenção do Estado na economia seria apontada por eles como a principal responsável pelas questões sociais existentes no Brasil, esses males remetem a alguns pensadores do neoliberalismo como Von Mises e Hayek. Outro ponto que é expresso pelos neoliberais é a substituição de programas que foram criados pelo Estado, como por exemplo, habitação, saúde, educação, alimentação e seguro-desemprego para os que possuem renda inferior. Essas pessoas que são classificadas como classe muito baixa, seriam os beneficiários de um pagamento em dinheiro em substituição aos quesitos citados a cima, acredita que os benefícios criados pelo Estado seja desperdício de dinheiro público, a criação de uma renda mínima para os que não conseguiam nem o mínimo para sua própria sobrevivência, o que gera vários debates entre os liberais como por exemplo Hayek que acredita ser um erro dar um valor em dinheiro para os que não possuem estrutura para sobreviver, sendo contrário a obrigatoriedade do salário mínimo, pois ele expõe que os empregados nem sempre são merecedores.

De acordo com Casimiro (2016) e Denise Gros (2002), a educação é vista como mérito individual na visão do IL, com isso se percebe a importância da mesma, porém para outros autores ocorre a defesa de uma educação integralmente interligada com o social e o cultural de cada indivíduo das distintas classes sociais e que a única forma de superação é com uma educação de qualidade para os jovens de renda muito baixa, isso acontece com as desigualdades que gera uma competitividade entre esses jovens de classe alta e baixa, sem existência de igualdade de aprendizagem. Com isso percebe-se que os neoliberais não possuem consenso em relação a importância da educação para os indivíduos, porém é algo camuflado para que seus adeptos não percebam essas diferenças de oposições entre eles.

O IL apresenta alternativa para os programas de saúde, educação, previdência e habitação, sendo que o mesmo coloca os pontos negativos desses benefícios expondo que eles não são de qualidade e não são eficientes aos consumidores que não possuem direito a escolha de outros serviços, ou seja, sem ter a liberdade, dispondo que o papel do Estado não é buscar

uma igualdade e muito menos planejamento econômico, mas sim manter a ordem para que as leis sejam cumpridas.

Ainda segundo o autor, o IL é considerado um aparelho privado de hegemonia que congrega partes da classe burguesa, que essencialmente possui destaque em formar e educar quadros de intelectos da classe dominante, é perceptível que o IL se baseia em interesses específicos e seus principais financiadores com uma heterogeneidade de indústrias econômicas, seus principais representantes durante seus primeiros dez anos foram:

ALGOA Alumínios S/A, Samarco S/A, Mineração Brasileira Reunidas S/A- MBR, USIBA- Usina Siderúrgica da Bahia S/A, Siderúrgica Açonorte S/A, Olvebra S/A, Simens S/A, Localiza Rent a Car, VARIG S/A, Viação Aérea Rio Grandense, VASP S/A - Viação Aérea de São Paulo, MESBLA S/A, Construtora Norberto Odebrecht, Grupo Monteiro Aranha S/A e Grupo Eike Batista, entre muitos outros. (CASIMIRO, 2016, p. 251).

De acordo com Denise Gros (2002), o Instituto Liberal (IL) sustenta que questões como a situação de pobreza e a desigualdade social no Brasil estão diretamente ligadas à observância dos princípios, especialmente à interferência do Estado na vida econômica. Para o Instituto Liberal, essa intervenção estatal é apontada como a causa primordial dos problemas existentes, em contraposição à crítica ao próprio sistema econômico, que, segundo a perspectiva do IL, se desenvolve gerando miséria e, em alguns casos, excluindo parcelas da sociedade brasileira. Essa análise fundamenta a visão do Instituto Liberal de que a redução do papel do Estado na economia seria essencial para superar essas questões sociais.

A viabilidade acerca do projeto de reconfiguração do papel do Estado, nesse sentido a redefinição do Estado e sua representatividade acerca de sua garantia de condições básicas de cidadania. Nos princípios do IL, o conceito de cidadania é desprendido de sua percepção, na qual tenta neutralizar a concepção liberal de cidadania como forma de difusão ideológica dos seus valores, ideias em relação a compreensão de mundo. Com isso percebe-se a diferenciação do conceito de cidadania para os movimentos sociais, ou seja, é representado por lutas constantes que busca e defende a universalização dos direitos sociais em uma sociedade amplamente desigual.

Conforme Casimiro (2016) e Denise Gros (2002), no ano de 2013 o Instituto Liberal passou por reformulação que buscava ampliar seus campos de atuação, modificações em seus representantes quanto em seus conteúdos desenvolvidos e em suas formas de divulgação, a qual incorporou-se a tecnologia como uma ferramenta importante e com sua disseminação nos meios midiáticos, a diretoria foi ocupada por um representante reconhecido na mídia, o ex-colunista

da Revista Veja e também economista, Rodrigo Constantino, houve modificações na imagem do instituto liberal com a influência dos meios midiáticos e a representatividade dos colunistas, isso tudo com intuito de conseguir o maior número de seguidores com diferentes concepções de pensamento liberal ou conservadores.

Nessa perspectiva, o capitalismo se apropria do território e da força de trabalho para gerar mais-valia, que tem o alicerce dos meios midiáticos como forma de controlar a sociedade que se aliena com a ideologia capitalista em um contexto de influência neoliberal com relação ao Estado, no qual é disseminada por organizações que visam à lucratividade que eleva a ascensão das desigualdades.

Observa-se que após a crise de 1970 iniciou-se uma nova forma de se pensar o Estado, nova forma de controle social, o mundo do trabalho sofreu transformações e ocorreu o aumento das desigualdades entre gênero e classe sociais. Já no Brasil essas transformações se intensificaram, sobretudo na década de 90, aumentando, assim, a exploração da força do trabalho, ampliando a pobreza e concentração fundiária. Essas mudanças na configuração do campo e também no mundo do trabalho estão no bojo das políticas neoliberais.

Conforme Miguel (2018), a concepção de "liberdade" que se limita à ausência de interferência externa é apresentada como algo óbvio, sem ser sujeita a uma análise mais aprofundada. Nesse contexto, ele destaca a negligência em relação a tradições filosóficas alternativas que não adotam a dicotomia entre liberdade e igualdade, mas exploram outras como liberdade/dominação (onde o foco está na possível arbitrariedade da interferência) ou liberdade/necessidade (considerando a privação material como um obstáculo à autonomia humana). Nessas abordagens, a igualdade não é considerada antagonista da liberdade; pelo contrário, a igualdade de influência política e de recursos é vista como fundamental para a liberdade de todos. Miguel ressalta que sem esses elementos, a noção de "liberdade" pode se tornar vazia e ser utilizada para encobrir diversas formas de opressão.

Rocha (2018) e Friderichs (2019), abordam que alguns membros, não se sentindo representados pelas organizações existentes, passaram a reorganizar novas comunidades que os representassem. Entre os descontentes podemos citar, Hélio Beltrão Jr, criador da comunidade chamada Liberalismo verdadeiro, com o objetivo de reunir pessoas para criação de uma *Think Tanks* e posteriormente a fundação de uma *Think Tanks* ultraliberal, o Instituto Mises Brasil.

O Instituto Von Mises Brasil fundamenta sua defesa principalmente na individualização e em perspectivas orientadas pelo mercado. Sua abordagem sustenta que as relações, sejam elas

políticas, sociais ou culturais, são moldadas e determinadas pelas leis do mercado. A crença subjacente é que a estrutura do Estado, seja material ou institucional, deve submeter-se aos interesses determinados pelo mercado, especialmente no que diz respeito à condução da vida social e até mesmo à garantia dos direitos humanos. Essa visão reflete uma postura que enfatiza a primazia da autonomia individual e dos mecanismos de mercado na configuração da sociedade e na formulação de políticas.

Rocha (2018) a partir de Habermas (2018) aponta que os contrapúblicos digitais são grandes influenciadores para promover o surgimento da nova direita brasileira, que é responsável por disseminar discursos agressivos contra a hegemonia esquerdista com utilização de uma forma de discurso mais acessível e mais popularizado no qual defende o capitalismo de livre mercado que Bernardo Santoro idealiza as ideias liberais que expõe o liberalismo como defensor dos pobres. A implantação da ideologia neoliberal ataca diretamente as ideias defendidas pela esquerda, porém enfrentou resistência dos grupos de esquerda juntamente com o PT.

Já nos anos de 2011 e 2012, momento marcado por vários escândalos em torno da Petrobrás, começaram a reunir adeptos sob a justificativa do combate da impunidade e a corrupção no Brasil, presentes no governo de Dilma, esses movimentos surgiam com apoio de representantes relacionados à comissão nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a ordem dos advogados do Brasil (OAB). Essas manifestações de 2011 buscavam a aprovação da lei da ficha limpa para os governantes, ou seja, não era necessariamente um movimento contra o governo de Dilma e ao PT, já em 2012 os protestos buscavam punição para os corruptos da política.

Rocha (2018), apontou que no ano de 2013, as manifestações tiveram como principal liderança o empresário e admirador do regime militar Marcelo Reis, o mesmo era proprietário de um grupo no Facebook, criado em 2010, com o nome de Revoltados Online. Essa comunidade passou a se relacionar com os contrapúblicos digitais que estão diretamente ligados com o surgimento da nova direita brasileira. Dentro desse cenário os anos de 2011 e 2012 foram marcados pelas manifestações que demonstravam as inconformidades com a corrupção dos políticos e com o PT, porém esses protestos ganharam um caráter agressivo. Já no ano de 2013, as manifestações que até o momento possuíam pautas de esquerda, começaram a perder espaço para reivindicações advindas de grupos de direita.

Nessa ótica, os protestos desempenharam um papel significativo na consolidação das novas direitas, com a participação direta dos contrapúblicos digitais que promoviam

sentimentos de aversão ao PT e ao governo de Dilma por meio de discursos anticorrupção e antipetistas. Esses contrapúblicos digitais, por meio das plataformas online, desempenharam um papel crucial ao estimular o ódio e consolidar posições políticas contrárias ao partido e à gestão em questão.

Em 2011 e 2012 Marcelo Reis ²² organizou manifestações contra o governo de Lula e contra a corrupção em São Paulo e Brasília, com destaque para o ano de 2012 no qual o mesmo planejou protestos contra Dilma. Já em 2013, organizou um protesto contra Lula, no qual possuía faixas que estava escrito “Lula, o câncer do Brasil”. Os ultraliberais defendiam que a solução para os problemas seria as reformas pró-mercado, enquanto para Marcelo Reis, uma intervenção militar.

As manifestações de 2013 reuniram muitas pessoas que defendiam os movimentos de direita e alegavam a não aceitação da corrupção no país que foi um dos fatores responsável pela diminuição da popularidade da ex-presidente Dilma Rousseff e como consequência a crise do lulismo.

De acordo com Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015), as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte tiveram início em 6 de junho, inicialmente reunindo duas mil pessoas. No dia seguinte, o número de manifestantes aumentou para cinco mil, atingindo 10 mil no dia 11 e sete mil no dia 13, todos esses eventos marcados por uma intensa repressão policial. No dia 13, a repressão foi particularmente violenta, resultando em 130 detidos e diversos feridos, incluindo jornalistas. A partir desse ponto, as manifestações ganharam uma dimensão nacional, sendo politicamente destacadas pela comparação com os ciclos de protestos das Diretas Já e Fora Collor. Após a repressão em 13 de junho, a corrupção emergiu como um tema central nas ruas e nas redes sociais. Em 15 de junho, durante a Copa das Confederações, a presidente Dilma foi vaiada no estádio Mané Garrincha, no Distrito Federal. Em 20 de junho de 2013, uma pesquisa do Datafolha revelou que mais de 50% dos manifestantes das Jornadas de Junho estavam protestando contra a corrupção, enquanto apenas 32% apoiavam a redução da tarifa.

²² GOUVEIA, Lais. **Líder dos Revoltados é expulso da Paulista e chamado de comunista - Vermelho.** Vermelho. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2016/03/18/lider-dos-revoltados-e-expulso-da-paulista-e-chamado-de-comunista/>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

De acordo com Rocha (2018) nesse momento o empresário e também deputado por São Paulo, Paulo Batista foi responsável por unir todos participantes dos contrapúblicos ultraliberais que estavam relacionados com o surgimento do Líber. Já em 2014 essas organizações ultraliberais foram impulsionadoras da campanha que tentava derrotar Dilma Rousseff, a partir da disseminação de material sobre os escândalos do “petrolão”, porém, mesmo com uma forte campanha em torno da corrupção existente em seu governo, Dilma venceu as eleições. A vitória da candidata do Partido do Trabalhadores rapidamente mobilizou uma campanha por parte dos contrapúblicos neoliberais a partir da suposição de que havia ocorrido uma fraude nas eleições, o que influenciou a formulação de uma série de mobilizações com o intuito de protestar contra o mandato de Dilma e a esquerda.

Conforme destacado por Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015, p. 201), os protestos de 2014 foram convocados em um cenário de extrema polarização no debate eleitoral nacional entre o PT e o PSDB, alimentado por denúncias de corrupção relacionadas ao desvio de recursos da Petrobras. Três manifestações foram organizadas antes das eleições de 26 de outubro, oficialmente com o intuito principal de apoiar a candidatura de Aécio Neves, que naquele momento se tornou o ponto central das forças oposicionistas. Embora os protestos tenham tido seu epicentro em São Paulo, também se estenderam por diversas outras cidades brasileiras. Durante esse período, evidenciou-se preconceito contra os nordestinos e críticas ao programa Bolsa Família, propagados amplamente nas redes sociais, carregando uma nítida conotação de ódio de classe.

Segundo Rocha (2018), nessa perspectiva, Paulo Batista promoveu manifestações contra a presidente e a esquerda. O tema principal dessas manifestações passava a ser diretamente o impeachment de Dilma e inseria em suas fileiras figuras que passaram a ser determinantes nas novas direitas nos anos posteriores como: Olavo de Carvalho, os representantes da militância ultraliberais, grupos intervencionistas, membros do ROL de Marcelo Reis, além de figuras relacionadas a música como o cantor Lobão e também a atuação de membros da família Bolsonaro.

No entendimento de Rocha (2018), os protestos que estavam acontecendo na Avenida Paulista e contavam com a organização dos Revoltados Online, foram bem-sucedidos, encorajando os mesmos a planejar novos protestos, um desses atos foi marcado para o dia 15 de novembro e marcou a ressurgência do Movimento Brasil Livre, uma página no Facebook criada por Fábio Ostermann durante os protestos de 2013, visava substituir o movimento Renovação Liberal que não foi bem-sucedido, criado por Renan Santos.

Os protestos de 2015, liderados pelo Movimento Brasil Livre, Vem para Rua e Revoltados Online, centraram-se no apoio às investigações da Operação Lava Jato. Em 8 de março, a presidente Dilma Rousseff buscou legitimar as medidas econômicas em um discurso transmitido nacionalmente, desencadeando um "panelaço" em áreas nobres de algumas capitais, especialmente em São Paulo, segundo Tatagiba; Trindade; Teixeira (2015) a fundação Perseu Abramo comparou os perfis dos manifestantes nos protestos de 13 de março (pró-governo) e 15 de março (contra o governo), observando divergências e convergências em temas como a existência de Deus, prisão de mulheres que abortam, adoção por casais LGBTQIA+ e pena de morte. O contexto revelou a complexidade das posições, evidenciando discordâncias significativas, especialmente no ato de 12 de abril, que apresentou uma postura mais liberal. Esses eventos refletiram não apenas divergências políticas, mas também a diversidade de valores presentes na sociedade brasileira.

Como foi perceptível a esquerda, o PT e o governo de Dilma Rousseff sofreram constantemente com revoltas, manifestações e protestos que batiam de frente com as propostas defendidas pela esquerda, pelo PT e pela presidente. Com isso em abril de 2015, ocorreu uma manifestação contra Dilma Rousseff que defendia o impeachment da mesma com apoio do MBL e o ROL, seria uma marcha de São Paulo a Brasília conhecida como marcha da liberdade, no qual o Movimento Vem para Rua começa a apoiar o impeachment da presidente a partir do ano de 2011 a 2014, quando as contas do governo passaram a ser contestadas.

No dia 31 de agosto de 2016, foi aprovada a remoção da presidente Dilma Rousseff, com isso as manifestações contra Dilma, às campanhas pró-impeachment obtiveram resultado positivo com o apoio da nova direita, no entanto o processo de consolidação dessa nova direita ainda estava em curso, com a introdução de literaturas de direita e a formação de grupos Livres, o Partido Novo e os militares que possuem representantes como a família do Bolsonaro.

De acordo com Rocha (2018), o Grupo Editorial Record publicou livros elevando as ideologias de direita, no qual expuseram que ocorreu um crescimento do pensamento liberal no qual mostraram que os defensores da direita também leem, ao contrário do que era defendido por Luciana Villas-Boas, de que os esquerdistas é quem realmente lê e não a direita.

Segundo Rocha (2018), a nova direita brasileira moldou sua presença no mercado editorial, em revistas, jornais conceituados e programas de televisão. Artistas e humoristas aproveitaram esses meios para direcionar críticas frequentes ao PT e à esquerda, destacando o fenômeno cultural do "politicamente incorreto", influenciado pela crise do lulismo. Exemplos

incluem o músico Lobão e o humorista Danilo Gentilli, apresentador do programa "The Noite" no SBT, que lançou o livro "Politicamente Incorreto" em 2012. Posteriormente, vários humoristas e artistas passaram a satirizar o presidente Lula e, mais tarde, a presidenta Dilma Rousseff. Contudo, as críticas centraram-se principalmente nos nordestinos e nas mulheres, exacerbando o machismo.

Os liberais conservadores começam a ganhar espaço na composição das novas direitas na medida em que movimentos feministas, LGBT e outros que estejam diretamente relacionados aos direitos humanos começaram a obter conquistas e destaques, a onda conservadora que está diretamente relacionada com algumas lideranças evangélicas, esse movimento passa a ter um maior destaque com a eleição de Lula em 2002.

Tabela 2- Ideologias da esquerda X direita

Esquerda	Direita
A intervenção econômica deve se dar sempre que se julgar necessário.	O Estado deve se abster de questões econômicas já que o mercado se auto-regula como se houvesse uma "mão invisível" orientando esse processo.
A pobreza se dá, sobretudo, por desigualdade de oportunidades. Enquanto problema social, pode ser atacado via programas sociais ou superação da ordem no caso de uma esquerda mais radical.	A pobreza em sua essência é tida como falta de esforço. Dessa forma, sempre existirão ricos e pobres, pessoas mais e menos esforçadas.
A criminalidade pode ser explicada, essencialmente, pela inserção em um contexto social que oferece desigualdade de oportunidades.	A criminalidade é fruto de escolha dos indivíduos, ou seja, de responsabilidade individual dos sujeitos envolvidos.
A carga tributária deve ser extensiva para financiar o Estado e oferecer serviços de qualidade para os que precisarem.	Os tributos são maléficos pois sobrecarregam as empresas e desfavorecem o crescimento econômico.
Defesa de uma ampla legislação trabalhista que normatize o mundo do trabalho.	O mercado de trabalho deve ser desregulado visto que o mercado auto-regula as relações trabalhistas.
Os serviços, sobretudo aqueles estratégicos, devem ser oferecidos pelo Estado.	Buscando diminuir o tamanho do Estado uma boa estratégia é passar para a iniciativa privada serviços que são estatais (privatização).

Fonte: (SILVA 2020, p.25 apud SCHEEFFER (2014, p. 7).

Tabela 3- ideologias defendidas na atualidade esquerda e direita

Esquerda	Direita
Descriminalização do aborto.	Aborto ilegal
Liberação do uso da maconha	Uso ilegal da maconha.
Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo.	Proibição da união matrimonial de duas pessoas do mesmo sexo.
Defesa de ações afirmativas para grupos considerados desprivilegiados.	Ações afirmativas tidas como medidas discriminatórias.
Prioridade para a problemática ambiental.	O uso restrito da natureza impede o crescimento econômico.
Religião menos importante	Religião mais importante.

Fonte: (SILVA 2020, p.27 apud SCHEEFFER (2014, p. 15).

É perceptível as diferenças em relação à esquerda e direita, o que acaba acomodando novas questões e padrões de competitividade, o fundamentalismo religioso defende novas ideias de mundo, conforme Miguel (2018), o fundamentalismo é caracterizado pela adesão a uma verdade revelada que exclui qualquer possibilidade de debate. Presentes na oposição a temas como o direito ao aborto, concepções inclusivas da entidade familiar e políticas de combate à homofobia, os parlamentares fundamentalistas estabelecem alianças com diversas forças conservadoras no Congresso, fortalecendo suas posições. Além do âmbito legislativo, líderes religiosos com influência política, como Silas Malafaia, atuam como porta-vozes dessa agenda, contribuindo para manter o rebanho disciplinado e imune a discursos contraditórios. A menção a Malafaia é relevante para destacar que o fundamentalismo não se resume necessariamente ao fanatismo, sendo um discurso utilizado estrategicamente por seus líderes. Esse discurso não apenas mantém a disciplina entre os seguidores, mas também fornece aos líderes um capital significativo, uma base popular com a qual podem negociar. O controle de emissoras de rádio e televisão completa esse quadro, consolidando os líderes religiosos como os novos "coronéis" da política brasileira.

A "nova direita cristã" caracteriza-se pela adesão a determinados "princípios" considerados verdades, o que a leva a adotar uma postura contrária ao mundo moderno. Grupos que compõem essa vertente estão focados em questões morais e sociais, buscando instaurar uma cultura cristã na sociedade, conforme apontado por Silva (2020). No contexto brasileiro, figuras como Marco Feliciano e Jair Bolsonaro emergem como representantes de uma direita conservadora que, em defesa da família, rejeita tudo o que, direta ou indiretamente, contradiz a

tradição e o discurso religioso. Essa postura justifica iniciativas como a proposta de "cura gay" e a oposição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Conforme destacado por Almeida (2001), para a direita, a homossexualidade é vista de maneira negativa, pois abala os valores fundamentais da vida social. Já para a esquerda, os direitos dos homossexuais devem ser reconhecidos, considerando que suas opções sexuais não causam danos a terceiros. Temas associados a essa ideologia incluem a não aceitação do aborto e a oposição à legalização da maconha.

Um ponto crucial a se considerar é que a existência da esquerda e da direita é interdependente, uma vez que ambas coexistem simultaneamente. Segundo Bobbio (1995), ambas as partes persistem em existir ao mesmo tempo e encontram sua própria razão de ser na existência da outra, mesmo quando uma está ascendendo enquanto a outra está em declínio. Para compreender o Bolsonarismo e o surgimento das novas direitas no Brasil, é fundamental, em primeiro lugar, compreender como a direita e a esquerda se configuraram na esfera política brasileira, levando em consideração especialmente a classificação dos partidos políticos tradicionais, conforme destacado por Silva (2020).

Esse tópico Crescimento do neoliberalismo e desenvolvimento da Nova Direita buscou apresentar o crescimento do neoliberalismo, a partir das manifestações de 2013 e como o mesmo contribuiu para o surgimento/fortalecimento e repercussão das novas direitas com alianças neoliberais, conservadoras/reacionárias e religiosas, em seguida será apresentado como se desenvolveu a aliança bolsonarista e como irá repercutir sobre a sociedade.

1.5 A Hegemonia bolsonarista e uma guerra cultural no Brasil

Jair Bolsonaro, capitão de reserva do Exército, traz consigo uma formação pautada no ambiente militar, combinando, em suas posições políticas, a defesa do ultraliberalismo econômico com manifestações de racismo, machismo, homofobia, militarismo, misoginia, xenofobia e apoio a práticas de tortura e à ditadura. Essa combinação de ideias tem gerado intensos debates e controvérsias, tanto no cenário político quanto nas redes sociais, onde as opiniões a favor e contra Bolsonaro se manifestam de forma veemente. Cunha (2019) destaca as mobilizações antifascistas, incluindo a campanha #elenão liderada por mulheres, e aponta relações com o fascismo histórico e figuras políticas contemporâneas, como Donald Trump nos Estados Unidos. Essas dinâmicas revelam as complexidades e polarizações presentes no ambiente político brasileiro.

Segundo Silva (2020) e Cunha (2019), Jair Bolsonaro iniciou sua carreira política sendo eleito pela primeira vez como deputado federal em 1990 pelo Partido Democrático Cristão (PDC). Desde então, o político conservador conquistou seguidores, observando um aumento significativo no número de votos em suas candidaturas subsequentes. Em 1995, Bolsonaro trocou de partido, filiando-se ao Partido Progressista Brasileiro (PPB). Em 1998, sua decisão de concorrer à presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara gerou uma intensa polêmica, dada a natureza de seus posicionamentos sobre o tema. Esses eventos marcaram o início de uma trajetória política que culminaria em sua eleição como presidente do Brasil.

Com uma trajetória de 27 anos na vida pública e oito mandatos como deputado federal, Jair Bolsonaro acumulou ao longo de sua carreira política diversas polêmicas. Suas posições controversas incluíram a defesa do retorno do regime militar e o fechamento temporário do Congresso, além do apoio à pena de morte, prisão perpétua e regime de trabalhos forçados para condenados. Bolsonaro também defendeu a redução da maioridade penal para 16 anos e propôs um rígido controle da natalidade como uma forma eficaz de combate à miséria e à violência. Além disso, ele expressou críticas às políticas de memória relacionadas aos desaparecidos na ditadura militar, chegando a mandar confeccionar cartazes com a frase "quem procura osso é cachorro" (SILVA, 2020). Essas posturas contribuíram para a construção de sua imagem pública ao longo dos anos.

Jair Bolsonaro era pertencente ao Partido Progressista, porém obtinha críticas sobre sua falta de espaço para defender o que ele acreditava como verdade e sua vontade de ser presidente da República. Já no ano de 2016, Bolsonaro e seus filhos filiam-se ao Partido Social Cristão (PSC), um partido de direita conservadora que abre espaço para seus discursos. No ano de 2017, Bolsonaro deixa o PSC por falta de entendimento entre os representantes do mesmo e em 2018 se associa com o Partido Social Liberal (PSL) que possui representantes defensores de militares ultraliberais conservadores.

Ao longo de sua carreira política, Bolsonaro transitou por oito partidos diferentes: PDC (1988-1993); PPR (1993-1995); PPB (1995-2003); PTB (2003-2005); PFL (2005); PP (2005-2016); PSC (2016); PSL (2018) e PL (2021). Em 2017, ao anunciar sua candidatura presidencial, Bolsonaro deixou o Partido Social Cristão (PSC), filiação que mantinha desde 2016. Após flertar com outras legendas, ele migrou para o Partido Social Liberal (PSL) no início de 2018. O PSL, até então uma legenda pequena e pouco conhecida, acolheu todas as exigências e estruturas necessárias para sua pré-candidatura (SILVA, 2020). Essa mudança partidária foi estratégica para o desenvolvimento de sua campanha presidencial.

Em 2018, Jair Bolsonaro se destacou como candidato à presidência, emergindo em meio à crise do lulismo, cujo ápice foi a prisão de Lula. Durante o período eleitoral, a crise se intensificou com especulações sobre a possível candidatura de Lula, desencadeando diversas manifestações online. Apesar do perfil autoritário e da defesa de pautas com características antidemocráticas, Bolsonaro angariou um expressivo apoio popular, alcançando o segundo turno e levantando questionamentos sobre como um candidato com tais características obteve uma votação recorde. Esse fenômeno destaca o êxito das alianças formadas pelas novas direitas.

O "efeito Bolsonaro" também se refletiu no Partido Social Liberal (PSL), sua legenda, que se tornou a segunda maior bancada na Câmara, com 52 parlamentares, ficando apenas atrás do Partido dos Trabalhadores (PT), que possuía 56. Nas assembleias estaduais, o PSL registrou um crescimento significativo, multiplicando por quatro o número de parlamentares, tornando-se o partido que mais expandiu sua representação em todo o país e a terceira maior legenda em número de representantes nos estados. Ademais, o PSL conquistou a maioria nas assembleias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Espírito Santo (SILVA, 2020).

Diante dessa análise, Bolsonaro, em suas falas e entrevistas realizava ataques aos direitos arduamente conquistados com o processo de democratização, mesclando simplificações ultraliberais com um discurso punitivista e abertamente contrário as minorias, ele alinhava-se a outras lideranças associadas ao nacional-populismo como Trump, Erdogan e Orban, o que demonstrava que existia uma interligação entre seus discursos e estratégias. Cunha (2019) destaca a importância de situar fenômenos como o bolsonarismo em uma perspectiva histórico-mundial, a fim de ir além de relações superficiais. Essa abordagem visa contextualizar esses eventos na trajetória da modernidade capitalista, considerando seu lugar no cenário periférico brasileiro.

Assim, a ascensão de novos grupos políticos, como as novas direitas lideradas por Bolsonaro, revela uma significativa influência nos meios midiáticos. Esses meios são habilmente utilizados para moldar e relativizar conceitos sobre a verdade. Surge, então, a indagação sobre como um candidato de ultradireita, defensor de ideais antidemocráticos, consegue criar o fenômeno denominado Bolsonarismo, cuja consolidação se baseia na relativização da verdade como elemento crucial. A manipulação de informações e a influência de interesses específicos exercem um poder significativo sobre uma população desiludida com a política brasileira, resultando na exposição seletiva de notícias nos meios midiáticos. Esse processo, marcado pela demonização dos opositores, emerge como fator fundamental para o êxito do Bolsonarismo.

Conforme Ângela Alonso (2021), o Bolsonarismo pode ser compreendido como uma comunidade moral, apresentando uma interpretação própria da realidade socioeconômica e política, o que resulta na polarização entre concepções de "bem" e "mal". De acordo com dados do Datafolha (2022), 25% da população brasileira aprovava o ex-governo, destacando a capacidade do bolsonarismo em mobilizar milhares de pessoas tanto nas ruas como nas urnas brasileiras.

Jair Bolsonaro conquistou uma vitória expressiva nas eleições de 2018. Desde o início de seu governo, adotou uma estratégia que se caracterizava pela renegação das intermediações democráticas, buscando a radicalização como meio de alcançar seus objetivos. Ao mesmo tempo o governo parecia não possuir um caminho programático linear, alterando propostas e recuos, o que gerava uma constante sensação de improbabilidade, ao mesmo tempo, os grupos que constituíam sua aliança replicavam esses procedimentos, confiantes da genialidade do líder, o que fazia com que revezes e recuos fossem entendidos com estratégias de que compreender todo o jogo.

Segundo Boas (2020) o que era defendida para a não existência de um fascismo no Brasil, era a ausência de um representante para conseguir adeptos desses ideais.

Até o início do governo Bolsonaro eram poucos aqueles que reconheciam no Brasil traços de um sistema político com características fascistas, a despeito da desigualdade abissal da sociedade brasileira, dos índices crescentes de violência e encarceramento em massa, do genocídio da população negra periférica, e do crescente apelo pela militarização da segurança pública e de outros setores, como a educação. A palavra “fascista” era utilizada no senso comum como adjetivo pejorativo contra políticos conservadores, mas havia bastante relutância em caracterizar o regime político brasileiro como fascista ou, ao menos, reconhecer traços crescentes do fascismo no Brasil. (BOAS, 2020, p.1).

O termo "bolsonarismo" tornou-se mais proeminente após as eleições de outubro de 2018, marcando o início do governo de Jair Bolsonaro em janeiro de 2019. Antes dessa data, pouco se falava em bolsonarismo ou bolsonaristas. Os opositores, por sua vez, referiam-se aos eleitores de Bolsonaro como "bolsominions", em tom de deboche. Essa denominação não era inicialmente um objeto de estudo, mas sim um símbolo observado na ascensão política da direita e do conservadorismo.

De acordo com Romano (2021), mesmo após o retorno dos militares às casernas em 1985, o lastro político-cultural que animava e mobilizava atores e movimentos durante a transição democrática continuou presente. O bolsonarismo, portanto, é considerado a face contemporânea de uma cultura política que existe há bastante tempo, mantendo algumas especificidades, mas carregando consigo marcas duradouras de sua filiação histórica.

Segundo Araújo e Carvalho (2020), o Bolsonarismo surge como um fenômeno sociopolítico no fim da segunda década do século XXI, resultado da convergência de forças da direita e da extrema-direita no Brasil. Esta ideologia vai além da figura central de Jair Bolsonaro, incorporando significados sociopolíticos que resgatam marcas antigas da formação social brasileira, permeadas por conservadorismo, machismo, racismo, misoginia e discriminações.

O Bolsonarismo emerge em um contexto de crise, avanço das direitas e hostilidade direcionada à esquerda brasileira. Trata-se de uma organização sociopolítica de extrema-direita que articula ultraliberalismo dependente, militarismo autoritário, elementos de violência justicialista, reacionarismo político-cultural e moralismo religioso.

Essa composição de alto risco, segundo as autoras, coloca o Brasil em uma condição de subordinação aos interesses dos países centrais, especialmente dos Estados Unidos, estabelecendo um novo colonialismo. Simultaneamente, o Bolsonarismo mergulha o país no obscurantismo, desmantelando controles democráticos e retomando uma marcha autoritária que busca impor, em matizes contemporâneas, valores e práticas associadas ao fascismo.

Com as insatisfações criadas com o governo do PT, Jair Bolsonaro com todas suas ideologias, perseguições aos negros, lésbicas, homossexuais, desrespeito aos direitos humanos, a luta indígena, camponesa, sindical e estudantil, assim como a defesa da ditadura militar e aos militares, começa a ser visto como o salvador da pátria perante os insatisfeitos com o governo petista e pelos supostos defensores da família, dos valores e da pátria.

De acordo com Solano (2018), a repulsa ao Partido dos Trabalhadores (PT) tem uma de suas raízes na reorganização social. O fato de o PT ter assumido o papel de partido no governo durante um ciclo extenso gradualmente o afastou das camadas populares, resultando em novas preferências eleitorais em algumas dessas novas classes consumidoras que, frequentemente, se autodenominam como novas classes médias e se afastam da identificação com o petismo.

Nesse sentido, ocorre o processo de neutralização da pluralidade do pensamento do presidente atual, que faz com que seus aliados e defensores o sigam até quando faz exposições alarmantes e questionáveis.

O revisionismo, antes restrito aos quartéis, hoje é defendido por autoridades ministeriais de supremos tribunais federais, por políticos no parlamento, etc. Enquanto legados brasileiros conhecidos internacionalmente, como a *Pedagogia do Oprimido*, sistematizada por Paulo Freire, se tornam alvos de movimentos de criminalização do debate em torno do projeto Escola Sem Partido. (BOAS, 2020, p.4).

O ex-presidente aproxima-se de retóricas que tenta fazer modificações na educação brasileira, no qual, possuem como eixo a tentativa de controle de seu conteúdo, dentro dessa lógica busca o controle da educação escolar e das universidades, criminaliza a liberdade de cátedra e alinha-se aos debates propostos pelo Escola Sem Partido. Diante da resistência de professores e alunos e da inviabilidade constitucional de controlar a educação respondia através da desestabilização, ao qual, os orçamentos das universidades públicas passavam a ser contingenciados constantemente, ao mesmo tempo em que, realizava ataques quanto a sua importância e função ao qual fica conhecida como local de balburdia. Nesse sentido ao alegar que a universidade é um espaço de desordem, com plantações de maconha, produção de drogas sintéticas, mesmo sem apresentar provas concretas dessas acusações e ainda desconsiderando dados estatísticos que comprovam a importâncias das universidades públicas e suas importâncias para a sociedade como um todo, pois as mesmas são responsável por 90% do conhecimento científico produzido no país, o ex-presidente fortalecia uma política de imobilidade e tentativa de desfuncionalizar instituições. Com isso,

A resposta das universidades veio por meio de campanhas nas redes sociais, manifestos das associações representativas como a Andifes, e sindicais, como Andes, paralisações nacionais, realização de mostras científicas e de extensão em diversos espaços públicos nas cidades, e rejeição dos Conselhos Superiores da maioria das universidades à proposta de gestão e financiamento chamada pelo MEC de “Future-se”. Veio desse segmento a primeira grande manifestação de repúdio ao governo, por meio do protesto contra os cortes no orçamento das universidades federais. (BOAS, 2020, p.10).

Surgem organizações populares entre os institutos federais e as universidades com intuito defender causas como a reforma agrária e a agroecologia, e as campanhas contra o uso de agrotóxicos na agricultura, com esses protestos recaíram ações mais violentas dos poderes superiores, o executivo federal faz cortes de orçamentos a exemplo do Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (Pronera) com objetivo de um rompimento das ligações entre as universidades e os movimentos sociais, estudantes, trabalhadores e professores, com intuito de quebrar essa união democrática e as defesas e seus direitos conquistados arduamente.

A agenda Bolsonaroista marginalizou e buscou conter o crescimento e ampliação das lutas emancipatória feministas e antirracista, ao mesmo tempo que propagandeava a militarização de escolas públicas. A educação pública no país inteiro tinha sofrido transformações nos fatores relacionados a inclusão social e desenvolvimento econômico, que passaram a abranger os campos universitários e os institutos federais. As quais pode-se denominar de um processo de democratização do acesso ao ensino superior e técnico brasileiro.

Antes do ciclo de expansão iniciado em 2003 a maioria dos estudantes era composta por brancos oriundos da elite e da classe média, enquanto, atualmente, os dados atestam a dimensão da democratização do acesso ao ensino público superior: 70% são de família de baixa renda; 60,4% concluíram o ensino médio em escola pública; 51,2% são negros; 62,7% são filhos de mães que não tem curso superior. (BOAS, 2020, p.10-11).

O Bolsonarismo é um alinhamento ideológico da nova direita brasileira, que tem como base as colocações e falas do seu líder político Jair Messias Bolsonaro, segundo Rennó (2022) esse grupo ideológico possui aproximadamente 20% de adeptos que são defensores de seus princípios tradicionalistas, sendo eles, família, pátria e propriedade, atraindo apoiadores que estavam inconformados com as ideias defendidas e impostas pela esquerda o Partido dos Trabalhadores (PT).

É um candidato que coleciona manifestações polêmicas que poderiam ter destruído sua trajetória política, como sua defesa a ditadura militar, alegar que o ex-presidente Fernando Henrique merecia ser fuzilado, chamar uma jornalista de vagabunda, falar a uma deputada estadual que não a estupraria porque a mesma não merecia, os negros quilombolas também sofreram com as colocações de Bolsonaro como por exemplo que os mesmos não serviam nem para a procriação, além de inúmeras frases preconceituosas e homofóbicas.

Segundo Rennó (2022), o bolsonarismo é caracterizado por reações culturais contrárias aos avanços sociais progressistas, especialmente em questões relacionadas aos direitos de gênero e da comunidade LGBTQIA+. Além disso, o movimento se destaca por defender políticas rigorosas de combate ao crime e à corrupção, enquanto critica abordagens de políticas sociais voltadas para a reversão de desigualdades, muitas vezes baseadas em ações afirmativas.

Jair Bolsonaro se destacou com seus discursos, suas polêmicas e com vieses autoritários que constantemente fez gerar dúvidas sobre a possibilidade de sua eleição, acreditava-se que ele não conseguiria esconder o seu despreparo nos debates e entrevistas, e como consequência ocorreria uma diminuição na quantidade de votos, as pessoas não acreditariam que seria uma boa opção para ser presidente da república em um período de crise econômica e desemprego.

Para Silva (2020), Boas (2020), Moura e Carbellini (2019) quando se falava em economia Bolsonaro expunha que perguntas sobre tema deveriam ser feitas ao seu assessor econômico e futuro ministro Paulo Guedes. Guedes ligado as correntes neoliberais possuiria opiniões distintas das expostas durante a trajetória do futuro presidente, contudo, Bolsonaro alegava, durante a campanha, que iriam entrar em um acordo para que essa relação obtivesse sucesso. Em uma entrevista a Globo News com perguntas com enfoque sobre economia, ao ser

indagado sobre quais os impostos seriam reduzidos, o candidato faz uma indagação sobre e diz (...) “se você me perguntar sobre procedimentos médicos, eu não irei saber responder porque não sou médico”. E os participantes da entrevista colocam mais perguntas sobre como ele iria diminuir os impostos e novamente não quis dizer quais, e Bolsonaro respondeu “Eu estou entendendo a pegadinha... eu não vou entrar nesse jogo”. E assim foram caminhando as respostas as distintas perguntas com Bolsonaro alegando que não entende de economia, o que no momento seguinte foi vendido pela sua campanha como um ato de humildade, pois perto de Paulo Guedes ele não compreendia quase nada sobre o tema.

Em entrevistas e em debates quando era questionado sobre a sua associação ao “novo”, mesmo com as suas participações durante sete mandatos de baixíssima produtividade no congresso, com a sua passagem por nove partidos diferentes (muitos deles repletos de escândalos de corrupção), com seus filhos vivendo ativamente a vida do parlamento o candidato se colocava como novo, porque os eleitores precisavam de mudanças e ele estava disposto a propor essas modificações.

Os discursos de Bolsonaro, conforme analisado por Moura e Corbellini (2019), eram comparados a um “apito de cachorro”, pois, embora a sociedade brasileira estivesse insatisfeita com a política, muitos eleitores viam em Bolsonaro uma voz autêntica que ressoava com suas preocupações. A simplicidade de suas mensagens, sua autenticidade percebida e até mesmo seus erros de português eram vistos como qualidades, enquanto sua postura agressiva era interpretada como empenho. Durante a campanha, Bolsonaro enfatizou a importância de eleger um presidente honesto, devoto de Deus, patriota, defensor da família e comprometido com a segurança do Brasil.

No entanto, conforme ressaltado por Silva (2020) e Moura e Corbellini (2019), os discursos de Bolsonaro eram frequentemente controversos, abordando temas desde a defesa da ditadura militar até questões como acesso às armas, críticas à diversidade sexual e posicionamentos discriminatórios. Apesar dessas polêmicas, Bolsonaro focou sua campanha na rejeição à corrupção na política tradicional brasileira. Ele buscava despertar sentimentos de raiva e ódio, direcionando essas emoções para a corrupção, a violência, a política convencional e os temores percebidos em relação às mudanças sociais. Essa estratégia, centrada em discursos demonizadores, ganhou destaque nas redes sociais.

A ascensão das novas direitas no Brasil, consolidada em meados da década de 2010, resultou de um prolongado processo de disputa ideológica e cultural que se transformou em um

ator político central. Esses grupos conquistaram, em 2018, a Presidência da República por meio da coalizão liderada por Jair Bolsonaro, apresentando características distintivas em relação aos seus predecessores. Mattos e Silva (2021) identificam cinco elementos essenciais que caracterizam o bolsonarismo: a centralidade da disputa cultural antes da conquista do poder político; o anti-intelectualismo, manifestado pela rejeição às formas tradicionais de produção e legitimação de verdades; o antielitismo, expresso na valorização ética, estética e epistemológica do homem comum e do senso comum; a instrumentalização do discurso "politicamente incorreto" como uma retórica de resistência contra o sistema; e a síntese entre o conservadorismo moral e a defesa do livre-mercado. Esses elementos fornecem uma compreensão abrangente das características distintivas do fenômeno bolsonarista.

A análise de Oliveira, Leite e Marques (2021) destaca que a ascensão da nova direita permeia diversos segmentos sociais, abrangendo desde os meios acadêmicos até manifestações de rua. Uma hipótese inicial aponta que esse crescimento está relacionado a um desencanto percebido nos governos de orientação esquerdista e de centro-esquerda no país, associado à defesa de valores mais conservadores e à rejeição do que é rotulado como "politicamente correto". Esse fenômeno agrega uma diversidade de correntes políticas, atingindo seu ápice com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. No âmbito do governo federal, essa nova direita busca consolidar-se como uma elite política em processo de formação.

Silva (2020) destaca que, durante a eleição, as críticas quanto à falta de preparo de Bolsonaro, feitas como uma tentativa de enfraquecer sua candidatura, não obtiveram sucesso, principalmente devido à crise política que o país enfrentava. Vale ressaltar que o nome de Bolsonaro não esteve envolvido em escândalos políticos de grandes proporções, como o Mensalão e a Lava Jato, que abalaram partidos de diferentes vertentes ideológicas, conferindo um valor significativo à sua campanha. Adotando um discurso polêmico, Bolsonaro também empregava como estratégia principal a intensificação da polarização política.

Silva (2020), Moura e Corbellini (2019) apontam que os eleitores não estavam buscando um representante que soubesse gerir uma República, mas sim, um que viesse para “dar o troco” nos políticos e com isso se identificaram com Bolsonaro para ser o responsável, ser a liderança que acreditavam precisar. Os mesmos preferiam votar em um candidato com uma “incógnita” do que em um que já conhecessem e haviam sido reprovados.

Segundo Moura e Corbellini (2019), a escolha por Bolsonaro nas eleições é caracterizada como uma espécie de mantra expresso por Tiririca: "pior que tá não fica". A

população estava disposta a votar em algo "novo pelo novo", essencialmente porque isso significava votar contra a política e os políticos estabelecidos. Bolsonaro personificava essa ideia de "novo", mesmo tendo uma longa trajetória na política.

Os jornais diariamente debatiam e mostravam escândalos relacionados a política brasileira, e o fato de Bolsonaro ter passado por partidos que estavam envolvidos com corrupção e seu nome não estar relacionado diretamente aos casos elevava seu grau de popularidade.

As publicações do “ele não” nas redes sociais, produziam um efeito contrário e faziam com que seu discurso chegasse a mais pessoas e obtivesse mais seguidores. Ao mesmo tempo em que o banalizavam, o colocava em evidência, e com isso percebia-se que no início de 2018 os candidatos que estavam em evidências eram Jair Bolsonaro e Lula.

Nunca se sabe o quanto comportamento de um líder que estrategicamente calculado, intuitivo ou simplesmente espontâneo e natural. Seja como for, a linguagem de Bolsonaro e seu caráter aparentemente histriônico também serviam para construir, num plano subjetivo para os eleitores, a imagem de um político autêntico, que “não tem papas na língua” e que “fala a verdade”. Ou seja, um verdadeiro “mito” quando comparado a seus pares políticos, os corruptos e mentirosos. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p.74).

Suas falas eram tidas como objetivas e únicas, possuindo uma honestidade e franqueza sem limitações.

Um dos aspectos desse discurso é legitimar novamente a presença dos militares na política. Bolsonaro foi um deputado federal. Eleito. Portanto, um civil. E, em 2018, lutou pela presidência por meio do voto popular. Sempre, porém, tomou uma decisão 17inguaagem não de “político”, mais de militar. É comum encontrarmos a expressão “nós, militares” em suas entrevistas. Ele nunca se furtou de defender o regime militar de 1964 e de anunciar que, em seu governo, nomearia vários ministros militares. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p.79).

De acordo com Oliveira, Leite e Marques (2021), no contexto das estratégias de comunicação política da nova direita, é essencial considerar a categoria conceitual do ativismo digital. Nessa abordagem, a ênfase recai na intenção de influenciar coletivamente a agenda pública, visando persuadir diversos públicos, fortalecer movimentos sociais, promover ideias, pautas específicas e contribuir para a formação de uma agenda pública.

Conforme destacado pelo professor Massimo Di Felice em entrevista ao site Jornal da USP (2020), o ativismo digital não está necessariamente ligado a grupos ou movimentos políticos organizados. Ele surge da interação entre indivíduos, dados, algoritmos e plataformas online, evoluindo em paralelo ao avanço da tecnologia, caracterizando o que o professor denomina de "net ativismo". Essa abordagem representa uma percepção distinta, envolvendo a concepção de ideias, uma ecologia da ação e uma forma de ação cognitiva totalmente diferente

das noções convencionais de ação social e política no contexto ocidental e moderno. O ativismo digital, segundo Di Felice, é conduzido por movimentos temporários, não busca estabelecer instituições duradouras ou partidos políticos e não se alinha com objetivos políticos tradicionais, apesar de possuir caráter transformador.

Jair Bolsonaro sempre cultivou a imagem de defensor dos princípios da família tradicional cristã, evidenciando esse compromisso ao adotar o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" como destaque em sua campanha presidencial. Segundo Bolsonaro, essa frase está intrinsecamente relacionada a uma narrativa de reorientação do Brasil, fundamentada em valores morais e ideológicos, bem como na redefinição da perspectiva do que é considerado correto ou incorreto. Essa postura constante é mantida através do contínuo enfrentamento ao Partido dos Trabalhadores (PT) e suas ideias. Assim, o PT passava por uma grande rejeição e ataques constantes por defensores e adeptos das ideologias Bolsonaristas, os quais abordavam que eram esquerdistas/comunistas corruptos que iriam quebrar o Brasil, que transformariam o Brasil numa Venezuela e destruiriam a família tradicional e perverter as nossas crianças.

Pensando no crescimento de Bolsonaro durante a eleição de 2018, de acordo com Moura e Corbellini (2019), entre julho de 2016 e o final de 2017 Bolsonaro obteve uma evolução de 3% para 11%, já ao final e entrada de 2017 passava para 15% nas intenções de votos. No outro lado da disputa Lula em relação aos mesmos períodos avançou consideravelmente de 6% para 17%, porém logo após a sua prisão (em 7 de abril de 2018) sua popularidade com os eleitores perdeu força e passou para 13% e em junho para 10%. Os votos brancos e nulos deixavam de ser uma incógnita, pois os eleitores passavam a se definir entre os dois polos em destaque.

Dessa forma, fica evidente a concepção de que, no cenário político brasileiro de 2018, não havia espaço para a ascensão de um candidato vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Bolsonaro rotulava seus oponentes petistas como representantes da política tradicional, indicando uma percepção de que dificilmente conseguiriam conquistar espaço e obter vitória nas eleições. As tendências de votação passaram a obter um crescimento paralelo entre Bolsonaro e Haddad, no qual Moura e Corbellini (2019) abordou medidas por tracking por vias telefônicas IDEIA big Data, no mês de setembro Bolsonaro obtém números impressionantes em suas intenções de votos, dia 6 possuía 21% das intenções de votos, dia 10 obtinha 24%, dia 18 alcançou 27%, no dia 25 obteve 31% e em outubro estava com 33%.

No dia 10 de setembro do ano de 2018, Fernando Haddad deixa de ser o vice de Lula para ser o candidato oficial do PT a eleição da presidência, e como consequência se esperava a

transferência dos votos de Lula para Haddad. Struck (2022) destaca que, com o apoio de Lula, Haddad experimentou um rápido crescimento nas pesquisas, passando de 13% para 22% em apenas duas semanas, superando concorrentes como Ciro, Alckmin e Marina. Paralelamente, Bolsonaro também registrou um aumento expressivo, especialmente nos dias que antecederam o primeiro turno. No dia da votação, Haddad obteve 29,86% dos votos válidos, enquanto Bolsonaro conquistou 46,03%. No período entre o primeiro e o segundo turno, Haddad não conseguiu ultrapassar Bolsonaro nas pesquisas, culminando na vitória do atual presidente.

Ainda no primeiro turno já se esboçava a vitória de Bolsonaro sobre Haddad com diferença de porcentagem de 33% contra 22%, e no segundo turno os bolsonaristas divulgavam se as pessoas realmente queriam que o PT voltasse ao poder, se tornou uma constante indagação que repercutiu nos últimos dias do segundo turno, que tomou a mente dos eleitores:

Dois eventos parecem ter sido críticos para essa antecipação: a evolução rápida e positiva de Haddad nas pesquisas de intenção de voto (que mobilizou um “medo” do PT); As manifestações #elenão Ocorridas no final de semana anterior a primeira rodada de votação, que fizeram com que a polarização normalmente própria o segundo turno se precipitasse. Esse conjunto injetou o argumento do “voto útil” contra o PT e drenaram votos de Alckmin, Meirelles, Marina, Álvaro Dias, Daciolo e Amoedo. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p.98).

No segundo turno das eleições, tanto Bolsonaro quanto Haddad apresentavam índices consideráveis de rejeição nas pesquisas. Bolsonaro, contudo, não buscou ajustar seus discursos na tentativa de ampliar sua base de eleitores ou reduzir sua rejeição (MOURA, CORBELLINI, 2019). A aversão a Bolsonaro sempre foi notável e bem definida, destacando-se características como "machista", "homofóbico", "racista" e associando sua imagem à de um ditador. Algumas expressões coletadas em grupos qualitativos e pesquisas de antropologia digital mobile IDEIA Big Data sobre sua candidatura refletiam essa rejeição, ressaltando que, apesar de ter bons projetos, suas ideias controversas e inadequadas comprometiam sua aceitação.

Outro ponto é a distinção dos discursos, Haddad focava no passado, enquanto o de Bolsonaro mirava o novo, logo o que a população estava buscando era um diferencial, e sem contar que a rejeição ao PT se manteve constante e acabou se tornando uma barreira grande a qual Haddad não conseguiu derrubar e assim Jair Bolsonaro venceu a eleição.

Adicionalmente, a crise que afeta a democracia liberal e seus impactos na política brasileira geram uma significativa parcela de eleitores desencantados, distanciados da esfera pública e sentindo-se não representados pela política convencional. Esses eleitores, expostos a notícias e informações tanto nos meios tradicionais quanto em canais alternativos, passam a demonizar a política. O sucesso e a ascensão do Bolsonarismo também se fundamentaram na

construção de uma narrativa nacional-populista, no discurso que estabelece uma ligação direta entre os eleitores e o líder, bem como na narrativa que o apresenta como um *outsider* em relação ao sistema político brasileiro.

De acordo com Veira e Pereira (2018), o discurso de Jair Bolsonaro aborda temas como a defesa do porte de armas para cidadãos, a redução da maioria penal, a militarização do sistema educacional, críticas aos programas sociais de transferência de renda, demarcações de terras indígenas e quilombolas, políticas de cotas, políticas econômicas e relações exteriores adotadas por governos anteriores, combate à corrupção, resistência à "ideologia de gênero" nas escolas, preservação da imagem da família tradicional brasileira e aproveitamento da biodiversidade do país. Diante dessas considerações, a análise das estratégias de campanha do candidato busca compreender até que ponto ele utiliza discursos concisos e impactantes para persuadir os eleitores em relação a diversas questões, e se essas falas são transformadas em propostas de governo. Além disso, investiga se o candidato procurou ajustar seu discurso radical, conservador, machista e misógino para conquistar novos segmentos no mercado eleitoral.

A ascensão notável se deu devido ao emprego intensivo das mídias e redes sociais. Na internet, jornalistas e produtores de conteúdo alinhados ao governo e aos ideais conservadores surgiram, disseminando e promovendo essas ideias. Um exemplo notável desse fenômeno digital é o blog Terça Livre, liderado por Allan dos Santos, que produz conteúdos audiovisuais em defesa dos princípios de direita. Outro comunicador de destaque, com presença também nas mídias tradicionais como rádio e TV, é o advogado Caio Coppolla, por meio de seu canal. [...] Dois outros nomes com grande repercussão nas plataformas online [...] são Flávio Morgenstern, em seu canal, e Oswaldo Eustáquio, por meio de seu site. A ex-jogadora de vôlei Ana Paula Henkel, atualmente radicada nos Estados Unidos, também se destaca nesse grupo devido ao alinhamento ideológico e à presença em seu canal. (OLIVEIRA; LEITE; MARQUES, 2021)

Jair Bolsonaro desperta em seus defensores uma ampla gama de sentimentos, conforme destacado por Vieira e Pereira (2018). Entre esses sentimentos, encontram-se tanto simpatia, admiração e entusiasmo quanto medo, raiva, tristeza, vergonha, culpa, espanto, indignação e desespero. Segundo Solano (2018), os apoiadores de Bolsonaro se apresentam como uma "nova classe média ou a nova classe trabalhadora". Ele é percebido como militar, autoritário e conservador, e sua ascensão é impulsionada pelas redes sociais, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura autoritária, enraizada na sociedade brasileira como resultado da ditadura.

Mesmo com a derrota nas eleições de 2022 para Luiz Inácio, Bolsonaro manteve um expressivo número de seguidores. Seus eleitores depositam esperança e acreditam que ele representa a melhor possibilidade para superar a atual crise ética, moral e fiscal no Brasil. Ao longo de trinta anos de redemocratização, a corrida eleitoral presidencial de 2018 e 2022 evidenciou a presença de Jair Messias Bolsonaro, acompanhado de seus vices, General Hamilton Mourão e Walter Souza Braga Netto. Essa presença levanta questionamentos sobre o aprendizado da sociedade brasileira com a história, destacando traços evidentes de uma cultura autoritária enraizada em grande parte dos cidadãos, que, em momentos de crise, tendem a apoiar grupos autoritários que se organizam contra o establishment (VIEIRA, PEREIRA, 2018, p.30).

De acordo com Rennó (2022), Bolsonaro manteve posições consistentes ao longo de sua trajetória política, emergindo como líder de um movimento que busca resgatar e fortalecer posições conservadoras de direita. Esse movimento, respaldado por diversos intelectuais, representa uma construção coletiva que conquistou a identificação de uma parcela significativa da população brasileira.

Quando se fala em Bolsonarismo é um fenômeno multidimensional que acaba agregando diferentes adeptos, pessoas que possuem diferentes motivos para se vincularem as ideologias do ex-presidente, sendo chamado de alinhamento e não realinhamento, esse movimento é bem estruturado, não sendo movido apenas por sentimento de raiva, ressentimento e fake News.

Diante desse cenário, a formulação das novas direitas e suas estratégias de influência no pensamento da sociedade tornam-se evidentes. Elas frequentemente defendem a importância das liberdades individuais, mas paradoxalmente mostram tolerância a ideologias autoritárias em prol da liberdade do mercado. Esse dilema cria um ambiente propício para que seguidores aceitem os possíveis "pecados" do ex-presidente, permitindo que ele imponha suas ideias como dominantes, consolidando assim uma abordagem política que, embora defenda a liberdade individual, acaba por permitir a coexistência de práticas autoritárias em outros aspectos da sociedade. Em seguida será apresentado o tópico crise da democracia e ascensão do populismo autoritário que busca expor como o Bolsonarismo e a nova direita irá influenciar negativamente na democracia brasileira.

Portanto, a formação de Bolsonarismo se dá em uma perspectiva do discurso "Olavista" que possuía como enfoque de derrubada das ideias da esquerda de cunho gramsciano, assim, o processo de combate a ideologia esquerdista eleitoral do PT, Olavo de Carvalho possuía muita

influência no Orkut, a partir disso, foi o ponto para a desenvolvimento dos contrapúblicos digitais, o termo "contrapúblico" implica necessariamente uma performatividade ou poeticidade disruptiva. Os membros desse contrapúblico, independentemente de sua posição subalterna, compartilhariam identidades, interesses e discursos tão conflitivos com o horizonte cultural dominante que enfrentariam o risco de reações hostis se expressos sem reservas em públicos dominantes. Essa perspectiva é derivada do trabalho de Warner (2002), conforme citado por Rocha (2018).

Assim, a noção de contrapúblico digital pode ser compreendida a partir da posição da própria nova direita diante da esfera pública, a rede social Orkut, sendo importante para a organização das bases dos militares, no qual, possui atuação de profissionais liberais e universitários, com objetivo de disseminação de ideologias ultraliberais ²³na forma de contrapúblicos.

Quando se explora o discurso Olavista, destaca-se sua função persuasiva na sociedade. Rocha (2021) descreve esse discurso como caracterizado por um anticomunismo paranoico combinado com uma concepção antiquada de alta cultura. Acrescenta-se a presença de teorias conspiratórias sobre dominação mundial, juntamente com uma atribuição raivosa de analfabetismo funcional àqueles que discordam da orientação do 'mestre mandou'. Além disso, esse discurso utiliza a lógica da refutação em conjunto com o emprego consciente do mecanismo do bode expiatório, associando a retórica do ódio a palavras de baixo calão.

Sendo perceptível a vertente de formação do discurso Olavista, no qual, a esquerda sempre será o inimigo da sociedade, que irá deslegitimar as políticas públicas e as instituições, assim, o Bolsonarismo passa a criar uma política baseada em um termo denominado de “guerra cultural”, nesse sentido, conforme a interpretação proposta por Souza (2014), as narrativas de Guerras Culturais ao longo da história têm como objetivo central a mobilização política através de propostas radicais para transformar as diretrizes culturais de um país. Essas narrativas frequentemente se baseiam em imagens conspiratórias, argumentando a existência de dois eixos morais opostos em conflito pela hegemonia dos valores na sociedade. No cenário brasileiro, essa perspectiva, promovida por atores reacionários²⁴, sugere que há uma predominância da

²³ Ultraliberales segundo Rocha (2019) são adeptos das ideologias que buscam a dissolução total do Estado.

²⁴ A partir do conceito proposto por Lilla (2018), que diferencia conservador e reacionário, observa-se que o conservador compreende a existência de transformações trazidas pela modernidade, desejando que ocorram de forma gradual, e se opõe a possibilidades revolucionárias. Por outro lado, o reacionário acredita que o mundo está corrompido e defende a necessidade de uma revolução regressiva, que busca retornar a um passado mítico. Essa distinção ressalta a divergência na abordagem em relação às mudanças sociais e culturais, delineando perspectivas distintas entre conservadores e reacionários.

ideologia do marxismo cultural nas instituições e na superestrutura do país, cooptadas pela esquerda durante o processo de democratização. Contudo, as ideias de Guerras Culturais têm uma presença global ao longo da história, sempre associadas a tentativas de mobilização e consolidação de alianças políticas. Essas alianças se formam dentro de uma narrativa que destaca a existência de uma crise moral, impulsionada por diferenças entre grupos religiosos, políticos e intelectuais, assim como por disputas entre liberais e conservadores.

O modelo que se evidencia no Brasil assemelha-se, discursivamente, ao projeto da Guerra Cultural que teve origem nos Estados Unidos na década de 1990. Este projeto pode ser considerado tanto um reflexo quanto um impulsionador de ideologias conservadoras e reacionárias, influenciando e disseminando a concepção de uma crise cultural relacionada ao avanço do multiculturalismo, ao processo de globalização e ao crescimento do secularismo. Essa abordagem, caracterizada por uma polarização ideológica intensificada, busca confrontar e contestar mudanças culturais e sociais associadas a esses fenômenos, refletindo-se no discurso político brasileiro contemporâneo.

O estudo de Souza (2014) sobre a relação entre guerras culturais e as mobilizações das direitas religiosas nos EUA argumentou que a percepção da existência dessas guerras é alimentada tanto por ativistas ligados à esquerda quanto por aqueles da direita. Ambos atribuem uma percepção de corrupção de valores a diferentes responsáveis. No contexto brasileiro atual, essa linguagem de guerra cultural é proeminente no apoio à administração Bolsonaro. Isso ocorre ao se estabelecer um constante estado de guerra contra "inimigos" que supostamente estariam corrompendo os valores da sociedade. Como características determinantes desse processo, destacam-se: 1- Fluidez na categorização do inimigo: Em diferentes momentos, o inimigo pode ser categorizado como os meios de comunicação "de esquerda", a ciência, as universidades, os políticos da oposição, o Congresso ou o STF. Essa fluidez desempenha um papel central para garantir estabilidade a alianças e justificar rupturas, indicando quem teria sido corrompido ou infiltrado para sabotar as ações e impedir a transformação cultural. 2- Narrativa intolerante: A narrativa de guerra cultural não tolera a possibilidade de coexistência política. O "outro" deve ser caçado, humilhado, destruído, como ilustrado nas falas do próprio presidente que mencionou "metralhar a petralhada na ponta da praia". 3- Divisão da sociedade: A promoção de ideias de guerras culturais desempenha um papel fundamental em estimular uma leitura de mundo que divide a sociedade em "pessoas de bem" contra possíveis corruptores.

Apesar de simplificar o funcionamento das instituições e da atividade política, essa narrativa é essencial na construção e manutenção de alianças

A ideia da existência de uma guerra cultural surgiu em vários momentos ao redor do mundo, sendo originada a partir de transformações sócio-históricas que causaram rupturas entre grupos extremados. Essas transformações foram percebidas de maneiras distintas por defensores dessas mudanças e por grupos que acreditavam que tais transformações eram responsáveis pela destruição da moralidade e da hierarquia social. Esse fenômeno influencia comportamentos sociais, levando grupos a travar batalhas políticas sobre temas culturais, emergindo narrativas que enxergam esses processos como rupturas definitivas entre diferentes segmentos na sociedade. Esses grupos passam a disputar a hegemonia de seus ideais sobre a sociedade, intensificando a percepção de rivalidades. Essa dinâmica de guerra cultural frequentemente resulta em polarizações exacerbadas, nas quais a divergência de valores se transforma em um conflito mais amplo sobre a direção cultural e moral da sociedade.

Um exemplo histórico desse fenômeno é a *Kulturkampf* de Bismarck, que ocorreu nos últimos anos do século XIX. Esse período foi marcado por uma disputa entre protestantes e católicos na Alemanha após o final da Guerra Franco-Prussiana, com foco na centralidade da unificação da Alemanha em um Estado-Nação. Bismarck, mesmo não sendo participante ativo de assuntos relacionados à religião protestante, entrou em uma disputa contra a Igreja Católica na tentativa de unificar e consolidar o Estado-Nação. Esse episódio exemplifica como a guerra cultural pode se manifestar em questões religiosas, políticas e sociais, impactando profundamente a dinâmica da sociedade. A *Kulturkampf* evidencia como as mudanças sociais e políticas podem gerar conflitos em torno de valores culturais e identidades, resultando em uma intensa batalha por influência e controle sobre as instituições e ideias da sociedade.

Segundo Hunter (1991), o ponto central da *Kulturkampf* de Bismarck construiu-se tendo como pano de fundo uma questão educacional. Isso ocorreu porque a educação era o símbolo da unidade alemã e da identidade nacional e, por esse motivo, a disputa representava uma batalha entre os católicos e protestantes sobre a formação do caráter da nação e como ele seria transmitido como um legado para as gerações futuras. (HUNTER, 1991 apud SOUZA, 2014, p.25.)

O surgimento da guerra cultural nos Estados Unidos, Alemanha e na França está fundamentado em torno de modelos de sociedade ideais, ou seja, na visão de como a sociedade deve se constituir. Essa batalha ideológica envolve debates profundos sobre valores, identidade cultural, normas sociais e políticas, abrangendo uma variedade de questões que vão desde a moralidade e os costumes até políticas públicas e direitos individuais. Em cada contexto nacional, as controvérsias da guerra cultural refletem as tensões inerentes à busca por uma

definição consensual da sociedade e de seus princípios fundamentais. Ao mesmo tempo ela, esse ideal se constitui no campo das narrativas, sendo retomadas por grupos reacionários como uma busca por momentos onde a sociedade era mais coesa, prospera, segura ou repleta de altos valores morais.

A utilização da ideia de Guerra Cultural pela nova direita no Brasil ganhou destaque devido à midiatização dos escândalos de corrupção durante a administração do Partido dos Trabalhadores e ao realinhamento proporcionado pelos movimentos que sucederam as manifestações de junho de 2013. Novamente, essa abordagem se baseou na narrativa de infiltração de setores alinhados à esquerda na cultura e na educação. Essa narrativa foi eficaz na construção de alianças que culminaram no impeachment da presidenta Dilma Rousseff e, posteriormente, na eleição de Jair M. Bolsonaro. Ao associar a ideia de Guerra Cultural à suposta ameaça representada pela esquerda na cultura e na educação, a nova direita brasileira conseguiu mobilizar apoio ao seu projeto político, destacando a importância da luta ideológica para a preservação dos valores tradicionais. Esse enquadramento permitiu a construção de um contrapúblico que se identificava com a defesa desses valores e se via em oposição à suposta hegemonia cultural da esquerda.

Portanto, compreender o papel da ideia de Guerra Cultural na formação da nova direita brasileira também implica entender, de maneira geral, como foi estabelecida a narrativa de suposta dominação do marxismo cultural no país. Essa narrativa contribuiu para moldar a visão política de parte significativa da população, influenciando decisivamente eventos políticos importantes nas últimas décadas. Ao construir essa narrativa, a nova direita buscava destacar a importância da luta cultural como parte integrante da batalha política, promovendo a ideia de que a preservação dos valores tradicionais estava ameaçada por uma suposta hegemonia cultural da esquerda. Essa abordagem foi crucial para a consolidação de alianças e mobilização de apoio em momentos-chave da política brasileira recente.

O impeachment de Dilma, foi pautado com a acusação de irresponsabilidade fiscal, porém teve como foco principal a justificativa a defesa das ideias neoliberais e conservadores,

Esta situação ficou ainda mais evidente com a posse do vice-presidente Michel Temer (MDB), que ainda em sua gestão interina já apoiava pautas de caráter neoliberal como as reformas do Ensino Médio, da Previdência, trabalhista e demais políticas de austeridade. Se reestabelecia uma velha política conservadora em nome da defesa da sociedade das fantasiosas opressões petistas, tal como as ditaduras comunista, feminazi e gayzista. (REIS, SILVA E VINHAS, p.2022)

No Brasil, a defesa de uma onda conservadora com distorções da realidade, na qual as elites incentivam uma guerra ideológica com o objetivo de convencer a sociedade que as

políticas neoliberais é a solução para as questões sociais presentes, transparecendo que políticas de bem-estar social são gastos desnecessários e como o incentivo à cultura.

Segundo Michel (2020), o ex-presidente expressa o desejo de derrotar os marxistas que, segundo sua visão, se infiltraram nas instituições de ensino. Na interpretação desse autor, a eleição de Jair Bolsonaro seria um catalisador para a erradicação do marxismo cultural, que teoricamente teria sido a influência por trás dos governos de Lula, Dilma e Fernando Henrique Cardoso. Dentro da retórica bolsonarista, o marxismo cultural é visto como governando em um sistema aparentemente democrático e liberal, mas que, segundo essa perspectiva, teria sido fundamentado em corrupção e na imposição de ideologias que intimidavam os indivíduos e influenciavam em suas decisões.

Ao assumir o cargo de Ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, conforme Silva (2020), afirmou que o marxismo cultural é prejudicial para a saúde. Ele especificou que se referia à saúde da mente, do corpo e da alma. Segundo o ex-ministro, o marxismo cultural apaga a individualidade das pessoas, considerando-as como massa, quando, na realidade, cada pessoa é um indivíduo único.

A expressão "marxismo cultural" passou a ser amplamente adotada por cristãos fundamentalistas, ultraconservadores e supremacistas, representando a extrema direita nos Estados Unidos a partir da década de 1990. Segundo Costa (2020), o marxismo cultural é percebido como uma ideologia adotada pela esquerda, uma vez que os defensores da esquerda buscam o poder sem recorrer ao uso de armas, concentrando-se, conseqüentemente, na busca pelo poder nos domínios da política e da cultura.

Costa (2020) aponta a Escola de Frankfurt como a precursora do marxismo cultural por diversas razões: sua migração para os Estados Unidos como forma de fugir do nazismo, a composição majoritariamente judaica, a combinação das teorias de Marx e Freud e, principalmente, a promoção da arte moderna, que foi combatida pelos nazistas. Esses elementos contribuíram para influenciar o espírito da contracultura dos anos 1960. Em resumo, a Escola de Frankfurt é percebida por alguns como uma instituição de fachada do comunismo.

Dentro dessa narrativa, o marxismo cultural é percebido como infiltrando-se em diversas instituições, incluindo escolas, universidades, editoras e imprensa, entre outras. Nesse contexto, entidades como a Rede Globo, o Partido Democrata nos Estados Unidos, a ONU, entre outras, são vistos como expressões do marxismo cultural. Carvalho (2014, p. 57) destaca que, ao contrário do poder, "a hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão". Assim,

Olavo de Carvalho desenvolveu uma interpretação peculiar sobre a discussão acerca do marxismo cultural.

É crucial observar que a coalizão que levou Bolsonaro à presidência está fortemente alinhada à ideia de combate ao que é percebido como "Marxismo Cultural". Essa orientação pode ser entendida tanto em setores religiosos fundamentalistas, críticos a movimentos de esquerda como a Pastoral da Terra e a teologia da libertação, quanto em segmentos reacionários nostálgicos da ditadura militar. Estes últimos expressam descontentamento com uma suposta ascensão da esquerda durante o processo de desenvolvimento e estabelecimento da nova república. Silva (2011) expõe que os discursos dos militares revelam um profundo ressentimento, visto que a sociedade teria deixado de reconhecer sua relevância política e a importância histórica de suas ações. Este contexto reflete um cenário complexo de divisões ideológicas e históricas que influenciaram a formação da base de apoio de Bolsonaro.

1.6 Breve histórico do Governo Bolsonaro e os pós eleições de 2022

O Governo Bolsonaro se iniciou em 1º de janeiro de 2019, com uma solenidade de posse, o ex-presidente neste momento fez algumas promessas, como a redução do papel do Estado e a diminuição dos impostos. No decorrer do seu mandato, fez a escolha dos seus ministros, iniciando com os, e que em seu grupo apenas seria composto por ministros capacitados, técnicos em cada um quantitativo de 15, e, com o tempo, Bolsonaro fez algumas modificações, ao ponto de aceitar a imposição do chamando orçamento secreto com o objetivo de manter a governabilidade e obter cada vez mais apoio do poder legislativo.

O seu governo foi marcado por alguns acontecimentos, podendo ser citados, seu mandato de 2019 a 2022, conseguindo derrotar Fernando Haddad (representante da esquerda), nesse intervalo enfrentou um período que amedrontou todo o mundo, um vírus denominado de COVID-19 ou Coronavírus, que causa infecções respiratórias provocou muitas mortes e deixou grande parte da população contaminada e assustada. Diante de toda essa situação, em seu Governo, Bolsonaro começou a abordar sobre seu posicionamento acerca da vacina contra o vírus da COVID-19, o negacionismo do ex-presidente, suas críticas a vacinação e ao uso das máscaras. Pereira (2021) afirmou que o ex-presidente se posicionou no período pandêmico de forma problemática e perigosa, afirmando que o vírus era uma “gripezinha”, recusando por diversas vezes a compra das vacinas, essencialmente a CoronaVac que foi desenvolvida em parceria com o laboratório Chinês. Não respeitava as colocações e solicitações da Organização

Mundial de Saúde (OMS) que tinha como objetivo o desenvolvimento de pesquisas para a formulação das vacinas.

Sem contar que Bolsonaro fomentou a não vacinação afirmando que não iria tomar a vacina e que “ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina” (PEREIRA, 2021). Para além disso, o ex-presidente foi desprezível em suas falas com relação as mortes, como “lamentamos as mortes, a vida continua”, “eu não sou coveiro”, “a gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”. Não bastando, promoveu aglomerações e motociatas por todo o país (OLIVA, 2021)

O mandato de Bolsonaro foi marcado por atitudes catastróficas para o país, segundo Politize (2019) como por exemplo, a extinção do Ministério do trabalho (suas funções foram realocadas para outros ministérios), o ministério da agricultura ficou responsável por fazer demarcações de terras indígenas e quilombolas, a concentração das responsabilidades econômicas em um único ministério, o Ministério da Economia, e a extinção do Ministério da Cultura, cujas pastas integraram o Superministério da Cidadania.

Dentro desse quadro, os quatro anos da administração de Bolsonaro ficaram marcados por uma infinidade de retrocessos e declarações histriônicas, em sua maioria proferida em lives que o então presidente transmitia com a intenção de se aproximar de seus apoiadores, ou ainda em suas visitas a um grupo de apoiadores que se aglomeravam em um cercadinho em Brasília. Esse método expulsava uma cobertura da imprensa que em meio aos apoiadores mais radicalizados era atacada como representantes de interesses antinacionais. Essa estratégia era reproduzida nas redes e constantemente colocavam jornalistas, políticos e funcionários públicos na mira dos ataques dos apoiadores do presidente. Ao mesmo tempo, existia a proximidade de Bolsonaro com algumas redes de Tv específicas como o caso do SBT, Rede Record e a própria Jovem Pan, o que fazia que não fosse incomum ao longo dos quatro anos de mandato a presença de notícias elogiosas e entrevistas com Bolsonaro.

A disfuncionalidade da administração Bolsonaro provocou o retorno de problemas sociais históricos como a fome, a inflação, o descontrole nos preços dos combustíveis, entre outros fatores que levaram a sua derrota na campanha de 2022. Ao mesmo tempo as crises e problemas enfrentados, e em grande parte, causados pelo governo, eram sempre atribuídas a atuação de governadores, má vontade dos jornais ou fruto do governo anterior.

O jornal folha de São Paulo (2022) disse que duas semanas após a derrotada de Jair Bolsonaro (PL) adotou um posicionamento diferente em relação a sua última eleição para

presidência há 4 anos, surgiu um Bolsonaro até então desconhecido, “(...) deu lugar a um Bolsonaro recluso e de poucas palavras” (folha de São Paulo,2022).

Imagem 1: Registro do primeiro pronunciamento de Bolsonaro após a derrota na eleição de 2022.



Fonte: Folha de São Paulo (2022)

Bolsonaro após as eleições de 2022, promoveu apenas duas declarações públicas, porém seus aliados continuaram reforçando o processo de polarização política em busca de manter Bolsonaro como o principal líder das novas direitas no Brasil, e passam a disseminar que era “(...) impossível dar credibilidade ao sistema eletrônico de votação” (folha de São Paulo,2022).

O fim do mandato de Bolsonaro não significa que seja o fim do Bolsonarismo, após a disputa presidencial mais apertada da história da redemocratização brasileira, segundo a folha de São Paulo “a polarização segue dando as cartas no país. Se dizem petistas convictos 29% dos eleitores, enquanto 25% se qualificam como muito bolsonaristas”. (folha de São Paulo, 2023). Foram feitas pesquisas de levantamento acerca da polarização política atual, o Datafolha (2023) caracterizou como sendo o espectro de polarização de 1 até 5, 1 sendo totalmente bolsonarista e 2 se considera mais bolsonarista, 3 neutros, 4 se considera mais petista e 5 totalmente petista.

Os números também se mostraram estáveis. Agora em junho, 7% se diziam mais bolsonaristas que petistas e 10%, o inverso. Já 20% se colocam no centro da escala, enquanto 8% afirmaram não preferir nenhuma das designações. Portanto, no cômputo geral, tem-se um país com 38% de petistas e filopetistas (a soma dos dois grupos não

totaliza 39%, como indicariam os dados isolados, devido aos arredondamentos), ante um contingente de 32% de bolsonaristas e simpatizantes. (Folha de São Paulo, 2023).

A partir de tudo isso, o que será do Bolsonarismo? O que restará e principalmente como Jair Messias Bolsonaro irá se comportar a partir de sua queda e necessariamente com a suspensão dos seus direitos políticos perante a sociedade, no julgamento que se iniciou no dia 22 de julho de 2023, no tribunal eleitoral, e que o tornou inelegível por 8 anos, não poderá concorrer às eleições, passou a ser julgado por ter feito reuniões com embaixadores e por incentivar ataques ao sistema eleitoral brasileiro das urnas. O Ministério Público Eleitoral advoga pela punição de Bolsonaro, alegando que ele incorreu em abuso de poder político, desvio de função, praticou condutas vedadas e buscou deslegitimar o processo eleitoral (Folha de São Paulo, 2023).

Os defensores e aliados do ex-presidente informaram que, caso ele se torne inelegível, poderá atuar nas eleições municipais de 2024 e gerais em 2026. O presidente do partido PL fez declarações defendendo Bolsonaro, afirmando que jamais faria algo do tipo. Suas declarações foram as seguintes: 'Não acredito que o Poder Judiciário vá fazer uma injustiça dessas com ele. Espero que eles cumpram a lei. Bolsonaro cumpriu os quatro anos de mandato de maneira exemplar. Nunca vi um presidente ter um comportamento como o dele', conforme relatado pela Folha de São Paulo em 2023.

A partir das acusações teve suas contas bloqueadas, no dia 30/06/2023 o TSE o tribunal condenou Bolsonaro e o declara inelegível por oito anos, seu julgamento começou no dia 22 e terminou no dia 30 de junho, no qual o ex-presidente contou com 5 votos para sua condenação e 2 votos para sua absolvição, por ter utilizado seu poder de forma inadequada, segundo o site do Uol (2023) os ministros da corte se posicionaram, Benedito Gonçalves, Floriano de Azevedo Marques, André Ramos Tavares, Cármen Lúcia e Alexandre de Moraes votaram pela condenação já Nunes Marques e Raul Araújo votaram pela absolvição. Seu vice também, estava em julgamento, Walter Braga Netto, e foi absolvido por unanimidade.

O ex-presidente aproveitou do seu poder para disseminar informações falsas, fazendo uso da estrutura pública para desencadear mentiras nos meios de comunicação, sendo uso indevido de suas atribuições o que é abuso de poder, segundo site g1 (2023), afirmou Benedito Gonçalves e Alexandre de Moraes, devido à sua grande relevância e à influência discursiva no processo eleitoral e na vida política, não é possível ignorar os efeitos antidemocráticos de discursos violentos e de mentiras que questionam a credibilidade da Justiça Eleitoral, segundo relatado pelo G1 em 2023.

Apesar de todos esses escândalos vinculados a Jair Messias Bolsonaro, o mesmo ainda possui um grande quantitativo de apoiadores, um exemplo disso é analisar suas redes sociais que continua com um expressivo quantitativo de seguidores, podendo ser citado o Instagram com 25,2 milhões, esses seguidores continuam sendo seus defensores e expondo que Bolsonaro estar sendo injustiçado.

De acordo com o CNN Brasil (2023) a defesa de Jair irá analisar e buscar formas de derrubada do resultado do julgamento, “Vamos aguardar a publicação do acórdão para verificar as melhores estratégias, inclusive ir ou não para o Supremo”. (CNN Brasil ,2023). O advogado Tarcísio Vieira informou que é direito constitucional recorrer a sentença, porém, primeiro irá analisar a situação para poder recorrer.

A Folha de São Paulo (2023) reportou que o relator da Ação de Investigação Judicial Eleitoral (Aije) foi o primeiro a votar pela inelegibilidade de Jair Bolsonaro, enfatizando a responsabilidade direta e pessoal do ex-presidente ao praticar uma "conduta ilícita em benefício de sua candidatura à reeleição". Durante a sessão em 22 de junho, o ministro destacou que o abuso de poder político se configura como um ato do agente público praticado com desvio de finalidade, com o objetivo de interferir no processo eleitoral. Ele ressaltou que o uso indevido dos meios de comunicação ficou evidenciado na exposição desproporcional de um candidato em detrimento dos demais, resultando em desequilíbrio na disputa eleitoral.

E com isso, o presidente do TSE falou que o sistema eleitoral e o sistema eletrônico de votação são totalmente seguros, e essas desinformação afetam diretamente a democracia, as mentiras e a desinformação disseminadas por indivíduos, grupos e ocupantes de cargos eletivos, com o intuito de desacreditar, sem apresentar qualquer prova, a integridade das urnas eletrônicas, têm como objetivo desestabilizar a própria democracia. Este comportamento, reportado pela Folha de São Paulo em 2023, evidencia uma preocupante estratégia de minar a confiança no sistema eleitoral, representando uma ameaça à integridade do processo democrático.

O que Bolsonaro fez configura um abuso de poder. Quando um presidente da República ataca a Justiça Eleitoral e questiona a integridade do sistema eleitoral que o elegeu por 40 anos, não se trata de exercício de liberdade de expressão. Essa conduta é considerada vedada e, ao fazê-lo utilizando o cargo presidencial, recursos públicos, a estrutura da residência oficial no Alvorada e os canais de comunicação pública, caracteriza-se como abuso de poder. Ao orquestrar tal estratégia para impactar imediatamente o eleitorado por meio das redes sociais,

configura-se ainda o uso indevido dos meios de comunicação, conforme apontado pela Folha de São Paulo em 2023.

A gravidade da desinformação atinge seu auge quando a sociedade se encontra imersa no caos informacional, sendo ainda mais preocupante quando esse estado é intencionalmente planejado e resulta de discursos proferidos pelo presidente da República, como destacado pela Folha de São Paulo em 2023. Tais ataques comprometem severamente o sistema democrático, visto que a existência de uma democracia depende crucialmente de um Poder Judiciário independente. Os ataques em questão não possuem uma justificação legítima, servindo unicamente para desqualificar a Justiça Eleitoral, o Poder Judiciário e, consequentemente, atacar os fundamentos da própria democracia.

Na atualidade o ex-presidente tem participado de palestras, e tem demonstrado apoio a alguns políticos, como Ricardo Salles (PL-SP) para disputar a prefeitura de São Paulo, tem feito aparições em suas redes sociais e declarou “Salles prefeito”. Ele continua fazendo viagens e cumprimentando seus apoiadores, e faz críticas a alguns posicionamentos do presidente Lula. Bolsonaro já deixou claro que tentará reverter inelegibilidade no TSE em 2026, não tem planos de desistir de retornar ao comando do país e tampouco pretende indicar um sucessor. Segundo informações da Política Livre (2023), ele não se renderá, optando por continuar na militância política.

Caso não consiga reverter sua inelegibilidade, Bolsonaro só terá a possibilidade de disputar as eleições de 2030. Declarado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ele fica impedido de participar dos pleitos de 2024, 2026 e 2028. No entanto, especialistas em direito eleitoral ouvidos pelo Estadão indicam que o prazo de inelegibilidade é contado a partir da última eleição disputada, que foi em 2 de outubro de 2022. Com o primeiro turno da eleição de 2030 previsto para 6 de outubro, Bolsonaro teria cumprido o período de inelegibilidade até então. Contudo, um eventual registro de candidatura dependerá do aval da Justiça Eleitoral" (Uol, 2023).

1.7 Fakes News fonte de disseminação e valorização do Bolsonarismo

De acordo com Empoli (2019) as Fake News têm sido utilizadas para disseminar o ódio, medo e influenciar as eleições, apresentando como os grupos políticos se apossam do poder e começam a disseminar informações falsas (fake News) a todo momento, que utilizam em suas bases algoritmos computacionais que catalisam teorias das conspirações, desenvolvendo

sentimentos de medo nas pessoas, ódio entre os partidos políticos, confusão mental nos indivíduos e o convulsão social. Segundo o Jornal do Brasil (2023), “se acabarem as fake News, acaba Jair Bolsonaro”, uma vez que, o ex-presidente consegue muitos adeptos utilizando da propagação de fake News, ou, como apontou o professor Antônio Marcelo Jackson da Universidade Federal de Ouro Preto (MG),

Bolsonaro, juntamente com outros candidatos, foi eleito impulsionado pelo fenômeno das fake news, um fato incontestável destacado pelo Jornal do Brasil (2023). Quando um candidato atinge o cargo por meio desse mecanismo, é compreensível que, uma vez eleito, ele busque evitar a implementação de legislação contra notícias falsas, dada a estreita ligação entre sua ascensão política e esse fenômeno. Em última análise, a preservação das fake news torna-se essencial para a manutenção da relevância política de Jair Bolsonaro.

As fakes News é um movimento que constituem sua própria verdade, criando sua própria rivalidade para responder aos anseios de seus discípulos,

Por trás do aparente absurdo das fake news e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. "Por vários ângulos o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade", escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug. (EMPOLI, 2019, p.15)

A propagação das fake News cria rivalidades e fragmentação da sociedade, por isso foi criado um projeto de lei, que busca lutar contra a propagação de fake News na sociedade, essencialmente, nas redes sociais, porém o ex-presidente Jair Bolsonaro fez algumas críticas alegando que a vedação das fake News estaria ferindo os direitos de liberdade de expressão. Nas eleições ocorre uma grande disseminação de fake /notícias falsas por perfis interligados ao governo, contamos com um grupo de políticos que conquistaram suas eleições por meio do fenômeno conhecido como fake news. Isso, evidentemente, gera uma considerável controvérsia. De um lado, há políticos que poderíamos chamar de tradicionais, no melhor sentido do termo, os quais buscam representar de maneira legítima diversos segmentos da sociedade, seja à esquerda, ao centro ou mesmo à direita. Estes observam com preocupação a eleição de outros políticos baseada em informações completamente absurdas e falsas", afirmou Marcelo Antônio Jackson, conforme relatado pelo Jornal do Brasil em 2023.

O fenômeno das notícias falsas revela-se preocupante, como evidenciado por um estudo recente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), que aponta que informações falsas têm uma probabilidade 70% maior de serem compartilhadas na internet em comparação com

notícias verdadeiras. Essa tendência é atribuída, em parte, à maior originalidade muitas vezes associada às notícias falsas. Em concordância com a observação de Mark Twain, o estudo sugere que "uma mentira pode dar a volta ao mundo no mesmo tempo em que a verdade calça seus sapatos" (EMPOLI, 2019, p. 47).

O livro "Seminário Internacional Fake News e Eleições" (2019) aborda as graves consequências negativas das fake news e das plataformas digitais para a sociedade. O debate público é distorcido, comprometendo a liberdade de expressão e o direito à informação. Em contextos eleitorais, o impacto da desinformação torna-se ainda mais prejudicial, representando uma ameaça à democracia ao potencialmente distorcer os resultados eleitorais. O livro destaca a necessidade de criar mecanismos efetivos para conter a disseminação das fake News durante as eleições, resguardando assim a soberania das urnas.

A partir disso, passou-se a questionar quando surgiu as fake News? O cientista político Ricardo Ismael da Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), afirma, que as fake News não tiveram início em 2018 e que não estar vinculada apenas ao Bolsonarismo.

A desinformação e as fake News têm origens em diversos segmentos políticos. No contexto brasileiro, essa problemática já era evidente desde a eleição de 2014. A candidata Marina Silva foi notavelmente impactada durante aquela campanha, tornando-se vítima de uma intensa campanha de desinformação e ataques realizados principalmente através das redes sociais, como reportado pelo Jornal do Brasil em 2023.

No portal dos deputados aborda que “pesquisador diz que fake News surgiram em 2014 e faz alerta para a próxima eleição”, segundo a site a divulgação de notícias falsas não ocorreu apenas na atualidade, mas desde 2014, e vem se intensificando e tomando cada vez mais espaços, o que tem causado preocupações acerca das instituições democráticas. A comissão parlamentar mista de inquérito (CPI) das fake News, sendo exposto que as noticiais falsas vão além de uma organização de disseminação de desinformação, mas convencimento em massa e como consequência distorce a realidade e quebra a credibilidade do processo político e democrático do país.

Os efeitos resultantes desse fenômeno incluem a distorção acentuada da informação, um meticuloso processo de difamação e destruição de reputações, que ocorre de maneira consistente, e a subversão da confiança nas instituições. Este último aspecto é considerado o elemento mais prejudicial e malévolo desse processo, conforme destacado pela Agência Câmara de Notícias, em 2019.

Segundo Moraes (2023) o historiador Robert Darnton, que é professor emérito da Universidade Harvard, diz que as notícias falsas são utilizadas pelo menos desde a idade antiga, do século 6, o Procópio foi um historiador do império bizantino que escreveu um texto/história do império de Justiniano, mas ele também escreveu outro texto secreto sobre “Anekdotia”, nesse ele fez várias “fake news” arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros.

Na batalha contra a desinformação e as fakes News, é imperativo que os profissionais da informação verifiquem cuidadosamente as fontes antes de divulgá-las, conforme destacado por Carvalho e Mateus (2017). Em um mundo onde o acesso à informação é uma tarefa diária crucial, a qualidade, relevância e veracidade das fontes tornam-se elementos essenciais. Evitar desinformações e notícias falsas nas bolhas informacionais em que estamos inseridos é essencial.

O avanço das fake News na era digital é uma consequência direta da alta produção de informações que não são devidamente verificadas quanto à sua veracidade. Assim, torna-se evidente que é necessário um esforço constante para filtrar e promover informações confiáveis.

Além disso, a escassez de produção científica na área limita consideravelmente as fontes de informação, pesquisa e embasamento disponíveis para os profissionais. Isso, por sua vez, dificulta a elaboração de soluções efetivas para os desafios apresentados. No entanto, há esperança de que investimentos e novas pesquisas na área possam contribuir para reverter esse quadro e fornecer um suporte mais robusto aos profissionais da informação em sua busca por soluções eficazes.

Portanto, podemos concluir que a escassez de produção científica na área representa uma restrição significativa em termos de fontes de informação e embasamento disponíveis para os profissionais. Essa limitação impacta diretamente a habilidade desses especialistas em desenvolver soluções paliativas para os problemas em questão. Contudo, há a expectativa de que a promoção de novas pesquisas e investimentos na área possam contribuir para reverter essa situação, proporcionando avanços substanciais na compreensão e resolução dos desafios enfrentados.

No próximo tópico, adentraremos nos desdobramentos desse cenário complexo, onde a crise da democracia e o surgimento do populismo autoritário se entrelaçam de forma intrincada. A análise continuará explorando como as acirradas polarizações e o prolongado período de tensionamentos, originados nas eleições presidenciais de 2014 e 2022, moldaram a paisagem

política brasileira. A tentativa de impugnação dos resultados eleitorais em 2015 e a subsequente posse de Dilma Rousseff e Michel Temer (MDB) serão examinadas detalhadamente, especialmente no contexto do fenômeno conhecido como "terceiro turno". Este fenômeno, marcado por campanhas contra a presidente, revelou-se um divisor profundo entre "petistas" e "antipetistas". Ao explorarmos esses acontecimentos e suas implicações, será possível compreender como o aparentemente democrático sistema político brasileiro foi desafiado, abrindo espaço para a ascensão do populismo autoritário e questionando os alicerces da democracia consolidada.

1.8 Crise da Democracia e a ascensão do populismo autoritário.

O avanço da consolidação democrática no Brasil aparentava seguir uma trajetória linear durante as eleições presidenciais de 2014 e 2022, conforme destacado por Kingstone e Power em 2017, a quais foram consideradas as mais acirradas desde a redemocratização. Dilma Rousseff foi reeleita apesar do contexto político envolvendo os partidos PT e PSDB, assim como seus respectivos apoiadores. O embate entre essas duas forças não se encerrou em outubro de 2014, estendendo-se para além das eleições com a tentativa de impugnação dos resultados eleitorais. Em 2015, Dilma Rousseff e seu vice Michel Temer (MDB) assumiram seus cargos. A persistência do clima conhecido como "terceiro turno" levou a intensas discussões e campanhas contrárias à presidente que se espalharam por todo o país. Isso resultou em uma clara divisão entre "vencedores" e "perdedores", representados pelos campos "petistas" e "antipetistas", conforme discutido por Braga e Casalecchi (2016), Anderson e Lotempio (2002).

Ao analisar a intensa polarização política-ideológica percebe-se que, nas eleições de 2014, sofreu uma intensificação dos movimentos acerca do impeachment, a partir desse cenário, foi notada uma maior participação da chamada "nova direita", que inclusive levantou questionamentos sobre as viabilidades do sistema democrático como forma de governo. Esse contexto também marcou o surgimento de movimentos pró-militares e do fenômeno "Mito Bolsonaro".

O surgimento das chamadas "novas direitas" é um fenômeno político contemporâneo que se destaca por sua natureza multifacetada e distintiva em relação às tradições conservadoras mais estabelecidas. Este movimento, presente em várias partes do mundo, frequentemente se posiciona como *antiestablishment*, desafiando as instituições políticas tradicionais e criticando as elites percebidas como distantes dos interesses populares.

As "novas direitas" caracterizam-se pelo populismo, dando voz às preocupações da "pessoa comum", além de abraçar valores nacionalistas, enfatizando a soberania, a imigração e a preservação dos valores culturais tradicionais. O uso eficaz das mídias sociais é uma marca registrada desse fenômeno, permitindo a comunicação direta com seus apoiadores e contornando as estruturas de mídia tradicionais. Economicamente, as novas direitas podem abranger uma variedade de abordagens, desde o apoio ao livre mercado até posições mais intervencionistas. O surgimento desse movimento pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo mudanças socioeconômicas, descontentamento com as elites políticas estabelecidas, preocupações culturais e, em alguns casos, reações à globalização. Exemplos notáveis desse fenômeno incluem o *Tea Party* nos Estados Unidos, o *Brexit* no Reino Unido e diversos partidos políticos em várias partes do mundo. É importante ressaltar que a caracterização da "nova direita" pode variar, refletindo as dinâmicas políticas específicas de cada região.

As novas direitas no Brasil demonstraram atividade notável nos anos 2000, com diversos atores influentes já em cena. Institutos liberais, como os ligados ao pensamento econômico liberal, já estavam ativos, promovendo ideias e políticas alinhadas a essa perspectiva. As igrejas evangélicas reacionárias também desempenharam um papel significativo, exercendo influência na esfera política com uma abordagem conservadora em questões sociais. O Exército brasileiro continuou a formar quadros, mantendo uma lógica anticomunista, refletindo uma continuidade histórica de posicionamentos ideológicos. Além disso, figuras como Olavo de Carvalho já publicavam seus textos desde a década de 90, contribuindo para moldar o discurso e o pensamento político que viriam a se consolidar ao longo dos anos seguintes. Essa diversidade de atores e suas ações contribuíram para a configuração do cenário político e ideológico das novas direitas no Brasil.

A democracia ainda está em vigor, porém, a sociedade vivencia crises institucionais que tem gerado desdobramentos que afetam os direitos conquistados arduamente. No cenário político, passa a aumentar a disseminação de fake news e os discursos de ódio a todo momento influenciando cadeias de violências físicas, simbólicas e fáticas, a exemplo disso são os defensores do Bolsonarismo.

A propagação de fake news não é de exclusividade de uma orientação política específica, e há evidências de sua existência em diferentes espectros da política, com os diferentes estudos que foram desenvolvidos tanto a esquerda quanto a direita podem estar envolvidas com a disseminação de notícias falsas, embora os métodos e os temas podem sofrer variações.

A análise quantitativa da propagação de fake news pode ser complexa devido as mudanças das informações que ocorrem constantemente, de acordo o estudo de Vosoughi, Roy e Aral Intitulado “the spread of true and false news online” Publicado em março de 2018 na revista “Science”, foi observado a disseminação de notícias falsas no Twitter. Os pesquisadores examinaram cerca de 126.000 notícias que haviam sido difundidas por 3 milhões de pessoas, e a pesquisa contribuiu para que fosse descoberto que a difusão de notícias falsas ocorreu de maneira mais abrangente do que no caso das notícias verdadeiras. No entanto, é importante notar que o estudo em questão não identificou um viés político específico associado as *fake news*.

A proliferação de notícias falsas nas plataformas digitais foi de extrema importância para campanha de Bolsonaro, com a atuação de Stevie Bannon (o estrategista da campanha de Donald Trump) o qual contribuiu para a disseminação de informações, o Bolsonarismo se legitima em discursos de ódio através de autoridades.

Segundo as observações de Azzi (2018), em tempos anteriores, a mídia tradicional tinha a capacidade de manipular a população, mas essa manipulação precisava ocorrer de forma evidente, diante de todos. No entanto, nos dias atuais, destaca-se que cada indivíduo dispõe de telas privadas que enviam mensagens diretamente. A falta de conhecimento sobre a natureza das informações recebidas pela pessoa ao nosso lado e a incerteza sobre quais mensagens estão influenciando sua percepção da realidade caracterizam esse novo cenário de comunicação.

Para se abordar a crise da democracia brasileira, inicialmente, é preciso considerar os fatores que a desencadearam, para que se possa compreender o panorama político nacional. Para isso, necessita retroceder o período de redemocratização para que se possa analisar os resquícios do período ditatorial nos anos de democracia vivenciado no país, Chauí (2007) aponta que, embora o processo político tenha sido bem-sucedido em dismantelar a ditadura, não alcançou a mesma eficácia na promoção da democratização do país.

No entanto, a implementação do presidencialismo deu-se de forma problemática, conforme notado por Daniel Matos (2018) a configuração do sistema político no Brasil, conhecido como "presidencialismo de coalizão", opera por meio de um mecanismo contínuo e legitimado de extorsão/suborno entre o Poder Executivo e o Congresso. Esse mecanismo visa criar maiorias parlamentares alinhadas aos interesses do capital financeiro e dos grandes monopólios. Em um ambiente caracterizado por notável desigualdade, a elegibilidade dos parlamentares está intimamente ligada à distribuição de recursos orçamentários, que o

Executivo pode conceder em troca de apoio às suas propostas. Essa dinâmica é caracterizada como um persistente balcão de negócios, impulsionado pelo financiamento de campanhas eleitorais a políticos e partidos que defendem os interesses do grande capital. O termo frequentemente empregado para descrever esse fenômeno é "fisiologismo", destacando a peculiar maneira pela qual o lobby se manifesta na interseção entre os interesses públicos e privados no contexto brasileiro.

Sérgio Abranches (1988) caracteriza o termo “presidencialismo de coalizão” como um desenho do sistema institucional político brasileiro, que possuía suas peculiaridades, como, a combinação do sistema proporcional, presidencialismo e multipartidarismo, que constituem a base em grandes coalizões. O autor determina que o dilema do presidencialismo brasileiro está vinculado a institucionalização de mecanismos que tenham como objetivo negociação e a resolução de conflitos entre legislativo e executivo.

Apesar do conceito de presidencialismo de coalizão, Sergio Abranches (1988) destaca que embora a teoria empírica das coalizões seja descritiva e baseada nas preferências individuais, ela fornece insights perspicazes para compreender a dinâmica política e institucional complexa nos governos de coalizão. Em linhas gerais, ao analisar estruturas políticas e sociais mais coesas e estáveis, recomenda-se dar preferência a coalizões que reduzam o número de parceiros e maximizem a afinidade ideológica entre eles. Essa abordagem tem como objetivo mitigar os riscos e contrariedades associados a alianças mais abrangentes e diversificadas.

Avritzer (2013) adotou o conceito de presidencialismo de coalizão como um modelo institucional que acaba por imputar um conjunto de vícios do qual a política brasileira tem sido vítima, de forma mais precisa o termo é utilizado para demonstrar a separação de poderes, característica do sistema presidencial, com o multipartidarismo, normalmente é derivado da adoção do sistema proporcional com o objetivo de preencher cadeiras no Legislativo.

Segundo Louis Althusser (1985) o Estado está sob o domínio das classes dominantes, sendo que os aparelhos ideológicos e repressivos desses grupos desempenham um papel central nesse controle. Essa perspectiva, está alinhada com teorias críticas da sociedade, que investigam as dinâmicas de poder e a influência das elites nas estruturas estatais. Em suma, a proposição destaca que setores específicos da sociedade, frequentemente associados a interesses econômicos proeminentes, exercem uma influência significativa sobre o Estado por meio de mecanismos ideológicos, como a mídia e a educação, além de mecanismos repressivos, como

as forças de segurança. Essa abordagem enfatiza a interligação entre poder econômico, controle estatal e a preservação da ordem social, então na dinâmica política nacional não ocorreu de forma estrutural, com disputas por poder hierárquico dentro dos grupos preexistentes. Sendo assim, o Bolsonarismo passa a se tornar o representante das classes dominantes, que utiliza das relativizações da verdade como ponto importante, podendo ser citado o exemplo dos Estados Unidos, nas eleições, no qual Donald Trump saiu vencedor, a corrida eleitoral brasileira foi marcada pelo predomínio do que de maneira pejorativa passou a ser chamada de período da pós-verdade.

Na ausência de ameaças explícitas nas linhas de raciocínio, Charles Feitosa (2017), ao abordar a perspectiva de Hannah Arendt, destaca a preocupação com o fenômeno da "mentira organizada" na contemporaneidade. Arendt descreve essa situação como uma aliança entre os meios de comunicação e os regimes totalitários, em que toda a estrutura da realidade pode ser falsificada por meio de estratégias midiáticas de manipulação em massa. O resultado não se limita apenas à substituição da verdade pela mentira, mas envolve a gradual destruição da crença em qualquer sentido que possa orientar as pessoas pelo mundo.

Jair Bolsonaro ganhou um grande destaque nas redes sociais nos últimos anos, principalmente no período eleitoral, mas também desde o impeachment de Dilma Rousseff, momento em que culminou na sua destituição da presidência do Brasil em agosto de 2016, esse foi um episódio político intrincado e polêmico na história brasileira. Bolsonaro começou a ter uma maior visibilidade com suas falas, por exemplo, ao incitar à tortura e dedicar seu voto em memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o discurso teve uma ampla repercussão, conferindo não apenas destaque à figura política em questão, mas também evidenciando uma ala conservadora da sociedade brasileira com nostalgia pelos tempos militares. Essa fala ganhou notoriedade, como observado por Vieira e Pereira (2018, p.6).

Por sua vez, Bolsonaro também passou a ter uma maior notoriedade na política brasileira por meio de diversos discursos, entre eles o discurso sobre o kit gay nas escolas do Brasil, culminando assim numa revolta da “famosa família tradicional brasileira” e ganhando o apoio desses conservadores, o que acabou levando-o até o maior cargo político de um país.

Conforme Maranhão, Coelho e Dias (2018), os eventos relacionados aos debates sobre o "kit gay", a "ideologia de gênero" e a campanha de Jair Bolsonaro compartilham um elemento comum: a disseminação das Fake News, evidenciando dimensões político-religiosas. Essas notícias falsas são utilizadas para retratar certos grupos como sujeitos subversivos, vistos como

inimigos da "família tradicional brasileira", supostamente buscando prejudicá-la por meio da promoção da "homossexualização" de crianças, estímulo à libertinagem sexual e outros elementos.

Moisés (2008) conduz análises sobre a cultura autoritária no Brasil por meio de estudos que exploram a opinião pública, visando identificar traços de concepções autoritárias na sociedade. Os resultados de suas pesquisas indicam que as lideranças políticas exercem uma influência significativa sobre a sociedade. Conclui-se que os brasileiros apresentam uma maior probabilidade de manifestar ambivalência relação com outros países da América Latina. Essa ambivalência se reflete na hesitação ou indecisão dos cidadãos em relação ao sistema político, aumentando o risco de optarem por alternativas que excluem os partidos políticos e parlamentos tradicionais.

Essa atitude ambivalente pode refletir uma desconfiança generalizada em relação às instituições políticas estabelecidas, levando os cidadãos a buscar alternativas fora do sistema convencional. Moisés (2008) destaca a grande influência das lideranças políticas sobre a sociedade como um fator contribuinte para essa ambivalência identificada nos estudos.

Quando se aborda o tema da democracia em análises e estudos de opinião pública, os cidadãos geralmente acreditam que seja o melhor regime político. No entanto, essa confiança não é igualmente depositada nas instituições responsáveis por garantir sua funcionalidade (MENEGUELLO, 2010). Ao aderir à normativa política, a percepção está intrinsecamente ligada ao papel desempenhado pelos atores políticos, que podem ter orientações autoritárias ou parcialmente democráticas e ocupam posições significativas em um sistema democrático. Esse cenário pode resultar em desafios para o pleno exercício da democracia (AVRITZER, 1995).

Para Williamson, Miller e Fallon (2010), os candidatos e partidos utilizam-se de algumas facilidades através das mídias sociais, que são ferramentas que servem como mecanismos de interação e engajamento com os seguidores, o que influencia nos números de apoiadores e conseqüentemente, angariar votos nas urnas.

Nas democracias contemporâneas, as ferramentas digitais desempenham um papel crucial, atuando como atalhos informativos que orientam nas interpretações e nas práticas relacionadas à realidade (PENTEADO et al., 2011, p. 116). A partir disso, as novas mídias, enquanto veículos de comunicação de massa, têm exercido uma influência significativa na formação da opinião pública e no comportamento político dos cidadãos, moldando esses aspectos de maneiras diversas (VEIRA, PEREIRA, 2018, p.9).

Segundo Norris (2005) essas ferramentas digitais servem como um meio importante para torná-los críticos acerca das situações e debates políticos, porém, em alguns momentos caminham em direção antidemocrática e passam a ser empregadas como meios para coordenar grupos e propagar discursos contrários aos valores sociais, antidemocráticos, racistas, machistas e xenofóbicos.

As redes sociais assumiram um papel crucial na eleição de 2014, dessa maneira, as mídias digitais passam a refletir os resultados eleitorais, onde, os resultados de 2018 e 2022 obtiveram uma grande representatividade das mídias, o que acabou resultando em dois grupos: petistas e antipetistas, tudo isso por conta da disseminação de discursos de ódio que eram propagados através dos meios digitais durante e após a eleição, que corroboraram para a crescente desconfiança da sociedade brasileira em relação às instituições e até mesmo ao sistema democrático.

Os últimos anos trouxeram uma série de trabalhos como Levitsky e Ziblatt (2018), Runciman (2017), Castells (2018) e Brown (2019) preocupados com a percepção, cada vez mais frequente, de crise da democracia ou do esgotamento do modelo democrático liberal. Como novidade essencial a essa crise estaria o desaparecimento dos golpes de estados no modelo como ocorreram no século XX, que se pautavam com a necessidade de tanques nas ruas e a tomada do poder a força, agora as ameaças a democracia ocorreriam de forma bem mais sutil e se estruturariam a partir do próprio sistema democrático.

Essas interpretações surgiram diante da ascensão de líderes de viés, autoritário, neopopulistas e antiestablishment, associados ao que vem sendo definido por Eatwell e Goodwin (2020) como Nacional-Populismo. O fenômeno se construiria dentro do que os autores vão denominar como quatro ds: Desconfiança “das elites políticas e econômicas e a crença de que as pessoas comuns não possuem voz” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p.59); Privação que seria marcada pela sensação de que um grupo de pessoas vinham sendo deixadas para trás em relação a outros na sociedade; Destruição relacionada ao medo sobre o futuro do seu grupo, sua identidade, sua religião e a pouca combatividade de políticos estabelecidos em frente as transformações sociais; Desalinhamento com o rompimento das pessoas com as instituições que sustentavam a democracia liberal como partidos e sindicatos.

O fenômeno do Nacional-Populismo, conforme investigado por Eatwell e Goodwin (2020), emerge como uma resposta intrincada às transformações sociais, econômicas e culturais da atualidade. No âmago da ascensão de líderes neopopulistas, cujas abordagens tendem a ser

autoritárias e *antiestablishment*, há uma miríade de interpretações que buscam decifrar as complexas dinâmicas subjacentes. O primeiro componente, Desconfiança, reflete um ceticismo profundo em relação às elites políticas e econômicas, acompanhado pela crença generalizada de que as vozes das pessoas comuns são sistematicamente ignoradas nas tomadas de decisões. Este sentimento de alienação é intensificado pela segunda dimensão, Privação, que traduz a sensação de que determinados grupos sociais estão sendo negligenciados diante das rápidas transformações sociais e econômicas. A terceira dimensão, Destruição, incorpora temores em relação ao futuro, abrangendo inquietações quanto à preservação de identidades, práticas religiosas, e a percepção de inércia por parte dos políticos estabelecidos diante dessas mudanças. Por fim, o Desalinhamento, quarta dimensão, sublinha o afastamento das pessoas em relação às instituições tradicionais, como partidos políticos e sindicatos, refletindo claramente a erosão da confiança na democracia liberal. Essas categorias, quando analisadas conjuntamente, proporcionam uma compreensão abrangente do Nacional-Populismo, revelando os anseios e receios que permeiam a sociedade contemporânea e moldam as dinâmicas políticas em diversas partes do mundo.

Esse cenário motivou uma nova forma de ataque a democracia e levou ao poder, através do voto, autocratas como Donald Trump, Jair M. Bolsonaro, Vladimir Putin, Recep T. Erdogan, entre outros. Em comum, como mostram Levitsky e Ziblatt (2018), esses líderes traçaram estratégias para corromper as estruturas das democracias ao questionar suas instituições, suas regras formais e informais, ao mesmo tempo em que, estabeleceram narrativas que os colocavam como salvadores dessas mesmas democracias, que os colocava como representantes diretos da vontade da maioria da população esquecida pelas elites políticas e financeiras e como defensores dos valores tradicionais e de mitos de pureza que, em suas narrativas vinham sendo solapados pela globalização e pelas mudanças trazidas pela modernidade.

Nossa preocupação ao abordar o tema concentra-se em compreender a ligação entre a ascensão dessas lideranças e a imposição de narrativas pautadas em Guerras Culturais, principalmente, por identificarmos nelas a negação da política, de valores centrais da democracia (como a garantia de direitos e proteção de grupos minoritários) e por estabelecer possibilidades para a construção de medidas autoritárias. Isso ocorre, pois, a narrativa de Guerra Cultural parte da ideia de uma ruptura total da sociedade entre progressistas e reacionários e, especificamente, quando pensada a partir das mobilizações das lideranças do Nacional-populismo e de um esforço de setores da extrema direita para a propagação de ideias de existência de uma degeneração cultural secretamente articulada por setores da esquerda.

A fomentação dessa ideia de ruptura total estimula uma política de “nós contra eles” e mobiliza posições radicalizadas e autoritárias ao estabelecer como bem comum e vontade da população/nação apenas aquele que está na agenda do grupo associado a esses líderes. A política aqui se transforma, de uma experiência de moderação, contenção e governabilidade como proposta nos ideários da democracia liberal, para uma política pautada na força, na imposição de vontades e na eliminação de opositores. Isso ocorre, pois, a narrativa de degeneração permite que os opositores passem a ser enquadrados como imorais, corruptos e perigosos.

Assim, ampliou-se a possibilidade de um despontar para estratégias autoritárias, mobilizadas por essas lideranças, ou, como apontaram Levitsky e Ziblatt (2018), manifesta-se uma recusa às normas do processo democrático, uma negação da legitimidade dos oponentes políticos, uma tolerância à violência e uma inclinação para restringir as liberdades civis dos adversários. Essas características são justificadas no dia-a-dia pelos apoiadores dessas lideranças como resposta a degeneração cultural e de propostas imagéticas de salvação e retorno a pureza da nação. Isso faz com que segundo os autores duas estratégias passem a ser utilizadas, a primeira é o ataque constante e a captura de árbitros que ocorrem através da crítica e confronto contra a mídia, contra agências internacionais e órgãos de controle.

Observou-se uma desmobilização de órgãos, incluindo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), entre outros. No contexto brasileiro, as administrações de Bolsonaro têm mantido uma agenda constante de ataques àquilo que definem como "extrema imprensa". Adicionalmente, manifestaram posicionamentos contrários a organizações internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU). Dentro dessa lógica, funcionários responsabilizados pela fiscalização foram substituídos por apoiadores do governo que atuaram para que as fiscalizações não ocorressem. Novamente, essa estratégia somente é disponibilizada pela narrativa de Guerra Cultural, pois, a partir dela se justifica que a atuação dos funcionários demitidos possuía um caráter ideológico de oposição ao governo.

A questão a ser pensada aqui seria: o que levou a ascensão dessas lideranças e a possibilidade do ressurgimento de lideranças autoritárias? Conforme apontado por Castells (2018), esse processo é resultado de uma combinação de fatores. A globalização da economia e da comunicação minaram e desestruturaram as economias nacionais, restringindo a capacidade do Estado-Nação de abordar, em seu âmbito, questões de origem global, como crises

financeiras, violações dos direitos humanos, mudanças climáticas, atividades econômicas ilícitas e terrorismo.

Para o autor essa incapacidade de responder aos problemas é reflexo das mudanças trazidas pelo próprio neoliberalismo, que ao longo dos últimos anos foi limitando a capacidade de atuação dos governos locais. Junto a isso, mudanças produtivas espremeram o Estado de Bem-Estar Social e criaram elites cosmopolitas que enriquecem com empreendimentos em países ao qual não possuem qualquer ligação. Esse processo retirou da população a sensação de possibilidades de ascender socialmente, ao mesmo tempo em que, gerou um sentimento de abandono e uma crise na representação política, uma vez que, esses trabalhadores foram alijados das decisões mais importantes, enquanto, recebiam os ônus trazidos por essas reformas e pelo processo de globalização como o crescimento da pobreza e da violência. Como resultado temos a rejeição à política e o crescimento de sentimentos que alimentam a intolerância e a xenofobia.

De acordo com Brown (2019) isso ocorreu, pois, a extrema direita se constituiu e passou a obter uma grande influência nas democracias liberais em todo o mundo, se tornando hegemônica nos processos decisórios sobre política pública, e isso intensifica a concentração das direitas e os preceitos neoliberais que convencem a população. Para a autora, as políticas neoliberais esvaziaram os empregos da classe despossuída economicamente, afetando as áreas rurais e suburbanas. Os neoliberais manipulavam os despossuídos enquanto passavam para eles a ideia de uma sintonia entre valores cristãos e familiares, para o sucesso dos preceitos neoliberais conservadores faz necessário o uso do patriotismo com o militarismo, valores cristãos com a família, mensagens racistas cifradas com o capitalismo esses pontos foram os intensificadores para o desenvolvimento e sucesso dos conservadores neoliberais, até a crise de 2008 destruir as rendas da população pobre e a aposentadoria da classe média branca que foram essenciais para a consolidação do movimento neoliberal.

No caso brasileiro o processo se agravou com os escândalos de corrupção, ocorridos durante os últimos anos e pelo que Felipe Demier (2017) vai chamar de democracia blindada. Para o historiador, o processo de redemocratização se estruturou ao longo dos anos dentro de um projeto de exclusão da população dos processos decisórios, limitando também a existência de canais de participação política. Dessa forma, os espaços de participação popular em nossa jovem democracia foram tratados com bastante truculência pelas forças estatais, o que resultou em uma série de decisões políticas que reduziavam direitos sociais e que não encontravam espaços para contestação.

Dentro dessa lógica, podemos pensar nos movimentos que se avolumaram a partir das manifestações de 2013 como resultado desse vácuo de participação, uma vez que, como mostra Gohn (2019) o processo de redemocratização institucionalizou a participação de movimentos sociais dentro do governo, ao mesmo tempo em que, represou a participação dos grupos e lideranças que não estavam institucionalizados.

A questão é que essa conjunção de ausência de canais de participação somada à crise de representação política, nos anos seguintes, estimulou o fortalecimento de empreendedores políticos anti-sistêmicos.

A partir do que foi exposto, o segundo capítulo tem como enfoque apresentar a constituição sócio-histórica do radiojornalismo e consequentemente como se formula a Jovem Pan e sua influência nas eleições de 2022.

CAPÍTULO II - A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO RADIOJORNALISMO E O CASO DA JOVEM PAN

Nesse capítulo, será abordado a trajetória do Radiojornalismo no Brasil até o desenvolvimento da Jovem Pan, essa emissora é um sucesso, ganhou muito destaque nos períodos eleitorais essencialmente nas eleições de 2022, a mesma faturou uma grande quantidade de dinheiro de grandes empresários bolsonaristas, porém é importante questionar se os comentaristas e empresários irão continuar a apoiar o ex-presidente?

Conforme Guilherme Ravache, do site Uol, em 2022, a relação entre o bolsonarismo e o apoio à Jovem Pan parece ser significativa. Embora não se estabeleça por meio de verbas ou campanhas governamentais, o respaldo ao bolsonarismo tem se revelado um negócio vantajoso para a Jovem Pan, ao garantir um público cativo favorável ao presidente e atraentes anunciantes alinhados com Bolsonaro.

Então será feito um levantamento bibliográfico sobre o radiojornalismo no Brasil, como ocorreu seu desenvolvimento nas redes sociais/mídias digitais e como irá repercutir sobre a sociedade e suas influências, após será apresentado três comentaristas de programas da Jovem Pan, sendo eles o “Boletim Coppolla”, o quadro “Opinião do programa *Morning Show* (entrevistas com Adrilles Jorge)” e o “Jornal Jovem Pan (Alexandre Garcia)”.

2.1 Comunicação e política

A comunicação desempenha um papel central na dinâmica política, sendo crucial em várias dimensões da vida pública. Durante campanhas eleitorais, por exemplo, os candidatos utilizam uma variedade de canais, como discursos, debates e redes sociais, para transmitir suas mensagens e persuadir os eleitores. A mídia, por sua vez, exerce influência na política ao informar o público sobre eventos, decisões políticas e questões relevantes, moldando assim a opinião pública.

O discurso político, manifestado através da retórica, é uma ferramenta poderosa na expressão de ideias, na persuasão do público e na mobilização de apoiadores. Nas sociedades contemporâneas, as redes sociais assumem uma função cada vez mais importante na comunicação política, proporcionando aos políticos uma plataforma direta para alcançar eleitores, mobilizar apoiadores e reagir a eventos em tempo real.

A influência da comunicação estende-se à formação da opinião pública, sendo a maneira como as políticas são comunicadas de forma a serem capazes de moldar a percepção do público e influenciar a aceitação ou rejeição de ideias específicas. Além disso, estratégias de publicidade e marketing são ferramentas essenciais na política moderna, permitindo que candidatos construam uma imagem positiva e alcancem diferentes segmentos da sociedade.

Além disso, a comunicação eficaz desempenha um papel fundamental na participação cidadã. Iniciativas como debates públicos, consultas populares e formas diversas de engajamento dependem de uma comunicação clara e acessível para envolver os cidadãos no processo político. Compreender a interseção entre comunicação e política é essencial para uma análise profunda do funcionamento das democracias e para a compreensão de como as decisões políticas moldam a sociedade.

A interação entre o campo da mídia e o campo político é fundamental para uma compreensão mais profunda da dinâmica política contemporânea, conforme destacado por Pierre Bourdieu (1996). Ao contrário da visão de Bernardo Kucinski (2000), que descreve os magnatas da imprensa do século 20 como "chantagistas" que interferiam no jogo de poder das elites, Bourdieu argumenta que os meios de comunicação não são simples canais neutros, mas atuam como agentes políticos plenos. Sua influência provocou uma reorganização significativa no cenário político.

Contudo, reconhecer o impacto da mídia na política não implica em sua total dominação. Os efeitos da mídia são diversos e estão sujeitos a resistências. A relação entre a mídia e a política é marcada por uma tensão constante, requerendo uma análise detalhada devido à sua complexidade. A afirmação de que a política cedeu completamente à mídia é tão simplista quanto negar sua influência sobre a política.

Jurgen Habermas destaca a importância crucial da esfera pública para o funcionamento genuinamente democrático de uma sociedade. Ele enfatiza que a comunicação eficaz e a participação informada são elementos fundamentais para um processo político saudável. Para Habermas, a esfera pública não se limita apenas às instituições governamentais, mas é um espaço mais amplo que engloba interações sociais diversas, incluindo mídia, organizações da sociedade civil e conversas cotidianas. Ele sublinha a necessidade não apenas de disseminar informações, mas também de promover diálogos significativos e debates críticos.

A esfera pública, conforme concebida por Habermas (1991), é um local onde os cidadãos podem expressar suas opiniões, contestar ideias e participar ativamente das decisões coletivas. Ele destaca a importância do discurso racional e da argumentação pública como meios essenciais para o estabelecimento de consensos e o processo de tomada de decisões democráticas. Além disso, Habermas (1991) vê a esfera pública como um contrapeso ao poder institucional, desempenhando um papel fundamental na fiscalização e responsabilização das autoridades.

Para evitar manipulações e promover uma governança mais democrática, Habermas enfatiza a necessidade de transparência e abertura nas discussões públicas. Ele acredita que, através desse processo comunicativo, os cidadãos podem influenciar ativamente a formulação de políticas, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa. Em resumo, a visão de Habermas destaca a esfera pública como um componente vital para uma democracia robusta, promovendo a participação ativa, a troca de ideias e a formação de decisões coletivas baseadas no diálogo racional e na argumentação pública.

Marshall McLuhan (2007), um provocador intelectual no campo da comunicação, instigou uma reflexão profunda sobre como os meios de comunicação não apenas transmitem informações, mas também influenciam a própria estrutura da sociedade. A expressão emblemática "o meio é a mensagem" sugere que a forma como as mensagens são transmitidas é, por si só, uma influência significativa na percepção e interpretação do conteúdo.

McLuhan (2007) vai além da análise de conteúdo informativo para explorar como cada meio de comunicação, desde a escrita até a era digital, remodela os padrões de interação social, as estruturas de pensamento e as percepções coletivas. Ele destaca que as mudanças na tecnologia de comunicação não são apenas neutras, mas trazem consigo implicações culturais e sociais que moldam os relacionamentos e como e percebemos a realidade.

Ao examinar a influência dos meios de comunicação na política e sociedade, McLuhan (2007) argumenta que cada avanço tecnológico não é apenas uma mudança no formato das informações, mas uma transformação na estrutura cognitiva e na dinâmica social. Por exemplo, a transição da era da impressão para a era digital não só altera a maneira como as informações são apresentadas, mas também reconfigura fundamentalmente a forma como pensamos e nos relacionamos em sociedade.

Em resumo, McLuhan (2007) desafia a visão convencional dos meios de comunicação como simples veículos de entrega de mensagens. Ele nos convida a considerar como a natureza dos meios de comunicação impacta profundamente nossa compreensão da realidade e, por conseguinte, influencia as dinâmicas políticas e sociais.

Ambos os pensadores também compartilham preocupações sobre a manipulação e controle na esfera pública. Habermas (1991) preocupa-se com a possibilidade de manipulação da opinião pública e enfatiza a necessidade de uma esfera pública autêntica. McLuhan (2007) alerta para os efeitos profundos e, por vezes, a comunicação ressaltam a necessidade de desenvolver uma consciência crítica em relação aos impactos dos meios de comunicação, evidenciando que muitas vezes as influências podem ser inconscientes.

2.2 Radiojornalismo no Brasil

O avanço tecnológico tem impulsionado a evolução dos meios de comunicação, e isso tem criado um desespero para o rádio, pois passa a se sentir coagido devido a cada mídia nova que aparece, apesar disso, o rádio passa a perceber que as novas tecnologias podem se tornar aliadas para o seu desenvolvimento ao se tratar do radiojornalismo, sendo este o exercício profissional onde o radiojornalismo é aplicado ao rádio.

O rádio tem passado por evoluções significativas em suas formas de transmissão, tem obtido um grande alcance e consequentemente conseguiu vários adeptos, esse meio de comunicação é conhecido por seu imediatismo e instantaneidade. Assim, esse meio de comunicação é o terceiro mais utilizado segundo pesquisa brasileira de mídia 2016, no qual o

rádio só perdia para a televisão e internet na época. Esse meio de comunicação é o mais antigo e vem passando por transformações desde a década de 1990 com a influência da internet que estava em processo de popularização no momento, assim o rádio passou por mudanças com o desenvolvimento tecnológico e digital.

Na era digital, surge um novo cenário, conforme indicado por Henry Jenkins (2009), caracterizado por sua natureza exigente e interativa. Nesse contexto, há uma circulação de conteúdos por meio de diversos suportes midiáticos, a convergência, segundo Jenkins (2009), engloba a colaboração entre diferentes mercados midiáticos e a busca ativa do público por experiências de entretenimento em diversas fontes. Jenkins destaca a convergência como uma palavra que abrange mudanças tecnológicas, de mercado, culturais e sociais, cujo significado pode variar conforme a perspectiva de quem a utiliza.

O rádio vem cada vez mais se adaptando aos novos cenários tecnológicos, porque antes o mesmo era um objeto que ficava exposto em uma parte da casa do ouvinte, normalmente na sala e com os avanços da tecnologia o rádio está presente em smartphones, carros e na internet.

Roquete Pinto é o principal responsável pela introdução do rádio no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro com o jornal da manhã no ano de 1925, segundo Azenir (1979) esse jornal se tornou destaque na época, porém faltava qualidade na reprodução desses programas por falta de estrutura e escassez de recursos. Assim, apesar das dificuldades para sua transmissão, o rádio continuava buscando formas de evoluir.

O jornalismo nas rádios brasileiras possuía um único objetivo: disseminar informações aos ouvintes de forma rápida e ágil, com o objetivo de manter a população atualizada sobre os eventos daquele período, sendo que no ano de 1940 a sociedade estava passando pela segunda guerra mundial.

No ano de 1941, surgiu o Repórter Esso como parte de um noticiário dedicado a transmitir notícias em tempo real, contribuindo para se tornar o jornal mais respeitado da época. Conforme Ferraretto (2008), o Repórter Esso era o noticiário mais importante daquele período. O programa interrompia qualquer transmissão para apresentar notícias consideradas de extrema importância. Se uma notícia merecesse tal interrupção, o repórter Esso o fazia. Essa situação gerou uma credibilidade tão expressiva que, ao término da guerra, quando a Rádio Tupi anunciou o fim do conflito, muitos duvidaram da veracidade da informação, uma vez que o repórter Esso não a confirmou.

O Radiojornalismo começa a obter destaque e as grandes empresas de comunicação começam a querer investir nesse meio de comunicação que cada vez mais consegue adeptos/ouvintes. Quando as grandes empresas jornalísticas percebem o desenvolvimento do jornalismo no rádio no ano de 1930, em um novo capítulo do cenário radiofônico no Rio de Janeiro, o jornal O Globo entra em cena, marcando sua presença. Em 1935, testemunhamos o surgimento da Rádio JB, associada ao jornal Brasil, e da Rádio Tupi na cidade carioca. Esses acontecimentos marcam uma expansão significativa da mídia, com jornais importantes ampliando sua influência para o meio radiofônico durante esse período histórico.

Com esse avanço do Radiojornalismo no Brasil, também precisa se manter no ápice para cativar cada vez mais ouvintes, porém o mesmo passou a perder sua liberdade de escolha dos conteúdos e as formas que seriam abordados nos jornais de rádio, e como consequência disso passou a perder credibilidade e espaço tendo que se reinventar, porque estava sendo feita uma releitura e comentários dos assuntos já abordados nos jornais impressos e os ouvintes não queriam isso, eles buscavam informações atualizadas e em tempo real, com isso as empresas começaram a correr atrás das próprias notícias, sendo natural a presença do jornalista nas ruas.

Jung (2007) ressaltou que para recuperar prestígio e enfrentar a concorrência da televisão, que havia ocupado o espaço do rádio nas residências, as emissoras adotaram a estratégia de enviar repórteres para as ruas. Esses repórteres acompanhavam os acontecimentos, transmitindo em tempo real o que estava ocorrendo.

Na atualidade os jornalistas carregam consigo pequenos aparelhos com gravadores e celulares, nesta época os jornalistas carregavam vários objetos e tinha que ser carregados por eles e outros funcionários, outro ponto era a forma de transmissão da época que era feita por linhas telefônicas, porém apesar das dificuldades de transmissão e principalmente para conseguir notícias para os ouvintes, os rádios jornais conseguem destaque e com o avanço da tecnologia as emissoras foram se desenvolvendo cada vez mais.

Em 1950, a Bandeirantes em São Paulo inova ao introduzir um noticiário abrangente que transmite informações sobre diversas temáticas, incluindo clima, trânsito e utilidades públicas. O sucesso dessa iniciativa leva ao lançamento, no mesmo ano, de outro programa na emissora com uma extensão de tempo maior, oferecendo ainda mais notícias para a população. Com a evolução do rádio jornais e com o desenvolvimento da tecnologia surgiu para o rádio o chamando transistor no ano de 1947, que possibilitou o avanço da fonte de aparelhos de rádio, que passou a ser modificada por pilhas, podendo dar uma maior mobilidade com os aparelhos.

De acordo com Vampré (1979) o rádio passou a sofrer influências do desenvolvimento da televisão, com isso ocorre uma evolução da qualidade do áudio, porém com o desenvolvimento da televisão os profissionais são realocados para esse novo espaço o que acaba afetando ao Radiojornalismo que passa a ter uma redução de profissionais e ainda concorrer com a tv com imagens, como solução passa a se inserir o noticiário no rádio brasileiro.

De acordo com Zuchi (2004) e Parron (2002-2003), o Radiojornalismo, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, passa a realizar transmissões por meio de aparelhos telefônicos. Anteriormente, as transmissões eram limitadas a um alcance médio, servindo como meio de comunicação e interação entre a redação e os jornalistas, incapazes de realizar transmissões prolongadas devido à dependência de baterias de veículos. Com o advento do aparelho celular, torna-se uma ferramenta essencial para os radiojornalistas, possibilitando transmissões ao vivo com aprimoramentos no áudio, mobilidade aprimorada e outras vantagens, como captura de vídeos, fotos, conexão à internet, facilitando o envio imediato e prático de arquivos.

Além do avanço no uso de dispositivos móveis, de acordo com Machado (2003), a incorporação dos computadores na apuração jornalística impulsionou o desenvolvimento do webjornalismo, uma modalidade específica que ganhou destaque principalmente na década de 90. Nesse período, o jornalismo começou a adotar versões impressas de resumos dos jornais, a noção de 'metamorfose midiática', conforme Barbosa (2002), a concepção tem suas raízes nos princípios de coevolução e coexistência das comunicações, enfatizando que qualquer forma de comunicação, seja já existente ou emergente, não pode ser compreendida isoladamente na cultura humana. A 'mídia metamórfica' está intrinsecamente associada à convergência, que se refere à propensão da indústria midiática em utilizar tecnologias de multimídia e hipermídia para fornecer conteúdo. Adicionalmente, o conceito também incorpora a complexidade, pois, diante das inovações, todo o sistema de comunicação, incluindo meios e empresas, passa por um processo de auto-organização para se ajustar a ambientes em constante transformação.

Para compreender as alterações que ocorreram no jornalismo, tem que se analisar a introdução da tecnologia no jornalismo, é importante compreender o jornalismo online, segundo Palacios (2005) o Webjornalismo possui características que são possíveis de serem identificadas como memória, interatividade, multimedialidade, hipertextualidade, personalização e supressão dos tempos e limites. O mesmo autor ainda aborda que apesar da hipertextualidade não ser exclusiva da internet era relacionada a enciclopédias ou jornais, contribuiu para o aumento da sua visibilidade, que irá associar texto, áudio, imagem na

produção da televisa. A consequência da junção destas características, anteriormente vinculada a outros veículos, atualmente, essas possibilidades foram potencializadas na web, proporcionando novas oportunidades.

Ferraretto (2007) destacou que o rádio procura estabelecer interação e representação de seu público, seja em âmbito local ou regional, buscando construir uma identificação sólida entre o ouvinte e a emissora. Isso resulta na construção de uma identificação entre o ouvinte e a emissora. Já Salomão (2003) e McLeish (2001) afirmaram que no rádio, o ouvinte desempenha o papel de escutar a sua própria voz, obtendo informações sobre seu bairro, participando de ligações e conversas com os comunicadores, estabelecendo confiança, compartilhando dados e interagindo com a emissora.

Calabre (2004) salientou que o rádio desempenhou um papel social proeminente até a década de 1950, sendo um ícone de modernidade que influenciou estilos, criou modas, introduziu hábitos diários inovadores e promoveu formas inéditas de interação social. Sua importância transcendeu as barreiras físicas e contribuiu significativamente para a integração social, especialmente considerando os altos índices de analfabetismo no país.

Com o advento da internet, os rádios passaram por uma transformação em sua identidade, adotando o conceito de convergência. O radiojornalismo hipermidiático surge como uma manifestação dessa transformação, trazendo uma ampliação de estratégias narrativas e oferecendo mais espaço e possibilidades de interação. Conforme Bertoncello (2019), essa mudança implica em uma revisão na rotina e nos fazeres do jornalista. Na era digital, o rádio adota uma linguagem multimídia, incorporando elementos como imagens, textos escritos, áudios, vídeos e infografia.

2.3 Rádio na era digital

O radiojornalismo experimentou evoluções influenciadas pelas transformações no cenário do rádio brasileiro, especialmente diante das mudanças propostas pelo advento da televisão, que introduziu elementos como áudio e imagens. Diante desse contexto, o radiojornalismo sentiu a necessidade de inovação para atrair um público cada vez mais amplo. De acordo com Marshall McLuhan (2007), as transformações pelas quais o rádio passou e o advento da televisão impactaram o meio radiofônico, levando-o a ajustar sua abordagem de entretenimento para uma nova forma de oferecer informações. A transformação impulsionada pela influência da televisão sobre o rádio resultou na sua transição de um mero meio de

entretenimento para desempenhar o papel de um sistema de informação. Atualmente, elementos como notícias, hora precisa, dados de tráfego e, sobretudo, dados meteorológicos são utilizados para destacar a capacidade inata do rádio de conectar as pessoas entre si.

Com o decorrer dos anos, o rádio passou por transformações significativas, demandando do radiojornalismo uma necessidade de adaptação às mudanças presentes na sociedade como uma estratégia para atrair a atenção dos ouvintes. Os jornais impressos tinham em seu formato apresentar informações diárias para os leitores, porém não era uma realidade que cabia na nova era digital/virtual em que se encontrava na sociedade, porque com a nova era as pessoas precisavam saber dos fatos com credibilidade e rapidez. Segundo Bertoncello (2019), nos dias atuais, as informações circulam globalmente em uma velocidade antes inimaginável para os pioneiros do rádio. A rápida transmissão de informações, combinada com a natureza ágil do rádio, tem atraído um número crescente de ouvintes para essa forma de mídia. O rádio de mobilização, conforme descrito por Ortriwano (1985), visa incentivar a participação ativa do ouvinte na transmissão, mantendo um ritmo dinâmico. Nesse cenário, o jornalismo é promovido, com ênfase no princípio da 'proximidade', priorizando o noticiário local e a prestação de serviços à comunidade.

A internet surgiu como uma ferramenta essencial para impulsionar o progresso do radiojornalismo global. Conforme destacado por Paredes (2019), "A Internet hoje tornou-se um dos desenvolvimentos mais significativos no campo da pesquisa e infraestrutura de informação" (p. 2). Milton Jung (2007) observou que o rádio identificou na televisão uma oportunidade de crescimento na sociedade, adotando a rede de computadores para disponibilizar informações de maneira mais ágil. O rádio não apenas se integrou completamente à internet, mantendo sua presença, mas também passou por transformações significativas. Hoje, é o meio de comunicação que mais se beneficia da internet, ampliando sua abrangência e oferecendo comodidades. Essa integração é possível devido à transmissão mais rápida do som em comparação com a imagem, e também porque não exige a atenção constante do internauta, permitindo que ele continue navegando enquanto escuta o programa.

Com o advento da internet, tornou-se evidente que esse novo meio teria impactos significativos no cenário financeiro e econômico. Diante dessa percepção, investimentos em iniciativas governamentais foram implementados para proporcionar o acesso da população a essa nova forma de mídia. A transição para a internet, conforme destacado por Spyer (2009), foi caracterizada por empresas que, em certa medida, lançaram seus produtos em fase beta para o público em geral, solicitando que os usuários relatassem os problemas encontrados. Essa

estratégia, inserida no contexto de desenvolvimento colaborativo, foi bem-sucedida, especialmente com o aumento da inclusão digital e a oportunidade de participação oferecida por um ambiente projetado para ser aberto. Algumas organizações, como a Netscape, adotaram parcialmente essa abordagem.

De acordo com as análises de Milton Jung (2007), a internet assimilou os meios impressos, influenciou o rádio e está iniciando sua influência sobre a televisão. Na convergência, as mídias não desaparecem; ao contrário, elas se entrelaçam, apresentando desafios consideráveis para os profissionais do jornalismo. O radiojornalismo acompanhou a evolução das mídias, buscando formas de aprimoramento e desenvolvimento em comunicação, obtenção de informações de forma rápida e até mesmo a obtenção de uma maior credibilidade acerca da praticidade com que os fatos chegam ao ouvinte, porém para que tudo isso fosse viável exigia a presença de profissionais especializados incumbidos do contínuo trabalho de buscar informações.

Del Bianco (2004) destacou que o panorama do radiojornalismo está em plena metamorfose devido à transição dos meios técnicos analógicos para os digitais. Uma das transformações mais impactantes nesse processo foi a integração dos dispositivos celulares pelos jornalistas, permitindo transmissões de notícias diretamente do local dos eventos. Essa tecnologia não apenas proporcionou maior dinamismo ao jornalismo de rádio diário em comparação com outros meios, mas também fortaleceu a cultura do "ao vivo", uma característica marcante da era analógica. Essa evolução resultou em uma antecipação das informações em relação aos jornais impressos e à televisão, consolidando o formato do radiojornalismo e enfatizando os gêneros de notícia, reportagem e entrevista.

Apesar dos avanços proporcionados pela recente tecnologia da informação para as rádios brasileiras, surgiram incertezas sobre a decisão de investir nela. Essa hesitação derivou da conexão das rádios aos grandes jornais da época, pois o avanço da internet ameaçava as mídias impressas, resultando em uma discriminação do radiojornalismo pela nova mídia devido às plataformas já consolidadas no mercado.

Nesse contexto, a presença consolidada da internet levou outros meios de comunicação a perceber que não deveriam concorrer diretamente com ela. Heródoto e Paulo Lima (2003) afirmam que a internet não encerrará o rádio, mas, pelo contrário, é a redenção deste. Assim, a internet emergiu como um meio para globalizar as rádios, tornando-as reconhecidas e acessíveis em todo o mundo.

Na contemporaneidade, como salientado por Del Bianco (2004), a internet representa um desafio para a produção de notícias no rádio. Atuando como um canal de acesso em tempo real a uma variedade de fontes, agências de notícias, portais e jornais online, a internet impulsiona a reorganização das rotinas produtivas do radiojornalismo, especialmente em emissoras especializadas em jornalismo com programação de fluxo contínuo informativo.

Com a evolução da mídia digital, o trabalho do repórter se tornou mais prático, porque algumas empresas encontraram softwares que auxiliem os repórteres nas edições dos áudios, com uma maior praticidade e facilidade no momento de edição o que contribui no desempenho e desenvolvimento de seu trabalho. Atualmente, os repórteres têm a capacidade não apenas de gravar e editar as falas dos entrevistados, mas também de registrar seu próprio áudio, permitindo arquivar e, até mesmo, compartilhar em diversas plataformas digitais. Essa evolução, conforme destacou Bertoncello (2019), não apenas proporciona interatividade com a audiência, mas também facilita o compartilhamento de conteúdos por meio de diferentes canais. Essa tática teve um papel fundamental em fortalecer os laços entre as organizações de comunicação e o público, pois as pessoas veem nesses veículos um parceiro alinhado às suas necessidades e às da comunidade. Evidencia-se uma mudança significativa não apenas na rotina diária dos jornalistas, mas também na dos ouvintes, que desempenharam um papel mais ativo nesse processo de comunicação.

O jornalista desempenha um papel crucial na sociedade, inserindo-se em um contexto chamado de "sociedade em rede", que engloba diversas transformações provenientes das novas tecnologias e que impactam as rotinas sociais. De acordo com Castells (2005), um aspecto fundamental da sociedade em rede é a transformação da esfera da comunicação, incluindo os meios de comunicação. A comunicação configura o espaço público, sendo o ambiente cognitivo no qual as mentes das pessoas recebem informações e desenvolvem suas perspectivas por meio do processamento de sinais provenientes da sociedade como um todo. Nesse cenário, o jornalista desempenha um papel vital na disseminação e interpretação desses sinais, contribuindo para a formação de opiniões e visões na sociedade.

Nesse cenário, a transformação na comunicação, como indicado por Castells (2005), mostra que o sistema de comunicação está cada vez mais digitalizado e, aos poucos, mais interativo. A concentração do negócio não implica necessariamente um processo comunicativo unificado e unidirecional.

Bertoncello (2019) destaca a importância da criação de websites para as empresas, utilizando-os como uma ferramenta crucial para expandir seu público e buscar o aumento da audiência em seus programas. Com isso, a audiência deixa de ter uma postura passiva no consumo de informações para se tornar mais ativa.

A avaliação de Cardoso (2015) ressalta que o volume de acessos aos websites de notícias tem experimentado um crescimento constante. Ao confrontar os rankings dos meses de dezembro de 2007 e 2012 do medidor de tráfego de entidades web Netscope (Marktest/Weborama, 2012), percebe-se um aumento expressivo nas visitas à maioria das páginas online de veículos oriundos da imprensa, televisão e rádio. Alguns portais de jornais diários registraram um triplo aumento em suas audiências nos últimos cinco anos. Os portais de diários esportivos se destacam como os mais visitados na internet, seguidos pelos portais de informação geral e os de economia e finanças.

O rádio passa por avanços em relação à tecnologia e suas formas de disseminação de informações, que tem como objetivo promover aos ouvintes notícias a todo momento, dessa forma, em seguida será apresentada a emissora Jovem Pan, considerada tradicional e que passa a se desenvolver e obter espaço na sociedade a partir do avanço das redes sociais.

2.4 Jovem Pan e o radiojornalismo

Com o avanço da tecnologia tem promovido conexões entre os indivíduos de todo o mundo, no qual permite que todos possam se conectar através das redes de informação. O desenvolvimento tecnológico tem contribuído para produção e disseminação de informações de relevância social, especificamente no campo jornalístico, que tem se transformado com os avanços das mídias digitais. A Jovem Pan é um veículo tradicional brasileiro que tem sofrido transformações nos últimos anos a fim de se adaptar às mudanças causadas pelas novas tendências de comunicação, impulsionadas pelas redes sociais/internet, as perspectivas da emissora indo em direção ao radiojornalismo convergente.

Magnoni e Miranda (2016) frisam que a disseminação de mensagens sonoras e audiovisuais pela internet facilitou a entrada eficaz de muitas emissoras de rádio e televisão no ciberespaço. Esse movimento, frequentemente efetuado sem a devida autorização dos detentores dos direitos autorais, resultou na disponibilização de uma vasta gama de registros fonográficos, cinematográficos e arquivos magnéticos de áudio e vídeo. A propagação desses conteúdos, acessíveis de maneira gratuita, regular e personalizada, contribuiu para o rápido

crescimento de diversos ambientes online de publicação, impulsionando a audiência no ciberespaço. Todavia, esse fenômeno também teve o impacto de reduzir a audiência nos meios de comunicação tradicionais, especialmente no jornalismo impresso.

A Jovem Pan realizou modificações em suas programações, sendo notáveis, principalmente, na sua integração com a era das redes sociais, especificamente no que se refere à transmissão ao vivo de seus programas no Facebook e na internet.

Del Bianco (2004) diz que normalmente as emissoras de rádio elaboram também um jornalismo online, no entanto, o mesmo acaba tendo uma complexidade narrativa mais inferior no que diz respeito a exploração dos recursos hipertextuais e hipermídia inerentes a Internet, ou seja, acabam afastando a ideia de uma postagem em tempo real. Portanto, para que não houvesse uma rivalidade com a nova mídia, todas as notícias e informações do radiojornalismo chegavam na internet apenas depois de ter ido ao ar.

Quando a Jovem Pan lançou seu portal de notícias em 1997, pulou a etapa do folheto eletrônico. Desde o início, a emissora disponibilizou seu radiojornalismo apresentando notícias em tempo real, cobrindo uma variedade de temas, como informações de trânsito, condições climáticas, situação de estradas e aeroportos, indicadores econômicos, esportes, dicas de culinária, língua portuguesa, além de análises e comentários de especialistas em direito e economia, entre outros.

A rotina de produção de conteúdo para o site da Jovem Pan segue uma abordagem específica para transpor o que foi noticiado no rádio para a Internet. A equipe da empresa é composta por dois editores em turnos de seis horas, encarregados de postar as notícias e reportagens veiculadas ao longo da programação diária no site. O trabalho começa por volta das sete horas da manhã. Os editores utilizam o espelho do principal jornal da manhã disponibilizado na rede local como referência, a partir do qual fazem a seleção de conteúdo. O espelho auxilia na identificação do tipo de material, como nota, reportagem, matéria ilustrada com som, entrevista ao vivo, e nota para locutor ilustrada com entrevista editada.

Segundo Gomes e Santos (2017), em 1944, a Rádio Panamericana passou a direcionar seus esforços para a transmissão de novelas após ser adquirida por Paulo Machado de Carvalho Filho. A emissora, que antes tinha um foco jornalístico, modificou sua programação para incluir esportes e programas de notícias, visando manter a sociedade informada sobre questões locais, nacionais e internacionais. Com essa mudança, a rádio buscava conquistar e ganhar visibilidade, especialmente entre jovens e universitários. A Rádio Panamericana, então, foi renomeada para

Jovem Pan, transformando-se em uma rádio profissional que prestava serviços à população paulistana.

Com essa alteração, a Jovem Pan deu início à prática de designar repórteres para percorrer as ruas da cidade, coletando informações relevantes para a comunidade, reforçando assim seu compromisso com o serviço público e a divulgação de notícias.

A comunicação desempenha um papel crucial ao ser empregada como ferramenta pelos governantes para alcançar metas específicas. Sob diversas pressões, ela tem sua função moldada pelo poder estabelecido. Segundo as reflexões, a comunicação se torna o meio primordial para a disseminação da propaganda política, almejando não apenas assegurar consenso e legitimidade, mas também manipular a opinião pública. Nesse contexto, a comunicação é estrategicamente utilizada para influenciar a percepção coletiva, construindo narrativas alinhadas aos interesses e objetivos do governo. Esse processo vai além do uso da força, englobando a capacidade de influenciar a opinião pública por meio de estratégias comunicacionais, enfatizando a relevância central da comunicação como uma ferramenta política.

Conforme Caparelli (1986), a comunicação assumiu o papel de instrumento nas mãos dos governantes, sendo utilizada para atingir objetivos predefinidos. Sob diversas pressões, essa comunicação tem sua função moldada pelo poder. Por meio dela, os líderes veiculam propaganda política, buscando angariar consenso e legitimidade. Essa busca não se restringe apenas ao uso da força, mas inclui também a manipulação da opinião pública.

Gomes e Santos (2017) sublinham que nos primeiros anos da década de 1970, a Rádio Jovem Pan de São Paulo desempenhou um papel inovador na radiodifusão brasileira ao adotar uma abordagem ativa e participativa no jornalismo. A Jovem Pan conquistou credibilidade e visibilidade entre os ouvintes por meio de seus serviços à população, tornando-se um marco no radiojornalismo do país. A emissora buscava temas relevantes para a sociedade, enviando repórteres para cobrir eventos em tempo real. Segundo Bertoncello (2019), a Jovem Pan se consolidou como um símbolo de notícias confiáveis, caracterizando-se por um jornalismo dinâmico e informações precisas. A presença ativa da Rádio Jovem Pan em eventos sugere que seu microfone está sempre presente. A emissora desenvolveu um modelo que funciona como um canal aberto para a população, estabelecendo conexões com autoridades em diferentes níveis, desde locais até nacionais. A Jovem Pan conquistou a liderança de audiência entre as rádios de São Paulo, destacando-se pela rapidez na disseminação de informações, impulsionada

por um jornalismo bem elaborado e pela busca incessante pela liderança no mercado jornalístico brasileiro.

Ao longo da sua trajetória, a Jovem Pan delineou um novo padrão de ouvintes, que participavam ativamente dos jornais, questionando e solicitando esclarecimentos sobre as notícias veiculadas. Esse engajamento estimulava os jornais a implementarem melhorias na sociedade e a divulgarem informações autênticas. Conforme destacado por Porchat (1993), a audiência da Jovem Pan é imediata e prática, centrando-se no momento presente e nas questões que impactam diretamente os ouvintes. A rádio evita abordagens complexas nas ondas do rádio, exigindo uma seleção criteriosa e qualidade na informação, dada a profusão de notícias. A elaboração da pauta diária reflete essa dinâmica, apresentando um jornalismo ágil, seletivo e voltado para a prestação de serviços. Essa abordagem reflete a estratégia adotada pela emissora no mercado.

O ouvinte da Jovem Pan é descrito como alguém informado, engajado e insatisfeito, conforme delineado por Porchat (1993, p. 14). Este perfil de ouvinte revela um entendimento sólido dos direitos do cidadão e uma disposição para defender ativamente esses direitos. Além de aspirar a uma melhor qualidade de vida, a ouvinte expressa demandas por salários justos, acesso à educação e serviços de saúde pública para seus filhos.

Participativo além do nível individual, o ouvinte busca envolver-se em questões sociais mais amplas. A aspiração de transformar a rádio em um veículo público sugere um desejo por transparência e responsabilidade por parte das autoridades, usando a Jovem Pan como um meio para expressar preocupações e pressionar por mudanças.

A relação entre a Jovem Pan e seu ouvinte é interativa, destacando-se pela rádio fornecer um espaço para que as vozes dos ouvintes sejam ouvidas, tanto no ar quanto em off. Isso reflete uma dinâmica de diálogo aberto e participativo entre a emissora e seu público. O ouvinte da Jovem Pan não é apenas um receptor passivo, mas um agente ativo na busca por informação, expressando seus direitos à livre expressão e demonstrando um comprometimento ativo em questões sociais e políticas.

A rádio Jovem Pan iniciou um novo paradigma no jornalismo brasileiro nos anos 1970 ao adotar uma abordagem ativa e participativa. A marca evoluiu para se tornar sinônimo de notícias e credibilidade, destacando-se por um estilo jornalístico dinâmico e pela apresentação de informações precisas. A presença da Jovem Pan sugere que, onde há um acontecimento, lá também está o microfone da emissora. Ao estabelecer conexões com autoridades locais,

estaduais e nacionais, a Jovem Pan conquistou a liderança de audiência em São Paulo, destacando-se pela rapidez na disseminação de informações e pela busca contínua pela liderança no mercado jornalístico brasileiro.

Porchat (1993) destacou que o público da Jovem Pan é composto por consumidores informados, engajados e questionadores. Possuindo conhecimento sobre seus direitos como cidadão, ele está disposto a lutar por eles. Este ouvinte busca tornar suas reivindicações públicas, exercendo pressão sobre os órgãos competentes. A Jovem Pan, seja no ar ou fora do ar, concede voz a esse cidadão, permitindo que ele se manifeste. O ouvinte da Jovem Pan manifesta suas necessidades em busca de uma melhor qualidade de vida, salários justos, educação de qualidade e saúde pública para seus filhos. Além disso, almeja a liberdade de escolher seus representantes políticos, e todas essas aspirações se traduzem em seu interesse por informações.

Não é possível afirmar com certeza se o público que ouvia a Jovem Pan em 1993 é o mesmo de hoje. Isso se deve a uma série de fatores, como mudanças demográficas, culturais, tecnológicas e sociais que ocorreram ao longo do tempo. Ao longo das décadas desde 1993, observamos transformações significativas na sociedade, nas tecnologias de comunicação e nos hábitos de consumo de mídia. Mudanças geracionais, evolução de interesses do público e alterações nas formas de consumir informação podem influenciar diretamente o perfil dos ouvintes de uma rádio.

Além disso, é importante considerar que a própria Jovem Pan pode ter ajustado sua programação, estilo e formatos ao longo dos anos para acompanhar as mudanças nas preferências e demandas do público. Portanto, enquanto pode haver uma continuidade de ouvintes ao longo do tempo, é razoável esperar que haja variações no perfil do público ao longo das décadas.

A Jovem Pan engloba uma diversidade de setores sociais, políticos e econômicos ao longo das 24 horas do dia. Ao atingir o marco de 50 anos, a emissora expandiu suas operações com o Jovem Pan Sat, estabelecendo filiais em todo o Brasil. Conforme Gomes e Santos (2017), a Jovem Pan Sat levou a programação musical e a credibilidade jornalística da rádio paulista para ouvintes em diferentes municípios brasileiros.

Outra iniciativa relevante que deixou sua marca no radiojornalismo da Jovem Pan foi o manual elaborado para orientar profissionais interessados em trabalhar na emissora ou que buscavam compreender melhor o papel do jornalista de rádio. O Manual de Radiojornalismo

da Jovem Pan proporcionou insights sobre o funcionamento interno da emissora, seus princípios de credibilidade e o processo de seleção e produção de notícias. Segundo Gomes e Santos (2017), esse projeto desempenhou um papel crucial ao fortalecer a credibilidade da emissora, apresentando à sociedade detalhes técnicos sobre como a Jovem Pan operava para levar as notícias aos ouvintes.

A capacidade distintiva do rádio reside na sua habilidade de criar proximidade com o ouvinte, estabelecendo uma comunicação direta e pessoal com o cidadão. A expressão "falar ao pé do rádio", embora agora seja de uso comum, ainda captura com precisão a sensação de estar diante do microfone, compartilhando histórias do dia a dia. Essa relação próxima e íntima cria um ambiente no qual as experiências narradas ao vivo estabelecem uma conexão única entre o comunicador e o público, destacando a natureza envolvente e pessoal desse meio de comunicação. De acordo com Jung (2007), a proximidade com o ouvinte e a conversa direta com o cidadão são características fundamentais do rádio.

Conforme Gomes e Santos (2017), o rádio, incluindo a Jovem Pan, tem acompanhado o avanço tecnológico. Assim como outras emissoras, o desenvolvimento do rádio brasileiro está intrinsecamente ligado ao progresso do país e da tecnologia, que está em constante renovação. Nesse contexto, o radiojornalismo tem evoluído para se manter alinhado a esse progresso tecnológico. A oportunidade de criar uma rede de emissoras despertou o interesse das empresas de comunicação em conquistar novos mercados. Essa chance de levar notícias a todas as regiões do país intensificou a forma de comunicação, uma vez que as empresas regionais tiveram que se adaptar ao novo modelo empregado pelas emissoras líderes.

Devido ao avanço tecnológico a Jovem Pan começa a ter um maior desenvolvimento e reconhecimento, pois as pessoas começam a ter um maior acesso através de outras plataformas digitais possibilitando a obtenção de informações aonde estiver.

2.5 Jovem Pan na internet e suas influências

Antônio Augusto de Carvalho Filho, conhecido como Tutinha, assumiu a presidência da Jovem Pan em junho de 2013. Sob sua gestão, a emissora passou por investimentos significativos na linha jornalística, adotando uma abordagem mais opinativa e direcionando esforços para a produção de conteúdo em vídeo, fortalecendo assim sua presença na era digital. Essas iniciativas foram implementadas em uma extensa rede composta por 58 emissoras FM, 80 AM e 22 Jovem Pan News. No entanto, devido ao enfoque no jornalismo de opinião, a Jovem

Pan enfrentou uma redução no faturamento publicitário, resultando na exclusão do grupo do orçamento de mídia do Governo Federal.

No entanto, a opção pelo jornalismo opinativo teve consequências financeiras notáveis, resultando em uma redução no faturamento publicitário da Jovem Pan. Essa diminuição, por sua vez, levou à exclusão do grupo do orçamento de mídia do Governo Federal. A mudança na linha editorial, que possivelmente contribuiu para uma maior polarização de opiniões, pode ter influenciado a decisão de alguns anunciantes, afetando as receitas publicitárias da emissora.

A exclusão do orçamento de mídia do Governo Federal sugere que a abordagem editorial da Jovem Pan pode ter sido interpretada de forma desfavorável pelas autoridades governamentais. Esse tipo de decisão, envolvendo financiamento público, geralmente está associado a avaliações subjetivas sobre a orientação ideológica e a postura da mídia em relação ao cenário político.

A trajetória da Jovem Pan sob a gestão de Tutinha destaca os desafios complexos enfrentados pelas empresas de comunicação, que buscam equilibrar a busca por audiência com considerações comerciais e as dinâmicas políticas em constante mudança.

O jornalismo de opinião na Jovem Pan iniciou uma notável "revolução" com a chegada de profissionais que expressavam claramente uma posição alinhada à nova direita ultraliberal brasileira, associada a políticos como Jair Bolsonaro, João Amoedo e Flávio Rocha. De acordo com Bertoncello (2019), um exemplo marcante é o caso de Marco Antônio Villa, historiador e comentarista político, contratado pela emissora em 2015. Nesse período, os dados da própria Jovem Pan indicam um aumento de 7% na audiência, atribuído à mudança editorial do grupo, que optou por enfatizar conteúdo opinativo em um momento singular na política brasileira.

Para Bertoncello (2019), programas como o *Morning Show*, apresentado por Edgar Piccoli, surgiram como uma combinação de jornalismo e entretenimento, enquanto no campo esportivo, o jornalista Mauro Beting foi destaque, visando rejuvenescer e conquistar ou retomar a liderança. A emissora também agregou novos profissionais, incluindo Vera Magalhães, Carlos Andreazza e Marcelo Madureira.

A Jovem Pan intensificou suas práticas no formato digital nos anos de 2014 e 2015, adotando transmissões regulares em vídeo pela internet. De acordo com Bertoncello (2019), o estúdio em São Paulo passou por significativas transformações, sendo equipado com 84 câmeras que geravam imagens ao vivo para os espectadores que acompanhavam a Jovem Pan

por meio de aplicativos móveis. Programas como *Morning Show* e *Pânico* inovaram ao oferecer a opção de assistir aos programas por meio de live streaming, tanto no aplicativo móvel (smartphones e tablets) quanto no site da emissora, proporcionando aos usuários a visualização do estúdio e uma forma diferenciada de interação para aqueles conectados à internet. Essa estratégia reflete a orientação da emissora para investir em tecnologia, buscando produzir conteúdo de forma integrada em todas as plataformas.

Os estúdios da Jovem Pan foram renovados, recebendo uma nova cenografia sob a direção artística de Nilton Travesso, um renomado produtor de novelas e programas com passagens por emissoras como Rede Globo, Rede Bandeirantes, SBT e Record TV. Essas transformações não apenas atualizaram o ambiente de produção da emissora, mas também refletiram a busca por inovação.

Nesse contexto de mudança, McLuhan (2007) enfatiza que um dos resultados da televisão sobre o rádio foi transformá-lo de um meio de entretenimento em uma espécie de sistema nervoso da informação. Elementos como notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e dados sobre o tempo passaram a ser explorados para realçar a capacidade singular do rádio em conectar as pessoas. Essas adaptações não apenas trouxeram transformações físicas aos estúdios, mas também revelaram uma reorientação estratégica para manter a relevância do rádio no cenário midiático.

Os programas da Jovem Pan News, como *3 em 1*, *Pingos nos Is* e *Esporte*, absorveram a abordagem digital em suas plataformas. Segundo Bertoncello (2019), as telas dentro do estúdio exibem imagens relacionadas aos temas em discussão pelos apresentadores. Ao longo da transmissão, a identidade visual da Jovem Pan é ressaltada por meio de elementos visuais, e os perfis dos jornalistas, junto com suas redes sociais, são exibidos. Quando um repórter que está fora do estúdio é chamado, ele se conecta por meio de aplicativos de chamada em vídeo, como o Skype, para exibir sua imagem aos espectadores da internet. A audiência também contribui para essa inovação, enviando mensagens em vídeo que são reproduzidas durante os programas.

Além disso, Antônio Augusto de Carvalho Filho, durante seu terceiro ano na presidência da emissora Jovem Pan, já vislumbrava um robusto investimento nas transmissões em vídeo dos programas de rádio. Ele introduziu o vídeo em todas as programações da emissora, com 90% dos produtos da Jovem Pan sendo transmitidos por streaming no YouTube, Facebook e no site, atingindo uma audiência ao vivo de 20 mil pessoas, que assistem e interagem por meio de

comentários. Essa estratégia resultou em significativos aportes financeiros para a emissora, provenientes da introdução do vídeo e das publicidades associadas a essa plataforma. Nesse contexto, Bertonce (2019) enfatiza a forte tendência da empresa em direcionar investimentos para a produção de conteúdos voltados também a plataformas alternativas, destacando, principalmente, as transmissões em vídeo dos programas radiofônicos. A pesquisa em questão foca seus estudos nessa mudança de comportamento, visando compreender as transformações na produção, edição e linguagem causadas por esse novo cenário.

Esses investimentos desempenharam um papel crucial no crescimento da emissora, pois possibilitaram sua expansão para outras plataformas digitais que estavam em destaque na época. Isso permitiu alcançar um público mais amplo, especialmente com a introdução de conteúdo em vídeo, contribuindo significativamente para o aumento das oportunidades publicitárias.

Ao analisar a construção sócio-histórica do radiojornalismo e considerar o caso da Jovem Pan, emergem insights valiosos sobre a evolução desse meio de comunicação. A Jovem Pan não apenas testemunhou as mudanças tecnológicas que moldaram o radiojornalismo, mas também desempenhou um papel proativo em se adaptar a essas transformações. Sua capacidade de integrar diversas plataformas de mídia, aliada a uma abordagem dinâmica e inovadora, destaca-se como um exemplo notável de como uma emissora pode não apenas resistir à obsolescência, mas também prosperar em um cenário midiático dinâmico.

No capítulo três, terá como destaque a análise de conteúdo. Será possível verificar a sequência metodológica aplicada para análise, perfil dos comentaristas/ ex-comentaristas da Jovem Pan como respectivos resultados da análise.

CAPÍTULO III - COMENTADORES DA JOVEM PAN E O ALINHAMENTO BOLSONARISTA.

Nesse capítulo, será trabalhado o desenvolvimento da análise de conteúdo obtido através de três programas da emissora Jovem Pan News, correspondente ao quadro apresentado por Alexandre Garcia no Jornal Jovem Pan, também o Boletim Caio Coppolla (finalizado em outubro de 2022) e o Opinião com participação de Adrilles Jorge (última participação em dezembro de 2022). Estes comentaristas ganharam destaque na programação da emissora com suas opiniões acerca de contextos políticos, ao mesmo tempo que encontraram importante visibilidade nas redes, principalmente entre a audiência bolsonarista, atuando alinhados com os programas, projetos e discursos produzidos pela administração Bolsonaro.

A proposta e leituras desse trabalho consistem em fazer uma análise dos 3 programas escolhidos, buscaremos assim refletir sobre a atuação desses comentadores em torno de temas relevantes do debate público ao longo dos últimos quatro anos., assim como, trazer apontamentos sobre a narrativa de bem e de mal, presente na leitura bolsonarista sobre a oposição e as esquerdas e a tentativa de alicerçar a reeleição de Jair Bolsonaro. Para isso, o levantamento de dados ocorreu de 01 de janeiro de 2018 a 31 de outubro de 2022. A análise dos programas/comentadores foi feita com relação aos seus posicionamentos acerca do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Alexandre, Coppolla e Adrilles não tem “papas na língua” principalmente quando o assunto é política. Essa postura se articula ao que Morris (2005), ao produzir sua pesquisa sobre a Fox News, pontuou sobre a capacidade do jornalismo televisivo produzir respostas cognitivas pré-existente como simpatia, empatia, antipatia, entre outras nos telespectadores. Nesse sentido, os comentários direcionados aos apoiadores do ex-presidente, junto com o tratamento como celebridades da televisão brasileira, ampliaram a capacidade de influência frente à sociedade.

Com isso, se torna importante, antes mesmo, de produzir a análise de conteúdo sobre os comentários nos programas, realizar uma rápida análise sobre o perfil dos comentaristas aqui trabalhados, com a intenção de compreender as suas trajetórias profissionais até a Jovem Pan.

Alexandre Garcia



Fonte: Youtube

Alexandre Garcia é um renomado jornalista brasileiro, conhecido por sua vasta experiência e contribuições no campo do jornalismo político e da comunicação. Nascido em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, em 1940, Garcia iniciou sua carreira como jornalista na década de 1960, destacando-se pela sua atuação em importantes veículos de comunicação, como a Rede Globo e a extinta TV Manchete. Sua trajetória profissional incluiu a cobertura de diversos acontecimentos marcantes da história do Brasil, desde os anos de ditadura militar até os dias atuais. Ao longo de sua carreira, Alexandre Garcia se consolidou como uma figura influente no cenário jornalístico brasileiro, sendo reconhecido por sua objetividade, análises perspicazes e comunicação clara e acessível.

É comentarista político, já trabalhou em outras emissoras como TV Globo, CNN, 38 jornais e 300 rádios, segundo o diretor de jornalismo da Jovem Pan Humberto Candil (2021) afirma que a contratação de “Alexandre vem somar a um time de comentaristas com a missão de protagonizar a liberdade de expressão e o livre pensamento, características básicas do jornalismo da Jovem Pan”.

Alexandre Garcia começou aos 7 anos de idade a adentrar nas radionovelas e começou a receber seu primeiro salário aos 16 anos, com o papel de animador e produtor de um programa, filho de um radialista chamando Oscar Chaves Garcia. Formado em jornalismo na PUC-RS, também foi um dos melhores alunos, mantendo-se como aluno excelente durante toda a graduação, foi presidente de aula e do centro acadêmico, e ao final de sua formação tornou-se professor no curso de Jornalismo na PUC e no Uniceub de Brasília. Nas décadas de 1970 e 1980, trabalhou no Jornal Brasil, o mais importante da época, passou 30 anos na Rede Globo, 14 meses na CNN e também trabalhou em 17 países, sendo reconhecido com mais de 30 condecorações nacionais.

Com sua influência nas redes sociais, ele possui um público de 2,63 milhões de inscritos no YouTube, 1,8 milhões de seguidores no Instagram e 4.250.967 seguidores no X. Além disso, Alexandre Garcia também é autor de diversos livros sobre política e jornalismo, contribuindo para o debate público e para a formação de opinião no Brasil. Sua voz continua a ser uma das mais proeminentes no cenário jornalístico brasileiro, oferecendo análises e insights valiosos sobre os acontecimentos políticos e sociais do país.

Caio Coppolla



Fonte: G1-Globo

Caio Arruda Miranda, popularmente conhecido como Caio Coppolla, nasceu em São Paulo, no dia 5 de dezembro de 1986, é formado pela faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), tentou uma carreira musical como membro dos Mirandous e, atualmente, tem atuado como comentarista político e apresentador. Coppolla iniciou sua trajetória nas redes ao ser um dos fundadores do site Moda IT em 2011 e a partir de 2016 começou a postar comentários sobre política em seu canal no Youtube²⁵, rapidamente chamando a atenção do jornal Gazeta do Povo. Em 2018, a Jovem Pan o convidou para participar do programa *Morning Show* e logo em seguida ele foi inserido como um dos comentadores do programa. A atuação no programa matinal fez com que ele recebesse o prêmio de revelação no ano de 2019.

Após o sucesso alcançado na Jovem Pan, o jornalista foi contratado, no ano de 2020, pela CNN, entrando no programa “Liberdade de Opinião” que na época teve destaques de audiência no CNN Brasil, ao propor debates sobre temas políticos a partir de uma ótica polarizada entre comentadores progressistas e conservadores.

Segundo a reportagem de Gabriel Perline²⁶, a primeira passagem do comentarista na CNN foi bastante conflituosa, o que fazia com que sua permanência na emissora fosse alvo de

²⁵ <https://www.museudatv.com.br/biografia/caio-coppolla/>

²⁶ <https://gente.ig.com.br/colunas/gabriel-perline/2021-10-30/saiba-a-verdade-por-tras-da-demissao-de-caio-coppolla-da-cnn-brasil.html>

várias críticas advindas de jornalistas e da equipe editorial, principalmente, por sua postura durante a pandemia. Coppola se colocava abertamente contra as recomendações da Organização Mundial de Saúde e disseminava informações imprecisas. A mesma reportagem aponta outras duas causas para a sua demissão, o fato de Coppola, após ser retirado da programação por conta de suas declarações, ter assinado um contrato com a rádio Jovem Pan e a preocupação por parte da emissora que o comentarista utilizasse o seu espaço no ar para realizar campanha para Bolsonaro nas eleições de 2022.

Apenas três dias após a sua demissão da CNN, Coppolla foi recontratado pela Jovem Pan e publicou o seguinte anúncio em seu Instagram²⁷ @boletimCoppolla:

Assinei contrato de exclusividade para rádio e TV com a Jovem Pan News, uma emissora ao mesmo tempo tradicional e disruptiva, em que impera a liberdade de expressão. Ter um programa que leva meu nome na grade da Jovem Pan é uma imensa honra; ser o redator, apresentador e editor do Boletim será uma tremenda responsabilidade; mas o sentimento que prevalece é o de alegria. Me sinto como Manuel Bandeira em sua utopia ‘Pasárgada’, que parafraseio aqui: ‘Fui-me embora para a Pan; Lá sou amigo do rei; Lá terei o programa que eu quero; Falando o que escolherei. (Coppolla, 2021).

Sobre a contratação, na época, presidente do Grupo Jovem Pan, Tutinha, argumentou: “É um reforço de peso para o nosso jornalismo de opinião. E era o nome mais pedido pela audiência” (Jovem Pan, 2021). Após ser contratado Coppola foi designado como apresentador de um programa denominado de Boletim Coppolla na Jovem Pan News, rádio Jovem Pan e também em sua conta no Youtube. Junto a isso, em 2022, ele voltou a escrever no jornal Gazeta do Povo.

Em 2022, de volta ao Grupo Jovem Pan, o comentarista apresenta o “Boletim Coppolla”, programa diário de análises, debates e entrevistas, exibido em horário nobre na TV Jovem Pan News e na Rádio Jovem Pan – e agora, Caio Coppolla retorna também à Gazeta do Povo com uma coluna semanal publicada aos finais-de-semana. (Gazeta do povo, 2022).

Um ano após sua contratação pela emissora paulista, Coppolla novamente foi demitido, em 2023, como parte de um projeto de reestruturação editorial da Jovem Pan, iniciado após a derrota de Bolsonaro nas eleições de 2022. Com isso, ainda em 2023, ele retornou a CNN Brasil para fazer parte da nova versão do programa Grande Debate. O retorno do programa foi uma tentativa da emissora repetir a repercussão digital da versão anterior, aproveitando para isso a polarização política presente no país.

Caio Coppolla é um destacado comentarista político e advogado brasileiro, conhecido

²⁷ Fonte: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/tres-dias-apos-ser-demitido-da-cnn-caio-coppolla-e-contratado-pela-jovem-pan-68636>

por suas análises perspicazes e posicionamentos firmes em debates políticos e sociais. Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), Coppolla ganhou projeção nacional ao participar de programas de debates e análises políticas em veículos de comunicação como a CNN Brasil e a Jovem Pan. Sua trajetória profissional é marcada por uma abordagem franca e contundente, frequentemente gerando polêmicas e debates acalorados. Além de sua atuação como comentarista, Coppolla também é autor de artigos e ensaios, contribuindo para a discussão de temas relevantes no cenário político brasileiro. Sua influência nas redes sociais também é significativa, onde mantém uma presença ativa e engajada, compartilhando suas opiniões e interagindo com seus seguidores.

Atualmente Coppolla tem 2.2 milhões de seguidores no Instagram, 1.6 milhões de inscritos em seu canal @CaioCoppolla no Youtube e um total de 631.4 mil seguidores no X.

Adrilles Jorge



Fonte: Ego-Globo

Adrilles Jorge nasceu em Campos Gerais, Minas Gerais, no ano de 1974. Formado em jornalismo na PUC-MG com especialização em arte moderna, atuou como repórter, produtor de televisão, redator, editor e colunista, no ano de 2015 participou do programa Big Brother Brasil da rede Globo. É escritor, poeta, jornalista, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ao qual saiu candidato a deputado federal na eleição de 2022, comentarista do programa Morning Show e escreve sobre política, cultura e comportamento na Revista Oeste.

Adrilles foi contratado em setembro de 2019 para o *Morning Show*, ocupando a vaga deixada por Caio Coppolla, com um estilo mais verborrágico e contundente que seu antecessor,

o comentarista acabou se envolvendo em um número ainda maior de polêmicas, até ser demitido no dia 09 de fevereiro de 2022. A suposta demissão do comentarista ocorreu após a repercussão de um gesto de saudação nazista ao vivo no programa Opinião da Jovem Pan News, “(...) nas redes sociais, ele negou que o gesto tenha sido uma forma de apologia ao nazismo e afirmou que estava apenas acenando. Segundo ele, seu tchau foi irônico e de forma galhofeira” (uai,2022),

“Se você não corrobora com o discurso dessa turma politicamente progressista você é cancelado. Não foi o maior e nem vai ser o último dos grandiosos cancelamentos, mas foi o mais patético. Uma pessoa que, eventualmente, dá um tchau, que já deu 50 vezes nos programas, e é tirado de contexto... aí vem uma turma de canceladores” (RD1, 2023)

“No meu caso, eu fiz um gesto que pode ser associado ao nazismo? Vocês estão de brincadeira. Uma das coisas mais patéticas. Um monte de gente disse: ‘Deixa a poeira abaixar, fica quieto’. Não, eu não fiquei quieto e não vou. Vou processar todas as pessoas que me chamaram de nazista”. (RD1, 2023)

Contudo, após 43 dias de sua demissão foi readmitido pelo próprio dono da emissora o popularmente conhecido por Tutinha, Antônio Augusto do Amaral Carvalho filho, porém segundo informações do colunista Ricardo Feltrin (do Splash) “ele nunca foi demitido e continuava recebendo seus pagamentos e até continuou a frequentar as dependências da emissora Jovem Pan”.

As palavras ásperas do comentarista ganhavam a afeição de um público particular, pois andava em caminho paralelo às ideias bolsonaristas, mesmo não se reconhecendo como tal.

(...) Adrilles afirmou não ser bolsonarista, mas acredita que **Jair Bolsonaro** é a figura mais combativa contra ataques à liberdade no país. “Eu não sou bolsonarista. Existem dois caminhos no país hoje polarizado. Existe uma perda de liberdade, é fundamental que a gente resolva isso”, opinou. “A gente perdeu liberdade de trabalhar, se educar, andar seguro nas ruas, liberdade empreender. Todas essas liberdades quem defende hoje é um homem chamado de tirano e fascista, que é Bolsonaro” (Jovem Pan, 2022).

A radicalidade dos posicionamentos do comentador fez com que, no dia 09 de novembro de 2022, o X suspendesse a sua conta, após decisão do TSE. A suspensão foi motivada por uma série de lives questionando os resultados das urnas, após a eleição de 2022. Mesmo com o bloqueio das redes, ele mantém 967.655 seguidores no X, embora sua última publicação na plataforma tenha ocorrido em 04 de novembro de 2022, tem 874 mil seguidores no Instagram e pouco mais de 9800 seguidores em seu canal no Youtube.

Tabela 4: Programas da Jovem Pan escolhidos para análise

Boletim Caio Coppolla	No período do recorte da pesquisa, o programa Boletim Caio Coppolla acontecia de segunda-feira a sexta-feira, as 17:50, na TV Jovem Pan News (canal 576 ou 581) e na Rádio Jovem Pan, com reprise no Jornal da Manhã. Segundo o site do programa é “um grande tema de interesse nacional. política, economia e justiça, o programa fala de educação, cultura, saúde e comportamento” (Jovem Pan, 2022). Sobre atuação de Caio Coppolla, (...) Suas opiniões sempre se destacaram e ganharam ampla repercussão nas mídias sociais. Coppolla se tornou um fenômeno da internet. Ele passou a ter seu nome entre os assuntos mais comentados do Twitter. Nas redes sociais ele tem centenas de milhares de seguidores (PRÓ-TV, 2021).
<i>Morning Show</i> (quadro Opinião) (Adrilles Jorge)	Um dos comentaristas do programa Morning Show é o Adrilles Jorge. A intenção do programa é apresentar opiniões diferentes do entre os comentaristas. “Sob o comando de William Travassos, dois especialistas analisam e debatem em profundidade as principais manchetes do dia. Pontos de vista diferentes que oferecem ao telespectador a visão geral dos fatos” (Jovem Pan, 2022). Ao final do programa a seguinte frase se faz presente: “a opinião dos nossos comentaristas não reflete necessariamente a opinião do grupo Jovem Pan de comunicação”.

Jornal Jovem Pan News	Aparecia todas as sextas na coluna “a semana com Alexandre Garcia”. Nessa coluna do jornal, ele fazia uma análise dos principais pontos político da semana e dava suas opiniões sobre o fato ²⁸ .
------------------------------	--

Fonte: Criada pelo autor

Visto os perfis dos comentaristas e ex-comentaristas da Jovem Pan, partimos para a proposta metodológica para a análise de conteúdo. Baseada na orientação da autora Laurence Bardin (1977), essa etapa corresponde a coleta de material para análise. Aqui, será possível entender o processo realizado para alcançar o objetivo estimado.

Para a realização do corpus textual a busca pelo material deve ser exaustiva e minuciosa, para o caso dessa pesquisa a plataforma *Youtube* foi base para coleta do material, visto que, o Jornal Jovem Pan, o Boletim Coppolla e o Programa *Morning Show* replicam os programas da TV na plataforma, de maneira que eram salvos diariamente e possuem livre acesso no canal da emissora Jovem Pan News. A escolha pela seleção desse material e não pela gravação direta do conteúdo da televisão se deu pela similaridade do conteúdo e pela melhor organização no youtube a partir de *playlists*.

Devido a necessidade de homogeneidade do conteúdo e objetivo da pesquisa, todos os vídeos dos comentaristas foram assistidos, porém apenas os que continham debates que envolviam o ex-presidente Bolsonaro foram utilizados e também que se encaixavam no período entre 01 de janeiro 2018 a 31 de outubro 2022.

Posterior a seleção, os comentários de Garcia, Coppolla e Adrilles foram digitalizadas e finalmente tratadas com o auxílio da ferramenta de contagem lexical Iramuteq. O conteúdo dos comentários foi revisado para que não houvessem palavras escritas de forma errada e muito

²⁸ As falas que englobavam Jair Bolsonaro são geralmente curtas, já que é uma coluna jornalística relativamente pequena (em torno de 15 a 20 minutos) e nem todos os fatos políticos comentados por Alexandre envolviam Bolsonaro.

menos caracteres que não são aceitos no programa utilizado para gerar palavras-chaves, para evitar resultados inválidos. Após a seleção inicial, obteve-se o corpus textual, com uma seleção total de 24 edições dos programas, em que, desses foram selecionados 08 para a análise do jornal Jovem Pan (Alexandre Garcia), 08 para o Boletim Caio Coppolla, 08 para o *Morning Show* (Opinão) (Adrilles Jorge).

O citado corpus textual corresponde a um arquivo único para cada comentarista analisado, contendo a união de todas suas falas transcritas, ou seja, foi gerado três corpus textuais dos quais foram lançados no programa escolhido como auxílio para produção do material de análise: o *Iramuteq*. O *Iramuteq* em poucos segundos calcula a frequência em que as palavras acontecem e então tem-se um material a ser analisado em conjunto com embasamento teórico. Essa análise tem o intuito de promover um aprofundamento sobre os conteúdos publicados na plataforma, é uma forma técnica, sistemática de analisar os conteúdos ideologicamente formados e contidos em cada publicação selecionada.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo, corresponde aos objetivos seguintes:

A ultrapassagem da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta «visão» muito pessoal, ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável? - e o enriquecimento da leitura: Se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência? [...] (BARDIN, 1977, p. 29)

Os resultados analíticos vão apresentar o conteúdo de uma nova forma, dando-lhe uma nova roupagem para além da primeira leitura e que será conduzida pela identificação das palavras-chave encontradas.

Ao tratar essa etapa, segue-se a hipótese que os comentaristas criam uma barreira de defesa as ações do governo, na época em vigência, ao mesmo tempo que, contribuem com uma narrativa polarizada com relação aos opositores sempre que pertinente.

A sequência da análise se encaminhará para a confirmação ou negação dessa hipótese, assim chegaremos ao objetivo que permeia essa análise, a de identificar a participação de apoio a permanência do bolsonarismo no poder embutido em suas falas, como também as atitudes favoráveis a existência de guerra cultural no Brasil.

Posteriormente, terá com sequência a análise do material gerado pelo *Iramuteq* sem deixar de qualificar os números expostos e dar embasamento.

3.1 Boletim Coppolla

Imagem 1: Boletim Coppolla



Fonte: Jovem Pan News

Após a seleção dos textos que mais se adequavam ao objeto de pesquisa, foi feito o corpus textual dos sites e jornais. Assim, foi gerado com o auxílio do software Iramuteq, instrumento importante para a análise, resultados quantitativos, ou seja, números de vezes que uma mesma palavra foi dita (palavras-chave), dos corpus textuais. Esses resultados irão direcionar a pesquisa de forma direta. Com isso, foi feito esse primeiro processo de análise que apresentou os seguintes resultados sobre as falas de Caio Coppolla em relação a Bolsonaro das quais estão dispostas na tabela a seguir:

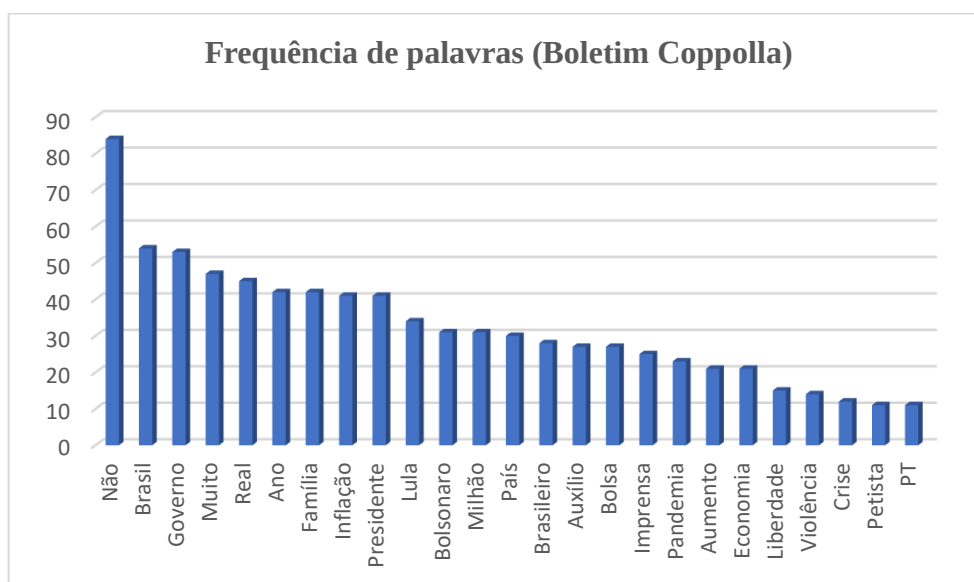
Tabela 5: Boletim Coppolla

Palavras	Frequência
Não	84
Brasil	54
Governo	53
Muito	47
Real	45
Ano	42
Família	42
Inflação	41
Presidente	41
Lula	34
Bolsonaro	31
Milhão	31

País	30
Brasileiro	28
Auxílio	27
Bolsa	27
Imprensa	25
Pandemia	23
Aumento	21
Economia	21
Liberdade	15
Violência	14
Crise	12
Petista	11
PT	11

Fonte: Desenvolvida pela autora

Gráfico 1: Boletim Coppolla



Fonte: Desenvolvida pela autora

Em uma das publicações do comentarista Caio Copolla no canal de Youtube da Jovem Pan News tem-se como título **“Boulos acusa Bolsonaro na Folha de SP – Boletim Coppolla²⁹”**. O comentarista, nessa ocasião, passa a apresentar seu ponto de vista sobre publicações na Folha de São Paulo que seriam produzidas “dotadas de discursos de ódio” contra

²⁹<https://www.youtube.com/watch?v=AM-hBN9GhBY&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=132>

Bolsonaro. Coppolla fala especificamente sobre uma publicação de Guilherme Boulos para o jornal, ao qual, o político fala sobre agressões incentivadas por Bolsonaro.

Em sua argumentação Coppolla inverte o sentido das críticas realizadas por Boulos para defender que seriam mais sérias as agressões contra Bolsonaro, visto que, elas não seriam apenas o ato em si, mas a mensagem que esses incidentes podem transmitir, estimulando seus seguidores a agir de maneira mais agressiva em resposta. Essa análise destaca a preocupação sobre como eventos de violência podem influenciar o comportamento de apoiadores, intensificando suas ações. Vale ressaltar que essa interpretação representa uma perspectiva específica e pode ser alvo de diversas interpretações dentro do debate político. O comentarista continuou afirmando que estavam estimulando o ódio a Jair Bolsonaro e que o mesmo morra,

Se aplicássemos a tese de Boulos ao discurso de ódio veiculado pela Folha de São Paulo, poderíamos afirmar que o maior jornal do país está estimulando seus leitores a matar o presidente da República, especialmente diante do empenho indissimulável da Folha em qualificar Jair Bolsonaro como um assassino em massa, conforme mencionado em um artigo intitulado 'Por que Bolsonaro é genocida'. (Boletim Coppolla, 2021 (a)).

O trecho citado do Boletim Coppolla em 2021 compara a tese do político Guilherme Boulos sobre incitação à violência com o discurso veiculado pela Folha de São Paulo. O autor sugere que, aplicando a lógica de Boulos, se poderia interpretar que o jornal estaria estimulando seus leitores a cometer atos violentos contra o presidente, especialmente em virtude da maneira como a Folha classifica Jair Bolsonaro em alguns de seus artigos, como no caso do título "Por que Bolsonaro é genocida". É importante destacar que essa afirmação representa uma perspectiva específica e pode haver diferentes interpretações sobre a relação entre o discurso jornalístico e a incitação à violência.

Segundo Coppolla (2021) Guilherme Boulos,

(...) o burguês que finge ser proletário chamou o presidente da república de covarde elencando contra ele uma série de acusações segundo fantoche de Lula, Bolsonaro imprimiu sua violência política ao país, mas além das habituais ofensas ao presidente o artigo sustenta uma tese curiosa que pode ser sintetizada nessa passagem do texto (Boletim Coppolla, 2021 (a)).

Em sequência foram realizadas afirmações sobre a esquerda desconhecer os limites, que rapidamente se tornaram críticas ao PT e a Lula, que, segundo o comentarista continuam a se vitimizar de forma hipócrita sem reconhecer no outro o seu próprio comportamento. Nesse sentido, Coppolla argumentou que a equipe da Jovem Pan sofreu agressões por parte dos petistas e que o Jornal Folha de São Paulo tem estimulado o ódio a Jair Bolsonaro,

(...) denunciar a hipocrisia da esquerda que costuma espalhar o seu ódio do bem e impunemente em uma falsa sinalização de virtude, então Guilherme Boulos indignado culpa Bolsonaro pela violência política, mas, faz isso no mesmo jornal que acusa o presidente de ser um assassino em massa argumentando que a sua morte seria filosoficamente justificável (Boletim Caio Coppolla, 2021 (a)).

O trecho destaca a crítica à suposta hipocrisia da esquerda, acusada pelo comentarista de espalhar ódio sob uma falsa virtude. Guilherme Boulos é mencionado como expressando indignação ao responsabilizar Bolsonaro pela violência política. No entanto, o autor apontou o que seria uma aparente contradição, ao notar que, Boulos fez essas acusações no mesmo jornal em que rotula o presidente como assassino em massa, sugerindo que a morte de Bolsonaro seria filosoficamente justificável. A essência do trecho parece abordar a crítica à inconsistência e polarização nas posturas políticas, onde acusações são percebidas como contraditórias ou hipócritas.

É perceptível a revolta de Caio Coppolla com o político Guilherme Boulos, pois o Jornalista da Jovem Pan deixou claro que em maio de 2019 fez manifestações contra a emissora, no qual de acordo com o comentador a emissora sofreu agressões por militantes de esquerda necessariamente por petistas, expondo que os esquerdistas não têm limites, que são capazes de qualquer coisa. “(...) o artigo Assinado por Guilherme Boulos nosso revolucionário de Pinheiros é intitulado Bolsonaro o Covarde, e Guilherme, na boa! para você chamar alguém de covarde primeiro você precisa criar coragem de largar a Barra da Saia do Lula” (Boletim Coppolla, 2021 (a)).

Outro programa do Boletim Coppolla, titulado **PT vs BOLSONARO: inflação & (des)emprego – ESPECIAL ECONOMIA**³⁰, o programa abordou a situação econômica do Brasil em meio à pandemia, destacando dois indicadores preocupantes: desemprego e inflação. O comentarista explora como o país chegou a essa situação desde 2020, começando pelo período de isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde. No entanto, é importante observar que o comentarista expressa uma posição contrária ao isolamento social, argumentando contra essa medida, de acordo com suas perspectivas.

No cerne da abordagem crítica do programa está a avaliação do isolamento social como uma estratégia preventiva, com o comentarista expressando sua discordância em relação a essa abordagem. Dentro desse contexto, o programa buscou compreender como as decisões tomadas

³⁰ ³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=nbY4fBzj9hc&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=130>

desde o início da pandemia podem ter contribuído para a delicada situação econômica, especialmente no que tange ao aumento do desemprego e à escalada da inflação.

A análise provavelmente envolveu uma exploração abrangente de aspectos econômicos, políticos e sociais, examinando a implementação de políticas, a eficácia das medidas adotadas e as implicações resultantes para a população e o mercado de trabalho. O tom crítico adotado pelo comentarista sugere uma avaliação não apenas dos indicadores econômicos, mas também das estratégias governamentais e das respostas da sociedade diante dos desafios econômicos:

"(...) proprietários de pequenos negócios, milhões de trabalhadores autônomos e informais, e milhões de famílias vulneráveis que dependiam da circulação de pessoas para obter alguma renda. É por causa desse empobrecimento em massa que a taxa de desemprego, que vinha em queda nos últimos 2 anos, voltou a crescer, interrompendo a lenta recuperação dos números do trabalho no Brasil." (Boletim Coppolla, 2021 (b)).

O comentarista abordou que o PT é responsável pelo extermínio do emprego no Brasil, que as taxas de desempregos atingiram suas máximas históricas, “3,5 por cento no fechamento 2020 e 14,7 por cento em abril desse ano o equivalente a 14 milhões e 800 mil pessoas à procura de trabalho” (Boletim Coppolla, 2021). Neste momento o governo criou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda que instituiu benefício emergencial de preservação do emprego formal e renda essa flexibilização das leis trabalhistas permitiu empregadores empregados reduzir suas cargas de trabalho ou suspender temporariamente seus contratos, segundo Caio Coppolla:

(...) PT o PSOL o PSB e o PC_do_B foram ao Supremo alegar a inconstitucionalidade dessa medida inclusive eles tentaram batizar ela de MP da morte, ou seja, se dependesse da esquerda brasileira nós teremos um novo extermínio de empregos que faria inveja a Dilma Rousseff” (Boletim Coppolla, 2021 (b)).

Em suas falas o comentador diz que a esquerda/Lula não tem vergonha na cara, esquerda seria destruidora de empregos,

(...) gestão atual a correção de rumo fica evidente pessoal antes no fim da era petista nós vimos a extinção de 2 milhões e 800 mil postos de trabalho agora nós vemos a criação de 3 milhões de emprego de carteira assinada apesar da pandemia esses números só não são mais animadores por causa de outro dado macroeconômico que penalizam sobremaneira a classe trabalhadora um dado inclusive que é uma velha conhecida do povo brasileiro a inflação. (Boletim Caio Coppolla, 2021 (b)).

Em suas falas o comentador questiona quem seria pior para a moeda do Brasil, a pandemia ou lulopetismo. Para, em seguida prosseguir com as críticas constantes a esquerda, expondo que no início do primeiro mandato de Dilma, a cotação do dólar estaria em um (1) real

e sessenta e seis (66)³¹ centavos e, ao final de seu primeiro ano de mandato, em 2014, ocorreram desvalorizações cambiais., enquanto Bolsonaro recebe o dólar a 3 reais e 88 centavos e em seu primeiro ano fechou com estabilidade “desvalorização do Real na era Dilma por isso eu insisto na pergunta quem será que é pior para emprego para inflação e para o câmbio uma pandemia global ou o governo petista” (Boletim Coppolla, 2021 (b)).

O comentarista destaca a desvalorização ocorrida durante a era Dilma, reforçando sua pergunta sobre qual fator tem um impacto mais negativo no emprego, inflação e câmbio: uma pandemia global ou o governo petista. Essa abordagem sugere uma análise crítica da gestão econômica, comparando diferentes períodos para avaliar seus efeitos sobre indicadores-chave.

Em **Bolsonaro e Lula divergem sobre controle da mídia**³² nesse programa foi abordado a liberdade de expressão, que tem causado divergências entre os posicionamentos de Lula e Bolsonaro, Jair faz defesa Imprensa Livre com menor dependência financeira do governo sem regulamentação estatal sem censura e interferência Editorial de assembleias de controle social, já Lula acredita que deve ser feita uma regulamentação na mídia e da internet, porque esse meio de comunicação dissemina muitas fake News, em uma tentativa de utilização da internet para o bem e não para o mal. Coppolla diz, sobre o posicionamento de Lula,

(...) é muito claro na sua proposta de regulamentação da mídia e da internet uma regulamentação que permita que a gente conduza a internet mais para o bem do que por mais explosão de fake news. Eu quero falar sobre a utilização dela para tudo que é sacanagem, tá tudo que podridão. Uma regulamentação que permita que a gente conduza a internet mais para o bem do que por mal. Mas quem decide o que é o bem e o que é o mal? Um consórcio, uma assembleia, um comitê, uma agência criada por políticos corruptos, lavadores de dinheiro e que fala mal do governo. (Boletim Caio Coppolla, 2022 (a)).

No trecho, o comentarista aborda sua perspectiva sobre a regulamentação da mídia e da internet. Ele destaca a importância de uma regulamentação que direcione o uso da internet para propósitos positivos, evitando a disseminação excessiva de notícias falsas. Contudo, ele levanta uma questão sobre quem teria a autoridade para determinar o que é considerado "bem" ou "mal" nesse contexto. Coppolla expressa preocupação de que essa definição possa ser influenciada por entidades como consórcios, assembleias, comitês ou agências, as quais, em sua visão, poderiam estar sujeitas à influência de políticos corruptos e envolvidos em atividades ilícitas,

³¹A cotação do dólar no início do governo Dilma Rousseff era de 1,67 reais e no final do seu primeiro mandato ela chegou a 2.66 reais.

³²<https://www.youtube.com/watch?v=L14TIfCS1xM&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzxBrRMOvOWuM4A&index=116>

que também criticam o governo. Essa análise reflete uma postura crítica em relação à proposta de regulamentação e à entidade responsável por tomar essa decisão.

O comentarista deixa claro que a regulamentação da mídia ou democratização da mídia é um eufemismo, que é uma ideia perigosa, o governo interferindo na imprensa e na comunicação online entre os cidadãos “(...) é aquela velha conhecida a tentação autoritária dos governantes de exercerem maior controle sobre a informação que vem a público, maior controle jurídico, maior controle financeiro e um controle editorial” (Boletim Coppolla, 2022 (a)).

No mesmo episódio, o comentarista critica Lula, afirmando que ele é um mentiroso convicto e parece se sentir injustiçado por ser tratado como criminoso. O comentarista sugere que as questões legais enfrentadas por Lula deixaram cicatrizes e feridas abertas em sua reputação, expondo o que o comentarista interpreta como seu verdadeiro caráter. A referência a não ser chamado de "ladrão na rua" sugere que, na visão do comentarista, Lula deveria ter evitado situações desfavoráveis não se envolvendo em atividades ilegais.

“Lula é um mentiroso tão convicto que ele parece sentir genuinamente injustiçado por ter sido tratado como criminoso. (...) é perceptível que o Lula carrega muitas cicatrizes e até algumas feridas abertas desde aquela época, é bem feito melhor jeito ele não ser chamado de ladrão na rua, era não ter roubado, mas toda essa experiência traumática que arruinam a sua biografia que expôs o seu verdadeiro caráter que manchou sua reputação para sempre só reforçou o seu desejo autoritário” (Boletim Coppolla, 2022 (a)).

Nesse programa, no final, Coppolla deixa claro que não é difícil a escolha entre Lula e Bolsonaro, no qual Lula fala de forma mansa que tem como objetivo limitar a fala e a liberdade de expressão, enquanto Bolsonaro fala de forma ríspida, porém defende os direitos dos brasileiros.

“BolsoNazismØ” na Folha & Felipe Neto e seu “Fogo nos Genocidas!!” o episódio aborda os discursos extremistas sobre agressividade e a incitação à violência, Coppolla expõe sua opinião acerca do influenciador Felipe Neto, ao afirmar que “(...) o ídolo infantil que se refere o presidente da república como genocida postou a foto de uma estátua a vandalizada em chamadas com a legenda fogo nos genocidas” (Boletim Coppolla, 2022 (b)). O comentarista, expõe que alguns blogueiros e colunistas da Folha de São Paulo como Ruy Castro insistem em escrever sobre Bolsonaro chamando-o de bolsonazista. Para Coppolla isso seria uma falácia, pois, essa insinuação é uma nova forma de banalização do mal e seria uma falta de discernimento de quem compara o governo brasileiro de hoje com o regime nazista do Terceiro Reich, essa é uma tendência que, segundo ele, vinha ganhando corpo na imprensa militante. Segundo Coppolla, é um desrespeito às vítimas do holocausto,

“O que representa um verdadeiro desserviço às vítimas da guerra e do holocausto, bom a primeira coisa que você tem que ter muito claro aí na sua cabeça para evitar ser influenciado por esse tipo de conteúdo malicioso é que essa é uma retórica que se apoia em duas falácias muito conhecidas” (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

No trecho mencionado, o comentarista aborda a questão de um possível desserviço às vítimas da guerra e do holocausto. Ele destaca a importância de ter clareza para não ser influenciado por um tipo específico de conteúdo malicioso, caracterizado por uma retórica que se apoia em duas falácias conhecidas. Embora o trecho não forneça detalhes específicos sobre as falácias mencionadas, a crítica parece estar relacionada à utilização de argumentos enganosos ou distorcidos em torno desses eventos históricos sensíveis. Coppolla enfatiza a necessidade de discernimento ao lidar com conteúdo que possam distorcer a realidade histórica desses eventos delicados.

O comentarista considera absurda a comparação entre Bolsonaro e o governo alemão das décadas de 30 e 40. Ele argumenta que a única semelhança entre Bolsonaro e o nacionalismo alemão é o fato de ambos serem nacionalistas, mas destaca que as comparações param por aí. No caso do governo de Hitler, o ultranacionalismo estava associado a um sentimento de supremacia. Em contrapartida, ele descreve o nacionalismo brasileiro como inclusivo, caracterizado por um sentimento patriótico que valoriza a miscigenação e respeita todas as culturas e povos do mundo.

Coppolla salienta que a comparação entre Bolsonaro e Hitler é uma estratégia questionável, argumentando que mencionar Hitler ou o nazismo tende a gerar repulsa imediata no público. Ele sugere que essa abordagem desvia a discussão, cria uma associação negativa e, na maioria das vezes, funciona como uma estratégia retórica para influenciar a percepção pública.

O apresentador compartilha suas críticas e defesas em relação a Bolsonaro, especialmente ao abordar aqueles que o comparam ao período do Holocausto. Ele classifica essas comparações como absurdas, enfatizando que, independentemente do que aconteça, a culpa é sempre atribuída a Jair Bolsonaro. O apresentador argumenta que, mesmo diante de qualquer evento, incluindo o número de mortes causadas pelo vírus, as alas mais radicais e irresponsáveis da imprensa militante continuariam acusando Bolsonaro de assassinato em massa. Essa perspectiva reflete a visão do apresentador sobre como Bolsonaro é frequentemente responsabilizado por uma variedade de eventos, mesmo quando sua conexão direta é questionável.

Afirma que Bolsonaro não propõe nenhuma limitação a liberdade individual que não estivesse prevista em lei, e que todos direitos que foram retirados nos últimos três anos vieram de decisões do STF ou por decretos de prefeitos e governadores.

E em um determinado momento deixa claro sua indignação com o jornalista Ruy Castro do jornal a folha de São Paulo, que segundo Coppolla aceitou publicar várias barbaridades sobre Jair Bolsonaro, com títulos bolsonazismo e o mais recente sobre o bolsoreicherismo, em um artigo próximo da eleição a folha São Paulo publicou que milhões de brasileiros são nazista segundo Coppolla, “(...) defino uma ampla liberdade de expressão para que a gente possa mesmo criticar as autoridades públicas mas chamar os seus eleitores de nazistas é demais até para os padrões da Folha” (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

"Alguns interpretaram a postagem como um estímulo à destruição do patrimônio público; outros associaram as palavras de ordem à maneira como Felipe Neto já havia se referido ao presidente da república como genocida. De qualquer forma, o Ministério Público não entendeu dessa maneira, e as doces palavras do ídolo infantil foram vistas como uma expressão veiculada nas redes sociais para reforçar sua pauta política e angariar mais seguidores e visibilidade. Nesse ponto, o promotor acertou em cheio" (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

Coppolla (2022) diz, o problema é que a esquerda não está analisando seus posicionamentos e estão esquecendo que isso pode afetar a vida de várias pessoas ignorantes,

“(...) o duplo padrão ou a falta de discernimento deste youtuber é mostrar como coisas muito sérias com significados muito fortes estão sendo analisadas e incorporadas pela esquerda ao debate público sem uma reflexão sobre a influência que elas podem ter nas ações de pessoas ignorantes, radicalizadas ou até com problemas mentais quando o jornalista judeus falam que Bolsonaro promoveu deliberadamente um holocausto, quando colunista da folha afirmam que os eleitores do presidente são nazistas, quando influenciadores YouTubers celebram atos de violência, você fertiliza o terreno para que a hostilidade retórica migre das palavras para o campo da agressão física ” (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

E encerra o programa com a frase,

“óbvio que às vezes eu fico pensando se vocês não fazem isso de propósito mesmo desejando o mal para as pessoas que pensam diferente de vocês, mas aí eu abro a folha e nem um artigo chamado porque torço para que Bolsonaro morra e todas as minhas dúvidas sobre as suas intenções desaparece”. (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

“ICMS: Bolsonaro vs Leite & Doria – Boletim Coppolla”³³ o tema desse programa é a mudança no modelo de cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços sobre os combustíveis uma medida fundamental para conter a inflação, expondo que a nova

³³

<https://www.youtube.com/watch?v=M9XCRez52tU&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=94>

regra sobre a circulação de mercadorias e serviços para aplicação dos impostos que foi aprovada por Bolsonaro acabaria com décadas de abusos fiscais por parte dos governos estaduais,

“(...) estaduais que justo nos momentos de crise aumentavam sua arrecadação encarecendo ainda mais o preço dos combustíveis e de outros produtos essenciais, o que pressiona inflação, reduz o poder de compra do cidadão e contribuir para o custo Brasil que atrasam seu desenvolvimento econômico” (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

Durante o governo Bolsonaro, o preço da gasolina no Brasil tornou-se um tema de grande relevância e frequentes discussões. Durante o mandato, observaram-se variações significativas nos preços dos combustíveis, influenciadas por diversos fatores, como a política de preços adotada pela Petrobras, a flutuação internacional do petróleo, as taxas de câmbio e outros elementos econômicos.

A Petrobras, responsável pela produção e distribuição de petróleo, adotou uma política de preços que acompanhava as oscilações do mercado internacional do petróleo. Essa abordagem resultou em ajustes frequentes nos preços da gasolina, refletindo as variações nos custos externos. Embora o governo defendesse que essa estratégia visasse alinhar às condições globais do mercado e atrair investidores, ela gerou impactos diretos nos consumidores brasileiros, contribuindo para aumentos constantes nos valores da gasolina. Esses ajustes frequentes provocaram insatisfação popular, levando a protestos e debates sobre a necessidade de políticas que assegurassem preços mais estáveis e previsíveis para os combustíveis.

Segundo Coppolla (2022) os estados se aproveitavam dos impostos para encher seus cofres, uma vez que, no site da Petrobras, o preço médio do combustível por federação, até dia 05 de março de 2022 era de 6 reais e 58 centavos por litro, contudo, a produção do combustível custava 1 real e 75 centavos por litro, ou seja, 26 por cento do preço da gasolina estava vinculado ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Após as coletas dos dados a Petrobras, a empresa anunciou um reajuste de mais 18% no preço dos combustíveis, porém, segundo a argumentação de Coppolla esses acréscimos estariam relacionados apenas ao valor do combustível na refinaria. O que ocorria então era que como o ICMS consistia em uma alíquota fixa, cobrada sobre o valor da gasolina na Bomba, quanto mais o combustível encarecia mais os estados arrecadavam, utilizando essa conta arbitrária. Diante desse cenário, o comentarista argumentou que, João Dória (São Paulo) e Eduardo Leite (Rio grande do Sul) eram governadores que representavam mau exemplo no Brasil, porque aproveitavam do aumento do combustível, no auge da pandemia, para engordar o seu caixa as custas dos motoristas e dos caminhoneiros, isso é injusto, pois,

"(...) se o preço de um item fundamental como combustível está subindo muito, o gestor responsável reduz os tributos para frear a inflação, estimular a economia e evitar o empobrecimento da sociedade. Adivinha quem fez isso no ano passado, em 2021? O Presidente da República, que diante dos sucessivos aumentos da Petrobras, concedeu uma isenção temporária de impostos federais no diesel para dissuadir os caminhoneiros de realizarem uma greve nacional. Vale lembrar que em 2018, durante o governo Temer, a paralisação do setor nos custou mais de 1% do Produto Interno Bruto" (Boletim Coppolla, 2022(b)).

Para o comentarista, o problema era que a maior parte da população não tinha acesso a essas informações, e acabaram culpando Bolsonaro por todas as situações que o Brasil estivesse passando. Isso se refletia em pesquisas, com 42% dos brasileiros culpabilizando o presidente da república pelas altas dos combustíveis e essa desinformação prospera, sendo que os culpados são os que aproveitam da população, como, "(...) João Dória, Eduardo Leite na sua responsabilidade pelo aumento de impostos, em plena crise, ganancioso e egoísmo patológico dos governadores" (Boletim Coppolla, 2022 (e)).

Junto a isso, Coppolla acusou os governadores de se promoverem com uma suposta diminuição do imposto em seus estados, o que segundo ao comentarista foi o contrário do que fizeram ao manterem o aumento do combustível com o apoio do PT na assembleia,

Eduardo Leite ainda passou vergonha tentando emplacar a narrativa de que o seu governo tinha diminuído os impostos sobre os combustíveis, uma tremenda fake News, porque ele fez foi o exato oposto, prorrogando alíquota mais alta. Mais vergonha maior passou o governador João Dória, que em janeiro de 2021 aumentou a alíquota de ICMS sobre mais de uma centena de itens, alegando que estava apenas reduzindo isenções. Entre os produtos que ficaram mais caros estavam diesel, etanol, o GLP e o gás natural" (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

E aproveitando a crítica aos governadores e ao principal partido da oposição, o comentarista defendeu que as pessoas deveriam analisar em quem irá votar, se prefere quem busca melhorias para o país ou quem apenas se importa com ganhar dinheiro, seria uma escolha simples, Lula ou Bolsonaro, segundo Coppolla, "(...) de um lado quem aumenta impostos durante uma crise e no outro em reduzir impostos com muitas coisas na vida essa é uma questão de escolha, mas ainda bem que a gente ainda tem opção" (Boletim Coppolla, 2022 (b)).

Coppolla também destacou a postura do presidente Jair Bolsonaro, que, diante dos aumentos da Petrobras, concedeu uma isenção temporária de impostos federais no diesel para dissuadir uma greve nacional dos caminhoneiros. Ele argumentou que essa medida visava frear a inflação, estimular a economia e evitar o empobrecimento da sociedade.

“BolsoCaro”: Inflação e (re)Eleição – Boletim Coppolla”³⁴ esse programa abordou a inflação, o aumento generalizado dos preços de produtos e serviços que diminuiu o poder de compra da moeda, empobrecendo a sociedade. O aumento da inflação fez com que ocorresse uma elevação dos preços na economia brasileira, e esse aumento pode ter repercussões na política,

“(…) é provavelmente o maior obstáculo à reeleição do Presidente da República, a oposição do quanto pior melhor aquela que mal consegue disfarçar sua alegria com as dificuldades enfrentadas pelo país já tem a narrativa bem se culpando o governo pela alta de preço” (Boletim Coppolla, 2022 (c)).

Segundo o comentarista, a esquerda, e Lula em seu discurso, em sua primeira coletiva de imprensa após sua liberdade, teria problemas de memória,

“(…) por maior que seja a inflação agora, em razão dos efeitos da pandemia e da guerra, ela já foi maior no próprio governo, atingindo 13,98% no acumulado de 12 meses em outubro de 2003. Sem falar no desgoverno Dilma, quando o aumento generalizado de preços também superou a casa dos 10%. A inflação de 2015, por exemplo, foi maior que a inflação de 2021” (Boletim Coppolla, 2022 (c)).

No programa, Coppolla disse, que no período de 2015 e 2016, durante “desgoverno” de Dilma, foram extintos mais de 2 milhões e 800 mil empregos formais, isso ocorreu sem que existisse uma crise internacional, apenas em razão da incompetência e da corrupção dos petistas e seus aliados. Por esse motivo, Coppolla defendeu que os esquerdistas não tinham motivos para criticar a direita e nem o Bolsonaro, porque na atualidade o aumento generalizado de preços seria reflexo de um fenômeno global causado pelos efeitos da,

(…) paralisação econômica durante a pandemia e pela guerra em curso na Europa. Tanto a pandemia quanto a guerra geraram escassez e interromperam cadeias de produção, acarretando um aumento de preços generalizado. Os dois principais itens que estão puxando a inflação mundial são os preços da energia, especialmente os derivados de petróleo, e o preço dos alimentos” (Boletim Coppolla, 2022 (c)).

O fragmento menciona que a paralisação econômica causada pela pandemia e a guerra em curso na Europa resultaram em escassez e interrupções nas cadeias de produção, ocasionando um aumento generalizado nos preços. Destaca-se que os principais impulsionadores da inflação global são os preços da energia, especialmente os derivados de petróleo, além dos preços dos alimentos. A situação econômica atual, afetada por esses fatores, é comparada a períodos anteriores, ressaltando que, apesar da inflação presente, já houve

34

<https://www.youtube.com/watch?v=yCPYRnr7pLE&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=74>

jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=74

momentos com taxas inflacionárias mais altas, como em 2003 durante o governo e em 2015 na gestão de Dilma.

Se criticam ou culpa Bolsonaro é pura desinformação, de acordo com Coppolla, Lula é, “(...) Lula não passa de um demagogo, desesperado abanando e sua picanha imaginária para angariar a simpatia de um povo que empobreceu na mão de quem fica em casa a economia a gente vê depois” (Boletim Coppolla, 2022 (c)).

Para Coppolla, Lula apenas quer prejudicar o Brasil, seja através do controle e/ou até mesmo do congelamento de recursos, o que pode gerar uma escassez e crise de distribuição, então a culpa sempre será da esquerda e de seus aliados, pois,

(...) o principal desafio de comunicação da campanha do Presidente da República para a sua reeleição é explicar para uma sociedade empobrecida que a culpa pela escalada dos preços não se deve à sua política econômica e demonstrar que, com a esquerda no poder, a situação já foi e provavelmente seria muito pior. De qualquer maneira, a inflação é, sem dúvida, o adversário mais poderoso de Bolsonaro nessas eleições. Por outro lado, os fatos são seus maiores aliados. É uma questão de saber transmiti-los à população, pois o outro lado fará o que for possível para desinformar (Boletim Coppolla, 2022 (c))

Bolsa Família de Lula vs Auxílio Brasil de Bolsonaro - Boletim Coppolla³⁵, neste programa foi abordado as diferenças entre Bolsa Família e o Auxílio Brasil. Para o Comentarista, o Auxílio Brasil, em termos de valor médio do benefício, é um programa de transferência de renda superior ao Bolsa Família, Coppolla informa que "Segundo dados da Secretaria Nacional de Renda e Cidadania, os investimentos governamentais nos primeiros cinco meses de 2022 já ultrapassaram todo o orçamento destinado ao Bolsa Família para o ano de 2021" (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

E em seguida o comentarista político faz críticas constantes a esquerda, principalmente após o período pandêmico, no qual deveria respeitar as restrições e observações feitas pela Organização Mundial da Saúde,

“(...) a população brasileira mais vulnerável foi especialmente penalizada por aquela história do 'fica em casa, a economia a gente vê depois', e um país que de forma arbitrária obriga a sua população saudável a empobrecer sem poder trabalhar tem

³⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=6Hj2GzXzTGk&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=67>

responsabilidade por compensar essa perda de renda e de oportunidades” (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

A comparação entre os valores revela uma diferença significativa entre o Bolsa Família e o Auxílio Brasil. Até maio deste ano, mais de 36 bilhões e 500 milhões de reais foram desembolsados pelo Auxílio Brasil, considerando apenas as cinco primeiras parcelas do novo programa. Esse montante ultrapassa os 35 bilhões de reais previstos para todo o Bolsa Família no ano passado. Além disso, ao analisar o alcance dos programas, observa-se que o Bolsa Família atendia 14 milhões e 600 mil famílias, enquanto o Auxílio Brasil abrange 18 milhões e 100 mil famílias. Isso representa um aumento de 3,5 milhões de lares beneficiados pelo novo programa em comparação ao anterior (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

Em relação as regiões, Coppolla expõe vários dados, e sobre os benefícios de cada programa,

São 5 milhões e 200 mil famílias beneficiadas na região Sudeste, 2 milhões e 100 mil famílias na Região Norte, 1 milhão e 200 mil na região Sul e 937 mil famílias beneficiadas no Centro-Oeste, sem falar nas 8 milhões e 500 mil famílias nordestinas que agora recebem o Auxílio Brasil (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

Na época do Bolsa Família, considerava-se em extrema pobreza o lar com renda mensal de até 89 reais por pessoa. Agora, com o Auxílio Brasil, essa faixa foi ampliada para todas as famílias com renda mensal de até 105 reais por pessoa. Também houve mudanças nos parâmetros para a definição da situação de pobreza. Antes, no Bolsa Família, eram consideradas pobres aquelas famílias com renda mensal entre 89 e 178 reais por pessoa. Agora, com o Auxílio Brasil, essa faixa foi ampliada de 105 a 210 reais de renda mensal por pessoa (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

E segundo Coppolla seria incomparável os benefícios do Auxílio Brasil em comparação ao Bolsa Família, o auxílio Brasil criado pelo atual governo beneficia 3 milhões e 500 mil lares a mais do que o bolsa família pagando em média mais que o dobro do antigo programa, criado na gestão do PT.

(...) O Auxílio Brasil é um programa mais complexo e mais estruturado que o Bolsa Família. Para começar, ao contrário do programa da era petista, quando a família aumenta a renda, ela não perde totalmente o direito ao benefício; há uma etapa de transição. Isso cria um estímulo extra para as pessoas não se acomodarem e buscarem outras fontes de renda, como trabalho e emprego. O Auxílio Brasil também conta com uma série de benefícios complementares, incluindo o benefício compensatório de transição para quem eventualmente teve alguma perda de renda na mudança do Bolsa Família para o Auxílio Brasil (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

O comentarista político passou a expor que o ex-presidente Jair Bolsonaro sempre esteve preocupado com a renda dos brasileiros, essencialmente com os nordestinos, e que isso apavorava as lideranças petistas, pois elas constataavam que o maior programa de transferência de renda da história do Brasil, não foi criado pelo governo de esquerda. Segundo Coppolla,

Bolsonaro “(...)vem se esforçando para garantir condições melhores de vida para a população mais pobre” (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

O ex-presidente Bolsonaro se empenhou em proporcionar uma melhoria nas condições de vida para a população mais carente. Em apenas alguns meses de implementação do Auxílio Brasil, observa-se um impacto positivo significativo, contribuindo para a redução da pobreza extrema no país. Essa iniciativa demonstra um compromisso importante na busca por avanços socioeconômicos em benefício dos cidadãos mais necessitados.

Para finalizar o programa, Coppolla diz,

Lula não é mais o candidato dos pobres com preocupação social; pelo contrário, Lula se tornou o candidato dos bilionários, dos bancos, dos oligopólios e das elites urbanas. Um ex-ladrão que bebe vinho de 1000 reais, usa relógio de 90 mil reais, só anda nas ruas da Europa e vive rodeado de artistas, não do povo. (Boletim Coppolla, 2022 (d)).

Coppolla comentou sobre uma transformação percebida na imagem de Lula ao longo do tempo. Anteriormente associado a uma figura preocupada com questões sociais e defensora dos pobres, Lula agora é retratado como candidato mais próximo de setores mais abastados, como bilionários, bancos e elites urbanas. O comentarista enfatiza seu estilo de vida, mencionando o consumo de vinho caro, o uso de relógios de alto valor e uma suposta preferência por ambientes na Europa, buscando ressaltar uma alegada desconexão com as realidades da população menos privilegiada. Essa descrição busca influenciar a percepção do público em relação a Lula, destacando uma possível mudança em sua identidade política e suas conexões financeiras.

GloboNews e Bolsonaro na Cúpula das Américas - Boletim Coppolla³⁶ abordou a reunião de Joe Biden e Jair Bolsonaro na cúpula das Américas em Los Angeles nos Estados Unidos. A pauta daquela reunião seriam as relações internacionais do Brasil. Segundo o comentarista num primeiro momento o presidente brasileiro até surpreendeu a imprensa, apesar de não dominar a língua inglesa. Então, o comentarista passa a criticar a grande imprensa, alegando que mesmo que Bolsonaro fizesse qualquer coisa de boa para a sociedade, “(...) é incapaz de fazer um elogio honesto a qualquer coisa que venha do atual governo” (Boletim Coppolla, 2022 (e)).

³⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=w0PIJ997OL8&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=60>

E que a esquerda sempre irá tentar diminuir o valor de Bolsonaro,

(...) Bolsonaro é um fiasco internacional. Lula é um sucesso. Reparem como a ideia é colocar o presidente da República como um párea no cenário global, absolutamente isolado, desprestigiado. E essa narrativa encontra ressonância na mídia internacional progressista, tradicionalmente ligada à esquerda. Quais os resultados práticos na relação do Brasil com o mundo? (Boletim Coppolla, 2022 (e)).

Coppolla diz que Bolsonaro deve ser respeitado, pois a economia do Brasil em 2021 e bateu recordes, sendo considerado a nação com maior recorde de comércio da história, obteve inclusive o maior superávit da história entre importações e exportações, o Brasil se tornou o sexto país que mais atraiu investimento direto em 2020, não é atoa que o real está entre as cinco moedas que mais se valorizaram em 2022 e voltou a ocupar um lugar entre as 10 maiores economias do mundo.

Com base na afirmação atribuída a Caio Coppolla, ele destaca aspectos positivos do desempenho econômico do Brasil durante a administração de Bolsonaro. Segundo Coppolla, o país registrou recordes no comércio, alcançou superávit na balança comercial, atraiu investimentos diretos e viu uma valorização do real em 2022. Além disso, o Brasil recuperou sua posição entre as 10 maiores economias do mundo. Esses indicadores sugerem uma participação ativa do Brasil no cenário global e um crescimento econômico notável. Contudo, é importante observar que análises econômicas podem ser complexas, e outros fatores, como distribuição de renda e sustentabilidade, também desempenham um papel crucial na avaliação abrangente do impacto do governo na qualidade de vida dos cidadãos.

3.2 Mornig Show (Quadro Opinião, entrevistas com Adrilles Jorge)

Imagem 2: Programa Opinião



Fonte: Jovem Pan News

Uma estratégia metodológica similar a realizada na Análise de Conteúdo do Boletim Coppolla foi realizada na análise dos comentários de Adrilles. Dessa forma, pode-se visualizar na tabela e gráfico abaixo o material quantitativo ao lançar o corpus textual do Quadro “Opinião!” no software *Iramuteq*.

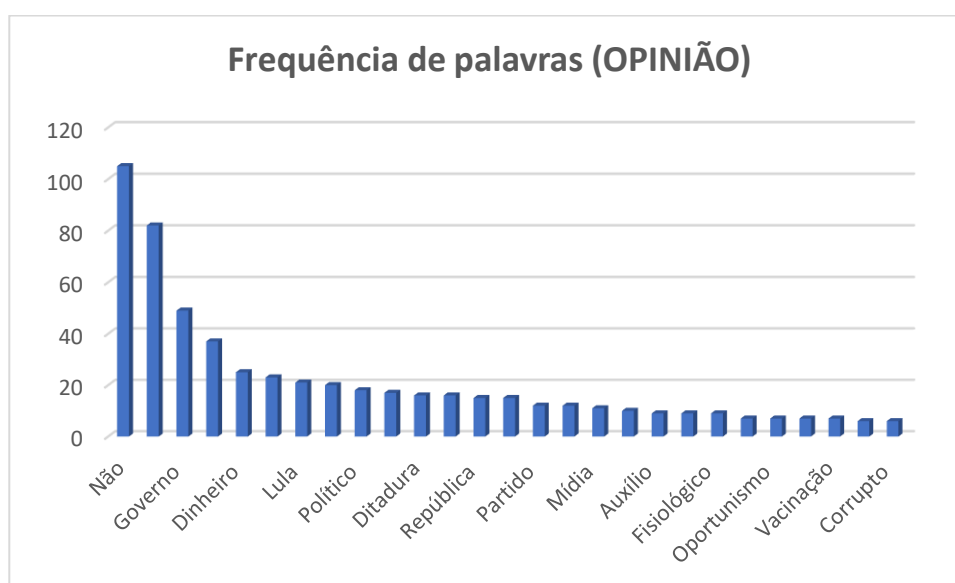
Tabela 6: Opinião

Palavras	Frequência
Não	105
Bolsonaro	82
Governo	49
Presidente	37
Dinheiro	25
Brasil	23
Lula	21
Sistema	20
Político	18
Corrupção	17
Ditadura	16
Emenda	16
República	15
STF	15
Partido	12
PT	12
Mídia	11
Petrobras	10

Auxílio	9
Fake News	9
Fisiológico	9
Isolamento	7
Oportunismo	7
Roubar	7
Vacinação	7
Centrão	6
Corrupto	6

Fonte: Desenvolvida pela autora

Gráfico 2: Opinião



Fonte: Desenvolvida pela autora

O **programa 1³⁷ (Opinião!)**, Adrilles Jorge, comentarista político, compartilha a perspectiva de que o Brasil está enfrentando uma espécie de "ditadura global" caracterizada por uma constante tentativa de minar os valores conservadores. A observação levanta dúvidas sobre possíveis influências internacionais que podem estar afetando a autonomia do país. Ao questionar a relação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) com esse cenário, Jorge destaca a importância das investigações parlamentares na análise de supostas interferências. A referência aos senadores Renan Calheiros e Omar Aziz como possíveis progressistas sugere uma ligação entre suas posições políticas e a narrativa de mudanças que desafiam os princípios

³⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=P1XRLF25uuU>

conservadores. No entanto, uma compreensão mais profunda requer a análise específica dos argumentos e evidências apresentados para sustentar essas visões.

"(...) Não, eles são oportunistas, baseados nesse princípio pseudo-progressista que subverte a realidade e transforma o Bolsonaro, que foi um dos presidentes que mais compraram vacinas, em um dos presidentes que alertaram para a possibilidade de fome e miséria causadas pelo isolacionismo, o presidente que falou sobre a possibilidade de trabalho." (Opinião, 2021(a)).

O fragmento aponta que algumas críticas a Bolsonaro são consideradas oportunismo, sendo baseadas em um princípio pseudo-progressista que distorce a realidade. O comentarista argumenta que o presidente foi proativo na aquisição de vacinas, alertou sobre as possíveis consequências do isolacionismo, como a fome e a miséria, e destacou a importância do trabalho. No entanto, é vital reconhecer que diferentes perspectivas podem interpretar essas ações de maneiras diversas, ressaltando a complexidade das análises políticas. O debate construtivo e a análise crítica são fundamentais para compreender as diversas interpretações sobre as ações e políticas de um líder político.

Jair Bolsonaro tem sido criticado, o comentarista diz que o presidente (era no momento) alertou para a possibilidade de os médicos possuírem liberdade para passar tratamento preventivo para os pacientes enquanto não havia a vacinação, foi o primeiro a comprar e disponibilizar vacinas, esse tal de Pseudo progressismo quer um ex-presidente responsável e preocupado com a sociedade seja visto como,

(...) assassino, genocida, racista, ditador. Eles entraram nessa onda de oportunismo para se colocarem politicamente, surfar nessa onda antibolsonarista. Ou seja, é uma CPI natimorta, mas é um cadáver que tem voz, William Travassos. É um cadáver que fala, exatamente, a institutos culturais, à universidade, a jornalistas oportunistas que, pelo ódio a Bolsonaro, prejudicam não só o presidente — esse que é o problema —, prejudicam médicos, prejudicam advogados, prejudicam empresários. Tentaram, de alguma forma, dar algum suporte ao combate à pandemia, prejudicam várias pessoas. (Opinião, 2021(a)).

Para ele, foram várias tentativas de derrubada de Bolsonaro, de maneira que, é uma CPI oportunista que não respeita os princípios e não faz uma investigação formal, porém devem fazer essas investigações com os que realmente desviaram dinheiro e não respeitaram as leis,

(...) sobre prefeitos e governadores que desviaram milhões de recursos de saúde doados, destinados pelo Governo Federal que eventualmente corromperam a sua moral e esses sim mataram pessoas, porque quando você tira dinheiro da saúde da distribuição de macas da distribuição de respiradores, distribuição de leitos, aí sim você tá cometendo aquilo que acusa o presidente de crime contra a humanidade, genocídio (opinião,2021(a)).

O fragmento destaca a alegação de desvio de recursos de saúde por prefeitos e governadores, sugerindo que essas práticas podem ter prejudicado a distribuição de recursos cruciais, como macas, respiradores e leitos. O comentário faz uma ligação entre essas ações e possíveis danos à população, associando-as às acusações de crime contra a humanidade e genocídio.

Adrilles Jorge diz que a Comissão Parlamentar de Inquérito queria demonstrar uma rigorosidade que não existe, apenas tendo o objetivo de atingir Bolsonaro, expondo informações que não são verídicas como por exemplo que o ex-presidente apenas comprou as vacinas contra a covid porque queria que as pessoas retornassem aos seus respectivos empregos, afirmando também que o dito isolamento social não salvou ninguém, afinal como é um isolamento que alguns trabalham e levam a doença para suas residências,

O isolamento colocava milhões de pessoas em transportes públicos para trabalharem em atividades essenciais, como hospitais e farmácias. Quando voltavam para suas casas, muitas compartilhadas por três ou quatro habitantes, acabavam infectando outras pessoas. O próprio Banco Mundial e a ONU previram centenas de milhões de pessoas vivendo em condições miseráveis devido a esse isolamento social, que foi adotado não só no Brasil, mas em todo o mundo. Bolsonaro, caracterizado como humanista, previu as consequências desse isolamento, argumentando que a estratégia não salvaria vidas, mas, ao contrário, resultaria em mortes, silenciosa e invisivelmente, devido ao isolamento social. É isso que a CPI da Covid está investigando: o lado oposto da história humana, apurando a inversão da realidade. Portanto, essa distorção da realidade precisa ser descartada e deixada para trás na lixeira da história. (Opinião, 2021(a)).

No quadro Opinião, o analista político argumentou que o único ponto negativo de Bolsonaro e de seu governo residia na área da comunicação. Ele destacou a percepção de que as diversas virtudes do ex-presidente e suas iniciativas no enfrentamento da pandemia não estão sendo adequadamente comunicadas ao público. O comentarista salientou que o problema não está diretamente relacionado a Jair Bolsonaro, mas sim à eficiência da comunicação por parte de seu governo. A análise ressalta a importância crucial da comunicação eficaz para transmitir de forma clara e abrangente as ações e realizações do governo, sugerindo que uma melhoria nesse aspecto poderia potencialmente alterar a percepção pública sobre o presidente e suas políticas.

(...) Bolsonaro tem uma atitude incisiva, agressiva, que parece arrogante, que parece insensível, mas é um homem que, por exemplo, só para contrapor à sua mensagem, antes dos 90% dos países da União Europeia começarem a vacinação, ele teve um problema de comunicação real. Ele realmente adotou uma linguagem e postura em relação à vacinação quase negacionistas no último semestre de 2020. No entanto, assim que a Anvisa aprovou as vacinas, inclusive com mérito as vacinas que o Dória trouxe da China para cá, ele imediatamente as colocou a serviço da população. Foi estabelecido um dos maiores e dos primeiros serviços de vacinação do mundo.

Portanto, o problema do Bolsonaro é um problema de comunicação pessoal e em seu próprio governo. Agora, na ação efetiva, na história real, ele está realizando um grande serviço no combate ao coronavírus. (Opinião, 2021(a)).

O parágrafo acima destacava que Bolsonaro adota uma postura incisiva e agressiva, frequentemente percebida como arrogante e insensível. Apesar de reconhecer problemas de comunicação, o autor ressalta que o ex-presidente agiu prontamente no combate à pandemia, implementando um dos maiores e mais rápidos serviços de vacinação do mundo assim que as vacinas foram aprovadas pela Anvisa. Embora o texto mencione um período anterior de postura negacionista sobre a vacinação, especialmente em 2020, enfatiza que Bolsonaro tem desempenhado um papel significativo na resposta à crise sanitária. O comentário sugere que as críticas estão centradas na comunicação pessoal do presidente e no governo, mas reconhece a efetividade das ações práticas na luta contra a COVID-19. Essa análise destaca a dualidade entre a comunicação pública e as medidas concretas no governo Bolsonaro.

Programa 2³⁸ (Opinião!) aborda que os sistemas de votação eleitoral não são confiáveis, para Adrilles, Bolsonaro provou que as urnas eletrônicas e o sistema eleitoral não é inviolável, nesse caminho o comentarista Político disse que,

(...) Luís Barroso, em uma eventual fake News, descobrimos que hackers conseguiram penetrar nas urnas, permanecendo durante seis meses no sistema do Tribunal Superior Eleitoral. Agora, afirmam que ninguém pode questionar a integridade e a segurança das eleições no Brasil. (Opinião, 2021 (b)).

Para ele, as instituições alegam a confiabilidade no sistema eleitoral e negam a possibilidade de se fazer críticas e de contestar a veracidade das eleições. Afirmar ainda que se fazer isso, você será taxado como antidemocrático, um propagador de fake News. Para ilustrar seu argumento ele cita que uma transmissão, feita por um deputado fez com que ele fosse cassado por propagar fake News, porém, o que o deputado afirmou em sua transmissão não foi fake, foi apenas contestação do processo eleitoral. Por isso, para o comentarista conservador, culpar Bolsonaro pelo episódio não seria a solução, afinal, ele apenas divulgou o que realmente havia acontecido, afirmando que:

(...) o sistema eleitoral é violável ou inviolável porque é inaudível. A Alemanha, nenhum país civilizado do mundo, possui um sistema semelhante ao do Brasil. A Alemanha, só para citar um exemplo, tem voto impresso, além do voto eletrônico, para ter uma aferição palpável dos votos. No Brasil, ao contrário, eles mantêm o

³⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=xDf355FYQ34&t=796s>

sistema fechado e contabilizam os votos em um grande sistema eleitoral, que, aliás, foi invadido e provado que sofreu tal invasão. Portanto, quem fez fake News foi Barroso e Bolsonaro, que estão sendo perseguidos por perseguirem seus companheiros. Isso é uma acusação séria e pode resultar em cassação, o que, de fato, seria prejudicial à democracia. (Opinião, 2021 (b)).

Dentro dessa lógica, Adriles argumentou que, o sistema, em todo momento, tentou diminuir Bolsonaro perante a sociedade. Isso ocorreria pois estão inconformados porque Jair em sua disputa eleitoral teve a campanha mais barata, não gastou nem 1 milhão de reais, enquanto seus opositores fizeram uma campanha de mais de 1 bilhão de reais. De acordo com Adriles existe uma campanha orquestrada contra a imagem do ex-presidente, alinhada ao que ele chama de globalismo. A partir da leitura realizada por ele, o globalismo representaria uma ditadura de opinião única progressista que se alastra por corporações não eleitas, como a ONU, o Banco Mundial, a União Europeia, entre outras. Essas instituições/entidades, não eleitas, teriam como foco a demonização de Bolsonaro, líder conservador legitimamente eleito pelo seu povo,

(...) como é o caso de Bolsonaro todo mundo sabe que o Bolsonaro é acusado aqui e fora do país, aqui por oportunismo pelas esquerdas que não tem outra razão a não ser mentir, como lene disse, minta, minta, minta até que a mentira se torna uma verdade, que dizem que ele é ditador que ele é um homem que mata seu povo, exterminador de indígenas que é um homem fascista. (opinião, 2021 (b)).

A perspectiva apresentada indica desconfiança em relação a essas organizações globais e destaca a crença de que Bolsonaro está sendo alvo de uma campanha coordenada para prejudicar sua imagem. Essas opiniões refletem uma visão específica sobre as relações entre lideranças políticas, organizações internacionais e o princípio democrático.

No âmbito do bolsonarismo, o conceito de "globalismo" é frequentemente empregado de maneira negativa. Dentro dessa perspectiva crítica, o globalismo é visto como uma ameaça à soberania nacional, representando uma ideologia que prioriza interesses internacionais em detrimento dos interesses específicos do Brasil.

No contexto do bolsonarismo, há uma postura de resistência a acordos internacionais, organizações supranacionais e cooperação global. Essa resistência é fundamentada na preocupação de que tais iniciativas possam comprometer a autonomia e os valores nacionais. O bolsonarismo, assim, posiciona-se de maneira anti-globalista, defendendo uma abordagem mais nacionalista na política externa e expressando a intenção de preservar a identidade e as decisões soberanas do Brasil.

Com isso, Adrilles defende que existem várias formas diferentes de ataques contra Bolsonaro,

(...) Comunicação dizem também que o presidente está desmatando a floresta, quando tem mais de 95% de mata virgem, absolutamente intocada. Temos pecuária e agronegócio sustentáveis utilizando energia limpa. A cada 0.1 por cento de mata desmatada, temos 0.2 por cento em regeneração. Uma série de mentiras que Bolsonaro tem que desmentir no processo de comunicação contra o mundo, que tenta demonizá-lo e prejudicá-lo dessa forma. (Opinião, 2021(b)).

Programa 3 ³⁹(Opinião) aborda as várias perguntas que são feitas nas pesquisas de opinião, alegando que elas são estruturadas para influenciar o entrevistado a responder de acordo com achismo. Adrilles questiona que essas pesquisas possuem uma grande margem de erro, afinal, que pesquisas são essas que apresentam multidões que apoiam a esquerda e o seu candidato Lula e ninguém vê, afirmando que “(...) Lula já saiu as ruas e em nenhum momento, em nenhum lugar ele foi aplaudido, não houve uma multidão para o receber como acontece com o Bolsonaro” (opinião, 2022 (a)).

Para o comentarista, outro ponto em destaque entre Lula e Bolsonaro é que Bolsonaro passou a ter uma maior visibilidade com o auxílio Brasil, “(...) tem que dar dinheiro para o pobre comer para não passar fome esse dinheiro é emergencial” (Opinião, 2022 (a)). Ele passou a contribuir diretamente com uma parcela da população que não possui uma ideologia, “(...) que vai colocar dinheiro na mão de um bolsão de miserabilidade que, infelizmente, existe no Brasil - uma população que não tem exatamente uma ideologia Direita ou Esquerda e vai para quem o estado alimenta” (opinião, 2022(c)).

Então, ficaria a divisão da sociedade em duas vertentes, o que são Esquerda (Lula) e os que são Direita (Bolsonaro), o dito Bozo que transparece amor e paz, a mídia a todo momento tenta diminuir e desmerece sua campanha,

(...) Existe uma campanha midiática por parte da Rede Globo e da grande mídia tão forte contra o Bolsonaro que provavelmente uma boa parte das pessoas que respondem às pesquisas têm algum tipo de receio, medo. Isso já aconteceu em várias eleições, acontecia muito com o Maluf no passado, que têm algum tipo de receio de dar seu voto de viva voz ao Bolsonaro. (Opinião, 2022 (a)).

³⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=QYERHsgW9rI&t=622s>

O comentarador político diz que os ataques a Bolsonaro irão continuar, “(...) eu não acho que os ataques a Bolsonaro vão cessar no ano que vem; eu acho que vão continuar a ser cada vez mais exacerbados” (opinião,2022 (a)). E a disseminação de mentiras nas redes sociais, “(...)uma série de mentiras e ilações completamente injustas que perseguiram o presidente por oportunismo político para surfarem nessa onda de antibolsonarismo” (Opinião,2022 (a)).

Essas observações indicam uma análise da situação política, apontando para a persistência de desafios substanciais para Bolsonaro, tanto em termos de ataques diretos quanto na disseminação de informações falsas através das plataformas digitais.

Programa 4 ⁴⁰(Opinião). Com a efetivação do Auxílio Brasil, Bolsonaro conseguiu um grande número de apoiadores, pessoas pobres de classes C, D e E, este auxílio, direcionado às camadas socialmente mais vulneráveis, representa uma estratégia significativa para ganhar a simpatia desses segmentos. A medida não apenas visa mitigar as dificuldades financeiras dessas pessoas, mas também se configura como uma estratégia política, potencialmente fortalecendo a base de apoio do presidente. A eficácia do programa na melhoria das condições de vida dessas classes e o impacto político gerado serão fatores essenciais a serem observados nos desdobramentos futuros.

(...) multidões de miseráveis que, eventualmente, nesse primeiro momento, talvez sintam uma saudade dos primeiros anos de Lula, primeiros anos do Bolsa Família, que arraigou e injetou dinheiro na economia, colocando recursos diretamente no bolso dos mais pobres. Esse tipo de auxílio revitalizado, como o Auxílio Brasil, no bolso do mais pobre, pode tirar votos inclusive de Lula, desse eleitorado menos ideologizado, e colocá-los diretamente no bolso de Bolsonaro. Assim, há uma grande chance de uma percepção de crescimento para Bolsonaro, graças a esse auxílio, e de uma eventual melhoria da economia (Opinião, 2022 (b)).

Dentro dessa lógica, Adrilles Jorge defendeu,

(...) que o governo Bolsonaro é um dos mais democráticos da história da República. Então, será o mundo contra Bolsonaro, mas a economia, o dinheiro no bolso, o Auxílio Brasil no bolso da população mais pobre, pode virar muito bem esse jogo. No entanto, acredito que esse jogo realmente tem grande chance de ser definido no primeiro turno, porque o eleitorado que agora se volta para a terceira via, vendo que as bases estão sedimentadas, acho que não se vão alterar de Lula e Bolsonaro no primeiro turno. Isso alavanca e coloca muito acima das outras possibilidades o eleitor, que pode, no último momento, optar entre Lula ou Bolsonaro, com um dos dois vencendo no primeiro. (Opinião, 2022 (b)).

⁴⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=C5zlbkfwl-g&t=1451s>

Programa 5 ⁴¹(Opinião), Adriles Jorge comentou sobre a exigência de Bolsonaro apresentar seu cartão de vacinação. No período, ao qual, o programa foi ao ar, o então presidente estava envolvido no escândalo em torno de seu cartão de vacinação. O comentarista bolsonarista diz que as pessoas deveriam deixar Bolsonaro fazer suas escolhas, pois “(...) não é da conta de ninguém se o presidente quer se vacinar ou não quer se vacinar, o que ele fez no seu próprio corpo, ele poderia dar esse exemplo agora essa comparação é esdrúxula” (opinião, 2022 (c)). E continuou argumentando em torno do tema da transparência, Bolsonaro sempre será julgado e colocado a prova, parece até que esqueceram da esquerda, que omitiam as informações, “(...) antes escondiam dezenas de bilhões de reais que iam para o bolso de deputado, iam para o bolso de empresário, iam para o bolso de juízes, iam para o bolso de uma série de pessoas corrompidas, que corrompiam esse sistema oligarca no Brasil” (opinião, 2022 (c)). Para Adriles, com Bolsonaro na presidência as situações mudaram, Bolsonaro em seu governo é sinônimo de transparência, porém, ele infelizmente tem sofrido ataques em relação a sua transparência em relação as informações em especial as vacinas contra a covid-19.

Outro ponto em destaque no programa foi a acusação feita pelo comentarista que Rosa Weber e o STF queriam mandar no país, eles queriam legislar em nome do país. Em todo momento querendo transparecer um discurso de buscar o melhor para o Brasil. Sobre o tema Adriles comentou:

Vamos mudar o sistema, que o sistema é corrompido. Se você não faz uma reforma constitucional, se você não faz uma reforma política para estabelecer o princípio de um governo republicano presidencialista com poucos partidos ou de um parlamentarismo em que o povo sabe que está votando no Parlamento e vai mandar no país, e eleger um primeiro-ministro, não adianta se você tem esse sistema semi-parlamentarista tosco com quase 40 partidos.” (Opinião, 2022 (c)).

Para ele, Bolsonaro fazia um governo popular, governou fazendo pressão popular e por conta disso, passou a ser visto como o governo mais odiado, não exatamente pela população, mais pela rede Globo e outras grandes mídias, influenciando uma grande parcela da população com o discurso anti-bolsonarista, “(...) anti-bolsonarismo tosco que quer limitar os poderes do presidente e tirar a qualquer custo a despeito da votação gigantesca que ele teve” (opinião, 2022 (c)).

⁴¹ <https://www.youtube.com/watch?v=2pQiIXMEsW0>

O comentarista considera um desrespeito com Bolsonaro, uma vez que, julgam sua inteligência em todos os quesitos, como pode ser citado as escolhas dos seus aliados e representantes de algumas categorias importantes, os ministros, “(...) o presidente não tenha que se quer a capacidade de nomear um ministro, de se quer nomear um chefe de polícia não tem se quer o poder de exercer o poder que lhe foi outorgado pelo povo, a gente vive exatamente uma ditadura” (opinião, 2022 (c)).

Isso é evidenciado, por exemplo, pelas críticas às escolhas de seus aliados e representantes de setores importantes, como os ministros. A crítica central é que o presidente aparenta não possuir a habilidade de tomar decisões cruciais, desde a nomeação de ministros até a seleção de chefes de polícia. Essa situação levanta questionamentos sobre o pleno exercício do poder conferido pelo povo, gerando a percepção de que a atual conjuntura política se assemelha a uma ditadura, onde as decisões vitais são tomadas de maneira restrita e sem a efetiva participação do chefe de Estado.

Programa 6 ⁴²(Opinião), Adrilles discute sobre a questão dos preços dos combustíveis, afirmando que, as pessoas devem compreender que o presidente não pode intervir nos preços das mercadorias, como por exemplo, nos preços dos combustíveis, que causam crises econômicas que acaba afetando a vida dos consumidores, então o comentar diz, “(...) o governo tem que privatizar essa porcaria chamada Petrobras, porcaria ela só dá lucro para acionistas a Petrobras não é do Brasil a Petrobras é de acionistas” (opinião, 2022 (d)). Para ele, a Petrobras só dá prejuízo calculado ao governo, uma vez que, com a privatização a mesma seria dividida em mil pedaços, que se converteriam em diversas empresas que estabeleceriam competição, que influenciaria no estabelecimento de um preço justo para o consumidor, “(...) porque a competição do princípio liberal do tempo gera o melhor serviço as pessoas” (opinião, 2022 (d)).

Assim, não se deveria culpar Bolsonaro pela alta dos preços, se justificaria a alta dos preços em especial da gasolina. Adrilles Jorge diz que a razão da alta dos preços é a quebra do isolamento social, as pessoas estão se movimentando mais, o dólar alto, sobretudo por políticas que não atraem investidores, porém, foi necessário a quebra do isolamento social, (opinião, 2022 (d)).

⁴² <https://www.youtube.com/watch?v=NG5Dlb0-VDU&t=1047s>

“(…) o que tinha de brasileiro passando fome graças à desgraça do isolamento. Então, agora, tem que privatizar a Petrobras, tirar das costas, da canga do governo essa responsabilidade pelos preços dos combustíveis e melhorar o serviço e o preço. Isso é fato. Privatiza já. Uma vez que você percebe que a Petrobras só causa atraso na vida do brasileiro.” (Opinião, 2022 (d))

“(…) Bolsonaro não rouba e não deixa roubar” (opinião, 2022 (d)). Então os brasileiros não precisam se preocupar, apenas faz o que é necessário, buscando apoio e trazendo benefícios para o país, “(…) construindo um apoio uma coalizão baseada em emendas que trazem aliás benefícios as regiões dos políticos, dos deputados que vão atrás dessa emenda” (opinião, 2022 (d)). Assim, para ele, Bolsonaro traria um novo, fazendo reformas estruturantes, como privatização da Petrobras e a reforma da Previdência essas são apenas algumas e tudo isso sem precisar comprar os que estão à frente,

“(…) sem necessariamente se corromper, sem dar dinheiro torto para as pessoas como Lula dava, e eventualmente fazer algum tipo de reforma através dessas emendas parlamentares, que são exatamente do jogo e beneficiam a população do deputado. Além disso, beneficia a pessoa, por exemplo, que vai se beneficiar com o Auxílio Brasil.” (Opinião, 2022 (d)).

Sobre a aprovação da população,

“(…) como ele foi eleito sozinho, sem nenhum tipo de apoio partidário, achou que ia conseguir comandar o país com o apoio popular. Não conseguiu, porque o Congresso, o Centrão, o Centrão biológico, é maior que tudo isso. Essas pessoas também são eleitas.” (Opinião, 2022 (d)).

Com isso, ele defende que o eleitorado de Bolsonaro deveria continuar acreditando nele, o Brasil necessita de uma reforma constitucional e política no país, pois enquanto houver tantos partidos políticos que estejam no poder não tem jeito. “(…) Bolsonaro combate por dentro e está moralizando o sistema do Brasil por dentro” (opinião, 2022 (d)). Enquanto, “(…) Luiz Inácio Lula da Silva o maior criminoso na história desse país” (opinião, 2022 (d)).

Adrilles reforçou que o eleitorado de Bolsonaro continua a depositar sua confiança no presidente, impulsionado pela percepção de que o Brasil carece de uma reforma constitucional e política. A crítica central reside na presença excessiva de partidos políticos no poder, vista como um obstáculo para uma governança eficiente. A afirmação de que Bolsonaro "combate por dentro e está moralizando o sistema do Brasil por dentro" sugere que o presidente está envolvido em esforços internos para promover mudanças positivas no sistema.

Por outro lado, a caracterização de Luiz Inácio Lula da Silva como "o maior criminoso na história desse país" reflete uma avaliação bastante negativa do ex-presidente, evidenciando a polarização política persistente. Em conjunto, o parágrafo destaca a confiança contínua no governo atual e uma visão crítica do panorama político brasileiro anterior.

No programa 7 ⁴³(Opinião) Adrilles comenta sobre o caso de rachadinha envolvendo Flávio Bolsonaro e uma investigação envolvendo o auxílio do então presidente contra seu filho. Para Adrilles o ex-presidente não tinha nenhuma denúncia de corrupção, e passou a ser acusado por tentar ajudar seu filho Flavio Bolsonaro das acusações que ele vinha sofrendo sobre uma tal rachadinha, ele foi acusado de liderar uma organização criminosa para recolher parte do salário de funcionários públicos e tudo isso tinha acontecido dos anos de 2003 a 2019, porém, o caso foi arquivado sem análise do conteúdo das provas.

Adrilles continua sua argumentação defendendo, então, esse debate acerca da tal da rachadinha foi exposta por Lula, porque não falar sobre vários outros políticos a roubarem dinheiro de bilhões de recursos destinados à covid, segundo Adrilles o problema de Flavio Bolsonaro foi fazer o que todos fazemos, “(...) É bom lembrar é uma prática usual de tudo praticamente o mundo político, sobretudo em Brasília e no Rio de Janeiro, Flávio não fez nada diferente dos 99% dos deputados mas foi pego, eventualmente isso causa uma magoa no governo Bolsonaro” (opinião, 2022 (e)).

Porém, com isso,

“(...) É claro que a rachadinha foi basicamente feita pelo Flávio. As evidências são fartas, desde a questão de comprar apartamento com dinheiro vivo até pagar em espécie as escolas das crianças e as remessas de dinheiro. Depósitos foram feitos na conta do Queiroz, evidenciando várias práticas associadas à rachadinha.” (Opinião, 2022 (e)).

E continuou argumentando, o governo Bolsonaro não tem uma denúncia de corrupção e que fez com que o Bolsonaro tivesse uma leniência em relação ao combate da corrupção feito pela lava jato,” (...) isso é muito triste realmente, Bolsonaro não pôde, não soube, não quis cortar na própria carne, porque provavelmente diz se todo mundo faz, porque meu filho tem que pagar, porque exatamente o filho de um presidente da república” (opinião, 2022 (e)). Alegando ainda

⁴³ <https://www.youtube.com/watch?v=yqOKRn7-xZE>

que, esse crime é complicado de ser comprovado, pode ser apenas uma negociação entre servidor e patrão,

“(…) Esse crime é muito difícil de comprovar, pois é uma negociação entre patrão e funcionário. Nem se pode caracterizar como roubo, porque eventualmente é dinheiro público que passa pelas mãos do gabinete. O indivíduo diz algo como 'olha, você me devolve parte do seu dinheiro para dentro do gabinete', referindo-se à verba de gabinete. Essa expressão é apenas uma metáfora para dinheiro desviado para qualquer finalidade, e eventualmente é muito difícil de comprovar um crime desse tipo.” (Opinião, 2022 (e)).

O analista destaca que, embora Bolsonaro tenha mantido uma postura firme contra a corrupção, a situação envolvendo seu filho, Flávio, pode comprometer sua imagem política. É ressaltado que, até o momento, não há denúncias diretas de corrupção relacionadas a Bolsonaro, mas a questão em torno de Flávio se tornou uma complicação significativa para o presidente. Este cenário assemelha-se a um drama shakespeariano, onde os desafios internos podem ter implicações mais amplas na esfera política.

Além disso, é importante considerar que o ambiente político brasileiro é marcado por uma forte polarização, o que intensifica a atenção e a interpretação de eventos como esse. As discussões sobre ética, transparência e governança são cruciais para a manutenção da confiança da população. Nesse contexto, a gestão de crises e a comunicação eficaz tornam-se elementos-chave para Bolsonaro enfrentar e superar desafios políticos.

Programa 8 ⁴⁴(Opinião). Adriles discutia a questão da pandemia, relacionando o isolamento social a perda de liberdades e a ditaduras. Segundo ele o PT tem feito apologias e defesas a ditadura, uma ditadura opressiva, sanguinária e antidemocrática, Adriles Jorge diz que o PT,

(...) fez elogios à Venezuela, a Cuba e agora faz elogios também à Argentina, que está se transformando numa ditadura que tem prendido o cidadão comum, impedindo-o de trabalhar durante mais de 1 ano e expandindo o coronavírus, sem nenhum tipo de efeito prático do isolamento social. (Opinião, 2022 (f)).

Para ele, a esquerda brasileira apoia a ditadura, porém esquecem que ninguém tem apreço por uma esquerda revolucionário marxista para uma eventual democracia, o comentador

⁴⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=9s8RsELNDW0&t=463s>

diz que o PT tenta ser instrumento de todas classes sociais fazendo propaganda desses países, que impõe uma igualdade de cima para baixo, sobretudo

(...) a igualdade do tirano e os miseráveis cidadãos que obedecem ao tirano, recolhendo as migalhas dadas pelo Estado, é o sonho do governo do PT. Eles tentaram implantar isso de maneira sub-reptícia, comprando todo o estado corrupto do Brasil, através da ditadura subliminar de Luiz Inácio Lula da Silva. Ele tentou, através da corrupção, exercer um poder nefasto, opressivo e autoritário. (Opinião, 2022 (f)).

Pan Então, em sua leitura, os esquerdistas aplaudem uma ditadura real e criam uma ditadura imaginaria no Brasil, no qual colocam Bolsonaro como fascista, ditador, autoritário, sendo que, ele é o homem mais perseguido da história da república. O comentarista político diz Lula e Dilma querem construir no Brasil uma ditadura, “(...) eventualmente faz uma ditadura de uma senzala ideológica que promove ditaduras como a cubana, como a venezuelana e criam no Imaginário popular que Bolsonaro que é um verdadeiro ditador” (opinião, 2022 (f)).

Bolsonaro tem muitas dificuldades, pois tem sofrido perseguições em seu governo, professores, movimentos sociais, artistas e todos outros poderes se reuniram contra o ex-presidente disseminando informações, chamando-o de genocida, nazista e outras denominações, então o comentarista político diz, “(...) governo Bolsonaro ser absolutamente honesto é absolutamente irretocável. Tenho uma ligeira, ligeira preferência por Bolsonaro.” (opinião, 2022 (f)).

3.3 Jornal Jovem Pan

Imagem 3: Jornal Jovem Pan



Fonte: Jovem Pan News

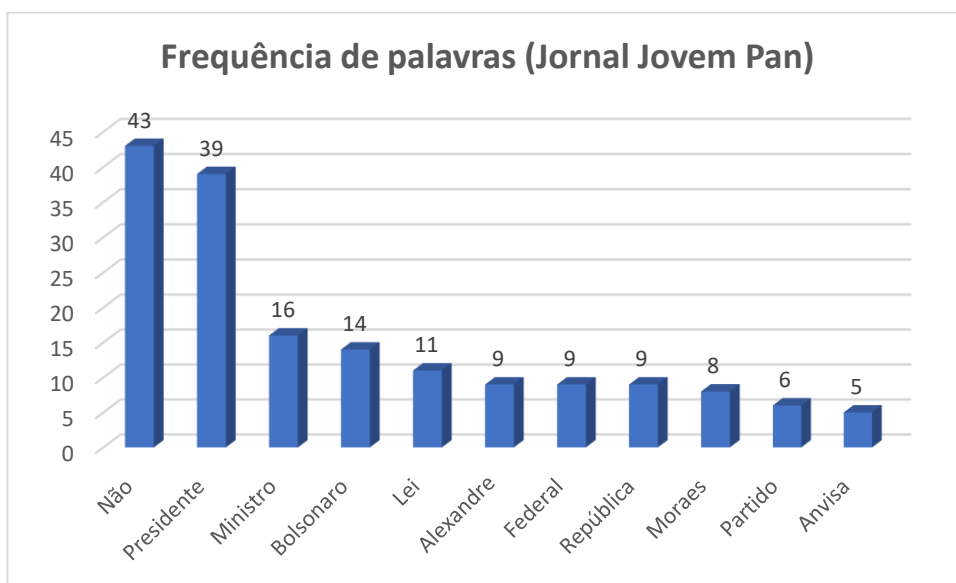
Seguindo-se a análise, o resultado quantitativo gerado pelo *Iramuteq* do Jornal Jovem Pan com Alexandre Garcia está disposto logo abaixo:

Tabela 7: Jornal Jovem Pan

Palavras	Frequência
Não	43
Presidente	39
Ministro	16
Bolsonaro	14
Lei	11
Alexandre	9
Federal	9
República	9
Moraes	8
Partido	6
Anvisa	5

Fonte: Desenvolvida pela autora

Gráfico 3: Jornal Jovem Pan



Fonte: Desenvolvida pela autora

Para facilitar a visualização dos temas debatidos, os programas Jornal Jovem Pan são expostos por datas e cada um não possui um título específico, então irei separar por numeração, a participação de Garcia no jornal se limita a poucos minutos no qual o mesmo traz um resumo

dos fatos políticos da semana. Então iremos iniciar pelo **programa 1**⁴⁵ **“Opinião: Viagem de Bolsonaro foi o fato da semana”**, segundo Alexandre Garcia o acontecimento mais importante da semana foi a viagem do presidente com ministros aos países cheios de petrodólares do Golfo pérsico, além disso o comentarista discutiu sobre a negociação a respeito da entrada de Bolsonaro no PL.

Sobre o primeiro tema, para Alexandre Garcia, Bolsonaro fez bastante amizades com príncipes, almoçou com o rei. No Catar, Bolsonaro encontrou o presidente da Fifa e ganhou uma bola em sua homenagem e uma camisa, e ele retribuiu com uma camisa de canarinho para o presidente da Fifa. O comentarista político afirmou que o Catar é rico, porque possui estádio, como resultado conseguiram vender avião, investimentos em infraestrutura e na agricultura.

Segundo Alexandre Garcia, o ministro General Heleno abordou que a política externa brasileira, a ideologia fica em segundo plano, porque enquanto Bolsonaro estava no Golfo Pérsico, o ministro da Comunicação Fábio Faria estaria no Texas buscando a implantação de conexão por fibras óticas por baixo do leito dos rios via satélite para a Amazônia. O comentarista defendeu que a implantação, seria de extrema importância para que ocorra a ocupação efetiva da Amazônia, para mostrar para os outros que já acabaram com os recursos no país deles, que estamos com o nosso, “(...) por isso que estão de olho em nós e a gente tem que tomar cuidado com a Amazônia” (Jornal Jovem Pan ,2021 (a)).

Seguindo o resumo semanal, o comentarista informou que Jair Bolsonaro pensou em romper o “noivado” com o PL, porque os interesses em relação alguns candidatos, são diferentes,

"Por exemplo, ele tem o ministro Tarcísio como candidato ao governo de São Paulo, e o PL tem como candidato o vice de Dória, Rodrigo Garcia. Então, para o presidente Bolsonaro, isso não serve. Há casos semelhantes em Alagoas, no Piauí e no Amazonas com o PL." (Jornal Jovem Pan, 2021).

Alexandre Garcia disse que é de interesse do PL e de outros partidos ter Bolsonaro porque Bolsonaro é um puxa voto, tanto que na última eleição ele elegeu o Witzel no Rio de Janeiro e Dória em São Paulo, então, é do interesse dos progressistas, que ele volte onde ele já

⁴⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=piSdcnMHnxA>

esteve por 11 anos, dos republicanos, do Patriotas e do PL, porque Bolsonaro atrai voto faz mais bancada, tem mais dinheiro do fundo partidário.

"O PL se reuniu e deu carta branca para o presidente Valdemar Costa Neto negociar com o presidente da República. Na prática, isso significa dar a Bolsonaro a liberdade para apresentar suas condições para entrar no PL. O partido possui 43 deputados e 41 senadores, além de uma boa fidelidade, com mais de 80 por cento nas votações na Câmara. Além disso, detém 347 prefeituras. Qual será a decisão do presidente Bolsonaro?" (Jornal Jovem Pan, 2021 (a)).

A decisão do Partido Liberal (PL) em autorizar seu presidente, Valdemar Costa Neto, a negociar com Jair Bolsonaro e possibilitar a entrada do presidente no partido representa um ponto de virada significativo no panorama político brasileiro. Essa movimentação sugere um realinhamento nas alianças políticas, com potencial impacto na formação de coalizões e na dinâmica partidária. Se concretizada, a entrada de Bolsonaro no PL pode alterar as políticas públicas adotadas pelo partido, influenciar as futuras eleições e redefinir o próprio perfil do partido. Essa mudança pode ter implicações nas eleições, na estabilidade política do país e até mesmo nas percepções e debates sociais, dependendo das posições adotadas por Bolsonaro no contexto do PL. Assim, essa decisão não apenas molda o futuro do partido, mas também impacta o cenário político e social mais amplo.

Programa 2⁴⁶ abordou a fala de Jair Bolsonaro “**Bolsonaro reforça defesa a liberdade de expressão**”, no segundo programa, Alexandre Garcia reiterou que Jair Bolsonaro tinha grande compromisso com a defesa incisiva da liberdade de expressão como um pilar vital para a manutenção da democracia. Ele destacou a importância de um ambiente em que todos os cidadãos possam expressar suas opiniões de maneira livre e aberta, promovendo assim a pluralidade de vozes na sociedade. Além disso, Bolsonaro ressaltou que essa liberdade de expressão deve coexistir com o respeito inabalável aos direitos humanos, sem concessões à descriminalização de práticas que violem esses princípios fundamentais. Essa abordagem buscava consolidar uma democracia robusta que valorizava a diversidade de perspectivas, mantendo, ao mesmo tempo, um compromisso intransigente com os direitos humanos.

Outro tema abordado no programa se relacionou com a ministra Rosa Weber ter retido 16 bilhões do que ficou conhecido como orçamento secreto. Segundo o jornalista uma parcela

⁴⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=Tgi7lRR8COU>

dessa verba seria destinada para a saúde, e após os presidentes do Senado e da presidência da Câmara serem informados sobre a situação, eles foram ao supremo para se comunicar com a ministra Rosa Weber e após essa conversa a mesma voltou atrás, e liberou o dinheiro destinado as ementas, dizendo que sentiu transparência, em defesa informou que o orçamento, que passou ser chamando de “orçamento secreto” não é nada secreto, tudo é publicado no diário oficial, com essa situação o presidente Bolsonaro, expõe sua opinião criou um decreto “dizendo que essas emendas que ao chegarem no ministério vão para o site do ministério com todos os seus detalhes, ou seja foi derrogada a Fake News de orçamento secreto” (Jornal Jovem Pan, 2021 (b)).

Programa 3⁴⁷ aborda que Bolsonaro havia solicitado ao congresso nacional que aprovasse o orçamento para o ano de 2022, a câmara e o senado haviam derrubado o veto que o presidente o então presidente fez ao fundo eleitoral de 5,7 bilhões, o comentarista político disse que após a medida do presidente os congressistas se arrependeram, na mesma semana, e retiraram 800 milhões do fundo eleitoral para distribuir para a educação. Com isso, o Auxílio Brasil passou a receber 415 reais por mês, o salário mínimo pode receber o maior ajuste dos últimos anos e outras categorias receberam aumentos significativos em seus salários como policiais federais, policiais rodoviários Federais e agentes penitenciários federais, Alexandre Garcia disse que com esses reajustes Jair Bolsonaro (presidente) cumpriu suas promessas.

O comentarista disse que Bolsonaro está dando o seu melhor como presidente, e que os partidos que pretendem derrotar o seu mandato e seu partido terão trabalho, porque Jair tem feito um excelente trabalho. O comentarista político destacou que, além de receber elogios por seu desempenho, Jair Bolsonaro enfrentou desafios significativos dos partidos que buscam derrotar seu governo e sua legenda. No entanto, ele ressaltou que o presidente tem cumprido suas promessas, como evidenciado pelo aumento no auxílio Brasil, ajustes no salário mínimo e reajustes salariais para diversas categorias, incluindo policiais federais, policiais rodoviários federais e agentes penitenciários federais. Essas ações, segundo o comentarista, reforçam a perspectiva de que Bolsonaro está comprometido em realizar um trabalho sólido durante seu mandato.

⁴⁷ https://www.youtube.com/watch?v=kRr_stZa3ew

Programa 4⁴⁸ o comentador Alexandre Garcia disse que a semana não começou bem para o presidente, ele foi internado na emergência, porém, mesmo assim, ele trabalhou, sancionando uma lei na qual tornou o caminhoneiro uma pessoa jurídica, podendo ter CNPJ, se tivessem um faturamento de 21 mil por mês, tendo direito a contratação de funcionários e pagando a previdência 12% sobre o salário mínimo.

O parágrafo destaca que a medida proposta pelo governo visa beneficiar significativamente os caminhoneiros, um grupo que historicamente expressou apoio ao presidente. A justificativa para a iniciativa está relacionada à relevância crescente dessa atividade, como indicado pelos números de novos veículos emplacados no último ano. Essa decisão reflete o esforço do governo em atender às demandas e necessidades dessa importante categoria profissional (jornal Jovem Pan, 2022 (d)).

(...) Vai beneficiar 700 mil a 1 milhão de caminhoneiros, que é uma classe que apoia o presidente, né? Aliás, no ano passado, dos 3 milhões e 0,5 de novos veículos emplacados, segundo a Fenabreve, 42% eram caminhões. Ou seja, atividade crescente não é de transportar a riqueza aqui no Brasil (jornal Jovem Pan, 2022 (d)).

No mesmo programa, Garcia comentou sobre o presidente ter assinado a lei que prorrogou por 5 anos a isenção de IPI para taxista e deficientes, destinada para comprar carro novo., junto com isso, ele teria promulgado uma medida provisória que beneficiaria os estudantes que estão com dificuldades de efetuar o pagamento do financiamento estudantil (FIES), ‘(...) foram dispensados os juros e também houve um alívio de 92 % no que eles deviam (Jornal Jovem Pan, 2022 (d))’.

Outro tema abordado pelo comentarista se concentrou na questão da tentativa de interferência de Bolsonaro nas investigações da polícia federal. Segundo o comentador, em 20 de abril de 2020 foi criado um inquérito pelo Ministro Celso de Mello, que deu 60 dias de prazo para a finalização do mesmo, porém o inquérito não foi encerrado até hoje. Mesmo com o ministro Celso de Mello já estando aposentado, o inquérito continua sendo prorrogando, na tentativa de encontrar alguma irregularidade. Para Alexandre Garcia (2022), Bolsonaro (ex-presidente) é chefe da polícia federal, chefe supremo, então seria difícil de comprometer o gestor, e tudo isso só afeta o governo.

⁴⁸ https://www.youtube.com/watch?v=pkFYOCT9_fY

(...) O presidente da República é o chefe da Polícia Federal, o chefe Supremo. Agora, talvez esteja difícil de achar alguma coisa que mostra que o presidente tem interferido em alguma investigação e aí vai prorrogando, prorrogando, né? Essa última prorrogação desta semana diz o seguinte: prorroga-se por mais 90 dias a partir do dia em que vence a atual prorrogação, que é 27 de janeiro. Ou seja, já se sabe que até o dia 27 de janeiro não vai se descobrir mais nada. Enquanto isso, tudo vai atrapalhando o governo (Jornal Jovem Pan, 2022, (d)).

Programa 5⁴⁹ aborda que o Ministro Alexandre de Moraes prorrogou por mais 90 dias o inquérito sobre milícias digitais, sendo que o procurador geral da república já havia solicitado o encerramento, foi reaberto e continua sendo uma questão complicada, (...)” porque milícia sem arma, sem arsenal, sem o ponto de encontro lá o aparelho, fica complicado chegar a uma conclusão”. Assim, segundo Alexandre Garcia o artigo 220 da constituição diz que a manifestação do pensamento a criação, expressão e a informação sob qualquer forma de processo ou veículo não sofrerá qualquer restrição, sendo assim, é vedada qualquer forma de censura de natureza política, ideológica e artística. O comentarista disse que no Brasil ocorre tanto a defesa de uma democracia, porém, essas formas de censura são antidemocráticas, fazendo exposições das instituições de forma indevida não seguindo os processos legais.

Outro debate foi sobre a crítica a vacinação de crianças, o ex-presidente em suas falas deixou explícita sua dúvida sobre o objetivo da Anvisa de autorizar a vacina Pfizer para crianças, porém, de acordo com Alexandre Garcia o presidente da Anvisa tratou os questionamentos do presidente como uma questão pessoal,

(...) E chegou a falar como oficial general da Marinha, tipo assim enquadrando um capitão. Ele, no fim da nota, chegou a assinar duplamente, como presidente da Anvisa e como um contra-almirante. Foi a primeira baixa da vacinação infantil porque acabou com uma amizade que se reunia em torno de motos. Eles saíam de moto juntos assim que, eu acho, que assim que se conheceram (Jornal Jovem Pan, 2022 (e)).

A recente controvérsia envolvendo Bolsonaro e o presidente da Anvisa teve origem em uma opinião divergente sobre a vacinação infantil, o que levou à interrupção de uma amizade entre eles. Bolsonaro tentou esclarecer que não estava fazendo acusações de corrupção à Anvisa, mas expressou sua curiosidade sobre os motivos por trás do interesse na vacinação para crianças. Esse episódio destaca a complexidade das relações pessoais no cenário político e o impacto das declarações presidenciais em diferentes esferas, inclusive nas instituições governamentais (Jornal Jovem Pan, 2022 (e))

⁴⁹ https://www.youtube.com/watch?v=k_hU5Z-322U

Alexandre Garcia termina seu comentário dizendo que foi assim, que uma opinião sobre uma vacinação infantil destruiu uma amizade de Bolsonaro com o presidente da Anvisa, o ex-presidente tentou se justificar, deixando claro que não estava acusando a Anvisa de corrupção, mas gostaria de saber qual o interesse com a vacina infantil,

“(...) chamou de sanha vacinatória aí é bom a gente lembrar que o presidente da Anvisa, o diretor tem mandato, eles não são demissíveis pelo presidente da república, eles têm autonomia tal como acontece também agora com o Banco Central” (jornal Jovem Pan, 2022 (e)).

O **programa 6**⁵⁰ apresentou o destaque da semana, que segundo o comentarista político foi a decisão de um juiz federal do Rio de Janeiro, Fabio Teneblant, que proibia Bolsonaro de pronunciar a palavra lepra e suas derivações. Alexandre Garcia informou que a proibição foi feita com base a uma ação promovida pelo Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) que são admiráveis em seus trabalhos humanitários, se baseando na lei número 9.010 de 1995⁵¹.

De acordo com o Morhan as pessoas que sofrem com essa doença, já passam por situações preconceituosas e descriminalização, esses tipos de situações podem causar perigos e abalos psicológicos, em dezembro de 2021 Bolsonaro fez uso do termo em um discurso que estava sendo feito em Chapecó, Santa Catarina, a fala de Jair foi a seguinte,

Vocês lembram lá, quem lê a bíblia, já assistiu o filme daquela época, da época de Cristo, quando ele nasceu. O grande mal daquele momento era a lepra. O leproso era isolado, distância dele. Hoje em dia temos lepra também. Continua, mas o mundo não acabou naquele momento (Bolsonaro, 2021)

Na ação movida pelo Morhan, o advogado Carlos Nicodemos contra Bolsonaro, destacou o preconceito que carrega o termo lepra, a terminologia correta da doença é hanseníase, doente de hanseníase, hansenologia, hansenologista, hansenico etc.

Porém, Alexandre de Moraes em defesa de Bolsonaro, informou que toda a situação com o termo lepra foi apenas um problema de interpretação, o ex-presidente não estava fazendo o uso da terminologia de forma preconceituosa, sua fala era apenas uma analogia ao coronavírus que existe no mundo e que o mesmo não irá acabar, irá continuar existindo. Ocorreu uma tentativa de solicitação de uma multa de 50 mil reais, só que foi negada pelo juiz. Com tudo isso, foi ressaltado o que a lei 9.010 de 1995 determina que fica banida a utilização da palavra lepra e seus derivados em falas e documentos oficiais, e caso façam a utilização os documentos

⁵⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=SBcwWfjACxE&t=24s>

⁵¹ A lei foi sancionada por Fernando Henrique Cardoso.

serão arquivados, e ao final do programa o comentarista político apontou que os três poderes políticos não poderão pronunciar a palavra, “(...) isso vai atingir por exemplo os capelães militares como é que eles vão ler por exemplo Lucas 5:12 Mateus 8:1 Marcos 1:10, estão censurados também Lucas, Marcos e Mateus os Evangelistas” (Jornal Jovem Pan, 2021 (c)).

Programa 7⁵² o programa abordou o depoimento sobre a tentativa de interferência na Polícia Federal, ao qual, segundo a decisão do Ministro Alexandre de Moraes, Bolsonaro deveria ter realizado depoimento presencial na Polícia Federal. Mas, após um recurso da Advocacia Geral da União, acatado por Moraes, o ex-presidente, juntamente com seus advogados decidiram apresentar sua defesa de forma escrita, informando que ele iria exercer o direito ao silêncio. Toda essa situação ocorreu devido ao vazamento de informações que Bolsonaro pôs nas redes sociais, porém segundo o comentarista político, tais informações já haviam sido expostas muito antes por outras pessoas nas mídias sociais.

Embora, possamos viver em uma sociedade democrática que tem base na liberdade de pensamento e de escolha dos representantes em pelo menos 2 dos três poderes existentes no Brasil, é preciso compreender que existe limites para a chamada “liberdade de expressão” e tais limites são essenciais para manter o equilíbrio da balança democrática no país.

O programa 8⁵³ o destaque da semana foi o encontro de forma inusitado no Palácio do Planalto, entre Alexandre de Moraes, Edson Fachin e Jair Bolsonaro. Esse grande encontro, segundo Alexandre Garcia, foi marcado na véspera, Bolsonaro aceitou receber a visita de Edson Fachin que estava com o convite para a sua posse como presidente do Tribunal Superior Eleitoral e de seu vice Alexandre de Moraes. Segundo Alexandre Garcia:

(...) uma conversa de 10 minutos não foi só de bom dia, boa tarde, boa noite, obrigado, tá tudo bem, tá com frio, não tá com frio, vai chover, não vai chover, Claro que não foi isso, o que se nota na fotografia é que os dois ministros estavam de máscara, o presidente estava sem máscara estava na reunião lá no palácio e aparece os cumprimentos entre Fachin e Bolsonaro, cotovelada, estranho, ficou estranho essa foto os dois na cotovelada, mas enfim tem um valor político, isso porque mostra que foi um encontro protocolar de três pessoas que estão numa relação que a gente não pode chamar de amistosa né, mas que tem que cumprir protocolos porque o cargo obriga os dois serão dirigentes da Justiça Eleitoral que vai presidir a eleição e o Presidente da República é o chefe do Poder Executivo os chefes dos poderes, e chefe

⁵² <https://www.youtube.com/watch?v=iYyGn-ojQcs>

⁵³ <https://www.youtube.com/watch?v=ZaFuvrhYVO0>

da câmara e Senado também receberam esse convite mas enfim o encontro que merece registro (Jornal Jovem Pan, 2021 (c)).

A natureza protocolar do encontro foi enfatizada pela presença de máscaras, ressaltando a formalidade do evento. Apesar de uma relação não amistosa entre as partes, a necessidade de cumprir os protocolos foi destacada, considerando a importância dos cargos ocupados por Bolsonaro, Fachin e Moraes, todos desempenhando papéis cruciais na condução do processo eleitoral. Vale ressaltar que, embora a imagem tenha gerado estranheza, ela se tornou um registro significativo no contexto político e jurídico vigente, alimentando debates e especulações sobre os possíveis acordos nos bastidores.

3.4 Resultado da análise de conteúdo

Adrilles Jorge, Alexandre Garcia e Caio Coppolla são comentaristas políticos que ficaram conhecidos por suas visões conservadoras e por suas manifestações de apoio a Jair Bolsonaro em várias ocasiões em suas redes sociais e em seus programas na Jovem Pan, destacando algumas das políticas do ex-presidente.

Ao analisar os programas dos comentaristas políticos, percebe-se uma ampla diversidade de discursos que abordam perspectivas variadas. Essas diferentes categorias de fala não apenas refletem a complexidade do cenário político, mas também desempenham um papel importante na formação da opinião pública. Nesse contexto, é possível observar a influência da doxa, conforme definida por Bourdieu, onde há um conjunto de crenças e valores compartilhados que moldam as percepções individuais e coletivas. Em alguns casos, essas categorias de discurso contribuem para a valorização de Jair Bolsonaro e para a legitimação de sua agenda política, refletindo diferentes pontos de vista que podem influenciar a percepção do público sobre o ex-presidente e a nova direita brasileira. A presença dessas perspectivas na mídia política evidencia como a doxa pode ser mobilizada e reproduzida através do discurso público, influenciando a formação de consensos e representações sociais.

Eles adotam estratégias que influenciam a opinião pública, abordando temas relacionados à antipetismo, liberdade de expressão e pandemia, que cria uma dinâmica na qual os seguidores são encorajados a aceitar, em algumas situações, as ações controversas do ex-presidente, permitindo que suas ideias prevaleçam. O desafio reside na capacidade da sociedade

de discernir entre a defesa legítima das liberdades individuais e a possibilidade inadvertida de aceitar aspectos mais problemáticos da ex liderança política.

No contexto político atual, vemos a interseção complexa entre ideologias liberais e conservadoras, o surgimento do populismo autoritário e as contínuas guerras culturais. Estratégias são adotadas para influenciar a opinião pública, muitas vezes envolvendo temas como antipetismo, liberdade de expressão e respostas à pandemia. Nessa dinâmica, os seguidores são incentivados a aceitar ações controversas de líderes políticos sob a justificativa da defesa das liberdades individuais. No entanto, o desafio reside na capacidade da sociedade de discernir entre as defesas legítimas dessas liberdades e a possibilidade inadvertida de aceitar aspectos problemáticos da liderança política. As narrativas populistas autoritárias capitalizam essas preocupações, apresentando-se como defensoras do povo, mas também podem adotar medidas autoritárias em nome do "bem comum". Enquanto as guerras culturais ampliam essas divisões, alimentando debates acalorados sobre identidade política e valores sociais. Nesse cenário, a vigilância crítica da sociedade é essencial para preservar os princípios democráticos e proteger os direitos individuais.

Observar a convergência nas falas e nas temáticas dos programas dos comentaristas, mesmo quando participam de programas distintos como Boletim Coppolla, Opinião e Jornal Jovem Pan, revela uma tendência de busca pela valorização do Bolsonarismo e, por conseguinte, a promoção da reeleição de Jair Bolsonaro. Esses comentaristas, ao criticarem consistentemente a esquerda e a figura do presidente Lula, contribuem para a construção de uma narrativa que fortalece a imagem de Bolsonaro e seus ideais nos meios de comunicação em que atuam. Esse alinhamento de discursos entre diferentes programas sugere uma abordagem coordenada na promoção dessas ideias específicas.

Para se fazer uma análise de conteúdo é necessário apresentar homogeneidade, destacando dois pontos cruciais. O primeiro ponto refere-se à necessidade de escolher temas específicos, com foco em discussões relacionadas a Jair Bolsonaro, como critério para a seleção de conteúdo. O segundo ponto menciona a homogeneidade nas categorias de conteúdo abordadas pelos comentaristas, ressaltando a importância de identificar padrões temáticos consistentes ao longo do tempo.

Essa abordagem homogênea na seleção de temas e categorias de conteúdo facilita uma análise mais precisa e contextualizada das opiniões e posicionamentos dos comentaristas políticos em relação a Bolsonaro. Ao manter uma consistência nessas escolhas, é possível identificar tendências, padrões de discurso e nuances nas posições dos comentaristas ao longo do tempo, contribuindo para uma análise mais aprofundada e informada.

Alexandre Garcia, durante seu curto tempo no jornal, não se aprofunda significativamente em seus argumentos e críticas políticas. Ele parece focar mais em fornecer resumos rápidos das notícias, sem aprofundar muito além disso. Essa percepção sugere que, pelo menos durante o período mencionado, sua abordagem na apresentação das informações políticas pode ser mais superficial, sem explorar detalhadamente os aspectos críticos ou argumentativos da política.

Em virtude disso, é possível afirmar que Adrilles Jorge, Alexandre Garcia e Caio Coppolla contribuíram para a tentativa de reeleição de Bolsonaro, desempenhando um papel na divisão da sociedade entre apoiadores e opositores do governo. Esse engajamento constante em temas relacionados ao presidente parece ter instigado crises culturais e polêmicas, resultando em uma dicotomia na qual os indivíduos escolhem suas posições e expressam críticas e ideologias. A análise sugere também a emergência de questões relacionadas ao controle social e a possível descriminalização de grupos minoritários, o que pode influenciar a percepção da população e dificultar a distinção entre informações verdadeiras e falsas.

Além disso, destaca-se a notável convergência nas publicações dos jornais, apesar de pertencerem a apresentadores diferentes. Essa convergência é observada entre comentaristas políticos que apoiam a reeleição e candidatura de Bolsonaro, enquanto criticam a esquerda e o atual presidente. Esse alinhamento pode indicar uma certa uniformidade de perspectiva entre esses comentaristas em relação às questões políticas específicas abordadas.

Adrilles Jorge, Alexandre Garcia e Caio Coppolla são apoiadores de Jair Bolsonaro e defendem que suas falas e posições refletem uma abordagem franca e direta, sem os artifícios políticos convencionais. Argumentam que o ex-presidente busca quebrar com o establishment, adotando uma comunicação transparente que ressoa com muitos brasileiros. Muitos admiradores ressaltam a valorização da agenda conservadora, o foco na segurança pública e a busca por políticas econômicas mais liberais como elementos que contribuíram para melhorias

no ambiente de negócios. Além disso, acreditam que as declarações polêmicas de Bolsonaro frequentemente são interpretadas fora de contexto pela mídia, gerando uma visão distorcida de suas reais intenções. Para esses apoiadores, Bolsonaro representa uma ruptura necessária com o status quo, sendo percebido como alguém que enfrenta desafios com coragem e que procura atender às demandas de uma parte significativa da população brasileira.

A influência do Bolsonarismo no pensamento da sociedade é perceptível, principalmente devido à participação ativa de comentadores políticos nos programas de jornal. A presença intensa nos meios de comunicação contribui para a disseminação constante de informações, por vezes dificultando a distinção entre notícias verdadeiras e falsas, amplamente conhecidas como fake news. Nesse contexto, há o risco de a sociedade perder seu senso crítico, adotando a ideia de meritocracia como reflexo do mérito individual. A interação entre comentadores políticos e a mídia desempenha um papel crucial na formação de opiniões e na moldagem do entendimento coletivo sobre questões políticas, enfatizando a importância de uma análise crítica e discernimento por parte do público diante das informações veiculadas.

Assim, a tentativa de reeleição de um ex-presidente controverso como Bolsonaro destaca a importância de refletir sobre a influência dos comentadores políticos nesse processo. As posições polêmicas do presidente, que incluem declarações homofóbicas, racistas e defesa de ideias autoritárias, encontram frequentemente apoio por parte desses comentadores. A análise de conteúdo concentrou-se em compreender como a retórica desses comentadores pode ter contribuído para a candidatura e ascensão de Bolsonaro à presidência, assim como, perceber como esses comentadores valorizavam “vitórias” do ex-presidente e estabeleciam comparações de seus resultados negativos a outros momentos de governos associados à esquerda como forma de alertar para o que eles pontuaram como hipocrisia das esquerdas e da mídia.

O impacto dos comentadores na formação da opinião pública e na interpretação das ações do presidente destaca a complexidade da interação entre mídia, política e a construção de perspectivas. A influência desses comentadores não apenas influencia a percepção coletiva sobre as políticas e decisões do presidente, mas também desempenha um papel crucial na criação de narrativas e no direcionamento do debate público a um público apoiador do presidente. Esta dinâmica evidencia como a interseção entre comentaristas, meios de comunicação, ativismo político e o cenário político pode ser fundamental na maneira como os

eventos são percebidos e compreendidos pela sociedade, sublinhando a relevância de uma análise crítica e diversificada das fontes de informação.

3.5 O que será da Jovem Pan após as eleições de 2022?

Na tarde do dia 14 de setembro 2022, a Jovem Pan passou a sofrer limitações nos seus principais canais no YouTube. Segundo Ana Clara Costa (2022) do Piauí Uol, pela primeira vez os mais de 5 milhões de inscritos nos canais passaram a não receber as notificações de que o programa estava sendo exibido ao vivo pela plataforma, o que acontecia diariamente às 18 horas, com as faltas de alertas para os programas ocorreu uma grande perda de audiência.

Como resultado da falta de aviso, a audiência que acompanha o canal ao vivo caiu para 70 mil usuários simultâneos, antes os mais de 150 mil que costumava amearhar. A audiência total dos programas também foi impactada pela falta de divulgação do canal na plataforma: até a tarde da quinta-feira 15, totalizara 553 mil visualizações, o segundo pior resultado do ano – o pior foi em 18 de janeiro, com 550 mil visualizações, segundo levantamento da consultoria Novelo Data. Trata-se de um tombo expressivo, já que a audiência média de cada episódio nas últimas semanas tem chegado a 900 mil visualizações. (Piauí Uol, 2022). Porém, no mesmo dia o YouTube classificou os programas, especificamente o programa “Os Pingos nos Is” na categoria de monetização limitada alegando que a restrição se deve à inadequação dos conteúdos para os anunciantes da plataforma.

O YouTube não divulga se a desmonetização impacta a distribuição de suas transmissões aos inscritos, mas, além da queda brusca de audiência; nos comentários que acompanham o vídeo do programa, muitos seguidores reclamavam não terem recebido o aviso de que Os Pingos nos Is havia começado. Um dia depois, na tarde de quinta-feira, a restrição foi derrubada e a monetização voltou ao normal. (Piauí Uol, 2022).

Após os resultados das eleições de 2022, a Jovem Pan que foi o braço mais estridente do bolsonarismo, com a vitória de Luís Inácio Lula da Silva (PT) passou a analisar seu grupo de comentadores e apresentadores, com isso, optou por demitir alguns dos comentaristas que eram apoiadores de Jair Messias Bolsonaro.

Rádio, canal de televisão e uma das páginas mais acessadas no Youtube, a *Jovem Pan* é um conglomerado de mídia que se posiciona próxima ao bolsonarismo. Após o TSE informar a vitória de Lula, a emissora publicou um editorial em que, diferente do candidato derrotado Bolsonaro, reconheceu a conquista do petista. (Correio Braziliense, 2022).

No texto, a empresa também reforça os apoios à democracia e as pautas relacionadas à defesa da família, liberdades individuais, além de um "Estado mínimo e menos paternalista e do desenvolvimento econômico e social". (Correio Braziliense, 2022).

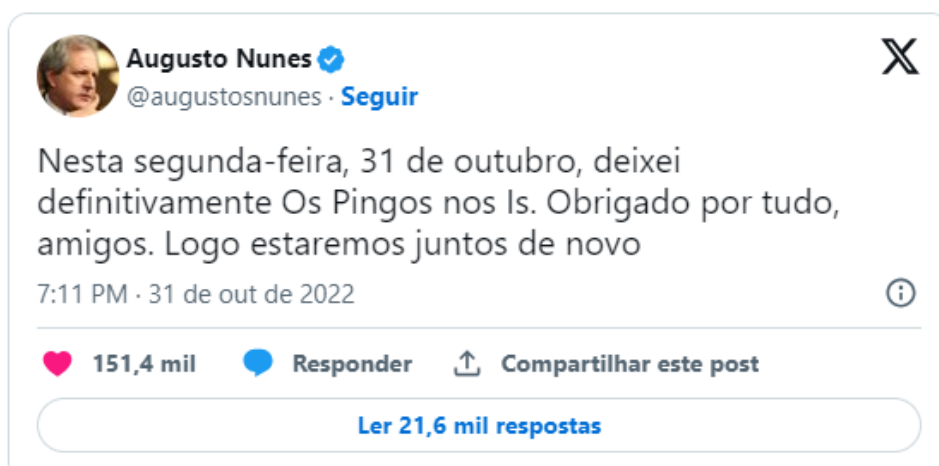
No dia 09 de janeiro o Ministério Público Federal instaurou um inquérito civil para analisar a conduta da Jovem Pan no período eleitoral com a propagação de Fake News, as quais foram responsáveis por influenciar atos antidemocráticos.

A emissora tem “transmitido notícias falsas sistematicamente e propagado discursos que atentam contra a ordem institucional, em um período que coincide com a escalada de movimentos golpistas e violentos em todo o país”, segundo levantamento do MPF (VEJA,2023).

Comentaristas da Jovem Pan minimizaram a ruptura institucional causada pelo atentado à Democracia no domingo, 08, além de validar os atos de vandalismo, aponta o inquérito. “Considerações de descrédito às instituições e ao processo democrático vêm ganhando fôlego na programação da Jovem Pan desde meados de 2022, antes mesmo do início do período eleitoral. Ataques infundados ao funcionamento das urnas eletrônicas e à atuação de membros do Judiciário foram cada vez mais constantes, acompanhados depois de suspeições sobre o próprio desfecho da eleição”, descreve a nota (VEJA,2023).

Ainda, após os resultados das eleições em outubro de 2022, onde Jair Bolsonaro não conseguiu se reeleger e perdeu a liderança para Luiz Inácio, de acordo com o site Correio Braziliense (2022), a Jovem Pan teria demitido 4 de seus comentaristas um dia após o resultado da briga política.

Para iniciar a mudança, a emissora demitiu os comentaristas Augusto Nunes e Guilherme Fiuza que participavam do programa diário Pingos nos Is, ambos eram apoiadores de Bolsonaro. Nunes também era responsável por apresentar o programa semanal de entrevistas Direto ao ponto. A demissão foi comentada através do Twitter pelo colunista Guilherme Fiuza, que também escreve para a Revista Oeste e se mostrou grato aos ex-colegas de emissora (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).



Fonte: Correio Braziliense (2022)

Jovem Pan / Pingos nos Is foi um belo ciclo. Minha gratidão a todos os parceiros dessa jornada.

— Guilherme Fiuza (@GFiuza_Oficial) [October 31, 2022](#)

Fonte: Correio Braziliense (2022)

As demissões ainda chegaram até os colunistas Caio Coppola, do programa JP News, e Guga Noblat, que participava das diárias do *Morning Show*. Noblat, diferentemente dos seus outros três colegas de profissão, se posicionou contra o candidato Jair Bolsonaro (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).

A demissão, segundo ele, ocorreu por causa do episódio em que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) obrigou a rádio a conceder direito de resposta ao então candidato à presidência Lula, além de determinar que a emissora se "abstenha" de promover novas inserções e manifestações que digam que o petista mente sobre ter sido inocentado (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).

Na ocasião, em que a Jovem Pan classificou como censura da justiça eleitoral, Guga Noblat, segundo narrou o próprio, havia sido afastado sob a justificativa de não ter endossado a narrativa da rádio. A condição de afastado, porém, transformou-se em demissão, nesta segunda-feira (31/10) (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).



Fonte: Correio Braziliense (2022)

Mesmo depois de todos os ocorridos e da derrota do candidato que a emissora apoiou, a mesma foi uma das apoiadoras dos atos antidemocráticos que aconteceram em Brasília no início de 2023. Dessa forma, de acordo com o Ministério Público Federal (2023), a MPF

instaurou um inquérito contra a Jovem Pan por divulgar fake news e incitar os atos antidemocráticos.

O Ministério Público Federal (MPF) instaurou um inquérito civil para apurar a conduta da rede Jovem Pan na disseminação de conteúdos desinformativos a respeito do funcionamento das instituições brasileiras e com potencial para incitar atos antidemocráticos. O foco da investigação será a veiculação de notícias falsas e comentários abusivos pela emissora, sobretudo contra os Poderes constituídos e a organização dos processos democráticos do país (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2023).

O órgão realizou então um levantamento durante os últimos meses e constatou que a emissora tem colocado em seus programas, matérias e comentários de discursos imprecisos ou falsos que vão contra a instituição, justamente em um período que coincide com os movimentos golpistas e violentos que aconteceram no Brasil (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2023).

Na cobertura dos atos de vandalismo ocorridos em Brasília neste domingo, por exemplo, comentaristas da Jovem Pan minimizaram o teor de ruptura institucional dos atos e tentaram justificar as motivações dos criminosos que invadiram e depredaram as sedes dos três Poderes. O comentarista Alexandre Garcia, contratado da emissora, chegou a fazer uma leitura distorcida da Constituição para atribuir legitimidade às ações de destruição diante do que ele acredita ser um contexto de inação das instituições. “É o poder do povo”, disse, em alusão ao artigo 1º da Lei Maior. “Nos últimos dois meses as pessoas ficaram paradas esperando por uma tutela das Forças Armadas. A tutela não veio. Então resolveram tomar a iniciativa.” (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2023).

Vários dos programas analisados também continham falas com potencial efeito de incitação a atos violentos no país. Exemplo foi registrado em 22 de dezembro, quando Paulo Figueiredo resumiu o cenário político-social a duas alternativas: a aceitação de “uma eleição sem transparência, sem legitimidade, sem confiança da população” e a deflagração de uma guerra civil. Diante delas, sentenciou: “Então que tenha uma guerra civil, pô!”. Dias depois, o mesmo comentarista diria que uma intervenção militar não traria consequências gravosas ao país e que, em caso de reação de grupos como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, caberia “mandar esses daqui para um lugar pior”. “Passa cerol, pô, vocês são treinados para isso!”, concluiu, dirigindo-se a integrantes das Forças Armadas (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2023).

Assim, será realizada uma investigação que irá avaliar se a Jovem Pan violou direitos fundamentais da população e cometeu abusos à liberdade de radiodifusão. Por conta disso, algumas providências poderão ser adotadas, entre elas multas e indenizações por dano moral coletivo quanto como também acionar a Justiça em favor da suspensão da concessão por até 30 dias ou também a sua cassação (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2023).

Antes das eleições de 2022 alguns estudos foram feitos, a exemplo um estudo acadêmico que mobilizou as redes sociais com pesquisadores reconhecidos como do NetLab da universidade federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nesta pesquisa demonstrou que o YouTube privilegiava a Jovem Pan,

(...)incluindo conteúdos de desinformação, na sua aba de “vídeos recomendados”. Os dados preliminares foram publicados pela jornalista Patrícia Campos Mello na Folha

de São Paulo, o que gerou mobilização nas redes e uma campanha contra a Jovem Pan, que de fato levou a intervenções no sistema de recomendação das plataformas. Nos dias seguintes, os vídeos da Jovem Pan passaram a ser menos recomendados e o YouTube começou a publicar em sua página inicial banners que levavam a conteúdos confiáveis sobre as eleições de 2022. (Publica, 2023)

Entretanto, essas mudanças de recomendações duraram pouquíssimo tempo e os vídeos da Jovem Pan passaram ser recomendados em um volume maior que antes, “(...) os vídeos da Jovem Pan foram recomendados em 95,2% das visitas e os primeiros a serem recomendados em 64,8% das vezes. (Publica, 2023)

Com base em nossas descobertas, levantamos a questão do que motiva o viés sistemático nas recomendações do YouTube. Especulamos que existem acordos comerciais opacos e estratégias de negócios em jogo, com base na suposição de que as decisões de recomendação da plataforma têm um ‘efeito publicitário’ de patrocínio e endosso aos usuários. (Publica, 2023)

A emissora apesar de não concordar com a vitória petista nas eleições e diferente do ex-presidente reconheceu a vitória de Lula em suas plataformas digitais. O rádio, canal de televisão tem um grande quantitativo de aptos de suas páginas, e como a Jovem Pan é um conglomerado de mídia que se posiciona próxima ao Bolsonarismo e sobre as demissões a Jovem Pan optou por não se pronunciar, citando apenas a saída de Augusto Nunes,

Em comum acordo, O Grupo Jovem Pan e o jornalista Augusto Nunes entenderam por bem pôr fim à parceria de trabalho que estava vigente há mais de cinco anos, através da empresa do Augusto, Lauda Comunicação Ltda, sem qualquer animosidade ou juízo de valor. Os termos e detalhes do deslinde não serão objetos de comentários por conta de o contrato de origem estar acobertado e protegido por cláusula de sigilo e confidencialidade. O Grupo Jovem Pan agradece o jornalista Augusto Nunes e deseja sucesso nas novas fronteiras que ele haverá de desbravar. (Uol, 2022)

O Jornal O tempo (20223) abordou algumas mudanças significativa na emissora Jovem Pan, a mesma tem feito demissões em massa e cancelamentos de programas, podendo ser citado “(...) foram desligados da empresa repórteres, câmeras, equipe de mídias sociais, além de Adriana Reid, que era apresentadora do Jornal da manhã. A emissora tirou do ar a segunda edição do telejornal matutino e também o Fast News”(Uol, 2023).

A emissora tem passado por transformações após as eleições de 2022, várias mudanças em seus programas, apresentadores e até mesmo em suas estruturas, a mesma continua com um grande quantitativo de adeptos de suas ideologias, com a análise dos programas da emissora foi perceptível reconhecer adesão de pessoas em seus programas, que são defensoras de suas informações, as quais colocam que as informações que são expostas em seus programas por seus comentaristas políticos são verídicas, assim, os programas possuem defensores de Bolsonaro que fazem defesas de suas ideologias e crenças, transparecendo um ex-presidente injustiçado pela sociedade.

Conclusões

Diante de todas as discussões que foram desenvolvidas é evidente a influência da guerra cultural na formulação da nova direita brasileira e suas formas de tentar influenciar a sociedade, que argumentam sobre liberdades individuais, contudo toleram ideologias autoritárias em nome da liberdade do mercado. Esse problema estimula os seguidores a aceitarem os “pecados” do ex-presidente, assim o mesmo impõe suas ideias como dominantes.

As mídias sociais e os programas da emissora Jovem Pan auxiliam na disseminação informações/discursos embasados em interesses específicos e em suas ideologias defendidas.

Temos como exemplo um ex-presidente que fazia defesa de discursos preconceituosos e de ideologias que não atendem a grande população brasileira, mas a uma minoria que compõe a elite, e que afeta diretamente a sociedade com suas colocações antidemocráticas. Dentre as análises das consequências que os programas têm no pensamento da população e na construção da nova direita, observa-se também a utilização de uma ideia de Guerra Cultural no Brasil como uma ferramenta de adesão política aos grupos reacionários, que apostam na retórica de fragmentação da sociedade em duas vertentes: Uma dos que são a favor e outra dos que são contra o Governo Bolsonaro.

As publicações nos jornais apesar de comporem programas e horários distintos, demonstraram confluências entre alguns comentadores, os que apoiam o governo Bolsonarista e os que não demonstra apoio, ou seja, de forma independente.

Nesta pesquisa é visível a confluência presente nas publicações dos sites/jornais, pois seus programas divulgados (principalmente) possuem um teor semelhante de constatações a respeito dos possíveis “culpados” pelos problemas econômicos, sociais e políticos, no entanto, não apontam as verdadeiras causas, apenas atribuindo a culpa aos governos anteriores, e introduzindo a ideia da necessidade de um herói que resolva todos os problemas, nesse caso o ex-presidente, Jair Bolsonaro. E soluções como cortar gastos, privatização e livre mercado, medidas de cunho neoliberal que na realidade agravam ainda mais as desigualdades sociais e as mazelas da sociedade brasileira. Com isso, foi possível durante análise de conteúdo perceber as incoerências e convergências presentes em seus comentários. Esse direcionamento, acaba refletindo também na trajetória da atuação desses comentadores na própria emissora, marcada pelos problemas legais relacionados a desinformação, divulgação de conteúdo conspiratório que resultaram em sua atuação nos ataques ocorridos no 08 de janeiro.

Nesse sentido, a pesquisa procurou retratar essas convergências procurando demonstrar que existia uma reprodução de uma gramática própria entre esses comentadores, uma gramática que em muitos momentos apostava em narrativa de divisão da sociedade e que privilegiava a figura de Bolsonaro como uma liderança bem intencionada e injustiçada durante o período do seu governo.

Em conclusão, esta pesquisa demonstra a influência significativa da guerra cultural na formação da nova direita brasileira e suas estratégias para moldar a opinião pública. Embora puguem a defesa das liberdades individuais, muitos de seus discursos toleram ideologias autoritárias em nome da liberdade de mercado. As mídias sociais e programas como os da emissora Jovem Pan têm desempenhado um papel crucial na disseminação de informações e discursos alinhados a interesses específicos, frequentemente beneficiando uma minoria elitista e promovendo uma visão antidemocrática. A análise dos efeitos desses programas revela uma retórica que divide a sociedade e constrói a imagem de Jair Bolsonaro como um herói, promovendo soluções neoliberais que aumentam as desigualdades sociais. As inconsistências e convergências nos comentários desses programas refletem uma narrativa comum que sustenta divisões e apresenta Bolsonaro como uma liderança injustiçada, evidenciando um padrão de desinformação que culminou em eventos críticos como os ataques de 8 de janeiro.

Referências

AGUIAR, C. B. A imprensa e as eleições de 1989: imagens e atores da política. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 179-194, abr/jul 1995.

A JOVEM PAN E O GOLPE. revista piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jovem-pan-e-o-golpe/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ABRANCHES, Sérgio. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 5-38, 1988.

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS; MARRA, Livia. **Bolsonaro diz se preparar para alternativas às vésperas de julgamento no TSE.** Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/06/bolsonaro-diz-se-preparar-para-alternativas-as-vesperas-de-julgamento-no-tse.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ALBUQUERQUE, Afonso de. **Aqui você vê a verdade na tevê**: A propaganda política na televisão. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: VÁRIOS, Autores. **Democracia em Risco?**: 22 Ensaios sobre o Brasil Hoje. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 52-70.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 7.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ANDERSON, C; LOTEMPPIO, A. **Winning, losing and political trust in America**. British Journal of Political Science, v. 32, 2002.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa de; CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo**. Revista Katálysis, v. 24, n. 1, p. 146–156, 2021.

ARTUR, F. **Um dia após eleição, Jovem Pan demite 4 comentaristas; veja a lista**. Política. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5048453-um-dia-apos-eleicao-jovem-pan-demite-4-comentaristas-veja-a-lista.html>. Acesso em: 28 nov. 2022.

AVRITZER, Leonardo e COSTA Sergio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. Dados: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, nº 4, 2004, p.703-728.

AVRITZER, L. Cultura política, atores sociais e democratização. Uma crítica às teorias da transição para a democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 28, p. 109-122, jun. 1995.

AZEVEDO, A. **DEMISSÕES NA: Augusto Nunes, Caio Copolla e outros são demitidos**. JC. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/10/15111569-demissoes-na-jovem-pan-augusto-nunes-caio-copolla-e-outros-sao-demitidos.html>. Acesso em: 28 nov. 2022.

AZEVEDO, F. A. **Mídia e Democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político**. Opinião Pública, Campinas, vol. 12, nº 1, p. 88-113 abr/maio, 2006.

AZZI, Rafael. **Sua tia não é fascista, ela está sendo manipulada**. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/sua-tia-nao-e-fascista-ela-esta-sendo-manipulada-por-rafael-azzi/>. Acesso em: 10 out 2022.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o Ibahia**. Dissertação de Mestrado. FACOM/UFBA, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. EDIÇÕES 70, Lisboa, 1977, p. 9-225.

BASTOS, E. **Jovem Pan News faz “limpeza geral” e demite Caio Coppola e Augusto Nunes**. EM OFF. Disponível em: <https://emoff.ig.com.br/colunas/erlan-bastos/jovem-pan-news-faz-limpeza-geral-e-demite-caio-coppola-e-augusto-nunes/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BERTONCELLO, M. N. **A convergência no radiojornalismo: uma análise das transmissões da rádio Jovem Pan de São Paulo através do Facebook**. Porto Alegre, 2019. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2019.

BÔAS, R. L. V. **De escombros e alicerces**: liames entre o passado e o presente do neofascismo bolsonarista. Blog Marxismo. 21/2020. Disponível em: <http://cen.unb.br/en/posgrad/presencial/docentes/rafael-litvin-villas-boas>. Acessado em: 12/2019.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BOLETIM COPPOLLA – Jovem Pan. **Boletim Coppolla – Jovem Pan**. Disponível em: <http://jovempan.com.br/programas/boletim-coppolla>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Bolsonaro entra com novo recurso para tentar reverter decisão do TSE que o deixou inelegível. UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/10/07/bolsonaro-entra-com-novo-recurso-para-tentar-reverter-decisao-do-tse-que-o-deixou-inelegivel.htm>. Acesso em: 16 dez. 2023.

Bolsonaro não se renderá e tentará reverter inelegibilidade no TSE em 2026, dizem aliados. Política Livre. Disponível em: <https://politicalivre.com.br/2023/04/bolsonaro-nao-se-rendera-e-tentara-reverter-inelegibilidade-no-tse-em-2026-dizem-aliados/#gsc.tab=0>. Acesso em: 16 dez. 2023.

BORGES e VIDIGAL. **Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras** *Opinião Pública*, Campinas, vol. 24, nº 1, jan. - abr., 2018.

BRAGA e CASALECCHI. **Vencedores e perdedores nas eleições presidenciais de 2014**: o efeito da derrota nas urnas sobre a satisfação e o apoio em relação à democracia no Brasil. *Opinião Pública*, vol. 22, n.3, p. 550-568, 2016.

BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. Crise do Estado e reformas neoliberais na América Latina: as privatizações na Argentina e no Brasil. In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas**. Niterói, 2017, p.1-32.

BROWN, W. **Nas ruínas do Neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

Bourdieu, P. (1980). "O Poder Simbólico." Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (1996). "**The Rules of Art**: Genesis and Structure of the Literary Field." Stanford University Press.

BÜREN, Maria Paula. Mont Pèlerin Society em la articulación del discurso neoliberal. In: RAMÍREZ, Hernán (Org.) **Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013, p. 118-143.

CALABRE, Lia. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 31p. 161-181, 2003

CAPARELLI, Sergio. **Comunicação de massa sem massa**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986. MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007. ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

CARDOSO, Gustavo. **Da Comunicação de massa à Comunicação em Rede**. Porto. Porto Editora, 2015.

CARVALHO, M. F. C.; MATEUS, C. A. **FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO NO MEIO DIGITAL**: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, n. Especial, [????].

CARVALHO, O. de. **A Nova Era e a revolução cultural**. 4ª edição. São Paulo: Vide Editorial, 2014.

CASIMIRO, F. H. C. **A Construção Simbólica Do Neoliberalismo No Brasil (1983-1998)**: a ação pedagógica do Instituto Liberal. 2011 Dissertação (mestrado em história) - Universidade Federal de São João Del Rei, 2011.

CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita no Brasil**: aparelhos de ação político - ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014). 2016. Tese (Doutorado em história social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências e História, 2016.

CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político - ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)**. 2016. Tese (Doutorado em história social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências e História, 2016.

CASTELLS, M. **Ruptura. A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEPÊDA, Vera Alves. **A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais**. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n. 2, 2018.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. (2015), “**Intelectuais da “nova direita” brasileira**: ideias, retórica e prática política”. *Anais do 39º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu.

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O pensamento político e a redemocratização do Brasil**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 71, p.173-228, 2007.

CMS - Caio Coppolla | *Gazeta do Povo*. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/autor/caio-coppolla/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. (org). **Direita, volver!** : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115 - 144.

COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CRUZ, S. V. et. al. **Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual**. In: *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 13-48.

CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. KAYSEL, A. et. al. *Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras*. In: *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CUNHA, D. **Bolsonarismo e “capitalismo de fronteira”**. Sinal de menos. Ano 10, n. 13, 2019. Disponível em: www.sinaldemenos.org. Acessado em: 03/2020.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE MATTOS E SILVA, Ivan Henrique. **Da Nova República à nova direita: o bolsonarismo como sintoma mórbido**. Sociedade e Cultura, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/67892>. Acesso em: 26 jan. 2023.

DEL BIANCO, Nélia. **A presença do radiojornalismo na Internet** – Um estudo de caso dos sites da Jovem Pan e Bandeirantes. Estudos de Jornalismo e Mídia. Vol. I Nº 1, Florianópolis. 1º Semestre de 2004.

DEMIER, F. **Depois do Golpe. A dialética da democracia blindada no Brasil**. Rio de Janeiro: MauadX, 2017.

DENORD, François. Le prophète, le pèlerin et le missionnaire [La circulation internationale du néo-libéralisme et ses acteurs]. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 145, décembre 2002, p. 9-20.

DIRETO AO PONTO – Jovem Pan. **Direto ao Ponto – Jovem Pan**. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/direto-ao-ponto>. Acesso em: 28 nov. 2022.

DIRETO AO PONTO PODCAST NO APPLE PODCASTS. Apple Podcasts. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/direto-ao-ponto-podcast/id1533689993>. Acesso em: 26 dez. 2022.

DIZ, Pesquisador. **Pesquisador diz que fake news surgiram em 2014 e faz alerta para a próxima eleição - Notícias**. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/618857-pesquisador-diz-que-fake-news-surgiram-em-2014-e-faz-alerta-para-a-proxima-eleicao/>. Acesso em: 4 set. 2023.

DUPAS, Gilberto. **Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EATWELL, R., GOODWIN, M. **Nacional-Populismo**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacional-populismo. A revolta contra a democracia liberal**. São Paulo: Record, 2020.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

EVANS, Peter B. **O Estado como problema e como solução**. In: Lua nova. São Paulo, n. 28-29, 1993, p. 106-156.

FAGANELLO, Marco Antonio. **Bancada da Bala: uma onda na maré conservadora**. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. (org). Direita, volver! : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 145 - 162.

FEITOSA, Charles. **Pós-verdade e política**. Disponível em: Acesso em: 10 out 2022.

FELTRIN, R. **Augusto Nunes é demitido da Jovem Pan**. Uol.com.br. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/10/31/augusto-nunes-e-demitido-da-jovem-pan.htm>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.

FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. **Revisão do pensamento conservador: Ideias e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2010

FOUCAULT, CO. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008. FREIXO, Adriano (org.). Manifestações no Brasil: as ruas em disputa. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.

FRIDERICH, L. E. **A atuação política dos think tanks neoliberais brasileiros e argentinos**: os casos do Instituto Liberal, do Instituto de Estudos Empresariais e do Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (1983-1998). 2019. Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2019.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GIELOW, Igor. **Datafolha: Reprovação ao governo Bolsonaro cai a 46%; aprovação é de 25%**. Folha de S.Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/datafolha-reprovacao-de-bolsonaro-cai-a-46-aprovacao-e-de-25.shtml>. Acesso em: 19 fev. 2023.

GOHN, M. da G. **Participação e Democracia no Brasil**. Da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. São Paulo: Vozes, 2019.

GOMES, Adriano Lopes; SANTOS, Emanuel Leonardo dos. **O radiojornalismo em tempos de internet**. Natal, RN: EDUFRN, 2017.

GROS, D. B. **Institutos Liberais e neoliberais no Brasil da Nova República**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2003. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

GUILHERME RAVACHE. **O bolsonarismo sustenta a Jovem Pan? A resposta é complicada**. Notícias da TV. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/o-bolsonarismo-sustenta-jovem-pan-resposta-e-complicada-82981>. Acesso em: 25 jan. 2023.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

Habermas, J. (1991). **The structural transformation of the public sphere**: An inquiry into a category of bourgeois society. Cambridge: MIT press.

HARVEY, D. **A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX**. In: HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 17º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 116 – 184.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: História e Implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão**. Instituto Ludwig Von Mises Brasil. São Paulo, 2019.

HINKELAMMERT, Franz J. **Democracia y nueva derecha en América Latina**. Buenos Aires. In: Nueva Sociedad. Buenos Aires, nº 98, noviembre-diciembre 1988, p. 104-115.

HUNTER, J.D. **American Evangelicalism. Conservative Religion and the Quandary of Modernity**. New Jersey: Rutgers University, 1983.

HUNTINGTON, S. **A terceira onda**: a democratização no final do século XX. São Paulo: Ática. 1991.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, A. **Jorge retorna à Jovem Pan após “cancelamento” e promete atitude drástica**. RD1. Disponível em: <https://rd1.com.br/adrilles-jorge-volta-aparecer-jovem-pan-rebate-acusacao-e-promete-tomaadrr-atitude/amp/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

JORNAL DO BRASIL. **“Se acabarem as fake news, acaba Jair Bolsonaro”, diz especialista**. Política. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/politica/2020/07/1024604--se-acabarem-as-fake-news--acaba-jair-bolsonaro---diz-especialista.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

JOVEM PAN NEWS. **“BolsoCaro”: Inflação e (re)Eleição – Boletim Coppolla n.069 (13/04/2022)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCPYRnr7pLE>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **“BolsoNazism” na Folha & Felipe Neto e seu “Fogo nos Genócidais!!!” – Boletim Coppolla #36**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ZltZBiPsJI&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=108>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **Bolsa Família de Lula vs Auxílio Brasil de Bolsonaro - Boletim Coppolla n.076** (01/06/2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Hj2GzXzTGk&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=68>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **Bolsonaro e Lula divergem sobre controle da mídia - Boletim Coppolla #27** (03/02/2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L14TIfCS1xM&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=117>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **Boulos acusa Bolsonaro na Folha de SP – Boletim Coppolla #10** (14/12/2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AMhBN9GhBY&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=133>. Acesso em: 21 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **GloboNews e Bolsonaro na Cúpula das Américas - Boletim Coppolla n.083** (10/6/22). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0PLJ997OL8&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=61>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **ICMS: Bolsonaro vs Leite & Doria – Boletim Coppolla n.049** (14/03/2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M9XCRez52tU&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=95>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 03/11/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QYERHsgW9rI&t=622s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 08/11/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2pQiIXMEsW0>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 10/11/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqOKRn7-xZE>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 11/11/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9s8RsELNDW0&t=463s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 25/11/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5zlbkfw-g&t=1451s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 27/10/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P1XRLF25uuU&t=177s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 27/10/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P1XRLF25uuU&t=276s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **OPINIÃO** - 29/10/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xDf355FYQ34&t=796s>. Acesso em: 18 jan. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **PT vs BOLSONARO: inflação & (des)emprego – ESPECIAL ECONOMIA Boletim Coppolla #11** (15/12/2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nbY4fBzj9hc&list=PLqqsvkz8oJYW--jaGrzx-BrRMOvOWuM4A&index=132>. Acesso em: 21 dez. 2022.

JOVEM PAN. **Alexandre Garcia estreia na TV Jovem Pan News nesta sexta.** Nov. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/jpnews/alexandre-garcia-estreia-na-tv-jovem-pan-news-nesta-sexta.html>. Acessado em: maio 2022.

JOVEM PAN. **Pânico** – Jovem Pan. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/panico>. Acesso em: 28 nov. 2022.

JOVEM PAN. **TV Jovem Pan News terá Caio Coppolla no horário nobre.** Nov. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/tv-jovem-pan-news-tera-caio-coppolla-no-horario-nobre.html>. Acessado em: maio 2022.

JOVEM PAN. **Adrilles Jorge afirma que quer ser deputado federal para proteger a liberdade e combater “esquerda sujinha”.** Adrilles Jorge afirma que quer ser deputado federal para proteger a liberdade e combater “esquerda sujinha” – Jovem Pan. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/panico/adrilles-jorge-afirma-que-quer-ser-deputado-federal-para-proteger-a-liberdade-e-fundamental-resolver-isso.html>. Acesso em: 8 dez. 2022.

JUNG, M. **Jornalismo de rádio.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KAHLER, Miles. Orthodoxy and its Alternatives: Explaining Approaches to Stabilization and Adjustment. In: NELSON, Joan (ed.). *Economic Crisis and Policy Choice*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

KÁTIA FLÁVIA. **Babado: Jovem Pan News demite Caio Coppola.** Jornal de Brasília. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/entretenimento/katia-flavia/babado-jovem-pan-news-demite-caio-coppola/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

KAYNÃ DE OLIVEIRA. **Ativismo digital é novo tipo de participação e transformação política.** Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ativismo-digital-e-novo-tipo-de-participacao-e-transformacao-politica/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

KAYSEL, A. et. al. **Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras.** In: *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p.49-79.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as Democracias Morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LILLA, M. **A Mente Naufraga.** Sobre o espírito reacionário. São Paulo: Record, 2018.

LINZ, J. J., STEPAN, A. **A transição e consolidação da democracia: a experiência do Sul da Europa e da América do Sul.** 2.ed. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LIPPMANN, Walter. *The good society*. Boston: Little, Brown & Co., 1937.

LOSEKANN, Cristiana. **A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro.** [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/04/02.pdf>.

LUKES, Steven. **Epilogue: the grand dichotomy of the twentieth century.** In: BALL, Terence & BELLAMY, Richard (orgs.). *The Cambridge History of Twentieth- Century Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 602-626.

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (Comp.). **A resiliência do Direita Latino-Americana**. Batimore: Johns Hopkins University Press, 2014.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador, Calandra, 2003.

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Cenários de possibilidades e desafios para o jornalismo radiofônico local. **Revista RádioLeituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 165-183, jul./dez. 2016.

MARANHÃO, Eduardo; COELHO, Fernanda; DIAS, Tainah. “**Fake news acima de tudo, fake news acima de todos**”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”, *Correlatio*, v. 17, n. 2, p. 65–90, 2018.

MCLEISH, R. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MENEGUELLO, R. Aspectos do desempenho democrático: estudo sobre a adesão à democracia e avaliação do regime. In: MOISÉS, J. A. (org.). **Democracia e confiança: porque os cidadãos comuns desconfiam das instituições públicas?** São Paulo: Edusp, 2010.

MENEGUELLO, R. Aspectos do desempenho democrático: estudo sobre a adesão à democracia e avaliação do regime. In: MOISÉS, J. A. (org.-looolkoloooooo). **Democracia e confiança: porque os cidadãos comuns desconfiam das instituições públicas?** São Paulo: Edusp, 2010.

MIGUEL, Luís Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOISÉS, J. A. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol.23, n.66. 2008.

MONTAÑO, C; DURIGUETTO, M. L. **Estado, classe e movimento social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAES, Isabela. **Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das fake news e da (des)informação** | Politize! Politize.com.br. Disponível em: <https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>. Acesso em: 4 set. 2023.

MORRESI, Sergio. **La nueva derecha argentina: la democracia sin politica**. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento; Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

MORRIS, J. S. The Fox News Factor. **Harvard International Journal of Press/Politics**. 10 (3) p.56 -79, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1081180X05279264>. Acesso em: 4 set. 2023.

MOURA, M; CORBELLINI, J. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. 2 ed. Record, Rio de Janeiro, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

NOEL, Alain e THERIEN, Jean- Philippe. **Esquerda e Direita na política global**. Nova York: Cambridge University Press, 2008

NORRIS, P. **Critical Citizens: Global Support for Democratic Governance**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

NORRIS, P. **Democratic Deficit: Critical Citizens Revisited**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

NUNES, A. **A constituição estuprada**. Maio 2022. Disponível em: <https://revistaoeste.com/colunista/augusto-nunes/>. Acessado em: maio 2022.

OLIVA, GABRIELA. **251 mil mortes por covid: Relembre as falas de Bolsonaro sobre a pandemia**. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/251-mil-mortes-por-covid-relembre-as-falasde-bolsonaro-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 10/12/2022.

PALACIOS, Marcos. *Natura non facit saltum: Promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficção*. **e-COMPÓS**, Revista eletrônica da COMPÓS, vol. 1, n.2, Brasília, 2005.

PAULANI, L. M. **Modernidade e discurso econômico**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PARRON, Milton. O Radiorreporter: no Joelma eu também chorei. **Revista USP**. Num 22, dez-fev 2002-2003.

PASSOS, Azeni. **Rádio, o Meio mais Eficaz da Comunicação de Massa, Completa 57 Anos de Vida**, in Diário Popular, 1979.

PENTEADO, C. et al. **Ação política na Internet brasileira**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.1, p.111-132, jan./mar. 2011.

PEREIRA, FILIPE. Os 20 erros de Bolsonaro durante a pandemia. **O Povo**, 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/03/24/os-20-errosde-bolsonaro-durante-a-pandemia.html>. Acesso em: 20/02/2022.

Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. Justiça Eleitoral. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PORCHAT, Maria. **Manual da Radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Vozes, 3. ed., 1993.

PRADO, Gabriela. **Advogado do PDT vê julgamento como “recado contra extremismo”; defesa de Bolsonaro estuda estratégias para recorrer**. Cnnbrasil.com.br. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/advogado-de-pdt-ve-julgamento-como-recado-contr-extremismo-defesa-de-bolsonaro-estuda-estrategias-para-recorrer/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PRÓ-TV. **Museu da TV, Rádio & Cinema**. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/biografia/caio-coppolla/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

PUBLICO, Ministério. **MPF instaura inquérito contra Jovem Pan por divulgar fake news e incitar atos antidemocráticos**. MPF. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-instaura-inquerito-contr-a-jovem-pan-por-divulgar-fake-news-e-incitar-atos-antidemocraticos>. Acesso em: 5 fev. 2023.

RAMÍREZ, Hernán. El neoliberalismo en una perspectiva conosureña de largo plazo. In: RAMÍREZ, Hernán (Org.) **Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013, p.311-348.

REIS, D.; SILVA, I.; VINHAS, T. #Governo anticultura: Guerras Culturais e Retórica do Ódio Como Ataque às Polícias Culturais no Brasil. In: **XVIII encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, 08, 2022 Salvador.

RENNÓ, Lucio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 147–163, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7ydPPygGTwLsR5xSN3RZ5HP/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RESUMO DE REALIZAÇÕES DO GOVERNO BOLSONARO. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/08/PL-RESUMO-DE-REALIZACOES-DO-GOVERNO-BOLSONARO-08-08-22.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y; BORBA, J., **Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes**. Opinião Pública, Campinas, vol. 22, nº 3, dezembro, 2016.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. 2018. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROMANO, Clayton. Bolsonarismo e bolsonaristas no Brasil contemporâneo. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 27, n. 1, p. 141–159, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/4124>. Acesso em: 6 fev. 2023.

RUBIM, A. A. C; COLLING, L. **Mídia e eleições presidenciais no Brasil pós ditadura**. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 169-189, 2004.

RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. Tradução: Sergio Flaksman. Todavia, 2017. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-como-a-democracia-chega-ao-fim-david-runciman-em-epub-mobi-e-pdf-ou-ler-online/>. Acessado em: junho 2021.

SALOMÃO, Mohazir. **Jornalimos Radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Fabiano; TALITA TANSCHKEIT. **Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil**. n. 99, p. 151–186, 2019. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/colombia-int/article/view/2902>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SCHEEFFER, F. **Esquerda e direita hoje: uma análise das votações na Câmara dos Deputados**. Curitiba: Appris, 2018a.

Seminário Internacional Fake News e Eleições. 2019, Brasília. Anais– Brasília : Tribunal Superior Eleitoral, 2019. 152 p.

SILVA DE OLIVEIRA, André; RODRIGO DE MESSIAS LEITE, Breno; SILVA MARQUES, Rodolfo. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. **Em Tese**, v. 18, n. 2, p. 245–269, 2021.

SILVA, Gustavo. **Ministério Público Federal instaura inquérito contra a Jovem Pan**. VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/ministerio-publico-federal-instaura-inquerito-contra-a-jovem-pan/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, M. G. da. “Os militares brasileiros e a ‘grande mentira’”. In: SOUSA, F. P. de; SILVA, M. G. (orgs.). **Ditadura, repressão e conservadorismo**. Florianópolis: Em Debate / UFSC, 2011.

SILVA, Rafael Rocha Alves da. **BOLSONARISMO, ELEIÇÕES E REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DOS DEPUTADOS SUPERVOTADOS DO PSL NO FACEBOOK FORTALEZA**. 2020. Tese (mestrado) - Programa em comunicação da Universidade federal do Ceará – UFC, 2014. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57119/4/2020_rrasilva.pdf.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, S. V.; CODAS, G; KAYSEL, A. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SINGER, André. (2012), **Os Sentidos do Lulismo. Reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia SOLANO, E. **Crise da Democracia e extremismos de direita**. Friedrich Ebert Stiftung Brasil; *Análise*, n. 42, 2018.

SINGER, André. (2012), **Os Sentidos do Lulismo**. Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras.

SINGER, André. (2018). **Lulismo em crise:** um enigma do período Dilma (2011-2016). Editora Companhia das Letras.

SINGER, André. **Cutucando onças com vara curta:** O ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). Revista Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, n102, julho de 2015.

SOLANO, E. **Crise da Democracia e extremismos de direita**. Friedrich Ebert Stiftung Brasil; *Análise*, n. 42, 2018.

Sorman, Guy (1983). **La révolution conservatrice américaine**. Paris : Fayard.

SOUZA, M. A. D. de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense? Uma leitura sobre a trajetória de ascensão e quedas da direita religiosa americana**. Araraquara, 2014. Tese (doutorado) - Programa Ciências Sociais e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara (SP), 2014.

SPYER, J. **Para Entender a Internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede**. São Paulo: Não Zero, 2009.

STRUCK, Jean-Philip. **O que diziam as pesquisas na reta final de eleições passadas**. dw.com. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-diziam-as-pesquisas-na-reta-final-das-elei%C3%A7%C3%B5es-passadas/a-63125404>. Acesso em: 24 fev. 2023.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A.C.C. et. al. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p.197-212.

TEIXEIRA, Matheus; MACHADO, Renato; HOLANDA, Marianna. **Bolsonaro se fecha no Alvorada após derrota e articula futuro como líder da direita.** Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaro-se-fecha-no-alvorada-apos-derrota-e-articula-futuro-como-lider-da-direita.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2023.

TONET, Elaine; MELO, Aécio. A Globalização e a influência da mídia na sociedade. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: . Acesso em DD/MM/AA. ISBN 978-85-8015-080-3.

VAMPRÉ, O. A. **Raízes e Evoluções do Rádio e da Televisão.** Porto Alegre: Feplam. 1979.

VAQUER, G.; MIYASHIRO, K. **Demitido por gesto nazista, Adrilles Jorge é recontratado pela Jovem Pan.** Março 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/demitido-por-gesto-nazista-adrilles-jorge-e-recontratado-pela-jovem-pan-77652/>. Acessado em: maio 2022.

VIANA, Natalia. **Jovem Pan volta a ser recomendada no YouTube após eleições.** Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/2023/12/youtube-voltou-a-recomendar-jovem-pan-depois-de-campanha-durante-eleicoes/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

VIOTO, Caio. **Bolsonaro e a ditadura militar:** semelhanças e diferenças - Estado da Arte. Estado da Arte. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/caio-vioto-ditadura-semelhanças-diferenças/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S.; The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, p.1146-1151, mar. 2018.

Williamson A., Miller L., Fallon F. (2010). **Behind the digital campaign.** An exploration of the use, impact and regulation of digital campaigning. London, England: Hansard Society.

WILLIS, Eliza. Peter R. Kingstone and Timothy J. Power, eds., **Democratic Brazil Divided. Pittsburgh:** University of Pittsburgh Press, 2017.

YOUTUBE LIMITA PUBLICIDADE NO PRINCIPAL CANAL DA JOVEM PAN. **Revista Piauí.** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/youtube-limita-publicidade-no-principal-canal-da-jovem-pan/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ZUCHI, Ivan Luiz. **O Telefone Celular e o Radiojornalismo ao Vivo nas Emissoras AM de Cascavel.** Monografia. Faculdade de Ciências Sociais de Cascavel. Cascavel, 2004.